SANTO AGOSTINHO

CONFISSÕES

ILUSTRADO E COMENTADO



BAIXE LIVROS .com.br

CONFISSÕES

SANTO AGOSTINHO

Bispo de Hipona

BAIXE LIVROS · 2026

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Confissões

AUTOR

Santo Agostinho (354 – 430)
Bispo de Hipona, Doutor da Igreja

TRADUÇÃO E INTRODUÇÃO

Elder Franca

TEXTO-BASE

Confessiones, na versão inglesa de E. B. Pusey (1838),
cotejada com a edição portuguesa

ESTA EDIÇÃO

Tradução para o português contemporâneo,
com introdução de conjunto fundada na doutrina católica

PÚBLICO

Leitores católicos, estudantes de filosofia e de teologia,
professores e leitores de formação clássica

REGISTRO

APD-2026-00019-6

EDIÇÃO

Baixe Livros, 2026

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Texto integral das *Confissões* — os treze livros, sem cortes —, em português brasileiro contemporâneo, a partir da clássica versão inglesa de E. B. Pusey, cotejada com a edição portuguesa.

A tradução conserva o tratamento por *Vós* nas orações e apóstrofes dirigidas a Deus, próprio do original e da tradição devocional portuguesa, e mantém em itálico as citações da Escritura, que Agostinho entretece no próprio discurso sem as anunciar.

Abre o volume uma Introdução de conjunto, que situa a obra diante da gnose maniqueia, do problema do mal e da doutrina da graça, e indica um modo de ler. Dentro de cada livro os capítulos correm sem interrupção; só a abertura de livro ocupa página própria. O sumário é clicável: cada entrada leva ao seu lugar no texto.

LICENÇA DE USO

Disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma Baixe Livros. Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão. Além disso, a licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do editor.

Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Baixe outros livros gratuitamente em baixelivros.com.br

SUMÁRIO

Introdução *Das trevas da gnose à luz da Verdade* 1

A gnose maniqueia, ontem e hoje 2

O problema do mal e a metafísica do ser 3

As lágrimas de uma mãe e a Cátedra de Ambrósio 4

Tolle, lege — a vitória da graça 4

Como ler este livro 5

Livro I *A infância e os primeiros estudos* 7

Livro II *A adolescência e o roubo das peras* 33

Livro III *Cartago, o Hortênsio e os maniqueus* 48

Livro IV *A morte do amigo e as Categorias* 68

Livro V *Fausto, Roma e Milão* 92

Livro VI *Ambrósio, Alípio e Mônica* 115

Livro VII *O problema do mal e os platônicos* 143

Livro VIII *A conversão no jardim* 172

Livro IX *O batismo, Óstia e a morte de Mônica* 199

Livro X *A memória e as três concupiscências* 229

Livro XI *A criação e a natureza do tempo* 284

Livro XII *O céu do céu e a matéria informe* 316

Livro XIII *Exegese alegórica do Gênesis* 350

Gratias tibi, Domine 392


VERITAS

INTRODUÇÃO

Das trevas da gnose à luz da Verdade

Há livros que se leem; há livros que nos leem. As *Confissões* de Santo Agostinho pertencem a esta segunda e rara espécie. Quem as abre pensando encontrar a autobiografia de um homem do século IV descobre, com espanto, a radiografia da própria alma — porque os pecados de Agostinho são os nossos, os seus desvios são os nossos, e a inquietação que o devorou nas ruas de Cartago é a mesma que devora, hoje, uma civilização inteira que buscou a felicidade em tudo, menos em Deus. *Fecisti nos ad Te, Domine, et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te*: "Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousar em Ti." Esta frase, que abre o Livro I, é a chave de toda a obra — e a sentença de morte de todas as filosofias que prometem ao homem o repouso fora do seu fim último.

Note bem o leitor: este livro é a história de uma guerra. Não de uma "busca espiritual", como diriam os frouxos; não de uma "experiência religiosa", como diriam os modernistas: de uma guerra — travada entre a graça de Deus e a soberba de um homem de gênio, no campo de batalha de uma inteligência soberana e de um coração desordenado. E toda a grandeza das *Confissões* está em que quem venceu essa guerra foi Deus, e quem a narra, de joelhos, é o vencido, transformado pela derrota no maior Doutor do Ocidente.

A gnose maniqueia, ontem e hoje

Durante nove longos anos, Agostinho foi maniqueu. Convém que o leitor entenda bem o que isso significa, porque o maniqueísmo não é uma curiosidade de manual: é a forma que a gnose — a mais antiga e a mais permanente de todas as heresias — assumiu no século de Agostinho. Mani ensinava que há dois princípios eternos, o Bem e o Mal, a Luz e as Trevas, em luta desde sempre; que a matéria é má e obra do princípio mau; que o homem traz cativas em si partículas de luz divina; e que a salvação não vem da fé, nem da graça, nem da penitência — vem do *conhecimento*, reservado a uma elite de "eleitos" que se julgam acima do comum dos mortais. Eis a gnose de sempre: a soberba de quem quer salvar-se pela própria ciência, o desprezo da criação corpórea que Deus fez boa, o deus dividido e impotente, e — consequência infalível — a dissolução da responsabilidade moral. Pois, se o mal que faço é obra de uma natureza má que age em mim, *eu* não peco: "não era eu que pecava, mas não sei que outra natureza em mim" — assim raciocinava o jovem Agostinho, e assim o confessa com vergonha no Livro V. A gnose é sempre isto: um sistema engenhoso para pecar sem culpa.

E não pense o leitor que fala aqui um passado morto. As heresias mudam de nome; não mudam de natureza. O dualismo que despreza o corpo e a criação, a salvação pelo "conhecimento" reservado aos iniciados, o deus impessoal que não julga, a culpa transferida para os astros, para as energias, para as estruturas — tudo isso está nas livrarias de "esoterismo", nos best-sellers de autoajuda espiritual, nas seitas reencarnacionistas que infestam o nosso tempo. Quem leu o Livro IV, em que Agostinho consulta astrólogos e "matemáticos" para não ter de confessar os próprios

pecados, já compreendeu o horóscopo dos jornais de hoje. Por isso, este livro de mil e seiscentos anos é de uma atualidade cortante: Agostinho percorreu, até o fundo, todos os becos sem saída em que a nossa época se compraz — o prazer, a ambição, o teatro, a gnose, o ceticismo — e deixou o mapa dos becos, com a advertência escrita à entrada de cada um.

O problema do mal e a metafísica do ser

O que prendeu Agostinho à seita de Mani não foi vício pequeno: foi uma grande pergunta mal respondida. *Unde malum?* Donde vem o mal? Se Deus é bom e onipotente, por que existe o mal? Os maniqueus respondiam com o seu deus das trevas — resposta cômoda e absurda, que Agostinho só pôde abandonar quando, ajudado pelos livros dos platônicos, mas sobretudo pela pregação de Santo Ambrósio, compreendeu a resposta católica, exposta com incomparável profundidade no Livro VII: o mal não é um ser, não é uma substância, não é uma "coisa" — é *privação* de um bem devido, como a cegueira é privação da vista e a desordem é privação da ordem. Tudo o que é, enquanto é, é bom; o mal é um parasita do ser, um roubo, um desfalque — e por isso não exige um criador, mas uma vontade desertora. Está aí, ao alcance de qualquer leitor atento, a resposta que dissolve pela raiz o argumento predileto de todos os ateísmos: o mal não prova que Deus não existe; prova que a criatura livre pode voltar as costas Àquele que existe. E note-se a lição de método: Agostinho não saiu do erro por sentimentalismo, mas por metafísica. Quem não sabe o que é o ser, não sabe o que é o mal; quem não sabe o que é o mal, acaba fabricando um segundo deus para explicá-lo.

As lágrimas de uma mãe e a Cátedra de Ambrósio

Mas não se sai da gnose apenas por silogismos, porque na heresia não se entra apenas por eles: entra-se pela soberba, e da soberba só a graça liberta. E a graça, nas *Confissões*, tem dois rostos visíveis. O primeiro é o de Santa Mônica, essa mãe que perseguiu o filho com as suas lágrimas de Tagaste a Cartago, de Cartago a Roma, de Roma a Milão, e a quem um bispo — cansado de tantas súplicas — respondeu com a frase que a Igreja jamais esqueceu: "Vai, que é impossível que pereça o filho de tantas lágrimas." *Filius istarum lacrimarum*: o filho daquelas lágrimas. Que aprendam as mães do nosso tempo, tão prontas a "respeitar as opções" dos filhos que se perdem: Mônica não respeitou o erro de Agostinho — amou-o demais para isso — e por não o respeitar, deu à Igreja um santo e um Doutor. O segundo rosto é o de Santo Ambrósio, o bispo que venceu Agostinho sem discutir com ele: primeiro pela caridade — "comecei a amá-lo, não como mestre da verdade, mas como homem que era bom para comigo" —, depois pela pregação, que desfez uma a uma as caricaturas que os maniqueus faziam das Escrituras. Lição permanente: os hereges combatem-se com a doutrina e ganham-se com a santidade.

Tolle, lege — a vitória da graça

Tudo converge para a cena do jardim de Milão, no Livro VIII — talvez a página mais decisiva da literatura ocidental depois dos Evangelhos. Agostinho já sabia que a fé católica era verdadeira; faltava-lhe querer. Eis o drama que os racionalistas jamais compreenderão: entre a inteligência convencida e a vontade rendida há um abismo, e esse abismo chama-se concupiscência —

as “antigas amigas” que lhe puxavam a veste da carne e lhe sussurravam: pensas que poderás viver sem nós? E então, sob a figueira, em pranto, ouve de uma casa vizinha a voz de criança que canta: *Tolle, lege; tolle, lege* — “Toma, lê.” Abre as Epístolas ao acaso e lê a sentença de São Paulo que o fulmina e o liberta. “Não quis ler mais, nem era preciso: mal terminei a frase, uma como luz de segurança se infundiu no meu coração, e todas as trevas da dúvida se dissiparam.” A soberba de dez anos rendeu-se a meia linha da Escritura. Quem quiser saber o que é a graça eficaz, não procure nos tratados: leia o Livro VIII e depois ajoelhe-se.

E o cântico do vencido é a mais bela página de amor que já se escreveu fora da Escritura: *Sero Te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova, sero Te amavi!* — “Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que estáveis dentro de mim, e eu fora, e fora de mim Vos procurava.” Está dito tudo: o pecado é procurar fora o que só dentro se encontra; a conversão é voltar para casa.

Como ler este livro

Leia o leitor as *Confissões* como elas foram escritas: de joelhos e com a inteligência acesa — porque neste livro a oração e a metafísica não se separam nunca, e é precisamente essa unidade que o nosso tempo perdeu. Os nove primeiros livros narram o itinerário do erro à Verdade; o décimo examina a memória e as três concupiscências com uma finura que a psicologia moderna, dezesseis séculos depois, ainda não alcançou; os três últimos elevam-se à criação e ao mistério do tempo, provando que o convertido não abdicou da razão — consagrou-a. E se alguma página parecer árdua, persevere: não se sobe ao cume de Óstia sem

subir a encosta. A recompensa é ver, com Agostinho e Mônica debruçados àquela janela, num relance que dura um suspiro, *aquilo que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram* — e voltar depois ao rumor do mundo sabendo, de ciência certa, que o coração humano tem um só repouso, e que ele não está aqui.

L I V R O

I

A infância e os primeiros estudos

c a p í t u l o s I – X X



CAPÍTULO I

Grande sois Vós, Senhor, e sumamente digno de louvor; grande é o Vosso poder, e a Vossa sabedoria não tem medida. E quer louvar-Vos o homem, mínima parcela da Vossa criação; o homem, que carrega consigo a própria mortalidade, testemunho do seu pecado, testemunho de que *resistis aos soberbos*; e todavia quer louvar-Vos o homem, mínima parcela da Vossa criação. Vós mesmo o despertais para que se deleite em Vos louvar, porque nos fizestes para Vós, e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousar em Vós. Concedei-me, Senhor, conhecer e compreender o que vem primeiro: invocar-Vos ou louvar-Vos? E, ainda: conhecer-Vos ou invocar-Vos? Pois quem poderá invocar-Vos sem Vos conhecer? Quem não Vos conhece

pode invocar, em Vosso lugar, coisa diversa daquilo que sois. Ou será antes que Vos invocamos para que possamos conhecer-Vos? *Mas como invocarão aquele em quem não creram? Ou como crerão sem que haja quem lhes pregue?* E *louvarão o Senhor os que O buscam*: porque os que buscam hão de encontrá-Lo, e os que O encontram hão de louvá-Lo. Buscar-Vos-ei, Senhor, invocando-Vos, e invocar-Vos-ei crendo em Vós, pois nos fostes pregado. Invoca-Vos, Senhor, a fé que me destes, a fé que me inspirastes pela Encarnação do Vosso Filho e pelo ministério do Vosso pregador.

CAPÍTULO II

E como invocarei o meu Deus, meu Deus e meu Senhor, se, ao invocá-Lo, é a mim mesmo que O chamo? E que espaço há dentro de mim, por onde possa vir a mim o meu Deus? Por onde há de vir a mim Deus, que fez o céu e a terra? Haverá porventura em mim, ó Senhor meu Deus, alguma coisa capaz de conter-Vos? Acaso Vos contêm o céu e a terra, que Vós fizestes, e dentro dos quais me fizestes? Ou, porque nada do que existe poderia existir sem Vós, tudo quanto existe Vos contém? Se, pois, também eu existo, por que peço que venhais a mim, eu que não existiria se Vós não estivésseis em mim? Por quê? Porque não desci ainda ao inferno, e todavia também ali estais. *Pois, se descer ao inferno, ali estais presente.* Eu não seria, ó meu Deus, não seria absolutamente nada, se Vós não estivésseis em mim; ou, antes, não seria, se eu não estivesse em Vós, *de quem, por quem e em quem são todas as coisas*. Assim é, Senhor, assim é. Para onde Vos chamo, se já estou em Vós? Ou donde podeis vir a mim? Para onde poderei retirar-

me, fora do céu e da terra, a fim de que dali venha a mim o meu Deus, Aquele que disse: *Eu encho o céu e a terra*?

CAPÍTULO III

Contêm-Vos, então, o céu e a terra, uma vez que os encheis? Ou os encheis, e ainda sobra de Vós, porque eles não Vos podem conter? E, cheios que estejam o céu e a terra, onde derramais o que de Vós sobeja? Ou não tendes necessidade de que coisa alguma Vos contenha, Vós que conteneis todas as coisas, já que o que encheis, encheis contendo-o? Pois não são os vasos que encheis que Vos dão firmeza: ainda que se quebrassem, Vós não Vos derramaríeis. E, quando Vos derramais sobre nós, não sois Vós que descaís, mas sois Vós que nos erguêis; não Vos dissipais, mas nos recolheis. Mas Vós, que encheis todas as coisas, encheis a todas com o Vosso ser inteiro? Ou, não podendo as coisas todas conter-Vos inteiramente, contêm apenas parte de Vós — e todas ao mesmo tempo a mesma parte, ou cada uma a sua, as maiores maior parte, e as menores menor? Haverá, então, em Vós uma parte maior e outra menor? Ou não estais todo em toda parte, sem que coisa alguma Vos contenha por inteiro?

CAPÍTULO IV

Que sois, pois, ó meu Deus? Que sois, senão o Senhor Deus? *Porque quem é Senhor senão o Senhor?* Ou quem é Deus senão o nosso Deus? Sumamente alto, sumamente bom, sumamente poderoso, onipotentíssimo; misericordiosíssimo e justíssimo; ocultíssimo e presentíssimo; formosíssimo e fortíssimo; estável e incompreensível; imutável, e mudando todas as coisas; nunca novo e nunca velho; renovando tudo, e *levando à velhice os*

soberbos, sem que o percebam; sempre agindo e sempre em repouso; recolhendo sem cessar, e de nada carecendo; sustentando, enchendo e protegendo; criando, nutrindo e amadurecendo; buscando, ainda que nada Vos falte. Amais, sem paixão; sois zeloso, sem inquietação; arrependeis-Vos, sem dor; irais-Vos, e permaneceis sereno; mudais as Vossas obras, sem mudar de propósito; recebeis de volta o que encontrais, sem jamais o haverdes perdido; nunca precisais de nada, e alegrais-Vos com o que ganhais; nunca sois avaro, e exigis os juros. Recebe-se-Vos mais do que é devido, para que fiqueis devedor — e quem possui coisa alguma que não seja Vossa? Pagais dívidas, sem nada dever; perdoais dívidas, sem nada perder. E que disse eu agora, meu Deus, minha vida, minha santa alegria? Ou que diz um homem qualquer quando de Vós fala? Contudo, ai de quem se cala a Vosso respeito, porque, mesmo os mais eloquentes, são mudos.

CAPÍTULO V

Quem me dera repousar em Vós! Quem me dera que entrásseis no meu coração e o embriagásseis, para que eu esquecesse os meus males e abraçasse a Vós, meu único bem! Que sois Vós para mim? Ensinai-me, por Vossa compaixão, a dizê-lo. E que sou eu para Vós, para que exijais o meu amor e, se Vo-lo não dou, Vos irriteis comigo e me ameaceis com desgraças imensas? Será, então, pequena desgraça não Vos amar? Ai de mim! Dizei-me, por Vossas misericórdias, ó Senhor meu Deus, o que sois para mim. *Dizei à minha alma: eu sou a tua salvação.* Falai de modo que eu possa ouvir. Eis que diante de Vós está o meu coração, Senhor: abri-lhe os ouvidos e dizei à minha alma: *eu sou a tua salvação*. Correrei atrás desta voz e Vos alcançarei. Não escondais de mim o Vosso

rosto. Que eu morra — para que não morra — contanto que eu veja o Vosso rosto.

Estreita é a morada da minha alma: alargai-a Vós, para que nela possais entrar. Está em ruínas: reparai-a Vós. Guarda em si o que ofende os Vossos olhos: confesso-o e reconheço-o. Mas quem a há de purificar? Ou a quem hei de clamar, senão a Vós? *Purificai-me, Senhor, das minhas faltas ocultas, e livrai o Vosso servo do poder do inimigo. Creio, e por isso falo.* Senhor, Vós o sabeis. Porventura não confessei contra mim as minhas iniquidades diante de Vós, e Vós, meu Deus, *não perdoastes a impiedade do meu coração*? *Não contendo em juízo* convosco, que sois a verdade; e temo enganar-me a mim mesmo, *para que a minha iniquidade não minta contra si própria*. Por isso não contendo em juízo convosco: pois, *se atentardes às iniquidades, Senhor, Senhor, quem poderá subsistir?*

CAPÍTULO VI

Permiti, contudo, que eu fale diante da Vossa misericórdia — eu, *terra e cinza*. Permiti que eu fale, pois é à Vossa misericórdia que falo, e não ao homem que zomba. Talvez também Vós escarneçais de mim; mas, voltando-Vos, tereis compaixão de mim. Que quereria eu dizer, ó Senhor meu Deus, senão que ignoro donde vim a esta vida — chamá-la-ei vida mortal, ou morte vital? E logo me acolheram os consolos das Vossas misericórdias, conforme ouvi dos pais da minha carne (pois eu mesmo não me lembro), de cuja substância um dia me formastes. Assim me acolheu o consolo do leite materno. Nem minha mãe, nem as minhas amas enchiam de leite os próprios seios: Vós é que, por meio delas, me dáveis o alimento da infância, segundo a Vossa

ordenação, pela qual distribuís as Vossas riquezas até nas profundezas ocultas das coisas. Vós me destes também não desejar mais do que dáveis, e às que me amamentavam quererem dar-me aquilo que lhes dáveis. Pois elas, com afeto que do céu lhes vinha, davam-me de boa vontade o que de Vós recebiam em abundância. Este bem que delas me vinha era bem também para elas. Nem, aliás, vinha delas, mas por elas: porque de Vós, ó Deus, procedem todos os bens, e do meu Deus me vem toda a saúde. Isto aprendi depois, quando Vós, por estes Vossos dons, dentro e fora de mim, Vos anunciáveis a mim. Então, porém, eu só sabia mamar, repousar no que me agradava e chorar do que ofendia a minha carne: nada mais.

Depois comecei a sorrir, primeiro dormindo, e depois acordado; assim mo disseram de mim mesmo, e nisso acreditei, porque o vemos nas outras crianças, ainda que de mim não me lembre. Assim, pouco a pouco, fui percebendo onde estava, e queria manifestar os meus desejos àqueles que os pudessem satisfazer, e não podia: porque os desejos estavam dentro de mim, e eles fora, e por sentido algum lhes era possível entrar na minha alma. Agitava então ao acaso os membros e a voz, fazendo os poucos sinais que podia e como podia, semelhantes — bem pouco semelhantes, na verdade — ao que eu queria. E, quando não era logo obedecido (por serem os meus desejos nocivos ou ininteligíveis), indignava-me contra os mais velhos, por não se sujeitarem a mim, e contra os que nada me deviam, por não me servirem; e vingava-me deles com o choro. Que as crianças são assim, aprendi observando-as; e que eu mesmo assim fui, mostraram-mo elas, sem o saber, melhor do que as minhas amas, que o sabiam.

E eis que há muito morreu a minha infância, e eu vivo. Mas Vós, Senhor, que viveis para sempre e em quem nada morre — porque antes do princípio dos séculos, e antes de tudo aquilo a que se possa chamar "antes", Vós sois, e sois Deus e Senhor de tudo quanto criastes; e em Vós permanecem, fixas para sempre, as causas primeiras de todas as coisas passageiras; e de tudo o que é mutável permanecem em Vós as origens imutáveis; e em Vós vivem as razões eternas de tudo o que é temporal e privado de razão — dizei-me, Senhor, a mim, que Vos suplico; dizei, ó todo misericordioso, a mim, digno de misericórdia: a minha infância sucedeu a alguma outra idade minha, morta antes dela? Foi aquela que passei no ventre de minha mãe? Pois algo dela ouvi contar, e eu mesmo vi mulheres grávidas. E antes ainda daquela vida, ó Deus, minha alegria, estive eu em algum lugar, ou fui alguém? Disto não tenho quem me fale: nem pai, nem mãe, nem a experiência dos outros, nem a minha própria memória. Zombais de mim por Vos perguntar isto, e mandais que Vos louve e Vos reconheça naquilo que sei?

Reconheço-Vos, Senhor do céu e da terra, e louvo-Vos pelos meus primeiros rudimentos de existência e pela minha infância, de que nada recordo; pois quisestes que o homem conjeturasse muito de si mesmo a partir dos outros, e que muito acreditasse pela palavra de simples mulheres. Já então eu tinha ser e vida, e, ao término da infância, buscava sinais com que dar a conhecer aos outros o que sentia. De onde poderia vir tal ser, senão de Vós, Senhor? Será alguém artífice de si mesmo? Ou haverá em outra parte alguma veia donde nos corram o ser e a vida, senão de Vós, Senhor, em quem o ser e a vida são uma só coisa? Porque Vós mesmo sois soberanamente Ser e Vida. Sois o Altíssimo, e não

mudais, nem em Vós se acaba o dia de hoje — e todavia em Vós ele se acaba, porque também todas essas coisas estão em Vós. Elas não teriam por onde passar, se Vós não as sustentásseis. E porque *os Vossos anos não têm fim*, os Vossos anos são um só hoje. Quantos dias nossos e de nossos pais já se escoaram por esse Vosso "hoje", e dele receberam a medida e o modo de ser que tiveram; e outros ainda hão de escoar-se e receber igualmente a medida do seu modo de ser! Mas Vós permaneceis o mesmo, e tudo o que é de amanhã, e o que virá depois, e tudo o que foi de ontem, e o que ficou para trás — Vós o fazeis hoje. Que me importa que alguém não compreenda isto? Alegre-se também ele e diga: *Que é isto?* Alegre-se assim mesmo, e prefira encontrar-Vos não descobrindo, a não Vos encontrar descobrindo.

CAPÍTULO VII

Ouvi, ó Deus. Ai dos pecados dos homens! Assim fala o homem, e Vós tendes compaixão dele, porque o fizestes, mas não fizestes nele o pecado. Quem me recordará os pecados da minha infância? Pois *ninguém está limpo de pecado diante de Vós, nem mesmo a criança cuja vida sobre a terra é de um só dia*. Quem mo recordará? Não o faz acaso qualquer criancinha, em quem vejo o que de mim não recordo? Qual foi, então, o meu pecado? Terá sido eu chorar agarrado ao seio? Pois, se hoje fizesse o mesmo por alimento próprio da minha idade, com razão seria ridicularizado e repreendido. Também então fiz coisa digna de repreensão; mas, como não podia entender quem me repreendesse, nem o costume nem a razão permitiam repreender-me. Tais hábitos, com efeito, arrancamo-los e lançamo-los fora quando crescemos. E ninguém, ao podar, deita fora conscientemente o que é bom. Ou seria bom,

ainda que por pouco tempo, chorar pedindo o que, se me fosse dado, me faria mal? Indignar-se amargamente contra pessoas livres, contra os mais velhos, contra os próprios autores do seu nascimento, por não o servirem? E contra muitos outros, mais sensatos do que ele, por não obedecerem ao aceno da sua vontade? E esforçar-se por bater e por fazer mal, porque não se cumpriam ordens cujo cumprimento lhe seria nocivo? A inocência da criança está, pois, na fraqueza dos seus membros, e não na sua vontade. Eu mesmo vi e conheci uma criança invejosa: ainda não falava, e já olhava pálida e com amargura o irmão de leite. Quem o ignora? Dizem as mães e as amas que curam isso não sei com que remédios. Será também inocência, quando a fonte do leite corre em rica abundância, não suportar que dele participe outro que dele tem extrema necessidade, e cuja própria vida ainda dele depende? Suportamos tudo isso com brandura, não porque seja nulo ou pequeno mal, mas porque há de desaparecer com o passar dos anos; pois, ainda que agora tolerados, esses mesmos costumes seriam de todo intoleráveis numa idade mais madura.

Vós, pois, ó Senhor meu Deus, que destes vida a esta minha infância, dotando de sentidos, como vemos, o corpo que me destes, ajustando-lhe os membros, ornando-lhe as proporções e, para o seu bem e segurança, implantando nele todas as funções vitais — Vós me mandais louvar-Vos por estas coisas, confessar-Vos e *cantar ao Vosso nome, ó Altíssimo*. Porque sois Deus, onipotente e bom, ainda que nada mais houvésseis feito senão isto, que ninguém pode fazer senão Vós: Vós, cuja Unidade é o molde de todas as coisas; que da Vossa própria beleza fazeis belas todas as coisas, e a todas ordenais pela Vossa lei. Esta idade, portanto, Senhor, de que não guardo memória, que aceito da palavra alheia

e conjeturo, por outras crianças, haver atravessado — ainda que verdadeira seja a conjetura —, hesito em contá-la nesta minha vida que vivo neste mundo. Pois, tanto quanto aquele tempo que passei no ventre materno, está para mim oculta nas sombras do esquecimento. Mas, se *fui concebido na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe*, onde, eu Vo-lo peço, ó meu Deus, onde, Senhor, ou quando fui eu, Vosso servo, inocente? Mas eis que passo adiante deste período; e que tenho eu agora a ver com aquilo de que não posso recordar vestígio algum?

CAPÍTULO VIII

Saindo daí, da infância, cheguei à meninice; ou, antes, foi ela que veio a mim, tomando o lugar da infância. Nem esta se foi embora — pois para onde iria? — e todavia já não existia. Já não era eu criança sem fala, mas menino que falava. Disto me lembro; e observei depois como aprendi a falar. Não foram os mais velhos que me ensinaram as palavras, com algum método fixo, como pouco depois me ensinaram as demais coisas; mas eu mesmo, desejando exprimir os meus pensamentos por gritos, sons entrecortados e vários movimentos dos membros, para assim conseguir o que queria, e não podendo exprimir tudo quanto queria, nem a quem queria, exercitava na memória os sons, pela inteligência que Vós, meu Deus, me destes. Quando nomeavam alguma coisa e, ao falar, se voltavam para ela, eu via e retinha que chamavam pelo nome que pronunciavam aquilo que queriam indicar. E que era isso, e não outra coisa, o que queriam dizer, ficava claro pelo movimento do corpo — linguagem natural, por assim dizer, de todos os povos, feita da expressão do rosto, do movimento dos olhos, dos gestos dos membros e do tom da voz,

indicando as afeições da alma quando busca, possui, rejeita ou evita alguma coisa. E assim, ouvindo continuamente as palavras nos lugares que ocupavam em diversas frases, fui pouco a pouco reunindo aquilo que significavam; e, tendo domado a boca a esses sinais, passei a exprimir por eles a minha vontade. Assim troquei com os que me cercavam esses sinais correntes da nossa vontade, e me lancei mais fundo no tempestuoso convívio da vida humana, dependendo ainda da autoridade dos pais e do aceno dos mais velhos.

CAPÍTULO IX

Ó Deus, meu Deus, que misérias e enganos experimentei então, quando me propunham, como coisa própria de um menino, obedecer aos mestres, para que neste mundo prosperasse e me destacasse nas artes da língua, que servem à *glória dos homens* e às riquezas enganosas. Fui, em seguida, posto na escola para adquirir letras, cuja utilidade eu, desgraçado, desconhecia; e, se era preguiçoso no estudo, era açoitado. Isto era tido por justo pelos nossos antepassados; e muitos, percorrendo antes de nós o mesmo caminho, traçaram-nos veredas penosas, que fomos obrigados a percorrer, multiplicando o trabalho e a dor sobre os filhos de Adão. Mas, Senhor, verificamos que os homens Vos invocavam, e aprendemos deles a pensar em Vós, à medida das nossas forças, como em alguém grande que, ainda que oculto aos nossos sentidos, podia ouvir-nos e socorrer-nos. Comecei, pois, ainda menino, a rezar-Vos, meu auxílio e refúgio; e, rompendo os laços da língua para Vos invocar, pedia-Vos, pequeno mas com não pequeno fervor, que não fosse açoitado na escola. E, quando não me ouvíeis — não me entregando por isso à insensatez —, os

adultos, e até meus próprios pais, que nenhum mal me queriam, riam-se dos meus açoites, meu grande e grave sofrimento de então.

Haverá, Senhor, alguma alma tão grande, e a Vós unida por tão intenso afeto — pois há também certa insensibilidade que de algum modo o faz —, haverá alguém que, por aderir devotamente a Vós, esteja dotado de espírito tão grande que faça tão pouco caso dos potros e dos garfos de ferro e dos demais tormentos (contra os quais, por todas as terras, os homens Vos invocam com extremo pavor), zombando dos que os temem amargamente, como zombavam os nossos pais dos tormentos que na meninice sofríamos dos mestres? Pois não temíamos menos os nossos tormentos, nem menos Vos suplicávamos para deles escapar. E, contudo, pecávamos, escrevendo, lendo ou estudando menos do que de nós se exigia. Não nos faltavam, Senhor, memória ou capacidade, das quais a Vossa vontade nos deu bastante para aquela idade; mas o nosso único prazer era brincar, e por isso éramos castigados por aqueles que faziam o mesmo. Mas as futilidades dos adultos chamam-se "negócios"; as dos meninos, sendo realmente as mesmas, são punidas por esses adultos, e ninguém se compadece dos meninos nem dos homens. Pois quem, de são critério, aprovaria que eu fosse açoitado quando menino, porque, jogando bola, progredia menos nos estudos que devia aprender, só para que, feito homem, jogasse de modo ainda mais indecoroso? E que outra coisa fazia aquele que me batia, o qual, se vencido em alguma insignificante discussão com um colega de magistério, ficava mais amargurado e invejoso do que eu quando derrotado na bola por um companheiro de jogo?

CAPÍTULO X

E todavia eu pecava nisto, ó Senhor Deus, ordenador e criador de todas as coisas da natureza, mas do pecado apenas ordenador: pecava, ó Senhor meu Deus, transgredindo as ordens de meus pais e dos meus mestres. Pois aquilo que eles, com qualquer intenção que fosse, queriam que eu aprendesse, poderia depois ter empregado para o bem. Desobedecia, porém, não por escolher coisa melhor, mas por amor ao jogo, amando o orgulho da vitória nas competições e o prurido dos ouvidos com fábulas mentirosas, que ainda mais os faziam coçar; e a mesma curiosidade fulgia cada vez mais nos meus olhos, ávidos dos espetáculos e dos jogos dos adultos. Contudo, os que promovem tais espetáculos gozam de tanta estima, que quase todos desejam o mesmo para os filhos, e no entanto consentem de bom grado que sejam açoitados, se esses mesmos jogos os afastarem dos estudos pelos quais desejam que cheguem a ser, um dia, os promotores deles. Olhai com piedade, Senhor, para estas coisas, e livrai-nos, a nós que já Vos invocamos; livrai também aqueles que ainda Vos não invocam, para que Vos invoquem, e Vós os liberteis.

CAPÍTULO XI

Já em menino ouvira eu falar da vida eterna, prometida a nós pela humildade do Senhor nosso Deus, que se abaixou até a nossa soberba; e, desde o ventre de minha mãe, que muito esperava em Vós, fui assinalado com o sinal da Sua cruz e temperado com o Seu sal. Vistes, Senhor, como, ainda menino, tomado certa vez por súbita dor de estômago e quase às portas da morte — vistes, meu Deus, pois já então éreis o meu guardião, com que ardor e com que fé pedi, ao cuidado piedoso de minha mãe e da Vossa Igreja, mãe

de todos nós, o batismo do Vosso Cristo, meu Deus e Senhor. E a mãe da minha carne, muito perturbada (porque, com coração puro na Vossa fé, ainda com mais amor me dava à luz para a salvação), teria providenciado às pressas a minha consagração e purificação pelos sacramentos salutares, confessando-Vos, Senhor Jesus, *para a remissão dos pecados* — se eu não me tivesse restabelecido de repente. Assim, como se eu devesse necessariamente manchar-me de novo, caso vivesse, adiou-se a minha purificação, porque as sujidades do pecado, depois daquele banho, trariam culpa maior e mais perigosa. Já então eu cria; e criam minha mãe e toda a casa, exceto meu pai. E nem por isso prevaleceu ele sobre o direito da piedade materna em mim, de modo que, não crendo ele ainda, também eu não cresse. Pois era o cuidado ardente dela que Vós, meu Deus, e não ele, fôsseis meu pai; e nisto a ajudastes a prevalecer sobre o marido, a quem, sendo melhor do que ele, obedecia, obedecendo também nisso a Vós, que assim o ordenastes.

Peço-Vos, meu Deus, quisera eu saber, se assim o quiserdes, com que fim se adiou então o meu batismo. Foi para meu bem que se me afrouxaram, por assim dizer, as rédeas para pecar? Ou não se afrouxaram? Se não, por que ainda hoje ressoa por toda parte em nossos ouvidos: "Deixa-o, deixa-o fazer o que quer, pois ainda não está batizado"? Ao passo que, tratando-se da saúde do corpo, ninguém diz: "Deixa que se fira ainda mais, pois ainda não está curado". Quanto melhor, então, teria sido que eu fosse curado logo; e que, pelo cuidado dos meus e pelo meu próprio, a saúde recobrada da minha alma fosse guardada em segurança sob a Vossa proteção, que ma dera. Melhor, sem dúvida. Mas quantas e quão grandes ondas de tentação pareciam ameaçar-me depois da

meninice! Previa-as minha mãe, e preferia expor-lhes o barro de que eu depois seria modelado, a expor-lhes já a figura moldada.

CAPÍTULO XII

Na meninice, porém — tão menos temida por mim do que a juventude —, não amava eu o estudo, e detestava ser a ele forçado. E, todavia, era forçado; e isto foi bom para mim, mas eu não agia bem, pois, se não fosse forçado, não teria aprendido. Ninguém, porém, faz bem contra a vontade, ainda que seja bom o que faz. Nem faziam bem os que me forçavam; mas o bem veio-me de Vós, meu Deus. Pois eles não se importavam com o uso que eu daria àquilo que me obrigavam a aprender, a não ser saciar os desejos insaciáveis de uma opulenta miséria e de uma glória vergonhosa. Mas Vós, por quem *até os cabelos da nossa cabeça estão contados*, usastes para meu bem o erro de todos os que me impeliam a aprender; e o meu próprio erro, o de não querer aprender, usastes para meu castigo — pena bem merecida para um menino tão pequeno e pecador tão grande. Assim, pelos que não agiam bem, agistes bem para comigo; e pelo meu próprio pecado, justamente me castigastes. Porque Vós ordenastes, e assim é, que todo afeto desregrado seja castigo de si mesmo.

CAPÍTULO XIII

Mas por que odiava eu tanto o grego, que estudei em menino? Ainda não o sei bem. O latim, ao contrário, amava-o — não o que me ensinaram os primeiros mestres, mas o que me ensinaram os chamados gramáticos. Pois aquelas primeiras lições — ler, escrever e contar — tinha-as por peso e castigo não menor do que qualquer grego. E donde vinha também isto, senão do pecado e da vaidade

desta vida, porque eu era *carne, e um sopro que passa e não volta*? Certamente aquelas primeiras lições eram melhores, porque mais seguras: por elas adquiri, e ainda conservo, a capacidade de ler o que encontro escrito e de escrever eu mesmo o que quero; ao passo que nas outras era obrigado a decorar os desvarios de um certo Eneias, esquecido dos meus próprios, e a chorar Dido morta, porque se matou de amor — enquanto eu, de olhos secos, suportava morrer, miserável de mim, no meio destas coisas, longe de Vós, ó Deus, minha vida.

Pois que há de mais miserável do que um miserável que não se compadece de si mesmo, e chora a morte de Dido por amor a Eneias, e não chora a própria morte por falta de amor a Vós, ó Deus? Ó luz do meu coração, ó pão da boca íntima da minha alma, ó Força que fecundas a minha mente e o seio do meu pensamento: eu não Vos amava. Fornicava contra Vós, e à minha volta, no meio de tal fornicação, ressoava: "Muito bem! Muito bem!" Pois *a amizade deste mundo é fornicação contra Vós*; e o "Muito bem! Muito bem!" continua a ressoar até que se tenha vergonha de não ser assim. E de tudo isto não chorava eu, eu que chorava por Dido morta, "buscando pela espada golpe e ferida extremos" — enquanto eu mesmo buscava coisa pior, o que há de mais extremo e mais baixo entre as Vossas criaturas, tendo-Vos abandonado: terra que caminha para a terra. E, se me proibiam ler tudo aquilo, entristecia-me por não poder ler o que me entristecia. Loucura tal é tida por saber mais alto e mais rico do que aquele pelo qual aprendi a ler e a escrever.

Mas agora, meu Deus, clamai bem alto na minha alma, e diga-me a Vossa verdade: "Não é assim, não é assim. Bem melhor era aquele primeiro estudo." Pois eis que eu esqueceria de bom grado

os desvarios de Eneias e tudo o mais, antes que esquecer a ler e a escrever. É verdade que sobre a entrada das escolas de gramática pende um véu; mas isso não é tanto sinal de algo recôndito quanto manto do erro. Não clamem contra mim aqueles a quem já não temo, enquanto confesso a Vós, meu Deus, tudo o que a minha alma quiser, e me conformo com a condenação dos meus maus caminhos, para amar os Vossos bons caminhos. Não clamem contra mim nem os compradores nem os vendedores de gramática. Pois, se lhes perguntar se é verdade que Eneias veio certa vez a Cartago, como conta o poeta, os menos instruídos responderão que não sabem, e os mais instruídos que nunca veio. Mas, se eu perguntar com que letras se escreve o nome "Eneias", todos os que o aprenderam me responderão corretamente, quanto aos sinais que os homens convencionaram entre si. E, se eu perguntar ainda o que se poderia esquecer com menor prejuízo para a vida — ler e escrever, ou aquelas ficções poéticas —, quem não prevê o que hão de responder todos os que de si mesmos não se esqueceram por completo? Pequei, pois, quando, menino, preferi aqueles estudos vazios a estes mais úteis; ou antes, quando amei uns e odiei os outros. "Um e um, dois; dois e dois, quatro" era para mim uma cantilena odiosa; mas "o cavalo de madeira cheio de homens armados", "o incêndio de Troia" e "a sombra e a triste imagem de Creúsa" eram o espetáculo predileto da minha vaidade.

CAPÍTULO XIV

Por que, então, odiava eu as letras gregas, que cantam coisas semelhantes? Pois também Homero teceu com arte ficções iguais, e é dulcíssimo na sua vaidade; e todavia era amargo ao meu paladar

de menino. Assim, penso, seria Virgílio para as crianças gregas, se as obrigassem a estudá-lo como a mim me obrigaram a estudar Homero. A dificuldade, na verdade — a dificuldade de uma língua estrangeira —, banhava como que de fel toda a doçura das fábulas gregas. Pois delas não entendia eu uma só palavra; e, para que entendesse, urgiam-me com ameaças e castigos cruéis. Houve também tempo em que, criança, eu não sabia latim algum; mas aprendi-o sem medo nem tormento, pela simples observação, entre as carícias das amas e as brincadeiras dos que sorriam e me estimulavam com folguedos. Aprendi-o sem a pressão de castigo algum que me impelisse, pois o meu coração me impelia a dar à luz os seus conceitos, o que só podia fazer aprendendo palavras, não daqueles que ensinavam, mas daqueles que comigo falavam; e em cujos ouvidos também eu dava à luz o que quer que concebesse. Não há dúvida, pois, de que uma curiosidade livre tem mais força para aprender estas coisas do que uma imposição temerosa. Mas essa imposição refreia os desvios daquela liberdade, segundo as Vossas leis, ó meu Deus, as Vossas leis, que vão da palmatória do mestre às provações do mártir, e que sabem temperar para nós uma salutar amargura, chamando-nos de volta a Vós daquele prazer mortífero pelo qual nos afastamos de Vós.

CAPÍTULO XV

Ouvi, Senhor, a minha oração: que a minha alma não desfaleça sob a Vossa disciplina, nem eu desfaleça em Vos confessar todas as Vossas misericórdias, pelas quais me arrancastes de todos os meus péssimos caminhos, para que Vos torneis para mim mais doce do que todos os atrativos que outrora persegui; para que eu Vos ame com todas as forças e aperte a Vossa mão com todo o meu afeto, e

Vós ainda me arranqueis de toda tentação, até o fim. Pois eis, Senhor, meu Rei e meu Deus: sirva ao Vosso serviço tudo quanto de útil aprendi em criança; ao Vosso serviço, o que falo, escrevo, leio e conto. Porque, enquanto eu aprendia vaidades, Vós me concedíeis a Vossa disciplina; e o meu pecado de me deleitar naquelas vaidades, Vós o perdoastes. Nelas, é certo, aprendi muitas palavras úteis; mas estas podem igualmente aprender-se em coisas que não sejam vãs — e este é o caminho seguro por onde devem andar os passos da juventude.

CAPÍTULO XVI

Mas ai de ti, torrente do costume humano! Quem te resistirá? Até quando não secarás? Até quando arrastarás os filhos de Eva para aquele mar imenso e temível, que apenas atravessam os que sobem à cruz? Não li eu em ti a respeito de Júpiter trovejante e adúltero? Ambas as coisas, sem dúvida, não podia ele ser; mas assim o trovão fingido servia de manto e alcoviteiro ao adultério verdadeiro. E qual dos nossos mestres togados presta ouvido sóbrio àquele que, saído da sua mesma escola, clama: "Estas foram ficções de Homero, que transferiu para os deuses coisas humanas; melhor fora que houvesse trazido até nós as coisas divinas"? Mais verdadeiramente teria dito: "São, de fato, ficções dele; mas atribuiu natureza divina a homens perversos, para que os crimes deixassem de ser crimes, e quem os cometesse parecesse imitar, não homens perdidos, mas os deuses do céu."

E todavia, ó torrente infernal, nela se lançam os filhos dos homens, com ricas recompensas, para adquirir tal saber; e disso se faz grande solenidade, quando se passa no foro, à vista de leis que fixam um salário além dos pagamentos dos alunos. E tu açoitas os

teus rochedos e bramas: "Aqui se aprendem as palavras, aqui se adquire a eloquência, sumamente necessária para alcançar teus fins e defender tuas opiniões." Como se nunca conhecêssemos palavras como "chuva de ouro", "regaço", "seduzir", "templos do céu" e outras daquela passagem, se Terêncio não houvesse trazido à cena um jovem devasso, tomando Júpiter por modelo de sedução:

> *"Contemplando um quadro em que se pintava*
> *como Júpiter desceu em chuva de ouro*
> *ao regaço de Dânae, para seduzir a mulher."*

E vê como ele se excita à luxúria, como que por autoridade celeste:

> *"E que Deus? O grande Júpiter,*
> *que abala com o trovão os mais altos templos do céu.*
> *E eu, pobre mortal, não hei de fazer o mesmo?*
> *Fi-lo, e de todo o coração o fiz."*

Não é nem um pouco mais fácil aprender as palavras por causa de toda essa torpeza; mas por meio delas comete-se a torpeza com menos vergonha. Não censuro as palavras — vasos, por assim dizer, seletos e preciosos —, mas o vinho do erro que nelas nos é servido por mestres embriagados; e, se também nós não bebemos, somos açoitados, sem juiz sóbrio a quem apelar. E, contudo, ó meu Deus — em cuja presença posso agora recordar isto sem dano —, tudo isso, infelizmente, aprendi de boa vontade e com grande deleite, e por isso fui declarado menino de futuro.

CAPÍTULO XVII

Permiti, meu Deus, que eu diga algo do meu talento, dom Vosso, e dos desatinos em que o desperdicei. Propunham-me uma tarefa bastante penosa para a minha alma, sob promessa de louvor ou ameaça de vergonha e de açoites: dizer as palavras de Juno, enquanto ela se enfurecia e se lamentava por não poder

"afastar do Lácio este príncipe troiano".

Palavras que, segundo eu ouvira, Juno nunca pronunciara; mas éramos forçados a errar nas pegadas destas ficções poéticas, e a dizer em prosa mais ou menos o que o poeta exprimira em verso. E era mais aplaudido aquele em quem mais sobressaíam as paixões da ira e da dor, revestidas da linguagem mais conveniente e mantida a dignidade da personagem. Que me importa, ó minha verdadeira vida, meu Deus, que a minha declamação fosse aplaudida acima de tantos da minha idade e da minha classe? Não é tudo isso fumaça e vento? E não haveria outra coisa em que exercitar o meu talento e a minha língua? Os Vossos louvores, Senhor, os Vossos louvores poderiam ter sustentado, com o amparo das Vossas Escrituras, o rebento ainda tenro do meu coração; e assim ele não se teria arrastado por estas vaidades vazias, presa imunda para as aves do céu. Pois de mais de um modo sacrificam os homens aos anjos rebeldes.

CAPÍTULO XVIII

Mas que admira eu ter sido assim arrastado às vaidades e me haver afastado da Vossa presença, ó meu Deus, quando me eram propostos por modelos homens que, se ao narrar alguma ação sua, em si não má, cometiam algum barbarismo ou solecismo, ficavam

envergonhados ao serem censurados; mas que, quando em discurso rico, ornado e bem ordenado narravam a própria vida desordenada, gloriavam-se dos aplausos? Estas coisas vedes, Senhor, e calais, *paciente, e de muita misericórdia e verdade*. Calareis para sempre? E ainda agora arrancais deste abismo horrendo a alma que Vos busca, que tem sede das Vossas delícias e cujo coração Vos diz: *busquei o Vosso rosto; o Vosso rosto, Senhor, buscarei*. Pois afastar-se de Vós é ter os afetos entenebrecidos. Não é com os pés, nem com a mudança de lugar, que os homens se afastam de Vós ou a Vós retornam. Porventura aquele Vosso filho mais moço procurou cavalos, ou carros, ou navios; voou com asas visíveis, ou caminhou pelo movimento dos membros, para em terra distante *dissipar em vida dissoluta* tudo quanto lhe destes ao partir? Pai amoroso quando lhe destes, e mais amoroso ainda quando ele voltou vazio. É, portanto, nos afetos lascivos, isto é, entenebrecidos, que está a verdadeira distância do Vosso rosto.

Vede, ó Senhor Deus, e vede com paciência, como costumais, com que cuidado observam os filhos dos homens as regras convencionadas das letras e das sílabas, recebidas dos que falaram antes deles, e como descuidam do pacto eterno da salvação perpétua, recebido de Vós. Tanto assim que quem ensina ou aprende as regras herdadas da pronúncia ofenderá mais os homens se, contra as leis da gramática, disser "omem" sem aspirar a letra, do que se, contra as Vossas leis, ele, sendo homem, odiar outro homem. Como se algum inimigo pudesse ser mais nocivo do que o próprio ódio com que se inflama contra ele; ou como se ferisse mais gravemente aquele a quem persegue do que fere a própria alma com a sua inimizade. Certamente nenhuma ciência das letras

é tão inata quanto o registro da consciência: que se está fazendo a outro o que não se quereria sofrer de outro. Como são profundos os Vossos caminhos, ó Deus, Vós, o único grande, que assentado no alto em silêncio, por uma lei infatigável, dispensais a cegueira penal aos desejos ilícitos! Em busca da fama da eloquência, um homem, de pé diante de um juiz humano, cercado por uma multidão humana, declamando contra o seu inimigo com o mais feroz ódio, vigia com o maior cuidado para que, por um erro de língua, não assassine a palavra "homem"; mas não vigia para que, pelo furor do seu espírito, não assassine o homem verdadeiro.

CAPÍTULO XIX

Este era o mundo a cujo limiar eu jazia, infeliz, na minha meninice; este o campo em que me exercitava, temendo mais cometer um barbarismo do que, tendo-o cometido, invejar os que o não cometeram. Digo e confesso estas coisas a Vós, meu Deus; por elas era louvado por aqueles a quem então julgava toda a virtude agradar. Pois eu não via o abismo de torpeza no qual fora lançado *para longe dos Vossos olhos*. E aos olhos deles, que havia de mais torpe do que eu já era, desagradando até aos meus semelhantes, enganando com inumeráveis mentiras o pedagogo, os mestres e os pais, por amor ao jogo, por ânsia de ver espetáculos vãos e por inquietação em imitá-los? Cometi também furtos, na despensa e na mesa de meus pais, escravo da gula, ou para ter o que dar aos meninos que me vendiam as suas brincadeiras, das quais, aliás, gostavam tanto quanto eu. E também nessas brincadeiras muitas vezes buscava vitórias fraudulentas, vencido eu mesmo pelo vão desejo de sobressair. E que coisa suportava eu tão mal, ou que repreendia tão ferozmente quando a descobria, senão aquilo

mesmo que eu fazia aos outros? E, quando descoberto e repreendido, preferia brigar a ceder. E é esta a inocência da meninice? Não é assim, Senhor, não é assim; imploro a Vossa misericórdia, meu Deus. Pois estes mesmos pecados, à medida que a idade avança, transferem-se dos pedagogos e mestres para os magistrados e os reis; das nozes, das bolas e dos pardais, para o ouro, as propriedades e os escravos — assim como castigos mais severos tomam o lugar da palmatória. Foi, pois, a pequena estatura da infância que Vós, nosso Rei, louvastes como figura da humildade, quando dissestes: *dos tais é o reino dos céus*.

CAPÍTULO XX

Contudo, Senhor, a Vós, criador e governador do universo, excelentíssimo e ótimo, devidas Vos seriam as graças, ó nosso Deus, ainda que me tivésseis destinado apenas a meninice. Pois já então eu era, vivia e sentia; e tinha em mim implantado um cuidado pela minha própria integridade — vestígio daquela misteriosa Unidade de que provenho. Guardava, pelo sentido interior, a integridade dos meus sentidos; e, nessas ocupações mínimas e nos meus pensamentos sobre coisas mínimas, aprendia a deleitar-me na verdade, odiava ser enganado, tinha memória vigorosa, era dotado de palavra, comprazia-me na amizade, fugia da dor, da baixeza, da ignorância. Em criatura tão pequena, que não havia de admirável e digno de louvor? Mas tudo são dons do meu Deus: não fui eu que a mim mesmo os dei. E são bens, e todos juntos formam o que eu sou. Bom é, portanto, Aquele que me fez, e Ele é o meu bem; e diante d'Ele exultarei por todos os bens que já em menino possuía. Pois este foi o meu pecado: buscar prazeres, grandezas e verdades não n'Ele, mas nas Suas criaturas — em mim

mesmo e nos outros —, e assim precipitar-me em dores, confusões e erros. Graças Vos sejam dadas, minha alegria, minha glória e minha confiança, ó meu Deus; graças Vos sejam dadas pelos Vossos dons. Mas conservai-os para mim. Pois assim me conservareis a mim, e crescerão e se aperfeiçoarão as coisas que me destes, e eu mesmo estarei convosco — porque também o existir é dom Vosso.

L I V R O

II

A adolescência e o roubo das peras

c a p í t u l o s I – X



CAPÍTULO I

Quero agora recordar as minhas torpezas passadas e as corrupções carnais da minha alma — não porque as ame, mas para que Vos ame a Vós, ó meu Deus. Faço-o por amor do Vosso amor, repassando os meus caminhos perversíssimos na própria amargura da recordação, para que Vós Vos torneis doce para mim (doçura que não engana, doçura feliz e segura), e para que me recolhais de novo daquela dispersão em que fui despedaçado, quando, afastado de Vós, que sois o único Bem, me perdi na multiplicidade das coisas. Pois houve tempo, na adolescência, em que ardi por saciar-me nas coisas de baixo; e ousei tornar-me selvagem com estes amores vários e sombrios. Consumiu-se a minha formosura, e tornei-me pútrido aos Vossos

olhos, agradando-me a mim mesmo e desejando agradar aos olhos dos homens.

CAPÍTULO II

E que era o que me deleitava, senão amar e ser amado? Mas eu não guardava a medida do amor, de alma para alma, que é o luminoso limite da amizade; antes, da lodosa concupiscência da carne e do fervor da puberdade subiam vapores que me anuviavam e escureciam o coração, de modo que já não distinguia o claro esplendor do amor da névoa da libidinagem. Ambos ferviam confusamente em mim, e arrastavam a minha juventude sem apoio pelo precipício dos desejos ímpios, e me afundavam num abismo de vícios. Acumulara-se sobre mim a Vossa ira, e eu não o sabia. Ensurdecera-me o tinir da corrente da minha mortalidade, castigo da soberba da minha alma; e afastava-me cada vez mais de Vós, e Vós me deixáveis fazer, e eu era sacudido, dissipado, derramado, e fervia nas minhas fornicações — e Vós Vos calastes, ó minha tardia alegria! Calastes-Vos então, e eu vagava para mais longe de Vós, por sementeiras cada vez mais estéreis de dores, com uma soberba abatida e um cansaço sem repouso.

Quem me dera que alguém então houvesse temperado a minha desordem e tirado proveito das belezas fugazes destas coisas, que são os últimos confins da Vossa criação! Quem me dera que lhes houvesse posto limite ao deleite, para que ao menos as marés da minha juventude se lançassem à praia do matrimônio, se não podiam ser aquietadas, e se contivessem no fim próprio de uma família, como prescreve a Vossa lei, ó Senhor — Vós que assim formais a descendência desta nossa mortalidade, podendo com mão suave despontar os espinhos excluídos do Vosso paraíso. Pois

a Vossa onipotência não está longe de nós, ainda quando nós estamos longe de Vós. Ou, então, devera eu ter atendido com mais vigilância à voz que vem das nuvens: *Estes, contudo, terão as tribulações da carne; mas eu quisera poupar-vos*. E: *é bom para o homem não tocar mulher*. E: *quem não é casado cuida das coisas do Senhor, e de como agradar a Deus; mas quem é casado cuida das coisas do mundo, e de como agradar à esposa*.

A estas palavras eu deveria ter dado ouvido mais atento; e, feito eunuco por amor do reino dos céus, esperaria mais feliz os Vossos abraços. Mas eu, desgraçado, fervia como um mar revolto, seguindo o ímpeto da minha própria corrente, abandonando-Vos, e ultrapassei todos os Vossos limites; e nem por isso escapei aos Vossos açoites. Pois que mortal escapa? Vós estáveis sempre comigo, misericordiosamente severo, aspergindo com amaríssimo fel todos os meus prazeres ilícitos, para que eu buscasse um prazer sem fel. Mas onde encontrá-lo, não descobria eu, senão em Vós, Senhor, que ensinais pela dor, e feris para curar, e nos matais para que não morramos longe de Vós. Onde estava eu, e quão longe desterrado das delícias da Vossa casa, naquele meu décimo sexto ano de idade da carne, quando tomou sobre mim o cetro a loucura da luxúria — à qual a desavergonhada licença humana concede liberdade, embora as Vossas leis a proíbam — e eu inteiramente a ela me entreguei? Os meus, entretanto, não cuidaram de me salvar da queda pelo casamento; o único cuidado deles era que eu aprendesse a falar com excelência e me tornasse orador persuasivo.

CAPÍTULO III

Nesse ano interromperam-se os meus estudos: pois, tendo eu voltado de Madaura — cidade vizinha, aonde fora para aprender

gramática e retórica —, preparavam-se as despesas para uma viagem mais longa, até Cartago; e isto mais pela resolução do que pelos recursos de meu pai, que era apenas um modesto cidadão de Tagaste. A quem conto eu estas coisas? Não a Vós, meu Deus, mas diante de Vós, aos da minha espécie — a essa pequena porção do gênero humano que porventura venha a dar com estes meus escritos. E com que fim? Para que quem quer que leia isto pense de que profundidades se há de clamar a Vós. Pois que há mais perto dos Vossos ouvidos do que um coração que confessa e uma vida de fé? Quem, então, não exaltava meu pai, por prover ao filho, além das forças do seu patrimônio, tudo o que era preciso para tão longa viagem em favor dos estudos? Pois muitos cidadãos bem mais abastados nada de semelhante faziam pelos filhos. E, contudo, esse mesmo pai não se importava com o modo como eu crescia para Vós, nem com a minha castidade: bastava-lhe que eu fosse fecundo em palavras, por mais estéril que fosse para a Vossa lavoura, ó Deus, único verdadeiro e bom Senhor do Vosso campo, que é o meu coração.

Ora, enquanto naquele meu décimo sexto ano vivia eu com meus pais, afastado por algum tempo de toda escola — pois se interpusera um período de ócio pela estreiteza dos recursos familiares —, cresceram densos sobre a minha cabeça os espinheiros dos desejos impuros, e não havia mão que os arrancasse. Antes, quando meu pai me viu nos banhos, já crescendo para a virilidade e revestido de inquieta juventude, contou-o alegremente à minha mãe, como quem desde já antecipava os netos, rejubilando-se naquele tumulto dos sentidos em que o mundo Vos esquece, a Vós seu Criador, e se enamora da Vossa criatura em Vosso lugar, pelos vapores daquele vinho

invisível da sua própria vontade, desviando-se e curvando-se até às coisas mais baixas. Mas no peito de minha mãe já havíeis começado o Vosso templo e o fundamento da Vossa santa morada — ao passo que meu pai era ainda apenas catecúmeno, e havia bem pouco tempo. Ela, pois, sobressaltou-se com santo temor e tremor; e, ainda que eu não estivesse batizado, temia por mim aqueles caminhos tortuosos por onde andam os que Vos voltam as costas, e não o rosto.

Ai de mim! E ousarei dizer que Vos calastes, ó meu Deus, enquanto eu me afastava cada vez mais de Vós? Calastes-Vos então de fato para mim? E de quem eram, senão Vossas, aquelas palavras que, por minha mãe, Vossa fiel serva, cantáveis nos meus ouvidos? Nada disso, porém, me desceu ao coração de modo a fazê-lo. Pois ela queria, e lembro-me de que em particular me advertia com grande ansiedade, "que eu não fornicasse, e sobretudo que jamais violasse a esposa alheia". Pareciam-me conselhos de mulher, aos quais eu coraria de obedecer. E eram Vossos, e eu não o sabia; e julgava que Vós Vos caláveis e que era ela quem falava — ela, por quem não Vos calastes para mim, e em quem fostes desprezado por mim, seu filho, *filho da Vossa serva*, Vosso servo. Mas eu não o sabia; e corria de cabeça baixa com tal cegueira, que entre os da minha idade me envergonhava de ser menos desavergonhado, quando os ouvia gabar-se das suas infâmias — e tanto mais se gabavam quanto mais degradados estavam. E eu tomava prazer não só no prazer do ato, mas também no louvor. Que é digno de censura senão o vício? Mas eu me fazia pior do que era, para não ser censurado; e, quando em alguma coisa não pecara como os mais perdidos, dizia ter feito o que não fizera, para que não me

julgassem desprezível na medida em que era inocente, nem de menos valor quanto mais casto era.

Vede com que companheiros eu percorria as ruas de Babilônia, e me revolvia na sua lama como em canela e ungentos preciosos. E, para que eu me colasse ainda mais ao seu próprio centro, o inimigo invisível pisava-me e seduzia-me, porque eu era fácil de seduzir. Nem sequer a mãe da minha carne — que já fugira do centro de Babilônia, mas ainda caminhava lentamente pelos seus arrabaldes — tomou o cuidado de conter dentro dos limites do afeto conjugal, já que não podia cortá-lo pela raiz, aquilo que ouvira a meu respeito do próprio marido, e que sentia ser pestilento no presente e perigoso para o futuro, ainda que a castidade me aconselhasse. Não se importou com isso, porque temia que uma esposa viesse a ser peso e estorvo às minhas esperanças. Não àquelas esperanças do mundo futuro, que minha mãe depositava em Vós, mas à esperança dos estudos, que ambos os meus pais desejavam em demasia que eu alcançasse: meu pai, porque quase nenhum pensamento tinha de Vós, e de mim só vãs presunções; minha mãe, porque julgava que aqueles estudos habituais não só não seriam estorvo, mas até alguma ajuda para Vos alcançar. Assim o conjeturo, recordando, como posso, o modo de ser de meus pais. Entretanto, afrouxavam-me as rédeas para além de toda justa severidade, para que eu passasse o tempo em divertimentos, e até em dissoluções, em tudo quanto me agradasse. E em tudo havia uma névoa que me ocultava, ó meu Deus, o esplendor da Vossa verdade; e a minha iniquidade *rompia como que da gordura*.

CAPÍTULO IV

A Vossa lei pune o furto, Senhor, e também aquela lei escrita nos corações dos homens, que nem a própria iniquidade apaga. Pois que ladrão suporta outro ladrão? Nem mesmo um ladrão rico suporta o que rouba por necessidade. E, contudo, eu quis furtar, e furtei, não compelido pela fome nem pela pobreza, mas por enfado do bem e por fartura de iniquidade. Pois furtei aquilo de que tinha em abundância, e muito melhor. Nem me importava gozar do que furtava, mas alegrava-me do próprio furto e do próprio pecado. Havia uma pereira junto à nossa vinha, carregada de frutos que não tentavam nem pela cor nem pelo sabor. Sacudi-la e despojá-la, eis o que fomos fazer, alguns jovens depravados, alta noite — tendo, segundo o nosso pestilento costume, prolongado até àquela hora as brincadeiras pelas ruas. E levamos dali enormes cargas, não para comer, mas para atirar aos porcos, mal as havendo provado. E tudo isto pelo prazer de fazer o que não era permitido. Eis o meu coração, ó Deus, eis o meu coração, do qual tivestes compaixão no fundo do abismo sem fundo. Que o meu coração Vos diga agora o que ali buscava, para que eu fosse gratuitamente mau, não tendo outro atrativo para o mal senão o próprio mal. Era torpe, e eu o amei; amei perecer, amei a minha própria falta — não aquilo por que falhava, mas a própria falta. Alma torpe, que se despenhava do Vosso firmamento para a destruição total, nada buscando pela vergonha, mas a própria vergonha!

CAPÍTULO V

Há, com efeito, uma atração nos corpos formosos, no ouro, na prata e em todas as coisas; e no contato do corpo muito pode a

conveniência mútua, e cada um dos demais sentidos tem o seu objeto próprio, adequadamente temperado. Também a honra deste mundo tem a sua graça, e o poder de vencer e de dominar — donde nasce igualmente a sede de vingança. Mas, para obter tudo isto, não devemos afastar-nos de Vós, Senhor, nem desviar-nos da Vossa lei. Também esta vida que aqui vivemos tem o seu encanto, por certa medida que lhe é própria e pela correspondência com todas as belezas de cá de baixo. Também a amizade humana é doce pelo laço que a estreita, em razão da unidade formada de muitas almas. Por ocasião de todas estas coisas e de outras semelhantes é que se comete o pecado, quando, por uma inclinação desmedida para estes bens ínfimos, se abandonam os melhores e mais altos: Vós, Senhor nosso Deus, a Vossa verdade e a Vossa lei. Pois estas coisas inferiores têm as suas delícias, mas não como o meu Deus, que fez todas as coisas: porque *n'Ele se deleita o justo, e Ele é a alegria dos retos de coração*.

Quando, pois, se pergunta por que se cometeu um crime, não o damos por explicado enquanto não parece ter havido algum desejo de obter algum daqueles bens que chamamos inferiores, ou algum temor de perdê-los. Pois são belos e formosos, ainda que, comparados com aqueles bens mais altos e beatificantes, sejam abjetos e vis. Um homem matou outro: por quê? Amava-lhe a esposa ou os bens; ou queria roubar para viver; ou temia perder por causa dele alguma coisa dessas; ou, ofendido, ardia por vingar-se. Mataria alguém sem causa alguma, deleitando-se simplesmente em matar? Quem o acreditaria? Pois, quanto àquele homem furioso e selvagem de quem se disse ser gratuitamente mau e cruel, ainda assim se lhe atribui uma causa: "para que", diz ele, "pelo ócio não se entorpecessem a mão ou o coração". E com que fim? Para

que, pelo exercício do crime, tomada a cidade, alcançasse honras, poder e riquezas, e ficasse livre do medo das leis e dos embaraços da penúria doméstica e da consciência das suas maldades. Assim, nem sequer o próprio Catilina amava as suas maldades, mas outra coisa em vista da qual as praticava.

CAPÍTULO VI

Que amei, então, eu, miserável, em ti, ó furto meu, ó crime noturno dos meus dezesseis anos? Formoso não eras, porque eras furto. Mas és tu alguma coisa, para que eu assim te fale? Formosas eram as peras que furtamos, porque eram obra Vossa, ó Vós, o mais formoso de todos, criador de todas as coisas, ó Deus bom; ó Deus, sumo bem e verdadeiro bem meu. Formosas eram aquelas peras, mas não eram elas que a minha alma miserável desejava; pois tinha eu em casa outras melhores e em abundância, e aquelas colhi apenas para furtar. Colhidas, atirei-as fora, e o meu único banquete foi o meu próprio pecado, no qual me comprazia. Pois, se alguma daquelas peras chegou à minha boca, o que a adoçou foi o pecado. E agora, ó Senhor meu Deus, procuro o que naquele furto me deleitava; e eis que nenhuma beleza tem — não digo aquela beleza que há na justiça e na sabedoria; nem a que há na mente, na memória, nos sentidos e na vida animal do homem; nem tampouco aquela com que as estrelas resplandecem gloriosas e belas nas suas órbitas, ou a terra e o mar, cheios de vida nascente, que pelo nascimento substitui o que perece; nem sequer aquela beleza falsa e sombria que pertence aos vícios enganadores.

Pois assim imita a soberba a grandeza, sendo Vós o único Deus elevado acima de tudo. E a ambição, que busca senão honras e glória, sendo Vós o único digno de ser honrado acima de tudo e

glorioso para sempre? A crueldade dos poderosos quer ser temida; mas quem deve ser temido senão Deus somente, de cujo poder o que se pode arrancar ou subtrair? Quando, ou onde, ou para onde, ou por quem? As carícias dos lascivos querem ser tidas por amor; e nada, contudo, é mais carinhoso do que a Vossa caridade, nem coisa alguma se ama mais saudavelmente do que a Vossa verdade, bela e resplandecente acima de tudo. A curiosidade finge desejo de saber, sendo Vós quem tudo conhece soberanamente. E até a ignorância e a insensatez se encobrem com o nome de simplicidade e inocência, porque nada se encontra mais simples do que Vós; e que há de mais inocente, já que são as próprias obras do pecador que o ferem? A preguiça quer o repouso; mas que repouso estável há, senão o Senhor? A luxúria quer chamar-se fartura e abundância; mas Vós sois a plenitude e a inesgotável abundância dos prazeres incorruptíveis. A prodigalidade apresenta uma sombra de liberalidade; mas Vós sois o mais generoso doador de todos os bens. A avareza quer possuir muitas coisas; e Vós possuís todas. A inveja disputa a excelência; e que há de mais excelente do que Vós? A ira busca vingança; e quem se vinga mais justamente do que Vós? O medo assusta-se com o que é insólito e repentino, que põe em perigo as coisas amadas, e toma providências para a sua segurança; mas para Vós que há de insólito ou repentino, e quem separa de Vós aquilo que amais? Ou onde há segurança inabalável, senão convosco? A tristeza definha pelas coisas perdidas, que eram o deleite dos seus desejos, porque não quer que nada lhe seja tirado — assim como de Vós nada se pode tirar.

Assim fornica a alma, quando se afasta de Vós e busca fora de Vós aquilo que não encontra puro e sem mancha senão quando

volta para Vós. Assim Vos imitam perversamente todos os que se afastam de Vós e contra Vós se levantam. Mas, ainda imitando-Vos deste modo, dão a entender que sois o Criador de toda a natureza, e que por isso não há lugar algum para onde se possa fugir inteiramente de Vós. Que amei eu, então, naquele furto? E em que imitei, ainda que de modo corrupto e perverso, o meu Senhor? Quis eu, ao menos às escondidas, agir contra a Vossa lei, já que pela força não podia, de modo que, sendo prisioneiro, arremedasse uma liberdade mutilada, fazendo impunemente o que me não era permitido — sombria semelhança da Vossa onipotência? Eis o servo que foge do seu Senhor, e alcança uma sombra. Ó podridão, ó monstruosidade da vida e abismo da morte! Podia eu gostar do que me não era lícito, unicamente porque me não era lícito?

CAPÍTULO VII

Que darei ao Senhor por poder recordar estas coisas sem que a minha alma delas se aterrorize? Amar-Vos-ei, Senhor, e Vos darei graças, e confessarei o Vosso nome, porque me perdoastes ações minhas tão grandes e tão nefandas. À Vossa graça o atribuo, e à Vossa misericórdia, que dissolvestes os meus pecados como se fossem gelo. À Vossa graça atribuo também todo o mal que não pratiquei; pois que não teria eu feito, eu que amei o pecado por ele mesmo? Sim, confesso que tudo me foi perdoado: tanto os males que cometi por minha própria vontade, quanto os que, sob a Vossa condução, não cometi. Que homem há que, pesando a própria fraqueza, ouse atribuir às suas forças a pureza e a inocência, para assim Vos amar menos, como se menos houvesse precisado da Vossa misericórdia, pela qual perdoais os pecados aos

que a Vós se convertem? Aquele que, chamado por Vós, seguiu a Vossa voz e evitou as coisas que aqui me lê recordar e confessar de mim mesmo, não me despreze: pois eu, estando doente, fui curado por esse mesmo Médico, por cujo auxílio ele não adoeceu, ou antes, adoeceu menos. E por isso ame-Vos tanto quanto eu, e até mais: porque vê que Aquele por quem fui restabelecido de tão profunda consunção do pecado é o mesmo por quem ele foi preservado de igual consunção.

CAPÍTULO VIII

Que fruto colhi eu, miserável, daquelas coisas cuja lembrança agora me envergonha? Sobretudo daquele furto, no qual amava o próprio furto, e nada mais; e ele também nada era, e por isso tanto mais miserável era eu, que o amava. E, contudo, sozinho eu não o teria feito: assim era eu então, bem me lembro — sozinho jamais o teria feito. Amava, pois, também nele a companhia dos cúmplices com quem o cometi. Logo, não amava só o furto; ou antes, era só o furto que amava — porque também aquela circunstância da companhia nada era. Que é isto, na verdade? Quem mo ensinará, senão Aquele que ilumina o meu coração e lhe descobre os cantos escuros? Que é isto que me veio à mente indagar, discutir e considerar? Pois, se então eu amasse as peras que furtei e delas quisesse gozar, poderia tê-lo feito sozinho, bastando o simples cometimento do furto para alcançar o meu prazer; nem precisaria de inflamar a comichão dos meus desejos com o estímulo dos cúmplices. Mas, uma vez que o meu prazer não estava naquelas peras, estava na própria transgressão, que a companhia dos que comigo pecavam tornava possível.

CAPÍTULO IX

Que sentimento era aquele? Na verdade, torpe em excesso; e ai de mim, que o tinha. Mas, afinal, que era? *Quem entende os seus erros?* Era o gracejo, que como que nos fazia cócegas no coração, de enganar aqueles que nem de longe suspeitavam o que fazíamos, e que muito o desaprovariam. Por que era então o meu deleite de tal natureza que eu não o fazia sozinho? Porque ninguém costuma rir sozinho? De ordinário, ninguém; e, contudo, às vezes o riso domina os homens sozinhos e isolados, quando ninguém está com eles, se algo de muito ridículo se apresenta aos seus sentidos ou à sua mente. Mas aquilo eu não o teria feito sozinho; sozinho, jamais o teria feito. Eis, meu Deus, diante de Vós, a viva lembrança da minha alma: sozinho, nunca teria cometido aquele furto, no qual não me agradava o que furtava, mas o furtar; e sozinho não me teria agradado fazê-lo, nem o teria feito. Ó amizade demasiado inimiga! Ó sedutora incompreensível da alma, ó avidez de fazer o mal por brincadeira e por capricho, ó sede do dano alheio, sem desejo de proveito próprio nem de vingança! Mas, quando se diz "Vamos, façamos isto", temos vergonha de não ser desavergonhados.

CAPÍTULO X

Quem desatará este nó tão torcido e emaranhado? É coisa torpe: não quero pensar nele, nem olhá-lo. A Vós, sim, é que anseio, ó Justiça e Inocência, formosa e bela a todos os olhos puros, e de saciedade que jamais enfastia. Convosco há repouso pleno e vida imperturbável. Quem entra em Vós, *entra na alegria do seu Senhor*, e não temerá, e tudo fará excelentemente n'Aquele que é sumamente excelente. Eu, porém, afastei-me de Vós, e andei

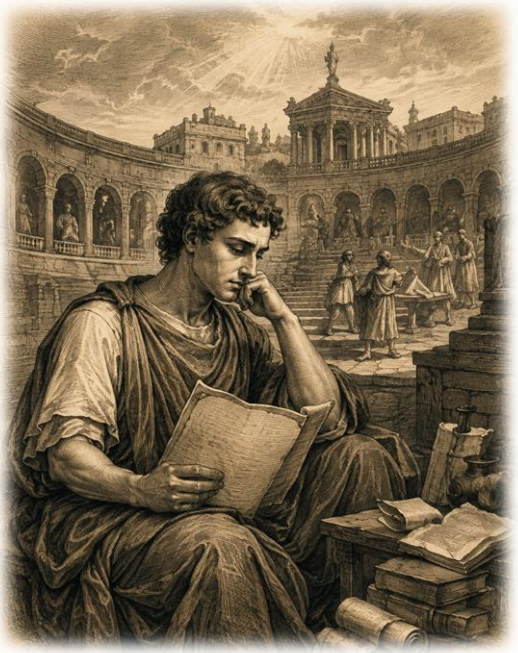
errante, ó meu Deus, demasiado longe de Vós, meu sustento, nos dias da minha juventude; e tornei-me para mim mesmo uma terra estéril.

L I V R O

III

Cartago, o Hortênsio e os maniqueus

c a p í t u l o s I – X I I



CAPÍTULO I

Cheguei a Cartago, e por toda parte crepitava aos meus ouvidos uma caldeira de amores impuros. Ainda não amava, e amava amar; e, por uma indigência profunda, odiava-me a mim mesmo por não sentir maior indigência. Buscava o que amar, enamorado do amar; e odiava a segurança e o caminho sem ciladas. Pois havia dentro de mim fome daquele alimento interior, que sois Vós mesmo, meu Deus; e, contudo, não sentia fome dessa fome, e estava sem desejo algum do sustento incorruptível — não por estar dele saciado, mas porque, quanto mais vazio, mais o enjeitava. Por isso a minha alma andava doente e cheia de chagas, e miseravelmente se lançava para fora, desejando ser esfregada pelo contato das coisas sensíveis. E, contudo, se estas não tivessem

alma, não seriam objeto de amor. Amar e ser amado era-me doce; mais ainda quando conseguia gozar do corpo da pessoa amada. Manchava, pois, a fonte da amizade com a imundície da concupiscência, e obscurecia-lhe o brilho com o inferno da libidinagem; e, torpe e indecoroso como era, queria, por excesso de vaidade, passar por elegante e cortês. Precipitei-me, então, naquele amor em que ansiava ser preso. Ó meu Deus, minha misericórdia, com quanto fel, pela Vossa grande bondade, aspergistes para mim aquela doçura! Pois fui amado, e cheguei em segredo ao vínculo do gozo; e alegremente me deixei prender por laços geradores de tristeza, para ser açoitado com as varas ardentes de ferro do ciúme, das suspeitas, dos temores, das iras e das contendas.

CAPÍTULO II

Arrebatavam-me também os espetáculos teatrais, cheios das imagens das minhas misérias e do combustível do meu fogo. Por que motivo quer o homem entristecer-se, contemplando coisas dolorosas e trágicas, que ele mesmo de modo algum quereria padecer? E, contudo, deseja, como espectador, sofrer com elas, e essa mesma dor é o seu prazer. Que é isto senão miserável loucura? Pois tanto mais se comove um homem com tais representações quanto menos livre está de semelhantes paixões. Ora, quando é ele próprio que sofre, costuma chamar-se a isso miséria; quando se compadece dos outros, chama-se misericórdia. Mas que espécie de compaixão é esta, que se tem por paixões fingidas e cênicas? Pois o espectador não é chamado a socorrer, mas apenas a sofrer; e tanto mais aplaude o autor dessas ficções quanto mais sofre. E, se as calamidades daquelas personagens — sejam de tempos antigos,

sejam pura ficção — forem representadas de modo que o espectador não se comova até às lágrimas, ele sai enfastiado e criticando; mas, se for movido à paixão, permanece atento e chora de alegria.

Amam-se, então, também as dores? Na verdade, todos desejam a alegria. Ou será que, não gostando ninguém de ser miserável, gosta contudo de ser misericordioso? E, porque isto não pode dar-se sem sofrimento, só por essa razão se amam os sofrimentos? Também isto brota daquela veia da amizade. Mas para onde vai essa veia? Para onde corre? Por que se despeja naquela torrente de pez a ferver, de onde jorram as marés monstruosas de torpe libidinagem, em que ela por vontade própria se transforma e se converte, precipitada e corrompida, por decisão sua, da sua celeste limpidez? Deve-se, então, banir a compaixão? De modo algum. Amem-se, pois, algumas vezes as dores. Mas guarda-te da impureza, ó minha alma, sob a guarda do meu Deus, o Deus de nossos pais, digno de ser louvado e exaltado acima de tudo para sempre — guarda-te da impureza. Pois nem agora deixei de ter compaixão; mas então, nos teatros, alegrava-me com os amantes quando perversamente gozavam um do outro, ainda que tudo fosse apenas imaginário, na cena. E, quando se perdiam, entristecia-me com eles, como quem muito se compadece — e em ambas as coisas encontrava o meu deleite. Agora, porém, muito mais me compadeço de quem se alegra na sua perversidade do que de quem parece sofrer dura provação por lhe faltar algum prazer pernicioso e por perder alguma felicidade miserável. Esta, sem dúvida, é a misericórdia mais verdadeira; mas nela a dor não deleita. Pois, ainda que se louve, pelo seu dever de caridade, aquele que se entristece com o miserável, quem é sinceramente

compassivo preferiria que nada houvesse de que se entristecer. Porque, se pudesse haver uma benevolência malévola — o que é impossível —, então poderia aquele que verdadeira e sinceramente se compadece desejar que houvesse miseráveis, para deles se compadecer. Alguma dor, portanto, é admissível; nenhuma é amável. Pois assim fazeis Vós, ó Senhor Deus, que amais as almas muito mais puramente do que nós e Vos compadeceis delas de modo mais incorruptível — e, todavia, nenhuma tristeza Vos fere. *E quem é capaz disto?*

Mas eu, miserável, amava então entristecer-me, e buscava motivos de tristeza; e, na miséria alheia, fingida e representada, tanto mais me agradava e violentamente me atraía a representação quanto mais lágrimas me arrancava. Que admira que eu, ovelha infeliz, extraviada do Vosso rebanho e impaciente da Vossa guarda, ficasse infectado de torpe doença? E daí o amor às dores — não àquelas que me penetrassem fundo, pois não amava sofrer o que amava contemplar, mas àquelas que, ao ouvir tais ficções, me arranhassem levemente a superfície; e a essas, como a unhas envenenadas, seguiam-se o inchaço inflamado, o abscesso e a chaga purulenta. Sendo tal a minha vida, seria ela ainda vida, ó meu Deus?

CAPÍTULO III

E a Vossa fiel misericórdia pairava sobre mim, de longe. Em que graves iniquidades me consumia eu, seguindo uma curiosidade sacrílega, para que, tendo-Vos abandonado, me arrastasse ao abismo traiçoeiro e ao serviço enganoso dos demônios, aos quais sacrificava as minhas más ações — e em todas elas Vós me açoitáveis! Ousei até, enquanto se celebravam as Vossas

solenidades dentro dos muros da Vossa Igreja, desejar e tramar um negócio digno de morte pelos seus frutos; e por isso me castigastes com graves penas, ainda que nada fossem comparadas à minha culpa, ó Vós, minha imensa misericórdia, meu Deus, meu refúgio contra aqueles terríveis destruidores entre os quais eu vagava de cerviz ereta, afastando-me cada vez mais de Vós, amando os meus caminhos e não os Vossos, amando uma liberdade errante.

Também aqueles estudos que eram tidos por louváveis visavam à distinção nos tribunais: quanto mais astuto, tanto mais louvado. Tal é a cegueira dos homens, que se gloriam até da própria cegueira. E eu era já o primeiro na escola de retórica, do que me alegrava com soberba e me inchava de arrogância — ainda que, Senhor, Vós o sabeis, muito mais tranquilo e de todo alheio às demolições daqueles "Demolidores" (pois este nome sinistro e diabólico era o próprio distintivo da elegância), entre os quais eu vivia, com uma vergonha desavergonhada de não ser igual a eles. Com eles vivia, e às vezes me comprazia na sua amizade, embora sempre abominasse os seus atos — isto é, as suas "demolições", com que perseguiam por capricho o pudor dos recém-chegados, perturbando-o com zombarias gratuitas, e com isso alimentando a sua maligna condição. Nada há mais semelhante às próprias ações dos demônios do que isto. Que nome, pois, lhes caberia mais verdadeiramente do que "Demolidores"? Eles é que primeiro foram demolidos e de todo pervertidos, escarnecidos e seduzidos em segredo pelos espíritos enganadores, naquilo mesmo em que se comprazem em escarnecer e enganar os outros.

CAPÍTULO IV

Entre gente assim, naquela minha idade instável, estudava eu os livros de eloquência, na qual desejava sobressair por um fim condenável e vanglorioso: o gosto pela vaidade humana. No curso normal dos estudos, deparei com certo livro de Cícero, cuja linguagem quase todos admiram, mas não o coração. Este livro contém uma exortação à filosofia, e chama-se *Hortênsio*. Ele, porém, mudou os meus afetos e converteu a Vós, Senhor, as minhas preces, e fez com que eu tivesse outros propósitos e outros desejos. De repente toda esperança vã se tornou vil para mim; e eu ansiava, com incrível ardor do coração, pela imortalidade da sabedoria, e começava já a erguer-me para voltar a Vós. Pois não foi para afiar a língua — coisa que eu parecia comprar com as mesadas de minha mãe, naquele meu décimo nono ano, morto meu pai havia dois anos —, não foi para afiar a língua que usei aquele livro; nem foi o seu estilo que se me infundiu, mas o seu conteúdo.

Como eu ardia então, meu Deus, como ardia por voar de volta das coisas terrenas para Vós, sem saber o que faríeis de mim! Pois *em Vós está a sabedoria*. Ora, o amor da sabedoria chama-se em grego "filosofia", e desse amor me inflamou aquele livro. Há alguns, é certo, que seduzem por meio da filosofia, encobrindo e disfarçando os próprios erros sob um nome grande, suave e honroso; e quase todos os que naquele tempo e nos anteriores assim procederam são naquele livro censurados e postos a descoberto. Ali também se torna evidente aquele salutar conselho do Vosso Espírito, dado pelo Vosso servo bom e piedoso: *Vede que ninguém vos engane pela filosofia e por vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não*

segundo Cristo; porque n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. E, uma vez que naquele tempo — Vós o sabeis, ó luz do meu coração — a Escritura apostólica me era desconhecida, aquela exortação me deleitou apenas neste ponto: que por ela fui fortemente sacudido, acendido e inflamado a amar, buscar, alcançar, reter e abraçar não esta ou aquela seita, mas a própria sabedoria, qualquer que fosse. E só uma coisa refreava aquele meu ardor: não estar ali o nome de Cristo. Pois este nome, segundo a Vossa misericórdia, Senhor — este nome do meu Salvador, Vosso Filho —, o meu tenro coração o bebera piedosamente com o próprio leite materno e o guardara nas suas profundezas; e tudo quanto estivesse sem esse nome, por mais erudito, polido e verdadeiro que fosse, não se apoderava inteiramente de mim.

CAPÍTULO V

Resolvi, então, aplicar o espírito às Sagradas Escrituras, para ver o que eram. E eis que encontro uma coisa não compreendida pelos soberbos, nem descoberta às crianças: humilde no acesso, sublime nos recessos e velada de mistérios. E eu não era tal que pudesse entrar nela, nem inclinar a cerviz para seguir os seus passos. Pois não sentia então o que agora digo, ao voltar-me para aquelas Escrituras: pareciam-me indignas de comparação com a majestade de Cícero. A minha soberba inchada recuava diante da sua humildade, e a minha agudeza de espírito não penetrava o seu interior. E, contudo, elas eram tais que cresceriam com os pequeninos. Mas eu desdenhava ser pequeno; e, inchado de soberba, tinha-me por grande.

CAPÍTULO VI

Assim vim a cair entre homens que deliravam de orgulho, demasiado carnais e tagarelas, em cujas bocas estavam os laços do demônio, untados com a mistura das sílabas do Vosso nome, e do de nosso Senhor Jesus Cristo, e do Espírito Santo Paráclito, nosso Consolador. Estes nomes não lhes saíam da boca — mas apenas quanto ao som e ao ruído da língua, pois o coração estava vazio de verdade. E clamavam: "Verdade, verdade!", e muito ma falavam; e ela não estava neles. Antes, diziam falsidades, não só de Vós, que sois verdadeiramente a Verdade, mas até dos elementos deste mundo, criaturas Vossas. E eu, na verdade, deveria ter passado adiante até dos filósofos que a respeito deles diziam a verdade, por amor de Vós, meu Pai sumamente bom, formosura de tudo o que é formoso. Ó Verdade, Verdade, como já então suspirava por Vós, na intimidade, a medula da minha alma, quando eles Vos faziam ressoar aos meus ouvidos, tantas e tão variadas vezes, em muitos e enormes livros — e era só um eco! E estes eram os pratos em que, a mim que tinha fome de Vós, serviam, em Vosso lugar, o Sol e a Lua: obras belas Vossas, sim, mas obras Vossas, e não Vós mesmo; e nem sequer as Vossas primeiras obras. Pois as Vossas obras espirituais precedem estas obras corpóreas, ainda que celestes e luminosas. Eu, porém, não tinha fome nem sede sequer daquelas Vossas primeiras obras, mas de Vós mesmo, ó Verdade, *em quem não há mudança nem sombra de variação*. E eles continuavam a pôr-me diante, naqueles pratos, fantasias reluzentes — e melhor fora amar este mesmo sol, que ao menos é real para os nossos olhos, do que aquelas fantasias que, pelos olhos, enganam a mente. E, contudo, porque as julgava serem Vós, delas me alimentava; não com avidez, porque nelas não me sabíeis Vós como Vós sois —

pois Vós não éreis aquelas vacuidades, nem por elas era eu nutrido, mas antes exaurido. O alimento que se come em sonhos parece-se muito com o alimento que se come acordado; e, todavia, os que dormem não se nutrem dele, porque dormem. Mas aquelas coisas não eram sequer, de modo algum, semelhantes a Vós, tal como agora me falastes: eram fantasias corpóreas, corpos falsos, muito menos certos do que estes corpos verdadeiros, celestes ou terrestres, que vemos com os olhos da carne — corpos que os animais e as aves discernem tão bem quanto nós, e que são mais certos do que quando os imaginamos. E, por sua vez, com mais certeza os imaginamos do que, a partir deles, conjeturamos outros corpos ainda maiores e infinitos, que nem sequer existem. De tão vazias cascas me alimentava eu então; e não me alimentava. Mas Vós, amor da minha alma, em cuja busca desfaleço para me tornar forte, não sois nem aqueles corpos que vemos, ainda que no céu, nem aqueles que lá não vemos: pois Vós os criastes, e nem sequer os contais entre as Vossas obras principais. Quão longe estais, então, daquelas minhas fantasias — fantasias de corpos que absolutamente não existem, e muito menos certas do que as imagens dos corpos que existem, e menos certas ainda do que os próprios corpos, que também não sois Vós; nem sois tampouco a alma, que é a vida dos corpos. Melhor e mais certa é, portanto, a vida dos corpos do que os corpos. Mas Vós sois a vida das almas, a vida das vidas, vivendo por Vós mesmo, e não mudais, ó vida da minha alma.

Onde estáveis, então, para mim, e quão longe de mim? Longe, na verdade, andava eu errante de Vós, apartado até das bolotas dos porcos que eu mesmo apascentava com bolotas. Pois quanto melhores são as fábulas dos poetas e dos gramáticos do que estas

ciladas! Na verdade, os versos, os poemas e a "Medeia voadora" são mais proveitosos do que os cinco elementos daqueles homens, variamente disfarçados, correspondentes às cinco cavernas de trevas, que não têm existência alguma e, todavia, matam quem neles crê. Pois os versos e os poemas posso convertê-los em verdadeiro alimento; e a "Medeia voadora", ainda que a cantasse, não a afirmava; e, ouvindo-a cantar, não cria nela. Mas naquelas coisas eu cria. Ai, ai, por que degraus fui arrastado às profundezas do inferno! — labutando e afligindo-me por falta de Verdade, pois Vos buscava, meu Deus (a Vós o confesso, que de mim tivestes misericórdia quando eu ainda não confessava), não segundo a inteligência da mente, pela qual quisestes que eu superasse os animais, mas segundo o sentido da carne. Vós, porém, éreis mais íntimo do que o mais íntimo de mim, e mais alto do que o mais alto de mim. Fui dar com aquela mulher audaciosa, *simples e que nada sabe*, figurada por Salomão, sentada à porta e dizendo: *Comei de bom grado pães escondidos, e bebei águas furtadas, que são doces.* Ela me seduziu, porque me encontrou a alma habitando fora, nos olhos da carne, e ruminando o alimento que por eles havia devorado.

CAPÍTULO VII

Não conhecia eu outra realidade — aquela que verdadeiramente é —; e era como que impelido pela agudeza do engenho a dar assentimento a néscios enganadores quando me perguntavam: "Donde vem o mal?"; "está Deus circunscrito por uma forma corpórea, e tem cabelos e unhas?"; "devem ter-se por justos aqueles que tiveram várias mulheres ao mesmo tempo, e mataram homens, e imolaram animais?" Com isso eu, na minha ignorância,

muito me perturbava; e, afastando-me da verdade, parecia-me caminhar para ela, porque ainda não sabia que o mal não é senão privação do bem, até ao ponto em que a coisa deixa inteiramente de ser. E como o veria eu, se a vista dos meus olhos alcançava apenas corpos, e a da minha mente apenas fantasmas? Nem sabia que Deus é Espírito, e não alguém que tenha partes estendidas em comprimento e largura, ou cujo ser seja massa; pois toda massa é menor numa parte do que no todo, e, se for infinita, será menor numa parte definida por certo espaço do que na sua infinitude, e assim não está toda em toda parte, como o Espírito, como Deus. E o que seria em nós aquilo pelo qual somos semelhantes a Deus, e pelo qual se pode dizer com razão que fomos feitos à imagem de Deus, eu o ignorava por completo.

Nem conhecia eu aquela verdadeira justiça interior, que julga não segundo o costume, mas segundo a retíssima lei de Deus onipotente, pela qual os costumes dos lugares e dos tempos foram dispostos conforme esses tempos e lugares, permanecendo ela mesma sempre e em toda parte a mesma, e não uma coisa aqui e outra ali. Segundo essa lei foram justos Abraão, Isaac, Jacó, Moisés e Davi, e todos os que foram louvados pela boca de Deus; e, todavia, foram julgados injustos por homens néscios, que julgam segundo o juízo humano e medem pelos seus mesquinhos costumes os costumes de todo o gênero humano. Como se, numa armaria, alguém ignorante de que peça convém a cada parte cobrisse a cabeça com as caneleiras e quisesse calçar o elmo, e depois se queixasse de que não lhe servem. Ou como se, num dia em que os negócios públicos se suspendem à tarde, alguém se irritasse por não lhe ser permitido conservar a loja aberta, pois que de manhã pudera fazê-lo. Ou como se, na mesma casa, alguém

visse certo escravo tomar na mão o que ao copeiro não é lícito manusear, ou algo permitido fora de casa e proibido na sala de jantar, e se indignasse de que, numa só casa e numa só família, a mesma coisa não seja concedida em toda parte e a todos. Assim são os que se irritam ao ouvir que algo foi lícito outrora aos homens justos e hoje não o é; ou que Deus, por certas razões temporais, lhes ordenou uma coisa e a estes outra, obedecendo ambos à mesma justiça — quando veem que, num só homem, num só dia e numa só casa, coisas diversas convêm a membros diversos, e que o que antes era lícito, passado certo tempo já não o é; e que o que num canto é permitido ou ordenado, noutro é justamente proibido e punido. Será, então, a justiça variável ou mutável? Não; mas os tempos, sobre os quais ela preside, não correm por igual, porque são tempos. Os homens, porém, cujos *dias sobre a terra são poucos*, não conseguem harmonizar pelos sentidos as razões dos séculos passados e de outras nações, de que não têm experiência, com estas de que têm experiência — ao passo que, num mesmo corpo, dia ou família, facilmente veem o que convém a cada membro, a cada momento, a cada parte e a cada pessoa. A umas coisas fazem objeções; às outras, submetem-se.

Estas coisas eu então não conhecia nem observava: feriam-me a vista por todos os lados, e eu não as via. Compunha versos, nos quais não me era lícito colocar qualquer pé em qualquer lugar, mas de modo diverso em metros diversos; nem sequer, num só metro, o mesmo pé em todos os lugares. E, contudo, a própria arte pela qual compunha não tinha princípios diferentes para esses casos diferentes, mas abarcava tudo numa só regra. E eu não via como aquela justiça, à qual obedeciam os homens bons e santos, continha de modo muito mais excelente e sublime, numa só

unidade, tudo quanto Deus ordenava, sem variar em parte alguma — ainda que, em tempos diversos, não prescrevesse tudo ao mesmo tempo, mas distribuísse e mandasse o que a cada um convinha. E eu, na minha cegueira, censurava os santos Patriarcas, não só naquilo em que usavam das coisas presentes segundo Deus lhes ordenava e inspirava, mas também naquilo em que anunciavam as coisas futuras, segundo Deus neles revelava.

CAPÍTULO VIII

Poderá alguma vez, ou em algum lugar, ser injusto *amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, e o próximo como a si mesmo*? Por isso aquelas torpezas que são contra a natureza devem em toda parte e em todo tempo ser detestadas e punidas — como foram as dos homens de Sodoma. E, se todas as nações as cometessem, todas seriam réus do mesmo crime perante a lei de Deus, que não fez os homens para que assim abusassem uns dos outros. Pois viola-se até aquele consórcio que deve existir entre Deus e nós, quando essa mesma natureza, de que Ele é o autor, se contamina pela perversidade da paixão. Mas aquelas ações que ofendem os costumes dos homens devem evitar-se conforme os costumes de cada lugar; de sorte que aquilo que foi convencionado e confirmado pelo costume ou pela lei de alguma cidade ou nação não seja violado ao arbítrio desregrado de ninguém, natural ou estrangeiro. Pois toda parte que não se harmoniza com o seu todo é deformada. Mas, quando Deus ordena que se faça alguma coisa contra os costumes ou os pactos de qualquer povo, ainda que nunca antes ali tivesse sido feita, deve fazer-se; e, se interrompida, deve restabelecer-se; e, se nunca instituída, deve agora instituir-se. Pois, se é lícito a um rei ordenar,

no Estado sobre o qual reina, aquilo que ninguém antes dele, nem ele próprio antes, ordenara, e obedecer-lhe não é contra o bem comum do Estado — antes seria contra ele não lhe obedecer, pois obedecer aos príncipes é pacto geral da sociedade humana —, quanto mais sem hesitação devemos obedecer a Deus em tudo o que ordena, a Ele que é o Senhor de todas as Suas criaturas! Pois, assim como entre os poderes da sociedade humana a autoridade maior é obedecida de preferência à menor, assim Deus o deve ser acima de todos.

O mesmo vale para os atos de violência, em que há o desejo de fazer mal, seja por injúria, seja por dano; e isso ou por vingança, como de um inimigo contra outro; ou por algum proveito alheio, como o do salteador contra o viajante; ou para evitar algum mal, como contra aquele a quem se teme; ou por inveja, como o menos afortunado contra o mais afortunado, ou o que prospera em alguma coisa contra aquele cuja igualdade teme ou lamenta; ou pelo simples prazer da dor alheia, como os espectadores dos gladiadores, ou os que escarnecem e zombam dos outros. Estas são as cabeças da iniquidade, que brotam da concupiscência da carne, dos olhos ou do domínio — isoladas, ou duas combinadas, ou todas juntas. E assim vivem mal os homens contra os três e os sete, aquele saltério de dez cordas que são os Vossos Dez Mandamentos, ó Deus altíssimo e dulcíssimo. Mas que torpezas pode haver contra Vós, que não podeis ser maculado? Ou que violências contra Vós, que não podeis ser lesado? Vós, porém, vingais o que os homens cometem contra si mesmos, pois, mesmo quando pecam contra Vós, agem perversamente contra as próprias almas, e a iniquidade mente contra si própria, corrompendo e pervertendo a sua natureza, que Vós criastes e

ordenastes — seja pelo uso imoderado das coisas permitidas, seja ardendo pelas não permitidas, num uso contra a natureza; ou tornam-se réus por se enfurecerem, de coração e de língua, contra Vós, *dando coices contra o aguilhão*; ou quando, rompendo os limites da sociedade humana, se alegram com audácia em conluios ou cisões arbitrárias, conforme tenham algo a ganhar ou algo que os ofenda. E estas coisas acontecem quando sois abandonado, ó Fonte da Vida, único e verdadeiro Criador e Governador do universo, e quando, por uma soberba arbitrária, se escolhe e se ama nela uma só coisa falsa. Assim, é por uma humilde piedade que voltamos para Vós; e Vós nos purificais dos maus hábitos, e sois misericordioso para com os pecados dos que confessam, e *ouvis o gemido dos cativos*, e nos soltais das cadeias que nós mesmos fabricamos — contanto que não levantemos contra Vós os chifres de uma liberdade ilusória, sofrendo a perda de tudo por cobiçarmos mais, e amando mais o nosso bem particular do que a Vós, que sois o bem de todos.

CAPÍTULO IX

Mas, no meio destas torpezas e violências e de tantas iniquidades, há os pecados dos que, no conjunto, vão progredindo; e estes, por aqueles que julgam com retidão, são censurados segundo a regra da perfeição, embora se louvem as pessoas, na esperança do fruto futuro, como na haste verde do trigo que cresce. E há também algumas ações semelhantes às torpezas ou às violências, e que todavia não são pecados, porque não ofendem nem a Vós, Senhor nosso Deus, nem a sociedade humana: quando, por exemplo, se obtêm para o serviço da vida coisas convenientes a determinado momento, e não se sabe se por cobiça de possuir; ou quando, para

correção, se punem coisas por autoridade constituída, e não se sabe se por desejo de fazer mal. Muitas ações, portanto, que aos olhos dos homens são reprovadas, são pelo Vosso testemunho aprovadas; e muitas, louvadas pelos homens, são, sendo Vós testemunha, condenadas — porque a aparência do ato, a disposição de quem age e a exigência oculta do momento variam em cada caso. Mas, quando de repente ordenais algo insólito e inesperado, ainda que outrora o tivésseis proibido, e por algum tempo esconderdes a razão do Vosso mandamento, e ainda que seja contra a ordenação de alguma sociedade humana — quem duvida de que se deva fazer, visto que só é justa a sociedade humana que Vos serve? Mas bem-aventurados os que conhecem os Vossos mandamentos! Pois todas as coisas foram feitas pelos Vossos servos, ou para mostrar algo necessário ao presente, ou para prefigurar as coisas futuras.

CAPÍTULO X

Ignorando eu estas coisas, escarnecia daqueles Vossos santos servos e profetas. E que ganhava eu escarnecendo deles, senão ser escarnecido por Vós, sendo insensível e passo a passo arrastado a tais insensatezes, como acreditar que a figueira chora quando lhe colhem o fruto, e que a árvore, sua mãe, derrama lágrimas de leite? E, todavia, se algum santo maniqueu comesse aquele figo — colhido por culpa alheia, e não sua — e o misturasse às suas entranhas, exalaria dele anjos; sim, sairiam partículas de divindade a cada gemido ou suspiro da sua oração, partículas do Deus altíssimo e verdadeiro que teriam permanecido presas naquele figo, se não fossem libertadas pelos dentes ou pelo ventre de algum santo "Eleito"! E eu, miserável, acreditava que se devia mais

misericórdia aos frutos da terra do que aos homens, para os quais foram criados. Pois, se alguém tivesse fome e não fosse maniqueu, o bocado que se lhe desse pareceria condenado à pena capital.

CAPÍTULO XI

E Vós estendestes a Vossa mão do alto e tirastes a minha alma daquelas profundas trevas, chorando por mim diante de Vós minha mãe, Vossa fiel serva, mais do que as mães choram a morte corporal dos filhos. Pois ela, por aquela fé e espírito que de Vós recebera, discernia a morte em que eu jazia; e Vós a ouvistes, Senhor. Vós a ouvistes, e não desprezastes as suas lágrimas, quando, correndo-lhe pelo rosto, regavam a terra sob os seus olhos em todo lugar onde orava; sim, Vós a ouvistes. Pois donde veio aquele sonho com que a consolastes, de modo que consentiu em viver comigo e comer à mesma mesa em casa — coisa de que começara a afastar-se, abominando e detestando as blasfêmias do meu erro? Ela viu-se de pé sobre certa régua de madeira, e vinha ao seu encontro um jovem resplandecente, alegre e sorridente para com ela, que estava triste e esmagada de dor. E ele, tendo-lhe perguntado as causas da sua tristeza e das lágrimas de cada dia — como é costume deles, não para aprender, mas para ensinar —, e respondendo ela que chorava a minha perdição, mandou-a ficar tranquila e disse-lhe que olhasse e observasse "que, onde ela estava, ali estava eu também". E, olhando, viu-me de pé junto dela, sobre a mesma régua. Donde vinha isto, senão de que os Vossos ouvidos estavam voltados para o coração dela? Ó Vós, bondade onipotente, que de tal modo cuidais de cada um de nós como se cuidásseis dele apenas, e de todos como se fossem um só!

E donde veio também isto: que, tendo-me ela contado a visão, e querendo eu torcê-la no sentido de que "ela é que não devia desesperar de vir a ser um dia o que eu era", respondeu ela imediatamente, sem hesitação alguma: "Não; pois não me foi dito 'onde ele está, ali estarás tu', mas 'onde tu estás, ali estará ele'"? Confesso-Vos, Senhor, que, tanto quanto me lembro — e disto falei muitas vezes —, aquela Vossa resposta, pela boca de minha mãe desperta, comoveu-me então mais do que o próprio sonho: que ela não se tenha deixado perturbar pela plausibilidade da minha falsa interpretação, e tenha visto tão depressa o que havia a ver, coisa que eu certamente não percebera antes de ela falar. E naquele sonho fora anunciada, tanto tempo antes, para consolo da sua angústia presente, uma alegria daquela santa mulher que só muito depois havia de cumprir-se. Pois passaram-se quase nove anos, em que me revolvi no lodo daquele fosso profundo e nas trevas da falsidade, tentando muitas vezes erguer-me e sendo cada vez mais gravemente derrubado. E, durante todo esse tempo, aquela viúva casta, piedosa e sóbria, das que Vós amais, ainda que já mais animada pela esperança, em nada afrouxando no seu pranto e no seu luto, não cessou de deplorar diante de Vós, em todas as horas das suas orações, a minha situação. E as suas preces *chegaram à Vossa presença*; e, todavia, permitistes que eu continuasse envolvido e reenvolvido naquelas trevas.

CAPÍTULO XII

Entretanto, destes-lhe outra resposta, de que me lembro; pois muita coisa deixo de lado, apressando-me para aquilo que mais me urge confessar-Vos, e de muito não me recordo. Destes-lhe, pois, outra resposta, por meio de um sacerdote Vosso, certo bispo

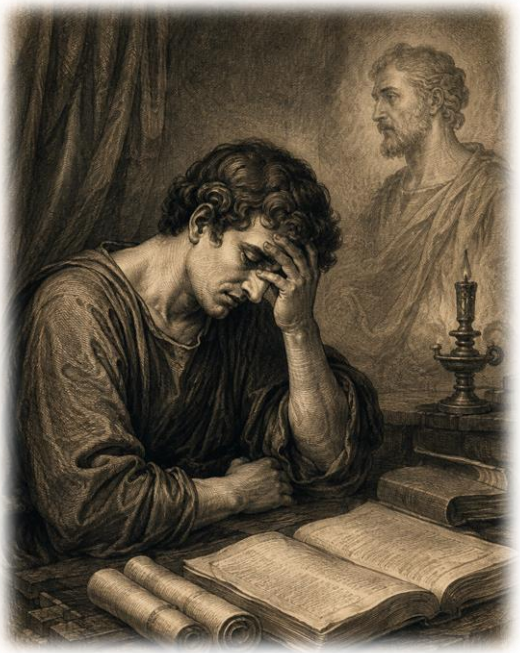
criado na Vossa Igreja e bem versado nos Vossos livros. Tendo-lhe esta mulher pedido que se dignasse conversar comigo, refutar os meus erros, desensinar-me o mal e ensinar-me o bem — pois isto ele costumava fazer, quando encontrava pessoas capazes de o receber —, recusou; sabiamente, como depois compreendi. Pois respondeu que eu era ainda indócil, inchado pela novidade daquela heresia, e que já perturbara com questões capciosas várias pessoas inexperientes, conforme ela mesma lhe contara. "Mas deixa-o por algum tempo", disse ele; "reza somente a Deus por ele: por si mesmo, lendo, descobrirá qual é aquele erro e quão grande a sua impiedade." Ao mesmo tempo contou-lhe como ele próprio, ainda pequeno, fora entregue aos maniqueus pela mãe seduzida, e não só lera, mas copiara com frequência quase todos os seus livros; e como vira — sem argumento nem prova de quem quer que fosse — quanto se devia fugir daquela seita; e dela fugira. Dito isto, e não se dando ela por satisfeita, mas insistindo mais com súplicas e muitas lágrimas para que ele me visse e comigo conversasse, ele, um tanto contrariado com a importunação, disse: "Vai-te embora, e Deus te abençoe; pois não é possível que pereça o filho de tantas lágrimas." Ela recebeu esta resposta — como muitas vezes recordava nas conversas comigo — como se tivesse ressoado do céu.

L I V R O

IV

A morte do amigo e as Categorias

c a p í t u l o s I – X V I



CAPÍTULO I

Durante este espaço de nove anos — dos dezenove aos vinte e oito da minha idade — vivemos seduzidos e seduzindo, enganados e enganando, em variadas paixões: publicamente, pelas ciências a que chamam liberais; ocultamente, sob o nome falso de religião; aqui soberbos, ali supersticiosos, e em toda parte vãos. De um lado, correndo atrás da vacuidade da fama popular, até aos aplausos do teatro, aos prêmios poéticos, às disputas por coroas de erva, às futilidades dos espetáculos e à intemperança dos desejos. De outro, desejando purificar-nos destas imundícies, levando alimentos aos que se chamavam "eleitos" e "santos", para que na oficina dos seus estômagos forjassem para nós anjos e deuses pelos quais fôssemos purificados. Estas coisas eu seguia e praticava com

os meus amigos, por mim e comigo enganados. Zombem de mim os arrogantes, e todos aqueles que ainda não foram, para a saúde da sua alma, feridos e derrubados por Vós, ó meu Deus; eu, contudo, hei de confessar-Vos a minha própria vergonha para Vosso louvor. Permiti-mo, Vo-lo peço, e dai-me graça de percorrer, na memória de hoje, os desvios do meu tempo passado, e de Vos oferecer *o sacrifício de louvor*. Pois que sou eu para mim mesmo sem Vós, senão guia da minha própria ruína? Ou que sou eu, mesmo no melhor estado, senão uma criança que mama o leite que dais e se alimenta de Vós, alimento que não perece? E que espécie de homem é um homem qualquer, sendo apenas homem? Riam-se de nós, pois, os fortes e os poderosos; mas nós, *pobres e necessitados*, confessemo-Vos.

CAPÍTULO II

Naqueles anos ensinava eu retórica e, vencido pela cobiça, vendia uma loquacidade destinada a vencer. E, contudo, preferia — Vós o sabeis, Senhor — alunos honestos, como se costuma dizer; e a estes, sem artifício, ensinava artifícios, não para os usarem contra a vida de um inocente, ainda que às vezes em favor da vida de um culpado. E Vós, ó Deus, de longe me víeis tropeçar naquele caminho escorregadio e, em meio a muita fumaça, lançar algumas centelhas de lealdade, que eu mostrava naquela minha direção dos que *amavam a vaidade e buscavam a mentira* — eu, companheiro deles. Naqueles anos tive uma companheira, não naquilo a que se chama matrimônio legítimo, mas que eu descobrira numa paixão desregrada e sem discernimento; contudo, uma só, e a ela permaneci fiel. E nela experimentei, no meu próprio caso, que diferença há entre a moderação do pacto conjugal, contraído em

vista dos filhos, e o ajuste de um amor libidinoso, em que os filhos nascem contra a vontade dos pais — ainda que, uma vez nascidos, imponham o amor.

Lembro-me também de que, tendo eu decidido concorrer a um prêmio teatral, certo mago me perguntou quanto lhe daria para que eu vencesse. Mas eu, detestando e abominando tais mistérios imundos, respondi: "Ainda que a coroa fosse de ouro incorruptível, não permitiria que se matasse uma mosca para ma dar." Pois ele haveria de matar alguns animais nos seus sacrifícios, e com essas honras convidar os demônios a favorecerem-me. Mas também este mal rejeitei, não por amor puro de Vós, ó Deus do meu coração: pois eu não sabia amar-Vos, eu que não sabia conceber nada além de um esplendor material. E não fornica contra Vós a alma que suspira por tais ficções, e confia em coisas irreais, e *apascenta o vento*? E que outra coisa é apascentar o vento senão apascentar os demônios — isto é, tornar-se, pelo próprio extravio, o seu deleite e o seu escárnio?

CAPÍTULO III

Aqueles impostores, pois, a quem chamam matemáticos, eu os consultava sem escrúpulo, porque me parecia que não usavam sacrifício algum nem invocavam espírito algum nas suas adivinhações — arte que, todavia, a piedade cristã e verdadeira coerentemente rejeita e condena. Pois *bom é confessar-Vos* e dizer: *tende piedade de mim, curai a minha alma, porque pequei contra Vós*; e não abusar da Vossa misericórdia como licença para pecar, mas lembrar-se da palavra do Senhor: *Eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.* Todo este conselho salutar procuram eles destruir, dizendo: "A causa do teu

pecado está inevitavelmente determinada no céu"; e "isto fez Vênus, ou Saturno, ou Marte" — como se o homem, carne e sangue e podridão soberba, devesse ficar sem culpa, e a culpa coubesse ao Criador e Ordenador do céu e dos astros. E quem é Ele senão o nosso Deus, a própria doçura e fonte da justiça, *que retribui a cada um segundo as suas obras*, e *não desprezareis um coração contrito e humilhado*?

Havia naquele tempo um homem sábio, muito perito em medicina e nela afamado, que com a sua própria mão de procônsul pusera a coroa dos jogos na minha cabeça enferma — mas não como médico, pois esta doença só Vós a curais, Vós *que resistis aos soberbos e dais graça aos humildes*. Mas acaso me faltastes até por meio daquele velho, ou deixastes de curar a minha alma? Pois, tendo eu com ele travado maior conhecimento e me apegado assídua e fixamente à sua conversa (que, ainda que em termos simples, era viva, animada e séria), quando ele percebeu, pelo meu falar, que eu andava entregue aos livros dos que traçam horóscopos, aconselhou-me com bondade paternal a deitá-los fora e a não gastar inutilmente com tais vaidades um cuidado e uma diligência necessários às coisas úteis. Contou-me que, nos primeiros anos, estudara aquela arte, a ponto de fazer dela a profissão de que viveria; e que, entendendo Hipócrates, bem depressa poderia ter entendido também aquele estudo. E, contudo, abandonara-o e se dedicara à medicina, por nenhuma outra razão senão por havê-lo achado inteiramente falso; e ele, homem sério, não queria ganhar a vida enganando os outros. "Mas tu", dizia, "tens a retórica para te sustentar; de modo que segues isso por livre escolha, e não por necessidade. Tanto mais, portanto, deves dar-me crédito nesta matéria, eu que me esforcei por

adquiri-la tão perfeitamente que só dela vivia." E, tendo-lhe eu perguntado como, então, se podiam predizer por ela tantas coisas verdadeiras, respondeu-me, como pôde, "que a força do acaso, difundida por toda a ordem das coisas, é que produzia isso. Pois, se alguém, abrindo ao acaso as páginas de algum poeta que cantou e pensou coisa inteiramente diversa, dá muitas vezes com um verso admiravelmente ajustado ao assunto de que se trata, não é de admirar que da alma do homem, sem que ela saiba o que nela se passa, por algum instinto superior saia uma resposta — por acaso, e não por arte — correspondente aos negócios e às ações de quem consulta."

E foi assim que, por ele ou por meio dele, me transmitistes e gravastes na memória o que eu mais tarde havia de examinar por mim mesmo. Naquele momento, porém, nem ele, nem o meu queridíssimo Nebrídio — jovem singularmente bom e de santo temor, que ridicularizava todo o corpo das adivinhações — puderam persuadir-me a lançá-la fora, pesando ainda mais sobre mim a autoridade dos autores; e até então não encontrara eu prova certa, tal como a procurava, que mostrasse sem sombra de dúvida que aquilo que os consultados haviam predito com acerto era resultado do acaso, e não da arte dos observadores dos astros.

CAPÍTULO IV

Naqueles anos, quando comecei a ensinar retórica na minha cidade natal, fizera eu um amigo, demasiado caro para mim pela comunhão dos estudos, da minha idade, e comigo na primeira flor da juventude. Crescera comigo desde criança, e tínhamos sido companheiros de escola e de brincadeiras. Mas não era ainda meu amigo como depois foi, nem sequer então o era como a verdadeira

amizade o exige; pois verdadeira ela não pode ser senão entre aqueles que Vós uniis, ligados a Vós por *aquela caridade derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado*. E, contudo, era doce em demasia, amadurecida pelo calor dos estudos comuns. Pois, da verdadeira fé — que ele, sendo jovem, não bebera sólida e profundamente —, eu o desviara também para aquelas fábulas supersticiosas e perniciosas, pelas quais minha mãe chorava por mim. Comigo errava ele agora no espírito, e a minha alma não podia passar sem ele. Mas eis que Vós estáveis logo atrás dos passos dos Vossos fugitivos, ao mesmo tempo Deus das vinganças e Fonte das misericórdias, convertendo-nos a Vós por meios admiráveis. Arrebatastes daquela vida aquele homem, quando ele mal completara um ano da minha amizade — a mim mais doce do que todas as doçuras daquela minha vida.

Quem poderá contar todos os Vossos louvores, que experimentou em si mesmo? Que fizestes então, meu Deus, e como é insondável o abismo dos Vossos juízos! Pois, gravemente atacado de febre, jazia ele sem sentidos, num suor de morte; e, perdida a esperança do seu restabelecimento, foi batizado sem o saber, pouco me importando eu com isso, e presumindo que a sua alma reteria antes o que de mim recebera do que o que se operara no seu corpo inconsciente. Mas deu-se coisa bem diversa: pois ele se reanimou e recobrou-se. E logo, assim que pude falar-lhe (e pude, tão cedo quanto ele foi capaz, pois nunca me apartava dele, e um do outro dependíamos em demasia), tentei gracejar com ele, como se ele fosse gracejar comigo a respeito daquele batismo que recebera quando estava de todo ausente de mente e de sentidos, mas que agora sabia haver recebido. Ele, porém, recuou de mim

como de um inimigo; e, com admirável e súbita liberdade, mandou-me que, se queria continuar seu amigo, deixasse de lhe falar assim. Eu, todo espantado e perturbado, contive todos os meus sentimentos até que ele se restabelecesse e tivesse saúde bastante para que eu o tratasse como quisesse. Mas ele foi arrebatado à minha loucura, para que convosco fosse guardado como meu consolo: poucos dias depois, na minha ausência, foi de novo atacado pela febre, e partiu.

Com esta dor, o meu coração ficou inteiramente às escuras, e tudo quanto eu via era morte. A minha terra natal era-me um tormento, e a casa paterna uma estranha infelicidade; e tudo quanto com ele partilhara, faltando ele, tornara-se um suplício dilacerante. Os meus olhos procuravam-no por toda parte, e não lho concediam; e eu odiava todos os lugares, porque não o tinham; nem podiam já dizer-me "ele vem aí", como quando estava vivo e ausente. Tornei-me para mim mesmo um grande enigma, e perguntava à minha alma *por que estava triste e por que tanto me perturbava*; e ela não sabia que responder-me. E, se eu lhe dizia *espera em Deus*, com toda a razão me não obedecia, porque aquele amicíssimo que perdera era, sendo homem, mais verdadeiro e melhor do que o fantasma em que lhe mandavam esperar. Só as lágrimas me eram doces, pois tomaram o lugar do meu amigo nas delícias do meu coração.

CAPÍTULO V

E agora, Senhor, que estas coisas já passaram e o tempo curou a minha ferida, possa eu aprender de Vós, que sois a Verdade, e aproximar o ouvido do meu coração da Vossa boca, para que me digais por que o choro é doce aos miseráveis. Acaso Vós, ainda que

presente em toda parte, lançastes para longe de Vós a nossa miséria? Vós permaneceis em Vós mesmo, e nós somos sacudidos por diversas provações. E, contudo, se não gemêssemos aos Vossos ouvidos, não nos restaria esperança alguma. Donde vem, então, que se colha fruto doce da amargura da vida, dos gemidos, das lágrimas, dos suspiros e das queixas? Adoça-a acaso o esperarmos que nos ouçais? Isto é verdade quanto à oração, pois nela há o anseio de nos aproximarmos de Vós. Mas será também assim na dor por uma coisa perdida, e na tristeza que então me esmagava? Pois eu nem esperava que ele voltasse à vida, nem isso pedia com as minhas lágrimas: apenas chorava e sofria. Porque era miserável e perdera a minha alegria. Ou será o choro, na verdade, coisa amarga, e pelo próprio enfado das coisas de que antes gozávamos é que nos agrada, quando delas nos afastamos?

CAPÍTULO VI

Mas para que falo destas coisas? Agora não é tempo de indagar, mas de Vos confessar. Miserável era eu; e miserável é toda alma presa pela amizade das coisas perecíveis: é despedaçada quando as perde, e sente então a miséria que já tinha antes de as perder. Assim se passava então comigo: chorava amarguíssimamente e encontrava o meu repouso na amargura. Assim era eu miserável, e essa vida miserável tinha-a por mais cara do que o meu amigo. Pois, ainda que de bom grado a quisesse trocar, mais me repugnava separar-me dela do que dele; e nem sei se a teria trocado sequer por ele, como se conta — se não é ficção — de Pílades e Orestes, que de bom grado teriam morrido um pelo outro, ou juntos, sendo-lhes pior do que a morte não viverem juntos. Mas em mim nascera um sentimento inexplicável, muito contrário a este: pois ao

mesmo tempo me repugnava sobremaneira viver e temia morrer. Suponho que, quanto mais o amava, tanto mais odiava e temia, como a inimiga cruelíssima, a morte que mo arrebatara; e imaginava que ela depressa daria cabo de todos os homens, já que tivera poder sobre ele. Assim era comigo, bem me lembro. Eis o meu coração, ó meu Deus, eis, vede dentro de mim; pois bem me lembro, ó minha Esperança, que me purificais da imundície de tais afetos, dirigindo os meus olhos para Vós e *arrancando do laço os meus pés*. Pois eu me admirava de que os outros, sujeitos à morte, vivessem, uma vez que morrera aquele a quem eu amava como se nunca houvesse de morrer; e mais ainda me admirava de que eu, que era para ele um outro eu, pudesse viver, estando ele morto. Bem disse alguém do seu amigo: "metade da minha alma" — pois eu sentia que a minha alma e a sua eram "uma só alma em dois corpos"; e por isso a vida me era um horror, porque não queria viver pela metade. E talvez por isso mesmo temesse morrer, para que não morresse por inteiro aquele a quem tanto amara.

CAPÍTULO VII

Ó loucura, que não sabe amar os homens humanamente! Ó homem insensato que eu era então, suportando com impaciência a condição humana! Enervava-me, suspirava, chorava, andava perturbado; não tinha nem repouso nem conselho. Pois carregava comigo uma alma despedaçada e sangrenta, impaciente de ser carregada por mim; e onde a depositar, eu não achava. Nem nos bosques amenos, nem nos jogos e na música, nem nos lugares perfumados, nem nos banquetes requintados, nem nos prazeres do leito e do repouso; nem sequer nos livros e na poesia encontrava ela descanso. Tudo era horrível, até a própria luz; tudo o que não

era ele tornara-se-me repugnante e odioso, exceto os gemidos e as lágrimas. Só neles encontrava algum alívio. Mas, quando a minha alma se afastava deles, uma enorme carga de miséria pesava sobre mim. A Vós, Senhor, deveria ela ter sido erguida, para que a aliviásseis: eu o sabia; mas nem podia nem queria. E tanto menos porque, quando pensava em Vós, Vós não éreis para mim coisa sólida nem substancial. Pois não éreis Vós, mas um mero fantasma; e o meu erro era o meu Deus. Se tentava depositar nele a minha carga, para que descansasse, ela deslizava pelo vazio e vinha de novo desabar sobre mim; e eu ficava para mim mesmo um lugar infeliz, onde não podia estar, nem de onde podia sair. Pois para onde havia de fugir o meu coração, longe do meu coração? Para onde havia eu de fugir de mim mesmo? Para onde não me seguiria a mim mesmo? E, contudo, fugi da minha terra; pois assim menos o procurariam os meus olhos onde não estavam habituados a vê-lo. E assim, de Tagaste vim para Cartago.

CAPÍTULO VIII

O tempo não perde tempo, nem rola em vão; pelos nossos sentidos opera na alma efeitos admiráveis. Eis que ele ia e vinha dia após dia, e, indo e vindo, introduzia no meu espírito outras imagens e outras lembranças; e pouco a pouco me recompôs com as minhas antigas espécies de deleites, aos quais aquela minha dor foi cedendo. E, contudo, sucederam-lhe, não outras dores propriamente, mas as causas de outras dores. Pois donde viera aquela primeira dor penetrar tão facilmente o mais íntimo de mim, senão de eu haver derramado a minha alma sobre a areia, amando um mortal como se nunca houvesse de morrer? O que principalmente me restaurava e reanimava era o consolo dos outros amigos, com os

quais eu amava o que amava em Vosso lugar; e isto era uma grande fábula e uma mentira prolongada, cujo estímulo adúltero corrompia a nossa alma, que jazia com comichão nos ouvidos. Aquela fábula, porém, não morria para mim, cada vez que algum dos meus amigos morria. Havia outras coisas neles que mais me cativavam o espírito: conversar e brincar juntos; prestar-nos mutuamente serviços afáveis; ler juntos livros doces; gracejar juntos e juntos falar a sério; discordar às vezes sem rancor, como um homem discorda de si mesmo; e, com a própria raridade dessas discordâncias, temperar as nossas concordâncias mais frequentes; ensinar às vezes, e às vezes aprender; esperar com impaciência os ausentes e acolher com alegria os que chegavam. Estes e outros sinais semelhantes, saídos do coração dos que amavam e eram amados, pelo rosto, pela língua, pelos olhos e por mil gestos agradáveis, eram como que combustível para fundir as nossas almas e, de muitas, fazer uma só.

CAPÍTULO IX

É isto que se ama nos amigos; e de tal modo se ama, que a consciência do homem se condena a si mesma se ele não ama a quem o ama, ou não retribui o amor de quem o ama, nada esperando da sua pessoa senão os sinais do seu afeto. Daí aquele luto, se alguém morre; e as trevas da tristeza, e o coração mergulhado em lágrimas, e toda a doçura convertida em amargura; e, pela perda da vida dos que morrem, a morte dos que vivem. Bem-aventurado aquele que Vos ama, e ao amigo em Vós, e ao inimigo por Vós. Pois só esse não perde nenhum ente querido, para quem todos são queridos n'Aquele que não se pode perder. E quem é Ele senão o nosso Deus, o Deus que fez o céu e a terra e

os enche, porque, enchendo-os, os criou? Ninguém Vos perde, senão quem Vos deixa. E quem Vos deixa, para onde vai ou para onde foge, senão de Vós aprazível para Vós irado? Pois onde não encontra ele a Vossa lei no seu próprio castigo? *E a Vossa lei é verdade*, e a verdade sois Vós.

CAPÍTULO X

Convertei-nos, ó Deus dos exércitos, mostrai-nos o Vosso rosto, e seremos salvos. Pois, para onde quer que se volte a alma do homem, se não for para Vós, fica cravada em dores, ainda que se crave em coisas belas. E, contudo, estas coisas, fora de Vós e fora da alma, não existiriam, se não fossem de Vós. Nascem e morrem; e, nascendo, começam por assim dizer a ser; crescem, para se aperfeiçoarem; e, aperfeiçoadas, envelhecem e perecem — e nem todas envelhecem, mas todas perecem. Assim, quando nascem e tendem a ser, quanto mais depressa crescem para ser, tanto mais se apressam para não ser. Esta é a lei delas. Isto lhes concedestes, porque são partes de coisas que não existem todas ao mesmo tempo, mas que, passando e sucedendo-se, completam em conjunto aquele universo de que são partes. Assim também se completa a nossa fala por sinais que produzem som; mas ela tampouco se aperfeiçoa se uma palavra não passar, depois de ter soado a sua parte, para que outra lhe suceda. Por todas estas coisas Vos louve a minha alma, ó Deus, criador de tudo; mas que a minha alma se não deixe cravar nelas pela cola do amor, através dos sentidos do corpo. Pois elas vão para onde deviam ir, para deixarem de ser; e dilaceram a alma com desejos pestilentos, porque ela quer ser, e todavia ama repousar naquilo que ama. Mas nestas coisas não há lugar de repouso: não permanecem, fogem. E

quem as pode seguir com os sentidos da carne? Ou quem as pode segurar, mesmo quando estão perto? Pois o sentido da carne é lento, porque é sentido da carne, e nisso está o seu limite. Basta para aquilo para que foi feito; mas não basta para deter as coisas que correm o seu curso, do ponto de partida que lhes foi marcado até o fim que lhes foi determinado. Pois no Vosso Verbo, pelo qual foram criadas, ouvem elas o seu decreto: "daqui até ali".

CAPÍTULO XI

Não sejas vã, ó minha alma, nem ensurdeças o ouvido do coração com o tumulto da tua vaidade. Escuta tu também. O próprio Verbo te chama a voltar; e ali está o lugar de repouso imperturbável, onde o amor não é abandonado, se ele mesmo não abandona. Eis que estas coisas passam, para que outras lhes sucedam, e assim se complete, por todas as suas partes, este universo inferior. "Mas acaso vou eu para algum lugar?", diz o Verbo de Deus. Fixa ali a tua morada; confia ali tudo quanto de lá recebeste, ó minha alma — ao menos agora, que estás cansada das vaidades. Confia à Verdade tudo o que da Verdade recebeste, e nada perderás; e o que em ti apodreceu florescerá de novo, e todas as tuas doenças serão curadas, e as tuas partes mortais serão reformadas, renovadas e cingidas a ti; nem te arrastarão para onde elas mesmas descem, mas permanecerão firmes contigo e ficarão para sempre diante de Deus, que permanece e está firme para sempre.

Por que, então, andas perversa, seguindo a tua carne? Que seja ela, antes, convertida e te siga. Tudo aquilo de que por ela tens sentido é parcial; e o todo, de que estas coisas são partes, tu não o conheces — e, contudo, elas te deleitam. Mas, se o sentido da tua

carne fosse capaz de compreender o todo, e se ele mesmo não tivesse sido, para teu castigo, justamente restringido a uma parte do todo, tu quererias que tudo o que existe no presente passasse, para que o todo mais te agradasse. Pois também aquilo que falamos, tu o ouves pelo mesmo sentido da carne; e, todavia, não quererias que as sílabas ficassem paradas, mas que voassem, para que outras viessem e tu ouvisses o todo. E assim sempre: quando de muitas coisas se compõe uma só, e todas elas não existem ao mesmo tempo, todas juntas agradariam mais do que separadamente, se todas pudessem ser percebidas em conjunto. Mas muito melhor do que estas coisas é Aquele que tudo fez; e Ele é o nosso Deus, e não passa, porque nada Lhe sucede.

CAPÍTULO XII

Se te agradam os corpos, louva a Deus por causa deles e volta o teu amor para o seu Artífice, para que naquilo que te agrada não venhas a desagradar. Se te agradam as almas, sejam amadas em Deus: pois também elas são mutáveis, e só n'Ele se firmam; de outro modo passariam e se perderiam. N'Ele, pois, sejam amadas; e leva contigo até Ele as almas que puderes, e dize-lhes: "A Ele amemos, a Ele amemos: Ele fez estas coisas, e não está longe. Pois não as fez para depois se retirar, mas elas são d'Ele e n'Ele estão. Eis, Ele está onde a verdade é amada. Está no íntimo do coração, mas o coração afastou-se d'Ele. *Voltai ao coração, ó transgressores*, e aderi firmemente Àquele que vos fez. Ficai com Ele, e ficareis firmes. Repousai n'Ele, e tereis descanso. Para onde ides por caminhos ásperos? Para onde ides? O bem que amais vem d'Ele; mas é bom e agradável enquanto referido a Ele — e com justiça se tornará amargo, porque injustamente se ama o que d'Ele vem, se

por isso Ele é abandonado. Com que fim, pois, haveis de andar e reandar por estes caminhos difíceis e penosos? Não há repouso onde o buscais. Buscai o que buscais; mas não está ali onde o buscais. Buscais a vida feliz na terra da morte: ali não está. Pois como poderia haver vida feliz onde nem sequer há vida?

"Mas a nossa verdadeira Vida desceu até aqui, e tomou sobre si a nossa morte, e matou-a com a abundância da Sua própria vida. E trovejou, chamando-nos em alta voz a que daqui voltássemos a Ele, para aquele lugar secreto donde saiu para vir a nós, primeiro ao seio da Virgem, onde desposou a criatura humana, a nossa carne mortal, para que não fosse eternamente mortal; e dali, *como esposo que sai do seu tálamo, exultou como gigante para percorrer o seu caminho*. Pois não se demorou, mas correu, clamando com palavras, obras, morte, vida, descida e subida — clamando que voltássemos a Ele. E retirou-se dos nossos olhos, para que voltássemos ao nosso coração e ali O encontrássemos. Pois retirou-se, e eis que está aqui. Não quis ficar muito tempo conosco, e todavia não nos deixou; pois retirou-se para onde nunca deixara de estar, *porque o mundo foi feito por Ele*. E neste mundo estava, *e veio a este mundo para salvar os pecadores*, aos quais a minha alma se confessa, e Ele a cura, porque contra Ele pecou. Ó filhos dos homens, até quando sereis tardos de coração? Mesmo agora, depois da descida da Vida até vós, não quereis subir e viver? Mas para onde subireis, se já estais no alto e *pusestes a vossa boca contra o céu*? Descei, para que possais subir, e subir a Deus. Pois caístes, subindo contra Ele." Dize-lhes isto, para que chorem *no vale de lágrimas*, e assim os levarás contigo até Deus; porque é do Espírito d'Ele que assim lhes falas, se falares ardendo no fogo da caridade.

CAPÍTULO XIII

Estas coisas eu então não sabia; e amava aquelas belezas inferiores, e ia afundando até ao mais fundo. E dizia aos meus amigos: "Acaso amamos alguma coisa que não seja bela? Que é, então, o belo? E que é a beleza? Que é o que nos atrai e nos prende às coisas que amamos? Pois, se nelas não houvesse graça e formosura, de modo algum nos atrairiam." E notei e percebi que nos próprios corpos há uma beleza que lhes vem de formarem uma espécie de todo, e outra que lhes vem da correspondência apta e mútua — como a de uma parte do corpo com o seu todo, ou a de um sapato com o pé, e coisas semelhantes. E esta consideração brotou no meu espírito, do mais íntimo do meu coração; e escrevi, creio, dois ou três livros *Sobre o belo e o conveniente*. Vós o sabeis, Senhor, pois eu já não os tenho: perderam-se de mim, não sei como.

CAPÍTULO XIV

Mas o que me levou, ó Senhor meu Deus, a dedicar esses livros a Hiério, orador de Roma, a quem eu não conhecia de rosto, mas amava pela fama do seu saber, nele eminente, e por algumas palavras suas que ouvira e que me haviam agradado? Mais, porém, me agradava ele porque agradava aos outros, que muito o exaltavam, admirados de que de um sírio, primeiro instruído na eloquência grega, se tivesse depois formado um admirável orador latino, e homem doutíssimo nas coisas da filosofia. Louva-se alguém, e, sem ser visto, é amado. Acaso este amor entra no coração do ouvinte pela boca de quem o louva? Não é assim. Mas é por um que ama que outro se inflama. Pois é por isso que se ama aquele que é louvado, quando se crê que quem o louva o exalta com coração sincero — isto é, quando quem o louva o ama.

Assim amava eu então os homens, segundo o juízo dos homens, e não o Vosso, ó meu Deus, em quem ninguém se engana. Mas por que não os amava eu por qualidades como as de um famoso auriga ou de um lutador de feras no anfiteatro, conhecidos por toda parte de uma popularidade vulgar, e sim de modo bem diverso, e com seriedade, e tal como eu mesmo desejaria ser louvado? Pois eu não queria ser louvado nem amado como o são os atores — ainda que eu próprio os louvasse e amasse —; antes preferia ser desconhecido a ser conhecido assim, e até odiado a ser assim amado. Onde estão guardados, numa só alma, os impulsos de amores tão vários e diversos? Por que, sendo ambos igualmente homens, amo eu em outro aquilo que, se não odiasse, não repeliria e lançaria para longe de mim? Pois não vale dizer que, assim como um bom cavalo é amado por quem não quereria, ainda que pudesse, ser aquele cavalo, o mesmo se possa dizer de um ator, que partilha da nossa natureza. Amo, então, num homem, aquilo que odiaria ser, eu que sou homem? O próprio homem é um grande abismo, *cujos cabelos Vós contais*, Senhor, *e nem um deles cai sem Vós*. E, contudo, mais fácil é contar os cabelos da sua cabeça do que os seus sentimentos e os movimentos do seu coração.

Mas aquele orador era daqueles que eu amava por querer ser eu mesmo como ele; e errava por uma soberba inchada, *e era levado por todo vento*, mas era todavia governado por Vós, ainda que muito secretamente. E donde sei, e donde Vos confesso com segurança, que eu o amava mais pelo amor dos que o louvavam do que pelas coisas mesmas por que era louvado? Porque, se ele não fosse louvado, e esses mesmos homens o censurassem, e com censura e desprezo contassem dele exatamente as mesmas coisas,

eu nunca me teria inflamado e excitado a amá-lo. E, contudo, as coisas não seriam outras, nem ele outro: outros seriam apenas os sentimentos dos que as contavam. Vede onde jaz estendida a alma impotente, que ainda não é sustentada pela solidez da verdade! Assim como sopram as rajadas das línguas do peito dos opinativos, assim é ela levada para cá e para lá, empurrada para diante e para trás, e a luz se lhe obscurece, e não vê a verdade. E eis que ela está diante de nós! E era para mim coisa de grande importância que o meu discurso e os meus trabalhos fossem conhecidos daquele homem: se ele os aprovasse, mais me inflamaria; se os desaprovasse, ficaria ferido o meu coração vazio, privado da Vossa solidez. E, todavia, aquele "belo e conveniente" sobre que lhe escrevi, eu o revolvia com prazer, e o contemplava, e o admirava, ainda que ninguém me acompanhasse nisso.

CAPÍTULO XV

Mas eu ainda não via em que se apoiava esta grave questão na Vossa sabedoria, ó Onipotente, *que só Vós fazeis maravilhas*. E o meu espírito percorria as formas corpóreas; e definia e distinguia o "belo", que o é em si mesmo, e o "conveniente", cuja beleza está na correspondência com outra coisa; e apoiava isto em exemplos corpóreos. E voltei-me para a natureza da mente; mas a falsa noção que eu tinha das coisas espirituais não me deixava ver a verdade. E, contudo, a força da verdade fulgurava por si mesma aos meus olhos, e eu desviava a minha alma ofegante da substância incorpórea para os contornos, as cores e as grandezas volumosas. E, não podendo ver estas coisas na mente, julgava não poder ver a minha própria mente. E, uma vez que na virtude eu amava a paz, e no vício abominava a discórdia, notava naquela uma unidade e

neste uma espécie de divisão. E naquela unidade fazia consistir a alma racional, e a natureza da verdade e do sumo bem; nesta divisão, porém, imaginava eu, miseravelmente, haver não sei que substância de vida irracional, e a natureza do sumo mal — que seria não só substância, mas vida real, e todavia não derivada de Vós, ó meu Deus, de quem são todas as coisas. E àquela primeira chamava eu Mônada, como se fosse uma alma sem sexo; e a esta, Díada — a ira, nas ações violentas, e a paixão, nas torpezas —, sem saber o que dizia. Pois eu não sabia nem aprendera que o mal não é substância, nem que a nossa alma não é aquele bem sumo e imutável.

Pois, assim como as ações violentas nascem quando se corrompe aquele impulso da alma donde procede a ação enérgica, agitando-se com insolência e desregramento; e as paixões, quando se desgoverna aquele afeto da alma pelo qual se sorvem os prazeres carnais; assim os erros e as falsas opiniões maculam a vida, se a própria alma racional se corrompe — como então em mim, que não sabia que ela deve ser iluminada por outra luz para participar da verdade, uma vez que ela mesma não é a natureza da verdade. Pois *Vós acendereis a minha lâmpada, ó Senhor meu Deus; iluminareis as minhas trevas*; e *da Vossa plenitude todos nós recebemos*, porque *sois a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo*; pois *em Vós não há mudança nem sombra de variação*.

Mas eu esforçava-me por chegar a Vós, e era repelido por Vós, para provar a morte: pois *resistis aos soberbos*. E que haveria de mais soberbo do que eu afirmar, com estranha loucura, ser por natureza aquilo que Vós sois? Pois, estando eu sujeito à mudança — o que me era bastante manifesto, já que o meu próprio desejo

de tornar-me sábio era o desejo de, de pior, tornar-me melhor —, preferia todavia imaginar-Vos sujeito à mudança a admitir que eu não era aquilo que Vós sois. Por isso era repelido por Vós, e Vós resistíeis à minha vã obstinação; e eu imaginava formas corpóreas e, sendo carne, acusava a carne; e, *vento que passa*, não voltava a Vós, mas seguia adiante, cada vez mais, para coisas que não existem nem em Vós, nem em mim, nem no corpo — coisas que não foram criadas para mim pela Vossa verdade, mas forjadas pela minha vaidade a partir das coisas corpóreas. E costumava perguntar aos Vossos pequeninos fiéis, meus concidadãos (de quem, sem o saber, eu vivia exilado); costumava, tagarela e insensato, perguntar-lhes: "Por que erra, então, a alma que Deus criou?" Mas não queria que me perguntassem: "Por que erra, então, Deus?" E sustentava que a Vossa substância imutável errava por coação, antes que confessar que a minha substância mutável se desviara voluntariamente, e agora, em castigo, jazia no erro.

Tinha eu, pois, uns vinte e seis ou vinte e sete anos quando escrevi aqueles volumes, revolvendo dentro de mim ficções corpóreas que zumbiam nos ouvidos do meu coração — ouvidos que eu voltava, ó doce Verdade, para a Vossa melodia interior, meditando sobre o "belo e o conveniente" e ansiando por deter-me e escutar-Vos e *alegrar-me grandemente com a voz do Esposo*; e não podia, porque pelas vozes dos meus próprios erros era arrastado para fora, e pelo peso da minha soberba afundava no mais baixo abismo. Pois não me destes *ouvir a alegria e a exultação*, nem *exultaram os ossos* que ainda não haviam sido humilhados.

CAPÍTULO XVI

E que me aproveitou que, tendo eu apenas uns vinte anos, e caindo-me às mãos um livro de Aristóteles a que chamam as *Dez Categorias* — de cujo nome eu ficava suspenso, como de algo grande e divino, sempre que o meu mestre de retórica de Cartago e outros tidos por doutos o pronunciavam com as faces a estourar de orgulho —, eu o tenha lido e compreendido sozinho? E, quando conferia com outros, que diziam mal tê-lo entendido com mestres habilíssimos, os quais não só o explicavam de viva voz, mas desenhavam muitas coisas na areia, nada mais me souberam dizer dele do que eu aprendera lendo-o por mim mesmo. E o livro parecia-me falar muito claramente das substâncias, como o "homem", e das suas qualidades: qual é a figura do homem; e a estatura, quantos pés tem; e a sua relação, de quem é irmão; ou onde está situado; ou quando nasceu; ou se está de pé ou sentado; ou se está calçado ou armado; ou se faz ou padece alguma coisa — e todas as inumeráveis coisas que se podem dispor sob estas nove Categorias, de que dei alguns exemplos, ou sob aquela Categoria principal, que é a Substância.

De que me aproveitou tudo isto, se até me prejudicou? Pois, imaginando que tudo quanto existe está compreendido naquelas dez Categorias, tentei entender assim, ó meu Deus, também a Vossa admirável e imutável Unidade, como se também Vós estivésseis sujeito à Vossa própria grandeza ou beleza, de modo que elas existissem em Vós como no seu sujeito, à maneira dos corpos — quando Vós mesmo sois a Vossa grandeza e a Vossa beleza; ao passo que um corpo não é grande nem belo pelo fato de ser corpo, visto que, ainda que fosse menos grande ou menos belo, nem por isso deixaria de ser corpo. Mas era falsidade o que de Vós concebia,

e não verdade: ficções da minha miséria, e não realidades da Vossa bem-aventurança. Pois Vós havíeis ordenado, e assim se cumpriu em mim, *que a terra me produzisse espinhos e abrolhos*, e que *com o suor do meu rosto comesse o meu pão*.

E que me aproveitou que todos os livros que pude obter das chamadas artes liberais, eu, vil escravo de vis paixões, os tenha lido e entendido por mim mesmo? E neles me deleitava, mas não sabia donde vinha tudo o que neles havia de verdadeiro ou de certo. Pois estava de costas para a luz e de rosto para as coisas iluminadas; e por isso o meu rosto, com que discernia as coisas iluminadas, não era ele mesmo iluminado. Tudo quanto se escrevera sobre retórica, ou lógica, geometria, música e aritmética, eu o entendia sozinho, sem grande dificuldade e sem mestre algum — Vós o sabeis, ó Senhor meu Deus; porque tanto a rapidez do entendimento quanto a agudeza no discernir são dom Vosso. E, contudo, não Vos oferecia por isso sacrifício algum. Assim, aquilo não me serviu de proveito, mas antes de perdição, já que me esforçava por guardar em meu poder tão boa parte da minha substância; e não guardava para Vós a minha força, mas afastava-me de Vós para uma região distante, a fim de a esbanjar em amores meretrícios. Pois de que me aproveitaram as boas capacidades, se não as empreguei para bons fins? Porque eu não sentia que aquelas artes eram alcançadas com grande dificuldade, mesmo pelos estudiosos e talentosos, senão quando tentei explicá-las a esses mesmos: e então o que mais se distinguia era aquele que não me acompanhava com demasiada lentidão.

Mas em que me adiantou isto, imaginando eu que Vós, ó Senhor Deus, a Verdade, éreis um corpo imenso e luminoso, e eu um fragmento desse corpo? Perversidade grande demais! Mas tal

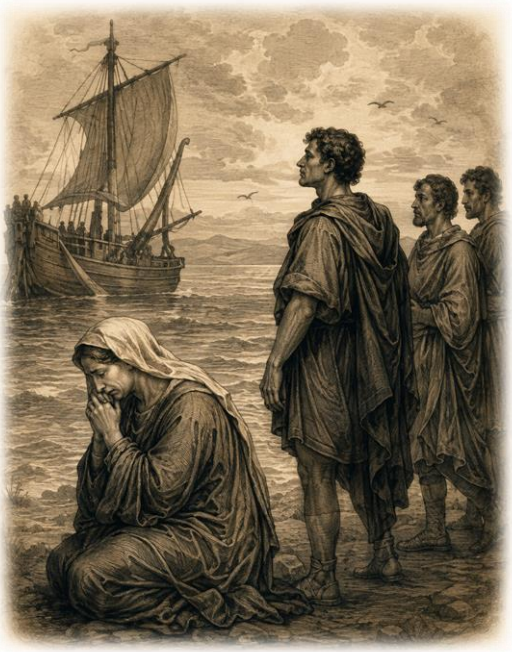
era eu. E não me envergonho, ó meu Deus, de Vos confessar as Vossas misericórdias para comigo e de Vos invocar — eu, que então não me envergonhava de professar diante dos homens as minhas blasfêmias e de ladrar contra Vós. De que me valeu, então, o meu engenho ágil naquelas ciências e todos aqueles volumes intrincadíssimos, por mim desenredados sem auxílio de instrução humana, se eu errava tão torpemente e com tão sacrílega vergonha na doutrina da piedade? E que estorvo foi um engenho muito mais lento aos Vossos pequeninos, uma vez que não se afastaram de Vós, e assim puderam, no ninho da Vossa Igreja, criar penas com segurança e nutrir as asas da caridade com o alimento de uma fé sadia? Ó Senhor nosso Deus, *esperemos à sombra das Vossas asas*; protegei-nos e levai-nos. Vós nos levareis quando pequenos, e até às cãs nos levareis; pois a nossa firmeza, quando sois Vós, então é firmeza; mas, quando é nossa, é fraqueza. O nosso bem vive sempre convosco; e, quando dele nos afastamos, ficamos desviados. Voltemos agora, Senhor, para que não sejamos derrubados; porque convosco vive o nosso bem sem decadência alguma — e esse bem sois Vós. Nem precisamos temer que não haja lugar para onde voltar, porque dele caímos: pois, com a nossa ausência, não caiu a nossa morada — que é a Vossa eternidade.

L I V R O

V

Fausto, Roma e Milão

c a p í t u l o s I – X I V



CAPÍTULO I

Recebei o sacrifício das minhas confissões pelo ministério da minha língua, que Vós formastes e despertastes para confessar o Vosso nome. *Curai todos os meus ossos, e digam eles: Senhor, quem é semelhante a Vós?* Pois quem se confessa a Vós não Vos ensina o que nele se passa; porque um coração fechado não fecha o Vosso olhar, nem a dureza dos homens pode repelir a Vossa mão: Vós a dissolveis quando quiserdes, por compaixão ou por vingança, *e nada há que se esconda ao Vosso calor*. Mas louve-Vos a minha alma, para que Vos ame; e confesse-Vos as Vossas misericórdias, para que Vos louve. Toda a Vossa criação não cessa nem se cala nos Vossos louvores: nem o espírito do homem, com a voz dirigida a Vós; nem a criação animada ou inanimada, pela

voz dos que a contemplam — para que a nossa alma se levante para Vós do seu cansaço, apoiando-se nas coisas que criastes e passando adiante até Vós, que as fizestes maravilhosamente. E aí está o alívio e a verdadeira fortaleza.

CAPÍTULO II

Afastem-se e fujam de Vós os inquietos e os ímpios; e, todavia, Vós os vedes e *dividis as trevas*. E eis que o universo, com eles, é belo, embora eles sejam torpes. E em que Vos prejudicaram? Ou em que desonraram o Vosso governo, que, do céu até esta terra ínfima, é justo e perfeito? Pois para onde fugiram, quando fugiram da Vossa presença? Ou onde não os encontrais? Mas fugiram para não Vos ver a Vós, que os vedes; e, cegos, para tropeçarem em Vós — porque não abandonais nada do que fizestes; para que os injustos, digo, tropeçassem em Vós e justamente se ferissem, afastando-se da Vossa mansidão, chocando-se contra a Vossa retidão e caindo sobre a sua própria aspereza. Ignorantes, na verdade, de que estais em toda parte, Vós, a quem nenhum lugar circunscreve, e que só Vós estais perto até daqueles que se afastam de Vós. Convertam-se, pois, e Vos busquem: porque Vós não abandonastes a Vossa criatura como ela abandonou o seu Criador. Convertam-se e Vos busquem; e eis que estais ali, no coração deles — no coração dos que a Vós se confessam, e sobre Vós se lançam, e choram no Vosso seio depois de todos os seus caminhos ásperos. E então, com brandura, enxugais-lhes as lágrimas, e eles choram ainda mais, e alegram-se no choro: porque sois Vós, Senhor — não um homem de carne e sangue, mas Vós, Senhor, que os fizestes — , quem os refaz e os consola. Mas onde estava eu, quando Vos

buscava? Vós estáveis diante de mim, e eu me afastara de Vós; e nem a mim mesmo encontrava — quanto menos a Vós!

CAPÍTULO III

Quero expor diante do meu Deus aquele vigésimo nono ano da minha idade. Chegara então a Cartago certo bispo dos maniqueus, de nome Fausto, grande laço do demônio, e muitos se prendiam a ele pela isca da sua linguagem suave. E eu, ainda que a louvasse, sabia separá-la da verdade das coisas que ansiava aprender; nem me importava tanto o serviço da eloquência quanto a ciência que esse Fausto, tão louvado entre eles, me punha diante para dela me alimentar. A fama o anunciara como conhecedor de todas as doutrinas de valor e exímio nas ciências liberais. E, uma vez que eu lera e retivera bem muita coisa dos filósofos, comparava algumas doutrinas deles com aquelas longas fábulas dos maniqueus, e achava as primeiras mais prováveis — ainda que elas só chegassem até a julgar deste mundo inferior, sem de modo algum poderem descobrir-lhe o Senhor. Pois *sois grande, Senhor, e olhais para os humildes; mas aos soberbos conheceis de longe*. Nem Vos aproximais senão dos contritos de coração, nem sois encontrado pelos soberbos — ainda que estes, por curiosa perícia, pudessem contar as estrelas e a areia, e medir os espaços celestes, e seguir o curso dos astros.

Pois é com a inteligência e o engenho que Vós lhes destes que investigam estas coisas; e muito descobriram, e predisseram, com muitos anos de antecedência, os eclipses daqueles luminares, o sol e a lua — em que dia e hora, e de quantos dígitos —, e não lhes falhou o cálculo, e aconteceu como haviam predito. E escreveram as regras que descobriram, e ainda hoje se leem; e delas outros

predizem em que ano e em que mês do ano, e em que dia do mês, e em que hora do dia, e em que parte da sua luz há de eclipsar-se a lua ou o sol; e assim sucede, tal como foi anunciado. Com estas coisas admiram-se e pasmam os homens que ignoram esta arte; e os que a conhecem exultam e se ensoberbecem; e, afastando-se de Vós por uma soberba ímpia e perdendo a Vossa luz, preveem tanto tempo antes um eclipse da luz do sol, que há de vir, e não veem o seu próprio, que já existe. Pois não investigam religiosamente donde lhes vem o engenho com que investigam estas coisas. E, descobrindo que Vós os fizestes, não se entregam a Vós para que guardeis o que fizestes, nem Vos sacrificam aquilo que eles mesmos fizeram de si; nem imolam as suas imaginações altaneiras, como aves do céu, nem as suas curiosidades mergulhadoras (com que, à maneira dos peixes do mar, percorrem os caminhos desconhecidos do abismo), nem a sua sensualidade, como animais do campo — para que Vós, Senhor, *fogo devorador*, consumísseis esses seus cuidados mortos e os recriásseis imortais.

Mas eles não conheceram o caminho, que é o Vosso Verbo, por quem fizestes as coisas que eles contam, e a eles mesmos que contam, e o sentido pelo qual percebem o que contam, e a inteligência com que contam; nem souberam *que a Vossa sabedoria não tem número*. Mas o Unigênito *fez-se para nós sabedoria, justiça e santificação*, e foi contado entre nós, e *pagou tributo a César*. Não conheceram este caminho, pelo qual desceriam de si mesmos até Ele e por Ele subiriam até Ele. Não conheceram este caminho, e julgavam-se elevados entre as estrelas e resplandecentes; e eis que *caíram por terra, e obscureceu-se-lhes o coração insensato*. Falam muitas coisas verdadeiras acerca da criatura; mas a Verdade, artífice da criatura, não a buscam

piedosamente, e por isso não A encontram; ou, se A encontram, *conhecendo a Deus, não O glorificam como a Deus, nem Lhe dão graças, mas desvanecem-se nos seus pensamentos, e, dizendo-se sábios*, atribuem a si mesmos o que é Vosso; e com isso, por cegueira perversíssima, esforçam-se por Vos imputar o que é deles, forjando mentiras a Vosso respeito, Vós que sois a Verdade, e *mudando a glória do Deus incorruptível em semelhança de imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis*; *trocando a Vossa verdade pela mentira, e adorando e servindo à criatura em vez do Criador*.

E, contudo, retive daqueles homens muitas verdades acerca da criatura, e via-lhes a razão pelos cálculos, pela sucessão dos tempos e pelos testemunhos visíveis dos astros; e comparava-as com os ditos de Manés, que ele, no seu delírio, escrevera com grande extensão sobre estes assuntos. E não encontrava ali explicação alguma dos solstícios, ou dos equinócios, ou dos eclipses dos luminares maiores, nem de nada do que aprendera nos livros da filosofia secular. E, todavia, mandavam-me acreditar; e aquilo não correspondia ao que fora estabelecido pelos cálculos e pela minha própria vista, mas era-lhe de todo contrário.

CAPÍTULO IV

Acaso, ó Senhor Deus da verdade, quem conhece estas coisas Vos agrada por isso? Certamente é infeliz quem conhece tudo isto e a Vós não conhece; e feliz quem Vos conhece, ainda que não conheça estas coisas. E quem Vos conhece a Vós e a elas não é mais feliz por causa delas, mas só por causa de Vós, se, conhecendo-Vos, Vos glorifica como a Deus, e Vos dá graças, e não se desvanece nos seus pensamentos. Pois, assim como está em melhor situação

quem sabe possuir uma árvore e Vos dá graças pelo seu uso, ainda que ignore quantos côvados tem de altura ou quanto se estende, do que aquele que a pode medir e contar-lhe todos os ramos, e todavia não a possui, nem conhece nem ama o seu Criador; assim o fiel, de quem é toda esta riqueza do mundo, e que, *nada tendo, tudo possui* por aderir a Vós, a quem tudo serve, ainda que não conheça sequer as voltas da Ursa Maior, é loucura duvidar de que esteja em melhor estado do que aquele que mede os céus, e conta as estrelas, e pesa os elementos, e todavia Vos descuida, a Vós que *tudo dispusestes em número, peso e medida*.

CAPÍTULO V

Mas quem mandou aquele Manés escrever também sobre estas coisas, cujo conhecimento não é elemento algum de piedade? Pois Vós dissestes ao homem: *Eis a piedade e a sabedoria* — e desta podia ele ser ignorante, ainda que tivesse conhecimento perfeito daquelas coisas; mas, não as conhecendo e ousando com toda a impudência ensiná-las, claramente não podia ter conhecimento algum da piedade. Pois é vaidade fazer profissão destas coisas mundanas, mesmo quando conhecidas; mas confessar-se a Vós é piedade. Por isso aquele extraviado falou muito destas coisas, para que, refutado pelos que verdadeiramente as haviam aprendido, ficasse manifesto que entendimento tinha ele nas outras coisas mais abstrusas. Pois não queria ser tido em pouca conta, mas procurava persuadir os homens de "que o Espírito Santo, consolador e enriquecedor dos Vossos fiéis, estava pessoalmente nele com plena autoridade". Quando, pois, se descobriu que ensinara falsamente acerca do céu e dos astros, e dos movimentos do sol e da lua — ainda que estas coisas não pertençam à doutrina

da religião —, tornar-se-ia bem evidente a sua presunção sacrílega, visto que expunha coisas que não só ignorava, mas que eram falsas, com tão insensata vaidade de soberba que pretendia atribuí-las a si mesmo como a uma pessoa divina.

Pois, quando ouço algum irmão cristão ignorante destas coisas e nelas enganado, posso com paciência ver tal homem manter a sua opinião; nem vejo que lhe possa prejudicar qualquer ignorância acerca da posição ou da natureza da criação corpórea, contanto que não creia nada de indigno de Vós, Senhor, criador de tudo. Prejudica-lhe, porém, se julgar que isso pertence à forma da doutrina da piedade, e quiser afirmar com teimosia aquilo que ignora. E, todavia, mesmo tal fraqueza, na infância da fé, é suportada pela caridade, nossa mãe, até que o recém-nascido *cresça até o homem perfeito, e não seja levado por todo vento de doutrina*. Mas naquele que de tal modo presumiu ser mestre, fonte, guia e chefe de todos os que pudesse persuadir, de sorte que quem o seguisse pensasse seguir não um simples homem, mas o Vosso Espírito Santo — quem não julgaria que tão grande loucura, uma vez convencida de haver ensinado algo falso, devia ser detestada e de todo rejeitada? Eu, porém, ainda não averiguara com clareza se as alternâncias dos dias e das noites mais longos e mais curtos, e do próprio dia e da noite, com os eclipses dos luminares maiores, e tudo o mais que dessa espécie eu lera noutros livros, se poderiam explicar de acordo com os ditos dele — de modo que, se por algum meio pudessem, restasse ainda para mim a questão de saber se era assim ou não; mas eu poderia, em razão da sua reputada santidade, apoiar a minha crença na sua autoridade.

CAPÍTULO VI

Durante quase todos aqueles nove anos em que, com espírito instável, fui discípulo deles, eu esperara com ansiedade excessiva a vinda deste Fausto. Pois os outros da seita, com quem por acaso topara, quando não sabiam resolver as minhas objeções sobre estas coisas, apontavam-me sempre a vinda deste Fausto, em cuja conversa estas e maiores dificuldades, se eu as tivesse, seriam prontíssima e abundantemente esclarecidas. Quando, pois, ele veio, achei nele um homem de discurso agradável, que falava com fluência e em melhores termos — mas dizendo, contudo, exatamente as mesmas coisas que os outros costumavam dizer. Mas de que servia a extrema elegância do copeiro à minha sede de uma bebida mais preciosa? Os meus ouvidos já estavam enfastiados de coisas semelhantes; nem me pareciam melhores por serem melhor ditas, nem verdadeiras por serem eloquentes, nem a alma sábia por ser belo o rosto e graciosa a linguagem. Mas aqueles que mo apontavam não eram bons juízes das coisas; e por isso lhes parecia inteligente e sábio, porque agradava nas palavras. Sentia eu, contudo, que havia outra espécie de gente que desconfiava até da verdade e se recusava a assentir-lhe, se apresentada em discurso fluente e copioso. Mas Vós, ó meu Deus, já me havíeis ensinado por caminhos admiráveis e secretos; e por isso creio que fostes Vós que mo ensinastes, porque é verdade, e não há, fora de Vós, mestre algum da verdade, onde quer e donde quer que ela nos resplandeça. De Vós, portanto, aprendera eu já que nada deve parecer dito com verdade só por ser dito com eloquência, nem falso por ser desarmônica a pronúncia dos lábios; nem, ao contrário, verdadeiro por ser rudemente dito, nem falso por ser rica a linguagem; mas que a sabedoria e a insensatez são como

alimentos sadios e nocivos, e as expressões ornadas ou sem ornato como vasos de corte ou do campo — e que qualquer dos dois alimentos pode ser servido em qualquer dos dois pratos.

Aquela avidez, pois, com que por tanto tempo esperara aquele homem, deleitou-se, na verdade, com o seu gesto e o seu ardor ao discutir, e com a escolha e a prontidão das palavras com que revestia as suas ideias. Deleitava-me, então, e com muitos outros, e mais do que eles, o louvava e exaltava. Contrariava-me, contudo, que na assembleia dos seus ouvintes não me fosse permitido intervir e comunicar-lhe, em conversa familiar, as questões que me atormentavam. Quando o pude, e com os meus amigos comecei a ocupar-lhe os ouvidos nas horas em que não era inconveniente que discutisse comigo, e lhe apresentei as coisas que me inquietavam, achei-o primeiramente de todo ignorante das ciências liberais, exceto a gramática — e esta apenas de modo comum. Mas, porque lera algumas Orações de Cícero, pouquíssimos livros de Sêneca, algumas coisas dos poetas e uns poucos volumes da sua própria seita escritos em latim e com esmero, e porque se exercitava diariamente em falar, adquirira certa eloquência, tanto mais agradável e sedutora quanto guiada por bom engenho e acompanhada de certa graça natural. Não é assim, tal como o recordo, ó Senhor meu Deus, juiz da minha consciência? Diante de Vós estão o meu coração e a minha memória, Vós que naquele tempo me conduzíeis pelo mistério oculto da Vossa providência, e púnheis diante do meu rosto aqueles meus erros vergonhosos, para que eu os visse e os odiasse.

CAPÍTULO VII

Pois, depois que ficou claro que ele era ignorante daquelas artes em que eu o julgava eminente, comecei a desesperar de que me abrisse e resolvesse as dificuldades que me atormentavam — das quais, aliás, ainda que ignorante, poderia ele ter possuído as verdades da piedade, se não fosse maniqueu. Pois os livros deles estão cheios de prolixas fábulas sobre o céu, os astros, o sol e a lua; e eu já não o julgava capaz de decidir satisfatoriamente o que muito desejava: se, comparadas estas coisas com os cálculos que lera alhures, o que se dizia nos livros de Manés era preferível, ou pelo menos igualmente bom. E, quando propus que isso fosse examinado e discutido, ele, com bastante modéstia, esquivou-se ao peso. Pois sabia que não sabia estas coisas, e não se envergonhou de o confessar. Não era daqueles tagarelas — e muitos deles eu suportara — que se ofereciam para me ensinar estas coisas e nada diziam. Este homem, porém, tinha um coração que, embora não reto para convosco, tampouco era de todo desleal consigo mesmo. Pois não ignorava de todo a sua própria ignorância, nem queria enredar-se temerariamente numa discussão de que não pudesse retirar-se nem sair com decoro. E por isto mesmo mais me agradou. Pois mais bela é a modéstia de um espírito sincero do que o conhecimento daquelas coisas que eu desejava; e assim o encontrei em todas as questões mais difíceis e sutis.

Embotado assim o meu zelo pelos escritos de Manés, e desesperando ainda mais dos seus outros mestres, uma vez que em várias coisas que me atormentavam aquele, tão célebre entre eles, se revelara tal, comecei a ocupar-me com ele no estudo daquela literatura pela qual também ele muito se inclinava — e que eu, como professor de retórica, ensinava então aos jovens em Cartago

—, e a ler com ele ou o que ele mesmo desejava ouvir, ou o que eu julgava adequado ao seu engenho. Mas todos os meus esforços, com que me propusera progredir naquela seita, chegaram inteiramente ao fim, uma vez conhecido aquele homem — não que eu me tenha desligado deles por completo, mas, como quem nada melhor encontra, resolvera contentar-me entretanto com aquilo em que, de um modo ou de outro, viera a cair, a não ser que por acaso me aparecesse algo mais desejável. Assim, aquele Fausto, que para tantos fora laço de morte, começara já, sem o querer nem o saber, a afrouxar aquele em que eu estava preso. Pois as Vossas mãos, ó meu Deus, no desígnio secreto da Vossa providência, não abandonavam a minha alma; e do sangue do coração de minha mãe, pelas lágrimas que noite e dia derramava, oferecia-se por mim um sacrifício a Vós; e Vós agistes comigo por caminhos admiráveis. Fostes Vós que o fizestes, ó meu Deus: pois *os passos do homem são dirigidos pelo Senhor, e Ele lhe disporá o caminho*. Ou como havemos de alcançar a salvação, senão da Vossa mão, que refaz o que fez?

CAPÍTULO VIII

Agistes comigo de modo que eu fosse persuadido a ir a Roma e a ensinar ali, de preferência, o que ensinava em Cartago. E como fui persuadido a isto, não deixarei de Vo-lo confessar; porque também aqui se devem considerar e confessar os recessos mais profundos da Vossa sabedoria e a Vossa misericórdia presentíssima para conosco. Não quis, pois, ir a Roma porque os amigos que a isso me persuadiam me garantissem maiores ganhos e maiores honras — ainda que também estas coisas tivessem então influência sobre o meu espírito —; mas a minha principal e quase

única razão foi ouvir dizer que ali os jovens estudavam com mais sossego e eram mantidos em ordem por uma disciplina mais regular, de sorte que não irrompiam à vontade, com petulância, na escola de um mestre de quem não eram alunos, nem sequer eram admitidos sem a sua licença. Ao passo que em Cartago reina entre os estudantes uma licença vergonhosíssima e desordenada. Irrompem com audácia e, com gestos quase frenéticos, perturbam toda a ordem que alguém tenha estabelecido para o bem dos seus alunos. Cometem muitas violências, com espantosa estupidez, puníveis por lei se o costume não as sustentasse — costume que tanto mais os mostra miseráveis quanto agora fazem como lícito o que pela Vossa lei eterna jamais será lícito; e julgam fazê-lo impunemente, quando são punidos com a própria cegueira com que o fazem, e sofrem incomparavelmente pior do que aquilo que fazem. Os costumes, pois, que, sendo estudante, eu não quisera adotar, tinha agora, como mestre, de suportar nos outros; e por isso me agradava ir para onde todos os que o conheciam me garantiam que tais coisas não se faziam. Mas Vós, *meu refúgio e minha porção na terra dos viventes*, para que eu mudasse a minha morada terrena em favor da salvação da minha alma, em Cartago me aguilhoáveis para que dali fosse arrancado, e em Roma me oferecíeis atrativos com que para lá fosse atraído — por meio de homens apaixonados por uma vida que morre, uns fazendo coisas insanas, outros prometendo coisas vãs; e, para corrigir os meus passos, usáveis secretamente da perversidade deles e da minha. Pois tanto os que perturbavam o meu sossego estavam cegos por um vergonhoso frenesi, quanto os que me convidavam para outra parte tinham gosto de terra. E eu, que aqui detestava uma miséria real, ali buscava uma felicidade irreal.

Mas por que parti daqui e fui para lá, Vós o sabíeis, ó Deus; e não o mostrastes nem a mim nem a minha mãe, que amargamente chorou a minha viagem e me seguiu até o mar. Mas eu a enganei, quando ela me retinha à força, para que ou me detivesse ou fosse comigo; e fingi que tinha um amigo a quem não podia deixar até que ele tivesse vento favorável para navegar. E menti a minha mãe — e a tal mãe! — e escapei. E também isto me perdoastes misericordiosamente, preservando-me, cheio como eu estava de execráveis imundícies, das águas do mar, para a água da Vossa graça; pela qual, quando eu fosse lavado, se haviam de secar os rios dos olhos de minha mãe, com que por mim regava diariamente a terra sob o seu rosto. E, todavia, recusando ela voltar sem mim, a custo a persuadi a passar aquela noite num lugar perto do nosso navio, onde havia um oratório em memória do bem-aventurado Cipriano. Naquela noite parti às escondidas; mas ela não deixou de chorar e de orar. E que Vos pedia ela, Senhor, com tantas lágrimas, senão que não permitísseis que eu navegasse? Mas Vós, na profundidade dos Vossos conselhos, e ouvindo o ponto essencial do seu desejo, não atendestes ao que então pedia, para me fazerdes aquilo que ela sempre pedia. Soprou o vento e encheu as nossas velas, e afastou da nossa vista a praia; e ela, na manhã seguinte, ali estava, louca de dor, e com queixas e gemidos enchia os Vossos ouvidos, que então os desatendiam — enquanto, pelos meus desejos, Vós me arrastáveis para o fim de todos os desejos, e a parte terrena do afeto que ela me tinha era castigada pelo açoite merecido das dores. Pois ela amava ter-me consigo, como fazem as mães, mas muito mais do que muitas; e não sabia que grande alegria lhe preparáveis Vós da minha ausência. Não o sabia; e por isso chorava e se lamentava, e nesta agonia aparecia nela a herança

de Eva, buscando com dor o que com dor dera à luz. E, contudo, depois de acusar a minha traição e a minha dureza de coração, voltou a interceder por mim diante de Vós, e regressou ao seu lugar de costume — e eu, para Roma.

CAPÍTULO IX

E eis que ali fui recebido pelo açoite de uma doença corporal, e descia para o inferno carregando todos os pecados que cometera, contra Vós, contra mim e contra os outros, muitos e graves, além daquele vínculo do pecado original, pelo qual *todos morremos em Adão*. Pois Vós ainda não me havíeis perdoado nada disto em Cristo, nem Ele abolira pela Sua cruz a inimizade que pelos meus pecados eu contraíra convosco. E como o faria, pela crucifixão de um fantasma, que era o que eu O julgava ser? Tão verdadeira era, então, a morte da minha alma quanto me parecia falsa a da Sua carne; e tão verdadeira era a morte do Seu corpo quanto falsa a vida da minha alma, que nela não cria. E, agravando-se a febre, eu partia e me ia embora para sempre. Pois, se então eu partisse daqui, para onde iria, senão para o fogo e os tormentos que os meus feitos mereciam, na verdade da Vossa ordenação? E isto ela não sabia; e, todavia, ausente, orava por mim. Mas Vós, presente em toda parte, ouvíeis-la onde ela estava, e, onde eu estava, tivestes compaixão de mim, de modo que eu recobrasse a saúde do corpo, ainda que continuasse delirante no meu coração sacrílego. Pois em todo aquele perigo não desejei o Vosso batismo; e melhor era eu quando menino, quando o pedi à piedade de minha mãe, como já antes recordei e confessei. Mas eu crescera para a minha própria vergonha, e escarnecia insensatamente das prescrições da Vossa medicina — Vós que não permitistes que eu, sendo tal, morresse

de morte dupla. Se com esta ferida tivesse sido trespassado o coração de minha mãe, jamais poderia ele ser curado. Pois não sei exprimir o afeto que ela me tinha, e com quanto mais veemente angústia me dava à luz então no espírito do que quando me dera à luz na carne.

Não vejo, pois, como poderia ela ser curada, se tal morte minha lhe houvesse trespassado as entranhas do seu amor. E onde estariam aquelas suas orações tão fortes e incessantes, dirigidas sem interrupção só a Vós? Mas acaso desprezaríeis Vós, ó Deus das misericórdias, *o coração contrito e humilhado* daquela viúva casta e sóbria, tão assídua nas esmolas, tão cheia de dedicação e de serviço para com os Vossos santos, que nenhum dia deixava de fazer a oblação no Vosso altar, e que, duas vezes ao dia, de manhã e à tarde, sem falta alguma vinha à Vossa igreja — não para conversas vãs e fábulas de velhas, mas para Vos ouvir nos Vossos discursos e para que Vós a ouvísseis nas suas orações? Podíeis Vós desprezar e afastar do Vosso auxílio as lágrimas de tal mulher, com as quais não Vos pedia ouro nem prata, nem bem algum mutável e passageiro, mas a salvação da alma do seu filho — Vós, por cujo dom ela era tal? Nunca, Senhor. Antes, estáveis ao lado, e ouvíeis, e agíeis, naquela ordem em que antes determinastes que se fizesse. Longe de Vós enganá-la nas visões e nas respostas, algumas das quais mencionei e outras não, que ela guardava no seu coração fiel e, orando sempre, Vos apresentava como escritura de Vossa própria mão. Pois Vós, *porque a Vossa misericórdia permanece para sempre*, dignais-Vos tornar-Vos devedor pelas Vossas promessas para com aqueles a quem perdoais todas as dívidas.

CAPÍTULO X

Restabelecestes-me, pois, daquela doença, e curastes o filho da Vossa serva, por então quanto ao corpo, para que vivesse e Vós lhe désseis uma saúde melhor e mais duradoura. E, mesmo então, em Roma, uni-me àqueles "santos" enganadores e enganados — não só aos seus discípulos, entre os quais estava aquele em cuja casa eu adoecera e me restabelecera, mas também àqueles a quem chamam "os Eleitos". Pois eu ainda pensava "que não somos nós que pecamos, mas que peca em nós não sei que outra natureza"; e agradava à minha soberba estar livre de culpa, e, quando cometia algum mal, não confessar que o cometera, para que curásseis a minha alma, *porque contra Vós pecara*; antes, amava desculpá-la e acusar não sei que outra coisa, que estava comigo mas que não era eu. Na verdade, porém, era eu inteiro; e a minha impiedade dividira-me contra mim mesmo. E tanto mais incurável era aquele pecado quanto por ele não me julgava pecador; e execrável iniquidade era preferir que Vós, ó Deus onipotente, fôsseis vencido em mim para a minha perdição, a que eu fosse vencido por Vós para a minha salvação. Ainda não havíeis, pois, *posto guarda à minha boca e uma porta de vigilância aos meus lábios, para que o meu coração não se desviasse para palavras más, para buscar escusas dos pecados com os homens que praticam a iniquidade*; e por isso continuava eu unido aos seus Eleitos.

Mas agora, desesperando de progredir naquela doutrina falsa, até aquelas coisas com que resolvera contentar-me, se nada melhor encontrasse, eu as sustentava com mais frouxidão e descuido. Pois nascia em mim, a meio, o pensamento de que aqueles filósofos a que chamam Acadêmicos eram mais sábios do que os demais, por sustentarem que se deve duvidar de tudo e por afirmarem que

nenhuma verdade pode ser compreendida pelo homem; pois, não entendendo então sequer o que queriam dizer, também eu estava plenamente convencido de que pensavam como comumente se diz. E, contudo, com franqueza e abertamente dissuadia aquele meu hospedeiro daquela confiança excessiva que eu percebia ter ele naquelas fábulas de que os livros de Manés estão cheios. E, todavia, vivia em amizade mais familiar com eles do que com outros que não eram desta heresia. Nem já a sustentava com o antigo ardor; mas a minha intimidade com aquela seita — pois Roma abrigava em segredo muitos deles — tornava-me mais lento em buscar outro caminho, especialmente porque eu desesperava de encontrar a verdade, da qual eles me haviam desviado, na Vossa Igreja, ó Senhor do céu e da terra, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E parecia-me muito indecoroso crer que Vós tivésseis a forma da carne humana e fôsseis limitado pelos contornos corpóreos dos nossos membros. E, porque, quando queria pensar no meu Deus, não sabia pensar senão numa massa de corpos — pois o que não era tal não me parecia ser coisa alguma —, esta foi a maior e quase única causa do meu erro inevitável.

Pois daí acreditava eu que também o Mal fosse alguma espécie de substância, e que tivesse a sua massa torpe e horrenda: ou grosseira, à qual chamavam terra, ou tênue e sutil, como o corpo do ar, que imaginam ser certa mente maligna rastejando por aquela terra. E, porque uma piedade, tal como era, me obrigava a crer que o Deus bom nunca criara natureza alguma má, concebia duas massas contrárias uma à outra, ambas infinitas, mas a má mais estreita e a boa mais ampla. E deste princípio pestilento seguiram-se em mim as demais imaginações sacrílegas. Pois, quando o meu espírito tentava voltar à fé católica, era repelido,

uma vez que não era fé católica aquilo que eu julgava sê-lo. E parecia-me mais reverente crer que Vós, meu Deus — a quem as Vossas misericórdias confessam pela minha boca —, éreis infinito ao menos dos outros lados, ainda que naquele em que a massa do mal se Vos opunha eu fosse forçado a confessar-Vos limitado, do que imaginar-Vos limitado por todos os lados pela forma de um corpo humano. E parecia-me melhor crer que Vós não criastes mal algum — o qual, na minha ignorância, me parecia não só alguma coisa, mas substância corpórea, porque eu não podia conceber a mente senão como um corpo sutil difundido em espaços definidos — do que crer que a natureza do mal, tal como eu a concebia, pudesse vir de Vós. E até o próprio Salvador, Vosso Unigênito, eu O julgava como que estendido para a nossa salvação a partir da massa da Vossa substância luminosíssima, de modo que nada d'Ele cria senão o que na minha vaidade podia imaginar. Sendo tal a Sua natureza, pensava eu que não poderia nascer da Virgem Maria sem se misturar com a carne; e como aquilo que eu assim figurara se pudesse misturar sem se contaminar, eu não via. Temia, portanto, crer que Ele nascera na carne, para não ser forçado a crê-Lo contaminado pela carne. Agora os Vossos homens espirituais sorrirão de mim com brandura e amor, se lerem estas minhas confissões. Mas tal era eu.

CAPÍTULO XI

Além disso, quanto ao que os maniqueus censuravam nas Vossas Escrituras, eu julgava que não se podia defender; e, contudo, por vezes desejava discutir estes pontos, um por um, com alguém muito versado naqueles livros, e provar o que ele pensaria a respeito. Pois já em Cartago começaram a impressionar-me as

palavras de certo Helpídio, quando falava e disputava face a face contra os ditos maniqueus, ao apresentar coisas tiradas das Escrituras às quais não era fácil resistir, e cuja resposta dos maniqueus me parecia fraca. E essa resposta não gostavam eles de dar em público, mas só a nós, em particular. Era que as Escrituras do Novo Testamento haviam sido corrompidas por não sei quem, que quisera enxertar a lei dos judeus na fé cristã; e, todavia, eles mesmos não apresentavam exemplares incorruptos. Mas eu, concebendo apenas coisas corpóreas, era sobretudo mantido preso, veementemente oprimido e como que sufocado por aquelas "massas"; e, arquejando debaixo delas em busca do sopro da Vossa verdade, não podia respirá-lo puro e sem mistura.

CAPÍTULO XII

Comecei, então, a exercer com diligência aquilo por que viera a Roma: ensinar retórica; e primeiro a reunir em minha casa alguns aos quais, e por meio dos quais, começara a tornar-me conhecido. E eis que descobri em Roma outras faltas, às quais não estava exposto na África. Verdade é que aquelas "demolições" praticadas por jovens devassos não se faziam ali, como me disseram; mas de repente, diziam-me, para não pagarem os honorários ao mestre, muitos jovens conspiram entre si e passam para outro — violadores da fé, que por amor do dinheiro têm a justiça em pouco. Também a estes odiava o meu coração, ainda que não com ódio perfeito: pois talvez os odiasse mais por haver de sofrer por causa deles do que por fazerem coisas de todo ilícitas. Na verdade, tais pessoas são vis, e *fornicam para longe de Vós*, amando estas fugazes zombarias das coisas temporais e o lucro imundo, que suja a mão que o aperta; abraçando o mundo que passa e desprezando-

Vos a Vós, que permaneceis, e chamais de volta, e perdoais à alma adúltera do homem, quando ela a Vós retorna. E agora odeio tais homens depravados e tortuosos, ainda que os ame para que se corrijam, de modo que prefiram ao dinheiro o saber que adquirem, e ao saber a Vós, ó Deus, verdade e plenitude do bem seguro e paz puríssima. Mas então eu antes os desaprovava, maus como eram, por causa de mim mesmo, do que os queria bons por causa de Vós.

CAPÍTULO XIII

Quando, pois, os de Milão escreveram a Roma, ao prefeito da cidade, pedindo que lhes fornecesse um professor de retórica para a sua cidade, enviando-o à custa pública, apresentei-me — por meio daquelas mesmas pessoas embriagadas de vaidades maniqueias, para me livrar das quais eu partiria, sem que nenhum de nós o soubesse — a fim de que Símaco, então prefeito da cidade, me examinasse propondo-me algum tema, e assim me enviasse. E vim a Milão, a Ambrósio, o bispo, conhecido no mundo inteiro como um dos melhores dos homens, Vosso piedoso servo, cujo discurso eloquente distribuía então abundantemente ao Vosso povo *a flor do Vosso trigo, a alegria do Vosso óleo* e a sóbria embriaguez do Vosso vinho. A ele fui conduzido por Vós sem o saber, para que por ele fosse conduzido a Vós sabendo-o. Aquele homem de Deus recebeu-me como um pai e mostrou-me, na minha chegada, uma bondade de bispo. Desde então comecei a amá-lo — não, a princípio, como mestre da verdade, que eu de todo desesperava de encontrar na Vossa Igreja, mas como pessoa bondosa para comigo. E ouvia-o com diligência pregar ao povo, não com a intenção que devia, mas

como quem lhe prova a eloquência, para ver se correspondia à sua fama, ou se corria mais cheia ou mais fraca do que se dizia. E ficava suspenso das suas palavras com atenção; mas quanto ao conteúdo era eu um espectador descuidado e desdenhoso. E deleitava-me com a doçura do seu discurso, mais douto, ainda que de maneira menos cativante e harmoniosa do que o de Fausto. Quanto ao conteúdo, porém, não havia comparação: pois um andava errante em meio às ilusões maniqueias, e o outro ensinava a salvação com toda a solidez. Mas *a salvação está longe dos pecadores*, tal como eu era então diante dele; e, contudo, ia-me aproximando pouco a pouco, e sem o perceber.

CAPÍTULO XIV

Pois, ainda que eu não me esforçasse por aprender o que ele dizia, mas apenas por ouvir como o dizia — era este o único e vão cuidado que me restava, desesperando eu de um caminho aberto ao homem para chegar a Vós —, juntamente com as palavras que eu queria acolher entravam também no meu espírito as coisas que eu queria rejeitar; pois não podia separá-las. E, enquanto abria o coração para admitir "quão eloquentemente ele falava", entrava também "quão verdadeiramente ele falava" — mas isto pouco a pouco. Pois, primeiro, aquelas coisas começaram a parecer-me capazes de defesa; e a fé católica, em favor da qual eu julgava que nada se podia dizer contra as objeções dos maniqueus, parecia-me agora poder sustentar-se sem desonra, sobretudo depois de ouvir explicados um ou dois lugares do Antigo Testamento, e muitas vezes "em sentido figurado" — os quais, quando eu os entendia à letra, *me matavam* espiritualmente. Explicados, pois, muitíssimos lugares daqueles livros, censurava agora o meu desespero, por

haver crido que nenhuma resposta se podia dar aos que odiavam e escarneciam a Lei e os Profetas. E, contudo, nem por isso via ainda que se devesse abraçar o caminho católico, só porque também ele podia encontrar defensores doutos, capazes de responder às objeções com largueza e com alguma aparência de razão; nem que o que eu sustentava devesse por isso ser condenado, já que ambos os lados podiam ser defendidos. Pois a causa católica parecia-me, deste modo, não vencida, mas ainda não vitoriosa.

Dediquei-me, então, com todo o empenho a ver se de algum modo poderia, por alguma prova certa, convencer os maniqueus de falsidade. Se uma só vez eu tivesse podido conceber uma substância espiritual, todas as suas fortalezas teriam sido derrubadas e lançadas de todo fora do meu espírito; mas não podia. Não obstante, quanto à estrutura deste mundo e a toda a natureza que os sentidos da carne podem alcançar, à medida que ia considerando e comparando as coisas, julgava muito mais prováveis as doutrinas da maioria dos filósofos. Assim, pois, à maneira dos Acadêmicos, como se supõe que faziam, duvidando de tudo e oscilando entre todas as opiniões, decidi ao menos isto: que se deviam abandonar os maniqueus; julgando que, mesmo em dúvida, não devia permanecer naquela seita, à qual já preferia alguns dos filósofos. Mas a esses filósofos, por estarem sem o Nome salvador de Cristo, recusei absolutamente confiar a cura da minha alma enferma. Resolvi, portanto, ser catecúmeno na Igreja Católica, à qual fora confiado por meus pais, até que algo de certo me aparecesse, para onde dirigir o meu rumo.

L I V R O

VI

Ambrósio, Alípio e Mônica

c a p í t u l o s I – X V I



CAPÍTULO I

Ó *minha esperança desde a minha juventude*, onde estáveis Vós para mim, e para onde Vos havíeis retirado? Porventura não me criastes Vós, e não me distinguistes dos animais do campo e das aves do céu? Fizestes-me mais sábio do que eles, e todavia eu caminhava nas trevas e em lugares escorregadios, e Vos buscava fora de mim, e não encontrava o Deus do meu coração; e chegara *às profundezas do mar*, e desconfiava e desesperava de alguma vez encontrar a verdade. Já chegara junto de mim minha mãe, resoluta pela piedade, seguindo-me por mar e por terra, e em todos os perigos confiando em Vós. Pois, nos perigos do mar, era ela quem confortava os próprios marinheiros — por quem antes costumam ser confortados os passageiros inexperientes do alto-mar, quando

se perturbam —, garantindo-lhes uma chegada segura, porque Vós lha havíeis garantido por uma visão. Encontrou-me em grave perigo, pelo desespero de alguma vez achar a verdade. Mas, quando lhe revelei que já não era maniqueu, ainda que também não fosse cristão católico, ela não transbordou de alegria como diante de algo inesperado, embora estivesse agora tranquila quanto àquela parte da minha miséria, pela qual me chorava como a um morto, mas a ser despertado por Vós, levando-me diante de Vós no féretro dos seus pensamentos, para que disséssseis ao filho da viúva: *Jovem, eu te digo: levanta-te*; e ele revivesse, e começasse a falar, e Vós o entregásseis a sua mãe. O coração dela, pois, não se agitou com nenhuma exultação tumultuosa quando ouviu que aquilo que diariamente Vos pedia com lágrimas já estava em tão grande parte realizado, uma vez que, ainda que eu não houvesse alcançado a verdade, fora arrancado à falsidade. Antes, como quem está certa de que Vós, que prometestes o todo, um dia lhe dareis também o resto, respondeu-me com toda a calma e com o coração cheio de confiança "que cria em Cristo que, antes de partir desta vida, me veria fiel católico". Isto a mim. Mas a Vós, fonte das misericórdias, derramava ela preces e lágrimas ainda mais abundantes, para que apressásseis o Vosso auxílio e *iluminásseis as minhas trevas*; e tanto mais ansiosamente corria à igreja e ficava suspensa dos lábios de Ambrósio, orando pela *fonte daquela água que jorra para a vida eterna*. E àquele homem amava-o como a um anjo de Deus, porque sabia que fora por ele que eu chegara, por então, àquele estado duvidoso da fé em que me achava; e por ele antecipava com toda a confiança que eu passaria da doença à saúde, depois do acesso, por assim dizer, de uma crise mais aguda, a que os médicos chamam "o momento decisivo".

CAPÍTULO II

Ora, tendo minha mãe levado certa vez às igrejas construídas em memória dos santos, como costumava fazer na África, uns bolos, pão e vinho, e sendo proibida pelo porteiro, assim que soube que fora o bispo quem o proibira, abraçou tão piedosa e obedientemente a sua vontade, que eu mesmo me admirei de como censurou prontamente o seu próprio costume, em vez de discutir a proibição. Pois não era o gosto do vinho que lhe assediava o espírito, nem o amor ao vinho a provocava a odiar a verdade, como acontece a muitos — homens e mulheres — que se revoltam contra uma lição de sobriedade como os bêbados contra uma bebida misturada com água. Mas ela, quando levava o seu cesto com os alimentos festivos habituais, para provar apenas um pouco e distribuir o resto, jamais lhes juntava mais do que um pequeno copo de vinho, diluído conforme os seus hábitos abstêmios, e do qual provava por cortesia. E, se havia muitas igrejas de santos falecidos a honrar daquele modo, levava sempre à roda aquele mesmo único copo, para usar em toda parte; e este, não só muito aguado, mas desagradavelmente aquecido de tanto ser carregado, distribuía-o em pequenos goles aos que a cercavam — pois buscava ali devoção, e não prazer. Assim que descobriu que este costume era proibido por aquele célebre pregador e piedosíssimo prelado, mesmo aos que dele usassem sobriamente, para que não se desse ocasião de excesso aos bêbados, e porque tais solenidades fúnebres anuais muito se assemelhavam à superstição dos gentios, abandonou-o de bom grado. E, em lugar de um cesto cheio de frutos da terra, aprendera a levar às igrejas dos mártires um peito cheio de súplicas mais puras, e a dar aos pobres o que pudesse; para que assim a comunhão do Corpo do Senhor fosse

ali devidamente celebrada, onde, à imitação da Sua Paixão, os mártires haviam sido imolados e coroados. E, contudo, parece-me, ó Senhor meu Deus, e assim pensa o meu coração na Vossa presença, que talvez ela não cedesse tão prontamente à supressão deste costume, se a proibição viesse de outro que ela não amasse como a Ambrósio, a quem, pela minha salvação, amava com todo o coração — e ele a ela, pela sua conduta religiosíssima, pela qual, tão fervorosa de espírito nas boas obras, era assídua na igreja; de modo que, quando me via, muitas vezes irrompia em louvores dela, congratulando-me por ter tal mãe, e ignorando que filho tinha ela em mim, que duvidava de todas estas coisas e julgava impossível descobrir o caminho da vida.

CAPÍTULO III

Nas minhas orações eu ainda não gemia para que me socorrêsseis; antes, o meu espírito estava inteiramente entregue ao estudo e inquieto por discutir. E ao próprio Ambrósio eu o tinha por homem feliz, à maneira do mundo, por ser honrado por personagens tão grandes; só o seu celibato me parecia um caminho penoso. Mas que esperança levava dentro de si, que lutas travava contra as tentações que assediavam as suas próprias excelências, ou que consolo tinha nas adversidades, e que doces alegrias encontrava o Vosso Pão para a boca oculta do seu espírito quando o ruminava — isto eu nem podia conjeturar nem experimentara. Nem ele conhecia as marés dos meus sentimentos, nem o abismo do meu perigo. Pois eu não podia perguntar-lhe o que queria, como queria, estando afastado tanto do seu ouvido quanto da sua palavra por multidões de pessoas atarefadas, a cujas fraquezas ele servia. E, quando não estava ocupado com elas — e era por pouco

tempo —, ou refazia o corpo com o alimento estritamente necessário, ou o espírito com a leitura. Mas, quando lia, os olhos corriam-lhe pelas páginas e o coração perscrutava-lhe o sentido, mas a voz e a língua ficavam em repouso. Muitas vezes, quando chegávamos — pois a ninguém era proibido entrar, nem era costume seu que se lhe anunciasse quem viesse —, víamo-lo assim, lendo em silêncio, e nunca de outro modo; e, tendo ficado longamente sentados sem falar (pois quem ousaria importunar homem tão absorto?), retirávamo-nos, conjeturando que naquele pequeno intervalo que obtinha, livre do rumor dos negócios alheios, para refazer o espírito, não queria ser interrompido. E talvez temesse que, se o autor que lia expusesse algo obscuramente, algum ouvinte atento ou perplexo lhe pedisse que o explicasse ou que discutisse algumas das questões mais difíceis; e assim, gasto desse modo o seu tempo, não pudesse percorrer tantos volumes quantos desejava. Ainda que a preservação da voz, que um pouco de conversa lhe enfraquecia, pudesse ser a razão mais verdadeira da sua leitura silenciosa. Mas, com qualquer intenção que o fizesse, certamente em tal homem era bom.

Eu, contudo, não tinha decerto ocasião de indagar o que desejava daquele tão santo oráculo Vosso, que era o peito dele, a não ser que a coisa pudesse ser respondida em poucas palavras. Mas aquelas marés que havia em mim, para se derramarem diante dele, exigiam todo o seu tempo livre — e nunca o encontraram. Ouvia-o, é certo, todos os domingos, expondo retamente ao povo *a palavra da verdade*; e convencia-me cada vez mais de que todos os nós daquelas calúnias astuciosas, que os nossos enganadores haviam atado contra os Livros divinos, podiam ser desatados. Mas, quando compreendi também que "o homem, criado por Vós à

Vossa imagem", não era entendido pelos Vossos filhos espirituais, que gerastes de novo pela graça da Mãe Católica, como se cressem e concebessem que Vós fôsseis limitado pela forma humana — ainda que eu não tivesse sequer a mais ténue e sombria noção do que fosse uma substância espiritual —, corei de alegria por haver latido durante tantos anos não contra a fé católica, mas contra as ficções de imaginações carnais. Pois fora tão temerário e ímpio que, aquilo que devia ter aprendido perguntando, eu o afirmara condenando. Pois Vós, altíssimo e proximíssimo, secretíssimo e presentíssimo, que não tendes membros uns maiores e outros menores, mas estais todo em toda parte e em nenhum lugar do espaço, não sois de tal forma corpórea — e todavia fizestes o homem à Vossa imagem; e eis que ele, da cabeça aos pés, está contido no espaço.

CAPÍTULO IV

Ignorando, pois, como poderia subsistir esta Vossa imagem, eu deveria ter batido e proposto a dúvida sobre como se havia de crer nisso, e não opor-me a ela com insultos, como se nela se cresse daquele modo. A dúvida, então, sobre o que ter por certo, tanto mais agudamente me roía o coração quanto mais me envergonhava de, iludido e enganado por tanto tempo com a promessa de certezas, haver, com erro e veemência pueris, tagarelado sobre tantas incertezas. Que fossem falsidades, tornou-se-me claro mais tarde. Contudo, estava certo de que eram incertas, e de que antes as tivera por certas, quando, com cega obstinação, acusava a Vossa Igreja Católica — que agora descobria, na verdade, ainda não ensinar com verdade, mas ao menos não ensinar aquilo pelo qual gravemente a censurara.

Assim fiquei confundido e converti-me; e alegrei-me, ó meu Deus, de que a única Igreja, corpo do Vosso Filho único, na qual o nome de Cristo me fora imposto quando criança, não tivesse gosto por concepções pueris, nem sustentasse na sua sã doutrina nenhuma tese que Vos encerrasse, a Vós, criador de tudo, no espaço — por grande e vasto que fosse, mas limitado por toda parte pelos contornos de uma forma humana.

Alegrei-me também de que as antigas Escrituras da Lei e dos Profetas se me apresentassem não já para serem lidas com aquele olhar com que antes me pareciam absurdas, quando eu injuriava os Vossos santos por assim pensarem, quando na verdade eles não pensavam assim. E com alegria ouvia Ambrósio, nos seus sermões ao povo, recomendar muitas vezes e com toda a diligência este texto como regra: *A letra mata, mas o espírito vivifica*; enquanto afastava o véu místico e abria espiritualmente aquilo que, segundo a letra, parecia ensinar algo pouco são — e nisso nada ensinava que me ofendesse, ainda que ensinasse coisas que eu ainda não sabia se eram verdadeiras. Pois eu retinha o coração de assentir a coisa alguma, temendo cair de cabeça; mas, ficando suspenso, era pior a morte que sofria. Pois queria ter das coisas que não via a mesma certeza que tinha de que sete e três são dez. Não era tão insensato a ponto de julgar que nem isto se podia compreender; mas desejava ter as demais coisas tão claras como esta, quer as corpóreas, que não estavam presentes aos meus sentidos, quer as espirituais, que eu não sabia conceber senão corporalmente. E, crendo, poderia ter sido curado, de modo que a vista da minha alma, purificada, se dirigisse de algum modo à Vossa verdade, que permanece sempre e em nada falha. Mas, assim como acontece que quem experimentou um mau médico teme confiar-se a um bom, assim

se passava com a saúde da minha alma, que não podia ser curada senão crendo; e, para não crer em falsidades, recusava ser curada, resistindo às Vossas mãos, que prepararam os remédios da fé e os aplicaram às doenças do mundo inteiro, e lhes deram tão grande autoridade.

CAPÍTULO V

Levado, contudo, a partir daqui a preferir a doutrina católica, sentia que o seu procedimento era mais modesto e mais honesto, por exigir que se cresse em coisas não demonstradas — quer porque em si mesmas pudessem ser demonstradas, mas não a certas pessoas, quer porque de modo algum o pudessem —, ao passo que entre os maniqueus a nossa credulidade era escarnecida por uma promessa de conhecimento certo, e depois se impunha a crença em tantas coisas fabulosíssimas e absurdas, justamente porque não podiam ser demonstradas. Então Vós, Senhor, pouco a pouco, com mão delicadíssima e misericordiosíssima, tocando e compondo o meu coração, me persuadistes — considerando eu quantas coisas inumeráveis eu cria sem as ter visto, nem estar presente quando aconteceram: tantas coisas da história dos povos, tantas notícias de lugares e de cidades que eu não vira, tantas coisas dos amigos, tantas dos médicos, tantas continuamente dos outros homens, sem as quais nada faríamos nesta vida; e, por fim, com que inabalável segurança eu cria de que pais nascera, o que não poderia saber se o não cresse por ouvir dizer — considerando tudo isto, Vós me persuadistes de que não eram os que criam nos Vossos Livros, que estabelecestes com tão grande autoridade entre quase todas as nações, mas os que neles não criam, que deviam ser censurados; e que não se deviam ouvir os que me dissessem:

"Como sabes tu que essas Escrituras foram dadas ao gênero humano pelo Espírito do único e veracíssimo Deus?" Pois esta era justamente a coisa em que mais se devia crer, uma vez que nenhuma obstinação de questões blasfemas, de toda aquela multidão que eu lera nos filósofos que se contradizem, jamais pudera arrancar-me esta crença: "que Vós existis", fosse qual fosse a Vossa natureza, que eu não conhecia, e "que a Vós pertence o governo das coisas humanas".

Nisto cria eu, ora com mais força, ora com mais fraqueza; e, contudo, sempre cri que existis e que cuidais de nós, ainda que ignorasse tanto o que se devia pensar da Vossa substância quanto qual o caminho que a Vós leva ou conduz de volta. Uma vez, pois, que éramos demasiado fracos para descobrir a verdade por raciocínios abstratos, e que por isso mesmo precisávamos da autoridade das Sagradas Letras, comecei então a crer que Vós nunca teríeis dado a esse Escrito tão eminente autoridade em todas as terras, se não quisésseis que por ele se cresse em Vós e por ele fôsseis buscado. Pois agora, aquelas coisas que na Escritura soavam estranhas e costumavam ofender-me, tendo ouvido explicadas satisfatoriamente muitas delas, atribuía-as à profundidade dos mistérios; e a sua autoridade parecia-me tanto mais venerável e mais digna de fé religiosa quanto, estando aberta a todos para a leitura, reservava a majestade dos seus mistérios num sentido mais profundo, abaixando-se a todos pela grande simplicidade das palavras e pela humildade do estilo, e todavia exigindo a mais intensa aplicação dos que não são levianos de coração; para que assim recebesse a todos no seu regaço aberto e, por passagens estreitas, fizesse chegar até Vós alguns poucos — mas muito mais numerosos do que se não se erguesse a tão grande altura de

autoridade, nem atraísse multidões ao seu seio pela sua santa humildade. Nestas coisas eu pensava, e Vós estáveis comigo; suspirava, e Vós me ouvíeis; vacilava, e Vós me guiáveis; percorria o largo caminho do mundo, e Vós não me abandonáveis.

CAPÍTULO VI

Suspirava pelas honras, pelos ganhos e pelo casamento; e Vós ríeis de mim. Nestes desejos suportei amaríssimas provações, sendo Vós tanto mais benigno quanto menos permitíeis que se me tornasse doce aquilo que não éreis Vós. Eis o meu coração, Senhor, Vós que quisestes que eu recordasse tudo isto e Vo-lo confessasse. Adira a Vós a minha alma, agora que a libertastes daquele visgo tenaz da morte. Como era ela infeliz! E Vós irritáveis-lhe a sensação da ferida, para que, abandonando tudo o mais, se convertesse a Vós, que estais acima de tudo e sem quem nada existiria; convertesse-se e fosse curada. Quão miserável era eu então, e de que modo agistes comigo para me fazer sentir a minha miséria naquele dia em que me preparava para recitar um panegírico do imperador, no qual havia de proferir muitas mentiras, e, mentindo, seria aplaudido por aqueles que sabiam que eu mentia! E o meu coração arquejava com estas ansiedades e fervia com a febre dos pensamentos que o consumiam. Pois, passando por uma das ruas de Milão, notei um pobre mendigo, então já, suponho, de barriga cheia, gracejando e alegre; e suspirei e falei aos amigos que me acompanhavam das muitas dores dos nossos delírios: porque, com todos aqueles esforços em que eu então me afadigava, arrastando, sob o aguilhão do desejo, o fardo da minha própria infelicidade e, arrastando-o, aumentando-o, não visávamos, afinal, senão chegar àquela mesma alegria a que aquele

mendigo já chegara antes de nós — e à qual talvez nunca chegássemos. Pois aquilo que ele obtivera com umas poucas moedas mendigadas, eu o tramava por muitos rodeios trabalhosos e tortuosos: a alegria de uma felicidade temporária. Na verdade, ele não tinha a alegria verdadeira; mas eu, com aqueles meus projetos ambiciosos, buscava outra muito menos verdadeira. E certamente ele estava alegre, e eu ansioso; ele sem cuidados, e eu cheio de temores. Mas, se alguém me perguntasse se preferia estar alegre ou temeroso, responderia: alegre. E, se me perguntasse de novo se preferia ser como ele era ou o que eu então era, escolheria ser eu mesmo, ainda que consumido de cuidados e temores — mas por juízo errado; pois seria isso a verdade? Não devia eu preferir-me a ele por ser mais instruído, uma vez que nisso não encontrava alegria alguma, mas apenas procurava agradar aos homens; e isso não para os instruir, mas simplesmente para lhes agradar. Por isso também *quebrastes os meus ossos com a vara da Vossa correção*.

Longe da minha alma, pois, os que lhe dizem: "Faz diferença de onde vem a alegria de um homem. Aquele mendigo alegrava-se na embriaguez; tu desejavas alegrar-te na glória." Que glória, Senhor? A que não está em Vós. Pois, assim como a dele não era alegria verdadeira, tampouco era aquela glória verdadeira — e mais ainda derrubava a minha alma. Ele, naquela mesma noite, digeriria a sua embriaguez; mas eu dormira e me levantara com a minha, e havia de dormir de novo e de novo levantar-me com ela, por quantos dias, Vós, ó Deus, o sabeis. Mas "faz diferença de onde vem a alegria de um homem": eu o sei, e a alegria de uma esperança fiel está incomparavelmente acima de tal vaidade. Sim, e assim estava ele então acima de mim; pois na verdade era ele o mais feliz, não só por estar todo ele encharcado de alegria, enquanto eu estava

estripado de cuidados, mas porque ele, com desejos honestos, conseguira vinho, e eu, mentindo, buscava um louvor vazio e inchado. Muito neste sentido disse eu então aos meus amigos; e muitas vezes observava neles como se passavam as coisas comigo, e achava que iam mal, e entristecia-me, e assim redobrava aquele mesmo mal. E, se alguma prosperidade me sorria, custava-me agarrá-la, porque, quase antes que a pudesse segurar, já voava.

CAPÍTULO VII

Estas coisas lamentávamos juntos nós, que vivíamos como amigos; mas era sobretudo e com maior intimidade que delas falava com Alípio e Nebrídio. Alípio nascera na mesma cidade que eu, de pessoas de primeira ordem, mas era mais novo do que eu. Estudara sob a minha direção, tanto quando comecei a lecionar na nossa cidade quanto depois em Cartago; e amava-me muito, porque lhe parecia eu bondoso e douto; e eu a ele, pela sua grande inclinação para a virtude, bastante eminente em quem tinha tão poucos anos. Contudo, o redemoinho dos costumes cartagineses, entre os quais se cultivam ardentemente aqueles espetáculos vãos, arrastara-o à loucura do Circo. E, enquanto ele se debatia miseravelmente ali, e eu, professando retórica naquela cidade, tinha escola pública, ainda não frequentava as minhas aulas, por causa de certa desavença surgida entre o pai dele e mim. Eu descobrira quão mortalmente ele se enamorara do Circo, e doía-me profundamente que parecesse prestes a desperdiçar — ou já houvesse desperdiçado — tão grande promessa. Mas não tinha meio de o aconselhar nem de, com alguma espécie de constrangimento, o reconduzir, nem pela benevolência de amigo, nem pela autoridade de mestre. Pois supunha que ele pensasse de

mim como o seu pai; mas ele não era assim. Deixando, pois, de lado o modo de pensar paterno naquela matéria, começou a saudar-me, a vir às vezes à minha sala de aula, a ouvir um pouco e a partir.

Eu, porém, esquecera-me de tratar com ele, para que não arruinasse tão bom engenho por um desejo cego e precipitado de passatempos vãos. Mas Vós, Senhor, que dirigis o curso de tudo o que criastes, não Vos havíeis esquecido dele, que um dia havia de estar entre os Vossos filhos, sacerdote e dispensador do Vosso sacramento; e, para que a sua emenda pudesse claramente ser atribuída a Vós, operastes por meio de mim, sem que eu o soubesse. Pois, estando eu um dia sentado no meu lugar habitual, com os alunos diante de mim, entrou ele, saudou-me, sentou-se e aplicou o espírito ao assunto que eu então tratava. Tinha por acaso entre mãos um texto que, ao explicá-lo, me sugeriu uma comparação tirada das corridas do Circo, capaz de tornar mais agradável e mais claro o que eu queria transmitir, temperada com mordaz zombaria daqueles que aquela loucura escravizara. Vós o sabeis, ó Deus, que eu então não pensava em curar Alípio daquela infecção. Mas ele tomou tudo para si e julgou que eu o dissera unicamente por sua causa. E aquilo de que outro tomaria ocasião para se ofender comigo, aquele jovem de espírito reto tomou como razão para se ofender consigo mesmo e para me amar mais ardentemente. Pois Vós o havíeis dito há muito tempo e o puséreis no Vosso livro: *Repreende o sábio, e ele te amará*. Mas não fora eu que o repreendera, e sim Vós, que empregais a todos, saibam-no ou não, naquela ordem que Vós mesmo conheceis — e essa ordem é justa —; e do meu coração e da minha língua fizestes brasas ardentes, com que abrasar aquele espírito promissor que assim

definhava, e assim curá-lo. Cale-se nos Vossos louvores quem não considera as Vossas misericórdias, que Vos confessam do mais íntimo da minha alma. Pois ele, após aquele discurso, saiu daquele fosso tão profundo em que voluntariamente se afundara e com cujos miseráveis passatempos se cegara; e sacudiu o espírito com forte domínio de si, e todas as imundícies dos jogos circenses se lhe desprenderam, e nunca mais ali voltou. Depois disto, convenceu o pai, contrariado, a deixá-lo ser meu aluno. Este cedeu e consentiu. E Alípio, voltando a ser meu ouvinte, envolveu-se comigo na mesma superstição, amando nos maniqueus aquela aparência de continência que julgava verdadeira e sem fingimento. Ora, era uma continência insensata e sedutora, que enredava almas preciosas, ainda incapazes de alcançar a profundidade da virtude e facilmente iludidas pela superfície do que era apenas sombra e imitação de virtude.

CAPÍTULO VIII

Ele, não abandonando aquela carreira secular que os pais lhe haviam encarecido, partira antes de mim para Roma, a fim de estudar direito; e ali foi arrebatado, de modo incrível, por um incrível ardor pelos espetáculos de gladiadores. Pois, sendo de todo avesso a tais espetáculos e detestando-os, encontrou-se um dia por acaso com vários conhecidos e colegas de estudos que vinham de jantar; e eles, com uma violência familiar, arrastaram-no, apesar da sua veemente recusa e resistência, até ao anfiteatro, durante aqueles cruéis e mortíferos espetáculos, protestando ele: "Ainda que arrasteis o meu corpo para aquele lugar e ali me coloqueis, podereis acaso forçar-me também a voltar para tais espetáculos o espírito ou os olhos? Estarei, pois, ausente estando

presente, e assim vos vencerei a vós e a eles." Eles, ouvindo isto, conduziram-no assim mesmo, desejosos talvez de experimentar justamente aquilo: se ele poderia fazer o que dizia. Quando ali chegaram e tomaram os lugares que puderam, todo o recinto se inflamou com aquele passatempo selvagem. Mas ele, fechando a passagem dos olhos, proibiu ao espírito que se lançasse a tanto mal — e oxalá tivesse tapado também os ouvidos! Pois, no combate, tendo caído um dos lutadores, o enorme clamor de todo o povo feriu-o com força; e ele, vencido pela curiosidade e como que preparado para desprezar e superar o que quer que fosse, ainda que visto, abriu os olhos — e foi ferido na alma com chaga mais funda do que a do corpo daquele que desejava contemplar; e caiu mais miseravelmente do que aquele com cuja queda se erguera aquele enorme ruído, que lhe entrara pelos ouvidos e lhe abrira os olhos, para dar passagem à ferida e à derrota de uma alma antes audaz do que resoluta, e tanto mais fraca quanto presumira de si mesma, quando devia ter confiado em Vós. Pois, assim que viu aquele sangue, sorveu com ele a crueldade; e não desviou o olhar, mas fixou-o, bebendo o frenesi sem o perceber; e deleitou-se com aquele combate criminoso e embriagou-se com aquele passatempo sangrento. E já não era o homem que viera, mas um da multidão a que viera; sim, verdadeiro companheiro dos que o haviam levado. Que mais dizer? Olhou, gritou, inflamou-se e levou consigo dali a loucura que o havia de aguilhoar a voltar — não só com os que primeiro o arrastaram, mas até antes deles, e ainda a arrastar outros. E, contudo, dali o arrancastes com mão fortíssima e misericordiosíssima, e lhe ensinastes a confiar não em si mesmo, mas em Vós. Mas isto foi depois.

CAPÍTULO IX

Isto, porém, já se armazenava na sua memória como remédio para o futuro. E assim também aquilo que aconteceu quando ainda estudava comigo em Cartago: estando ele, ao meio-dia, na praça do mercado, a decorar de cor o que devia recitar, como costumam praticar os estudantes, permitistes que fosse preso pelos guardas do mercado como ladrão. Por nenhuma outra causa, penso eu, o permitistes, ó nosso Deus, senão para que aquele que havia de ser um dia tão grande homem começasse já a aprender que, ao julgar as causas, um homem não deve ser condenado por outro homem com temerária credulidade. Pois, enquanto ele passeava sozinho diante do tribunal, com as suas tábuas e o estilete, eis que um jovem, advogado, o verdadeiro ladrão, trazendo às escondidas um machado, entrou sem ser notado por Alípio até às grades de chumbo que cercam as lojas dos ourives, e começou a cortar o chumbo. Mas, ouvindo-se o ruído do machado, os ourives lá debaixo começaram a agitar-se e mandaram prender quem quer que encontrassem. Ele, porém, ouvindo-lhes as vozes, fugiu, deixando o machado, com medo de ser apanhado com ele. Alípio, que não o vira entrar, deu pela sua saída e viu com que rapidez se afastava. E, desejando saber do que se tratava, entrou no lugar; e, encontrando ali o machado, ficou de pé, admirado e a examiná-lo, quando eis que os que haviam sido enviados o encontram sozinho, com o machado na mão, cujo ruído os assustara e os trouxera ali. Agarram-no, arrastam-no e, reunindo os moradores da praça, gabam-se de haver apanhado um ladrão notório; e assim era ele levado para comparecer diante do juiz.

Mas até aí devia Alípio ser instruído. Pois logo, ó Senhor, socorrestes a sua inocência, de que só Vós éreis testemunha. Pois,

enquanto era levado ou para a prisão ou para o castigo, veio-lhes ao encontro certo arquiteto, que tinha a superintendência dos edifícios públicos. Ficaram contentes de o encontrar, sobretudo por serem por ele suspeitos dos furtos das mercadorias desaparecidas da praça, como se agora enfim lhe fossem mostrar quem cometia tais furtos. Ele, porém, vira várias vezes Alípio em casa de certo senador, a quem ia frequentemente cumprimentar; e, reconhecendo-o de imediato, tomou-o pela mão, chamou-o à parte e, perguntando-lhe a causa de tão grande desgraça, ouviu toda a história e mandou que todos os presentes, no meio de muito tumulto e ameaças, fossem com ele. Assim chegaram à casa do jovem que fizera aquilo. Ali, diante da porta, estava um escravo tão novo que era provável que, não temendo dano algum ao seu senhor, revelasse tudo — pois acompanhara o senhor até à praça. Assim que Alípio se lembrou dele, disse-o ao arquiteto; e este, mostrando o machado ao rapaz, perguntou-lhe de quem era. "Nosso", respondeu ele logo; e, interrogado mais adiante, descobriu tudo. Assim, transferido o crime para aquela casa, e envergonhada a multidão que começara a insultar Alípio, aquele que havia de ser dispensador da Vossa palavra e examinador de muitas causas na Vossa Igreja partiu dali mais experimentado e mais instruído.

CAPÍTULO X

A este, pois, encontrei em Roma, e uniu-se a mim com laço fortíssimo, e veio comigo para Milão, tanto para não me deixar quanto para exercer algo do direito que estudara, mais para agradar aos pais do que a si mesmo. Ali fora três vezes assessor, com uma integridade muito admirada pelos outros — admirando-se

ele, antes, dos outros, que podiam preferir o ouro à honestidade. E o seu caráter foi provado não só com a isca da cobiça, mas também com o aguilhão do medo. Em Roma fora assessor do conde do tesouro da Itália. Havia naquele tempo um senador muito poderoso, a cujos favores muitos estavam obrigados e a quem muitos temiam. Quis ele, pelo seu poder habitual, que se lhe permitisse uma coisa que pelas leis era proibida. Alípio resistiu; prometeu-se-lhe suborno, e ele o desprezou de todo o coração; fizeram-se ameaças, e ele as pisou aos pés — admirando-se todos de espírito tão insólito, que nem desejava a amizade nem temia a inimizade de homem tão grande e tão poderosamente afamado por inumeráveis meios de fazer bem ou mal. E o próprio juiz, de quem Alípio era conselheiro, ainda que também não quisesse que aquilo se fizesse, não o recusava abertamente, mas atirava a matéria sobre Alípio, alegando que este não lho permitiria: pois, na verdade, se o juiz o tivesse feito, Alípio teria decidido de outro modo. Só numa coisa, no campo dos estudos, esteve quase a ser seduzido: em mandar copiar livros para si a preços pretorianos; mas, consultando a justiça, mudou a sua deliberação para melhor, julgando mais proveitosa a equidade que o impedia do que o poder que lho permitia. São coisas pequenas; mas *quem é fiel no pouco, é fiel também no muito*. Nem pode de modo algum ser vão o que saiu da boca da Vossa Verdade: *Se não fostes fiéis no injusto Mamon, quem vos confiará as verdadeiras riquezas? E, se não fostes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso?* Sendo ele tal, estava naquele tempo unido a mim, e comigo vacilava sobre que gênero de vida se devia abraçar.

E também Nebrídio, que, tendo deixado a sua terra natal perto de Cartago, e a própria Cartago, onde muito vivera, e

abandonando um excelente patrimônio de família e a sua casa, e uma mãe que não o havia de seguir, viera a Milão por nenhuma outra razão senão para viver comigo numa ardentíssima busca da verdade e da sabedoria. Como eu, suspirava; como eu, vacilava — ardente investigador da vida verdadeira e agudíssimo examinador das questões mais difíceis. Eram assim três bocas de indigentes, exalando as suas carências um para o outro e esperando de Vós que *lhes désseis o alimento a seu tempo*. E, em toda a amargura que pela Vossa misericórdia acompanhava os nossos negócios mundanos, quando olhávamos para o fim, para saber por que sofríamos tudo aquilo, saía-nos ao encontro a treva; e voltávamo-nos gemendo e dizendo: "Até quando durarão estas coisas?" Isto dizíamos muitas vezes; e, dizendo-o, não as abandonávamos, porque ainda não despontava nada de certo que, abandonadas elas, pudéssemos abraçar.

CAPÍTULO XI

E eu, examinando e reexaminando as coisas, admirava-me sobretudo do longo tempo decorrido desde aquele meu décimo nono ano, em que começara a arder de desejo da sabedoria, resolvido a abandonar, quando a encontrasse, todas as esperanças vãs e os delírios mentirosos dos desejos fúteis. E eis que estava já no meu trigésimo ano, atolado no mesmo lodo, ávido de gozar as coisas presentes, que passavam e me consumiam a alma; e dizia comigo: "Amanhã hei de encontrá-la; aparecerá manifestamente e a alcançarei. Eis que virá Fausto, o maniqueu, e esclarecerá tudo! Ó vós, grandes homens, ó Acadêmicos, é então verdade que nenhuma certeza se pode alcançar para o governo da vida? Não; busquemos com mais diligência e não desesperemos. Eis que já

não nos parecem absurdas as coisas dos livros eclesiásticos, que às vezes pareciam absurdas, e que podem tomar-se de outro modo e em bom sentido. Permanecerei no lugar em que, ainda criança, meus pais me colocaram, até que se descubra a verdade clara. Mas onde há de buscar-se, e quando? Ambrósio não tem tempo; nós não temos tempo para ler; onde encontraremos sequer os livros? Donde ou quando os conseguiremos? A quem os pediremos emprestados? Marquem-se tempos determinados e ordenem-se horas certas para a saúde da nossa alma. Grande esperança despontou: a fé católica não ensina aquilo de que a julgávamos e de que vãmente a acusávamos; os seus doutores têm por profano crer que Deus é limitado pela figura de um corpo humano. E hesitamos em *bater*, para que o resto *se nos abra*? As manhãs são tomadas pelos alunos; que fazemos no resto do dia? Por que não isto? Mas quando, então, iremos cortejar os nossos amigos poderosos, cujo favor nos é necessário? Quando prepararemos o que vendemos aos alunos? Quando repousaremos, aliviando o espírito desta tensão de cuidados?

"Pereça tudo; despeçamos estas vaidades vazias e entreguemo-nos à única busca da verdade! A vida é vã, a morte é incerta; se ela nos surpreende de repente, em que estado partiremos daqui? E onde aprenderemos o que aqui negligenciamos? E não sofreremos antes o castigo desta negligência? E se a própria morte cortar e acabar com todo o cuidado e todo o sentir? Então isto deve ser averiguado. Mas Deus não permita tal coisa! Não é coisa vã e vazia que a excelsa dignidade da autoridade da fé cristã se tenha espalhado por todo o mundo. Nunca Deus faria por nós coisas tais e tão grandes, se com a morte do corpo terminasse a vida da alma. Por que, então, adiamos abandonar as esperanças mundanas e

entregar-nos inteiramente à busca de Deus e da vida bem-aventurada? Mas espera! Também aquelas coisas são agradáveis; têm alguma doçura, e não pequena. Não devemos abandoná-las levianamente, pois seria vergonha voltar de novo a elas. Vê: já não é grande coisa obter algum cargo; e depois, que mais poderíamos desejar? Temos muitos amigos poderosos; se nada mais se oferecer e tivermos muita pressa, ao menos uma presidência nos pode ser dada; e uma esposa com algum dinheiro, para que não aumente as nossas despesas — e este será o limite dos nossos desejos. Muitos homens grandes e dignos de imitação entregaram-se ao estudo da sabedoria no estado de matrimônio."

Enquanto eu revolvia estas coisas, e estes ventos mudavam de rumo e me arrastavam o coração para cá e para lá, passava o tempo, e eu adiava converter-me ao Senhor; e de dia para dia adiava viver em Vós, e não adiava morrer cada dia em mim mesmo. Amando a vida feliz, temia-a na sua própria morada, e buscava-a fugindo dela. Julgava que seria demasiado infeliz se me faltassem os braços de uma mulher; e não pensava no remédio da Vossa misericórdia para curar aquela fraqueza, porque o não experimentara. Quanto à continência, supunha-a estar no nosso poder — ainda que em mim não encontrasse tal poder —, sendo tão insensato que não sabia o que está escrito: *que ninguém pode ser continente se Vós não o concederdes*; e que Vós o concederíeis, se com gemidos interiores eu batesse aos Vossos ouvidos e com fé firme *lançasse sobre Vós o meu cuidado*.

CAPÍTULO XII

Alípio, na verdade, impedia-me de casar, alegando que assim de modo algum poderíamos viver juntos, com o lazer sem distrações,

no amor da sabedoria, como havia muito desejávamos. Pois ele mesmo era então puríssimo neste ponto, a tal ponto que era admirável — e tanto mais quanto, no início da sua juventude, entrara naquele caminho, mas nele não se detivera; antes, sentira remorso e repugnância, e desde então vivia continentíssimo. Mas eu opunha-lhe os exemplos daqueles que, casados, cultivaram a sabedoria e serviram a Deus com agrado, e conservaram os amigos e os amaram fielmente. Da grandeza de espírito desses eu estava muito longe; e, preso pela doença da carne e pela sua mortífera doçura, arrastava a minha cadeia, temendo ser solto; e, como se me irritassem a ferida, repelia as suas boas persuasões, como a mão de quem quisesse desacorrentar-me. Além disso, por mim falava a serpente ao próprio Alípio, tecendo pela minha língua e pondo-lhe no caminho laços agradáveis, em que se enredassem os seus pés virtuosos e livres.

Pois, admirando-se ele de que eu, a quem não estimava pouco, estivesse tão preso ao visgo daquele prazer que afirmava, sempre que o discutíamos, não poder jamais levar vida de celibatário; e alegando eu, em minha defesa, quando o via admirar-se, que havia grande diferença entre o conhecimento momentâneo e mal lembrado que ele tivera daquela vida — e que assim podia facilmente desprezar — e o meu convívio continuado, ao qual, se se acrescentasse o nome honroso do matrimônio, ele não devia admirar-se de que eu não pudesse desprezar aquele caminho; começou ele também a desejar casar-se, não vencido pelo desejo daquele prazer, mas por curiosidade. Pois queria saber, dizia, o que seria aquilo sem o qual a minha vida, tão agradável a ele, me parecia a mim não vida, mas castigo. Pois o seu espírito, livre daquela cadeia, espantava-se com a minha servidão; e, por aquele espanto,

ia passando ao desejo de a experimentar, e daí à própria experiência, e daí talvez a afundar naquela servidão que o admirava — visto que estava disposto a *fazer aliança com a morte*; e *quem ama o perigo nele cairá*. Pois qualquer honra que houvesse no ofício de bem ordenar a vida conjugal e a família, pouco nos movia. A mim, na maior parte das vezes, atormentava-me o hábito de saciar um apetite insaciável, que me mantinha cativo; a ele, um espanto admirado ia-o levando cativo. Assim estávamos nós, até que Vós, ó Altíssimo, não abandonando o nosso pó, e compadecido de nós, miseráveis, viestes em nosso socorro por caminhos admiráveis e secretos.

CAPÍTULO XIII

Instava-se continuamente para que eu me casasse. Fiz o pedido, e prometeram-me a moça, sobretudo pelos esforços de minha mãe, para que, uma vez casado, me purificasse o batismo salutar, para o qual ela se alegrava de me ver preparado dia a dia, e observava que as suas orações e as Vossas promessas se cumpriam na minha fé. Naquele tempo, na verdade, tanto a meu pedido quanto por seu próprio anseio, com fortes clamores do coração Vos suplicava diariamente que lhe descobrísseis por uma visão algo acerca do meu futuro casamento; e Vós nunca o quisestes. Ela via, é certo, certas coisas vãs e fantásticas, tais como as reúne a energia do espírito humano ocupado no assunto; e contava-mas, mas não com aquela confiança que costumava ter quando Vós lhe mostráveis alguma coisa, e sim desprezando-as. Pois podia, dizia ela, por certo sentimento que em palavras não sabia exprimir, discernir entre as Vossas revelações e os sonhos da sua própria alma. Contudo, o assunto foi levado adiante, e pediu-se em

casamento uma jovem que estava dois anos abaixo da idade adequada; e, por ser do agrado de todos, esperou-se por ela.

CAPÍTULO XIV

E muitos de nós, amigos, conversando entre nós e detestando as turbulentas agitações da vida humana, havíamos discutido e quase resolvido viver longe dos negócios e do tumulto dos homens. E isto obter-se-ia assim: cada um traria o que pudesse conseguir, e faríamos de tudo uma só casa; de modo que, pela sinceridade da nossa amizade, nada pertenceria especialmente a ninguém, mas o todo, assim reunido de todos, pertenceria como um todo a cada um, e tudo a todos. Pensávamos que poderia haver umas dez pessoas nesta sociedade, algumas das quais eram muito ricas — sobretudo Romaniano, nosso conterrâneo, amigo familiaríssimo meu desde a infância, a quem as graves complicações dos seus negócios haviam levado à corte, e que era o mais ardoroso por este projeto; e nele tinha a sua voz grande peso, porque o seu amplo patrimônio excedia em muito o de qualquer dos outros. Havíamos decidido também que dois administradores anuais proveriam a tudo o que fosse necessário, ficando os demais sem preocupações. Mas, quando começamos a considerar se as esposas, que alguns de nós já tinham e outros esperavam ter, permitiriam aquilo, todo aquele plano, que tão bem se moldava, desfez-se-nos nas mãos, ficou de todo destroçado e foi posto de lado. Daí voltamos aos suspiros e aos gemidos, e os nossos passos a seguir os caminhos largos e batidos do mundo; porque *muitos eram os pensamentos no nosso coração, mas o Vosso conselho permanece para sempre*. E, por esse conselho, ríeis do nosso e

preparáveis o Vosso, dispondo-Vos a *dar-nos o alimento a seu tempo* e a *encher de bens a nossa alma*.

CAPÍTULO XV

Entretanto, multiplicavam-se os meus pecados; e, tendo-me sido arrancada do lado aquela com quem vivia, por ser estorvo ao meu casamento, o meu coração, que a ela aderia, foi rasgado, ferido e sangrou. E ela voltou para a África, prometendo-Vos jamais conhecer outro homem, e deixando comigo o filho que dela tivera. Mas eu, infeliz, que não fui capaz de imitar uma simples mulher, impaciente da demora — pois só passados dois anos havia de obter aquela que pedira —, sendo não tanto amante do matrimônio quanto escravo da luxúria, arranjei outra, não como esposa, para que assim, pela servidão de um hábito prolongado, se mantivesse e se levasse adiante em pleno vigor a doença da minha alma, ou até se aumentasse, até ao domínio do casamento. Nem se curou aquela minha ferida, feita pelo corte da primeira; antes, depois da inflamação e da dor agudíssima, gangrenou; e as minhas dores tornaram-se menos agudas, mas mais desesperadas.

CAPÍTULO XVI

A Vós o louvor, a Vós a glória, ó fonte das misericórdias! Eu tornava-me cada vez mais miserável, e Vós mais próximo. A Vossa mão direita estava continuamente pronta a arrancar-me do lodo e a lavar-me por completo, e eu não o sabia. E nada me chamava de volta de um abismo ainda mais fundo de prazeres carnais senão o medo da morte e do Vosso juízo futuro, que, no meio de todas as minhas mudanças, nunca se apartou do meu peito. E nas minhas discussões com os meus amigos Alípio e Nebrídio sobre a natureza

do bem e do mal, eu sustentava que Epicuro teria, no meu entender, ganho a palma, se eu não cresse que depois da morte resta uma vida para a alma e lugares de retribuição segundo os méritos dos homens — o que Epicuro não queria crer. E perguntava: "Se fôssemos imortais e vivêssemos em perpétuo prazer do corpo, sem medo de o perder, por que não haveríamos de ser felizes, ou que outra coisa deveríamos buscar?" — não sabendo que grande miséria estava envolvida nisto mesmo: que, assim afundado e cego, eu não podia discernir aquela luz da excelência e da beleza, digna de ser abraçada por si mesma, que o olho da carne não vê e que é vista pelo homem interior. Nem eu, infeliz, considerava de que fonte procedia o fato de que, mesmo sobre estas coisas, torpes como eram, eu discorresse com prazer com os meus amigos; nem podia, mesmo segundo as noções que então tinha de felicidade, ser feliz sem amigos, por maior que fosse a abundância dos prazeres carnais. E, contudo, amava aqueles amigos só por eles mesmos, e sentia que por eles era amado só por mim mesmo.

Ó caminhos tortuosos! Ai da alma audaciosa, que esperou, abandonando-Vos, alcançar alguma coisa melhor! Voltou-se e revolveu-se sobre as costas, sobre os lados e sobre o ventre, e tudo lhe era doloroso — e só Vós sois o repouso. E eis que estais perto, e nos livrais dos nossos desvios miseráveis, e nos colocais no Vosso caminho, e nos consolais e dizeis: "Corre; eu te levarei; sim, eu te conduzirei até ao fim; e ali também eu te levarei."

L I V R O

VII

O problema do mal e os platônicos

c a p í t u l o s I – X X I



CAPÍTULO I

Morrera já aquela minha adolescência má e abominável, e eu entrava na juventude — tanto mais manchado de vaidades quanto mais crescia em anos, eu que não podia imaginar substância alguma senão a que se costuma ver com estes olhos. Não Vos concebia, ó Deus, sob a figura de um corpo humano: desde que comecei a ouvir algo da sabedoria, sempre evitei isto, e alegrei-me de encontrar o mesmo na fé da nossa mãe espiritual, a Vossa Igreja Católica. Mas o que mais havia de conceber de Vós, eu não o sabia. E eu, homem, e homem tal, procurava conceber-Vos a Vós, o soberano, o único, o verdadeiro Deus; e no íntimo da minha alma cria que éreis incorruptível, inviolável e imutável, porque, ainda que não soubesse donde nem como, via com clareza

e tinha por certo que aquilo que pode corromper-se é inferior ao que se não pode corromper; e sem hesitar preferia o que não pode ser lesado ao que pode receber dano, e o imutável às coisas sujeitas à mudança. O meu coração clamava com veemência contra todos os meus fantasmas, e com este único golpe eu procurava afastar dos olhos do meu espírito todo aquele bando imundo que zumbia à sua volta. E eis que, mal repelidos, num abrir e fechar de olhos se juntavam de novo, densos, à minha volta, voavam contra o meu rosto e mo obscureciam; de sorte que, ainda que não sob a forma de um corpo humano, eu era todavia forçado a conceber-Vos — a Vós, incorruptível, inviolável e imutável, que eu preferia ao corruptível, ao violável e ao mutável — como estando no espaço, quer infundido no mundo, quer difundido infinitamente fora dele. Porque tudo quanto eu concebia sem esse espaço parecia-me nada; sim, absolutamente nada, nem sequer um vazio: como se, tirado um corpo do seu lugar, e ficando o lugar vazio de qualquer corpo, de terra e água, de ar e de céu, ainda assim permanecesse um lugar vazio — como que um nada espaçoso.

Sendo eu, pois, assim grosseiro de coração, e nem sequer claro para mim mesmo, julgava ser absolutamente nada tudo aquilo que não se estendesse por certos espaços, nem se difundisse, nem se condensasse, nem se dilatasse, ou que não recebesse nem pudesse receber alguma destas dimensões. Pois o meu coração vagava então por aquelas formas por que os meus olhos costumam vagar; e não via ainda que esta mesma faculdade da mente, pela qual eu formava aquelas imagens, não era desta espécie — e, todavia, não as poderia ter formado se ela mesma não fosse algo de grande. Assim procurava também conceber-Vos, ó vida da minha vida, como imenso, penetrando por espaços infinitos, de todos os lados,

toda a massa do universo, e para além dela, por toda parte, por espaços imensuráveis e sem fim; de modo que a terra Vos tivesse, e o céu Vos tivesse, e todas as coisas Vos tivessem, e fossem limitadas em Vós, e Vós não fôsseis limitado em parte alguma. Pois, assim como o corpo deste ar que está acima da terra não impede que a luz do sol passe através dele, penetrando-o não por rompimento nem por corte, mas enchendo-o por completo, assim eu julgava que o corpo não só do céu, do ar e do mar, mas também da terra, Vos era penetrável, de sorte que em todas as suas partes, as maiores como as menores, admitisse a Vossa presença, por uma inspiração secreta, dentro e fora, dirigindo todas as coisas que criastes. Assim conjeturava eu, unicamente por ser incapaz de conceber outra coisa — pois era falso. Porque assim uma parte maior da terra conteria uma porção maior de Vós, e uma parte menor, uma menor; e todas as coisas estariam cheias de Vós de tal modo que o corpo de um elefante conteria mais de Vós do que o de um pardal, quanto maior fosse e mais espaço ocupasse; e assim faríeis presentes as diversas porções de Vós mesmo às diversas porções do mundo, em fragmentos: grandes para as grandes, pequenos para as pequenas. Mas Vós não sois assim. E ainda não havíeis iluminado as minhas trevas.

CAPÍTULO II

Bastava-me, Senhor, para opor àqueles enganados enganadores e tagarelas mudos, já que a Vossa palavra não ressoava neles, aquilo que há muito tempo, quando ainda estávamos em Cartago, Nebrídio costumava propor, e com que todos nós, que o ouvíamos, ficávamos abalados: "Aquela dita nação das trevas, que os maniqueus costumam pôr como massa adversária diante de Vós, que Vos poderia ter feito, se Vos recusásseis a lutar com ela?

Pois, se respondessem 'ter-Vos-ia feito algum dano', então estaríeis sujeito à lesão e à corrupção; mas, se 'nenhum dano Vos poderia fazer', então não se apresentava razão alguma para lutardes com ela — e lutar de tal modo que certa porção ou membro Vosso, ou rebento da Vossa própria substância, se misturasse com potências adversas e com naturezas não criadas por Vós, e por elas fosse corrompido e mudado para pior a ponto de passar da felicidade à miséria, e de precisar de auxílio para ser desembaraçado e purificado. E este rebento da Vossa substância seria a alma, à qual, escravizada, manchada e corrompida, o Vosso Verbo, livre, puro e íntegro, viria socorrer — sendo esse mesmo Verbo ainda corruptível, por ser de uma só e mesma substância. Assim, pois, se afirmassem que Vós, seja o que fordes, isto é, a Vossa substância pela qual sois, sois incorruptível, então todas estas afirmações seriam falsas e execráveis; mas, se corruptível, a própria afirmação se mostraria falsa e repugnante." Este argumento de Nebrídio bastava, pois, contra aqueles que mereciam ser inteiramente vomitados de um estômago sobrecarregado; pois não tinham escapatória, sem horrível blasfêmia de coração e de língua, pensando e falando assim a Vosso respeito.

CAPÍTULO III

Mas eu ainda, embora sustentasse e estivesse firmemente persuadido de que Vós, nosso Senhor, o verdadeiro Deus, que fizestes não só as nossas almas, mas também os nossos corpos, e não só as nossas almas e os nossos corpos, mas todos os seres e todas as coisas, éreis incontaminável e inalterável, e de modo algum mutável, ainda assim não entendia clara e facilmente a causa do mal. E, todavia, fosse ela qual fosse, percebia que devia ser buscada de tal modo que não me forçasse a crer mutável o Deus

imutável, para que eu mesmo não me tornasse aquele mal que buscava. Buscava-o, pois, livre já desta ansiedade, certo da falsidade daquilo que sustentavam os homens de quem me afastara de todo o coração; pois via que, por indagarem a origem do mal, estavam eles cheios de mal, ao preferirem pensar que a Vossa substância padecia o mal, a que a deles o cometia.

E esforçava-me por compreender o que agora ouvia: que a livre vontade é a causa de fazermos o mal, e o Vosso justo juízo a causa de o padecermos. Mas não conseguia discerni-lo com clareza. Assim, esforçando-me por tirar daquele fosso profundo o olhar da minha alma, era de novo nele mergulhado; e, esforçando-me muitas vezes, tantas vezes era de novo mergulhado. Mas isto me elevava um pouco para a Vossa luz: que eu sabia tão bem que tinha vontade quanto que vivia. Quando, pois, eu queria ou não queria alguma coisa, estava certíssimo de que não era outro senão eu que queria e não queria; e quase via que ali estava a causa do meu pecado. Mas o que fazia contra a minha vontade, via que antes o padecia do que o fazia, e julgava-o não culpa minha, mas castigo meu; pelo qual, contudo, tendo-Vos por justo, prontamente confessava que não era punido injustamente. Mas de novo dizia: "Quem me fez? Não foi o meu Deus, que não só é bom, mas a própria bondade? Donde me veio, pois, querer o mal e não querer o bem, de modo a ser assim justamente punido? Quem pôs isto em mim e enxertou-me esta planta de amargura, sendo eu inteiramente formado pelo meu dulcíssimo Deus? Se o demônio foi o autor, donde vem esse mesmo demônio? E, se também ele, pela sua própria vontade perversa, de anjo bom se fez demônio, donde veio nele aquela má vontade pela qual se fez demônio, sendo toda a natureza dos anjos feita por aquele bondosíssimo

Criador?" Por estes pensamentos era eu de novo afundado e sufocado; e, todavia, não fui arrastado àquele inferno do erro em que ninguém Vos confessa, de pensar antes que Vós padeceis o mal do que o homem o comete.

CAPÍTULO IV

Pois eu procurava descobrir o resto como quem já descobrira que o incorruptível deve necessariamente ser melhor do que o corruptível; e por isso Vos confessava a Vós, fosse o que fôsseis, incorruptível. Pois nenhuma alma jamais foi nem será capaz de conceber algo que possa ser melhor do que Vós, que sois o bem soberano e ótimo. Mas, uma vez que verdadeiríssima e certíssimamente o incorruptível é preferível ao corruptível — como eu já o preferia —, então, se não fôsseis incorruptível, eu poderia com o pensamento chegar a algo melhor do que o meu Deus. Onde, pois, eu via ser o incorruptível preferível ao corruptível, aí devia buscar-Vos, e aí observar "onde está o próprio mal", isto é, donde vem a corrupção, pela qual a Vossa substância de modo algum pode ser danificada. Pois a corrupção de modo algum danifica o nosso Deus: nem por vontade alguma, nem por necessidade alguma, nem por acaso algum imprevisto; porque Ele é Deus, e o que quer é bom, e Ele mesmo é esse bem — mas ser corrompido não é bom. Nem sois Vós forçado contra a Vossa vontade a coisa alguma, pois a Vossa vontade não é maior do que o Vosso poder; e maior seria, se Vós mesmo fôsseis maior do que Vós mesmo. Pois a vontade e o poder de Deus é o próprio Deus. E que pode ser imprevisto para Vós, que conheceis todas as coisas? Nem há natureza alguma nas coisas que Vós não conheçais. E que mais diremos, para saber "por que aquela substância que é Deus não pode ser corruptível", visto que, se o fosse, não seria Deus?

CAPÍTULO V

E eu buscava "donde vem o mal", e buscava-o de má maneira; e não via o mal que havia na minha própria busca. Punha então diante da vista do meu espírito toda a criação: tudo quanto nela podemos ver, como o mar, a terra, o ar, os astros, as árvores, os seres mortais; e ainda tudo o que nela não vemos, como o firmamento do céu, e além disso todos os anjos e todos os habitantes espirituais dele. Mas a estes mesmos seres a minha imaginação os dispunha em lugares, como se fossem corpos; e fazia uma grande massa da Vossa criação, distinguida segundo as espécies de corpos: uns, corpos reais; outros, o que eu mesmo forjara como espíritos. E fazia esta massa imensa — não como era, o que eu não podia saber, mas como me parecia conveniente —, e todavia finita por toda parte. Mas a Vós, Senhor, imaginava-Vos cercando-a e penetrando-a por todos os lados, ainda que infinito por toda parte: como se houvesse um mar em toda parte e por todos os lados, através de espaços imensuráveis, um só mar sem limites, e ele contivesse dentro de si uma esponja enorme, mas finita — e essa esponja fosse necessariamente cheia, em todas as suas partes, por aquele mar imensurável. Assim concebia eu a Vossa criação, ela mesma finita, cheia de Vós, o Infinito. E dizia: "Eis Deus, e eis o que Deus criou; e Deus é bom, sim, muitíssimo e incomparavelmente melhor do que todas estas coisas; e, contudo, Ele, o Bem, criou-as boas; e vede como as cerca e as enche." Onde está, então, o mal, e donde, e por onde se insinuou aqui? Qual é a sua raiz, e qual a sua semente? Ou não tem existência alguma? Por que, então, tememos e evitamos o que não existe? E, se em vão o tememos, então é mal esse próprio temor, pelo qual a alma é assim inutilmente aguilhoada e torturada — e

tanto maior mal quanto nada temos a temer e todavia tememos. Portanto, ou é mal aquilo que tememos, ou é mal o fato de o temermos. Donde vem, então, visto que Deus, o Bem, criou todas estas coisas boas? Ele, na verdade, o maior e sumo Bem, criou estes bens menores; mas tanto o Criador quanto as criaturas, tudo é bom. Donde vem o mal? Ou haveria alguma matéria má, da qual Ele fez, formou e ordenou tudo, deixando nela, contudo, algo que não converteu em bem? Mas por quê? Não teria poder para transformar e mudar o todo, de modo que nele não permanecesse mal algum, sendo Ele onipotente? Enfim, por que quereria fazer alguma coisa dela, e não antes, pela mesma onipotência, fazer que ela absolutamente não existisse? Ou poderia acaso existir contra a Sua vontade? E, se era desde a eternidade, por que a suportou assim por infinitos espaços de tempos passados, e só tanto tempo depois lhe aprouve fazer dela alguma coisa? Ou, se de repente Lhe aprouve agora realizar algo, antes isto deveria ter realizado o Onipotente: que aquela matéria má não existisse, e Ele só existisse, o todo, verdadeiro, soberano e infinito Bem. Ou, se não era bom que Aquele que era bom não formasse e criasse também algo que fosse bom, então, tirada e reduzida a nada aquela matéria má, poderia Ele formar uma matéria boa, da qual criasse todas as coisas. Pois não seria onipotente, se não pudesse criar algo bom sem o auxílio daquela matéria que Ele mesmo não criara. Estes pensamentos revolvia eu no meu coração miserável, sobrecarregado de cuidados roedores, com medo de morrer antes de haver encontrado a verdade. E, todavia, a fé do Vosso Cristo, nosso Senhor e Salvador, professada na Igreja Católica, estava firmemente fixada no meu coração — em muitos pontos, é certo, ainda informe e oscilante fora da regra da doutrina; e, contudo, o

meu espírito não a abandonava de todo, antes cada dia mais se embebia dela.

CAPÍTULO VI

Já por esse tempo eu rejeitara também as adivinhações mentirosas e os ímpios delírios dos astrólogos. Confessem-Vos também por isto, ó meu Deus, as Vossas misericórdias, do mais íntimo da minha alma. Pois Vós, Vós inteiramente — pois quem mais nos chama de volta da morte de todos os erros senão a Vida que não pode morrer, e a Sabedoria que, não precisando de luz alguma, ilumina as mentes que dela precisam, e pela qual o universo é dirigido até às folhas rodopiantes das árvores? —, Vós providenciastes contra a minha obstinação, com que eu resistia a Vindiciano, velho arguto, e a Nebrídio, jovem de admiráveis talentos: o primeiro afirmando com veemência, e o segundo dizendo muitas vezes, ainda que com alguma hesitação, "que não havia arte alguma para prever as coisas futuras, mas que as conjeturas dos homens eram uma espécie de sorteio, e que, de muitas coisas que diziam haver de acontecer, algumas de fato aconteciam, sem que o soubessem os que as haviam dito, e que davam com elas por acaso, de tanto falarem". Providenciastes, então, para mim um amigo, não pouco assíduo consultor dos astrólogos, nem versado naquelas artes, mas, como disse, curioso consultor delas; e que, todavia, sabia certa coisa que dizia haver ouvido de seu pai, e que ele mesmo não sabia até que ponto arruinava a estima daquela arte. Este homem, de nome Firmino, tendo tido educação liberal e sido bem instruído em retórica, consultou-me, como a alguém que lhe era muito caro, sobre o que eu pensava, segundo as suas ditas constelações, a respeito de certos negócios seus, em que se lhe haviam erguido esperanças

mundanas. E eu, que já começara a inclinar-me para a opinião de Nebrídio, não recusei de todo conjeturar e dizer-lhe o que me vinha ao espírito indeciso; mas acrescentei que estava agora quase persuadido de que aquilo eram apenas ridículas e vãs insensatezes. Nisto ele me contou que seu pai fora muito curioso de tais livros e tivera um amigo tão empenhado neles quanto ele; e que ambos, com estudo e conversa comuns, atiçavam a chama do seu afeto por essas ninharias, a ponto de observarem os momentos em que davam à luz até os animais mudos que se criavam em suas casas, e então observarem a posição do céu, para fazerem novas experiências naquela pretensa arte. Contou-me, pois, que ouvira de seu pai que, no tempo em que sua mãe estava para dá-lo à luz — a ele, Firmino —, também estava grávida uma serva daquele amigo de seu pai, o que não podia escapar ao seu senhor, que cuidava com exatíssima diligência de saber o nascimento até dos seus cachorros. E assim aconteceu que, observando um pela mulher e outro pela serva, com o mais cuidadoso registro, contando dias, horas e até as menores frações das horas, ambas deram à luz no mesmo instante; de sorte que ambos foram forçados a admitir as mesmas constelações, até aos pontos mais mínimos, um para o filho, outro para o escravo recém-nascido. Pois, assim que as mulheres começaram a ter as dores, cada um deles avisava o outro do que se passava em sua casa, e tinham mensageiros prontos para se enviarem mutuamente assim que soubessem do nascimento efetivo — coisa que facilmente haviam providenciado, cada qual no seu domínio, para dar aviso imediato. Assim, os mensageiros de uma e de outra parte encontraram-se, afirmava ele, a igual distância de ambas as casas, de modo que nenhum deles pôde apontar diferença alguma na posição dos

astros, nem em qualquer outro ponto mínimo. E, todavia, Firmino, nascido em alta condição na casa dos pais, percorreu os caminhos dourados da vida, cresceu em riquezas e foi elevado às honras; ao passo que aquele escravo continuou a servir os seus senhores, sem alívio algum do seu jugo — como me contava o próprio Firmino, que o conhecia.

Ouvindo e crendo nestas coisas, contadas por pessoa de tal crédito, cedeu toda a minha resistência. E primeiro procurei afastar da sua curiosidade o próprio Firmino, dizendo-lhe que, ao examinar as suas constelações, eu deveria, para predizer com verdade, ter visto nelas pais eminentes entre os seus vizinhos, família nobre na própria cidade, nascimento elevado, boa educação, formação liberal. Mas, se aquele escravo me tivesse consultado sobre as mesmas constelações — pois eram também as suas —, deveria eu de novo, para lhe falar igualmente com verdade, ver nelas uma linhagem abjetíssima, uma condição servil e tudo o mais inteiramente contrário ao anterior. Donde se seguia que, se eu falasse a verdade, teria de falar coisas diversas a partir das mesmas constelações; e, se falasse as mesmas, falaria falsamente. Daí resultava com toda a certeza que tudo quanto, à vista das constelações, se dizia com verdade, não se dizia por arte, mas por acaso; e tudo quanto se dizia falsamente não vinha de ignorância da arte, mas do fracasso do acaso.

Aberta assim uma brecha, e ruminando comigo mesmo coisas semelhantes, para que nenhum daqueles insensatos — que viviam de tal ofício, e que eu ansiava por atacar e refutar com escárnio — me pudesse objetar que Firmino me informara falsamente, ou o pai a ele, voltei o pensamento para os que nascem gêmeos, os quais, na maior parte, saem do ventre tão próximos um do outro

que o pequeno intervalo — por muita força que se pretenda que tenha na natureza das coisas — não pode ser notado por observação humana, nem de modo algum ser expresso naquelas figuras que o astrólogo deve examinar para pronunciar com verdade. E, todavia, não podem elas ser verdadeiras: pois, olhando para as mesmas figuras, teria ele de predizer o mesmo para Esaú e para Jacó — e, contudo, não lhes aconteceu o mesmo. Portanto, ou fala falsamente; ou, se com verdade, então, olhando para as mesmas figuras, não deve dar a mesma resposta. Não por arte, pois, mas por acaso é que falaria com verdade. Porque Vós, Senhor, justíssimo governador do universo, sem que o saibam os que consultam nem os consultados, fazeis, por vossa inspiração oculta, que quem consulta ouça aquilo que, segundo os méritos ocultos das almas, deve ouvir, saído da insondável profundidade do Vosso justo juízo — a quem ninguém diga: "Que é isto? Por que aquilo?" Não o diga, porque é homem.

CAPÍTULO VII

Já então, ó meu Auxílio, me havíeis libertado daqueles grilhões; e eu buscava "donde vem o mal", e não achava saída. Mas Vós não permitistes que por nenhuma oscilação do pensamento fosse eu arrastado para longe da fé pela qual cria que Vós existis, e que a Vossa substância é imutável, e que cuidais dos homens e os haveis de julgar, e que em Cristo, Vosso Filho, nosso Senhor, e nas Santas Escrituras, que a autoridade da Vossa Igreja Católica me impunha, estabelecestes o caminho da salvação do homem para aquela vida que há de vir depois desta morte. Estando estas coisas salvas e imovelmente firmadas no meu espírito, eu buscava com ansiedade "donde vinha o mal". Que dores as do meu coração em trabalho de parto, que gemidos, ó meu Deus! E, contudo, também ali

estavam abertos os Vossos ouvidos, e eu não o sabia. E, quando em silêncio buscava com veemência, aquelas silenciosas contrições da minha alma eram fortes clamores à Vossa misericórdia. Vós sabíeis o que eu sofria, e nenhum homem o sabia. Pois que era aquilo que dali, pela minha língua, se destilava aos ouvidos dos meus amigos mais íntimos? Acaso lhes chegava todo o tumulto da minha alma, para o qual não bastavam nem o tempo nem a palavra? E, contudo, tudo subia aos Vossos ouvidos, tudo o que eu rugia dos gemidos do meu coração; *e o meu desejo estava diante de Vós, e a luz dos meus olhos não estava comigo*: pois ela estava dentro, e eu fora; nem ela estava confinada a lugar algum, ao passo que eu estava atento às coisas contidas nos lugares. Mas ali não encontrava lugar de repouso, nem elas me acolhiam de modo que eu pudesse dizer: "Basta", "está bem"; nem me deixavam voltar para onde eu pudesse estar suficientemente bem. Pois a estas coisas eu era superior, mas a Vós inferior; e Vós sois a minha verdadeira alegria, quando a Vós me submeto; e Vós me submetestes o que criastes abaixo de mim. E este era o justo equilíbrio e a região média da minha salvação: permanecer na Vossa imagem e, servindo-Vos, dominar o corpo. Mas, quando me ergui com soberba contra Vós, *e corri contra o Senhor com o pescoço, sob os grossos umbões do meu escudo*, até estas coisas inferiores se puseram acima de mim e me esmagaram, e em parte alguma havia trégua nem espaço para respirar. Vinham ao meu encontro por todos os lados, aos montes e em bandos; e, no pensamento, as suas imagens se apresentavam sem serem chamadas, quando eu queria voltar para Vós, como se me dissessem: "Para onde vais, indigno e manchado?" E estas coisas haviam nascido da minha ferida; pois *humilhastes o soberbo como a um ferido*, e pelo meu próprio inchaço fui

separado de Vós; sim, o meu rosto inchado de soberba fechava-me os olhos.

CAPÍTULO VIII

Mas Vós, Senhor, *permaneceis para sempre*, e todavia *não Vos irais para sempre contra nós*, porque tendes compaixão do nosso pó e da nossa cinza; e foi do Vosso agrado reformar as minhas deformidades. E com aguilhões interiores me sacudíeis, para que eu não tivesse sossego enquanto Vós não fôsseis manifestado à minha vista interior. E assim, pela mão secreta da Vossa medicina, se abateu o meu inchaço, e a vista turva e obscurecida do meu espírito, pelas ardentes unções das dores salutares, ia-se curando dia após dia.

CAPÍTULO IX

E Vós, querendo primeiro mostrar-me como *resistis aos soberbos e dais graça aos humildes*, e por quão grande obra da Vossa misericórdia traçastes aos homens o caminho da humildade, porquanto *o Vosso Verbo se fez carne e habitou entre os homens*, providenciastes para mim, por meio de um homem inchado de soberba monstruosa, certos livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim. E neles li — não, é certo, com as mesmas palavras, mas com o mesmíssimo sentido, apoiado em muitas e diversas razões — que *no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus; ele estava no princípio com Deus; todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada se fez; o que foi feito por Ele é vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam*. E que a alma do homem, ainda que dê testemunho da luz, não é ela mesma essa luz, mas o Verbo de Deus, sendo Deus, *é aquela luz verdadeira que ilumina*

todo homem que vem a este mundo. E que *estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não O conheceu*. Mas *que veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam; e a quantos O receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que creem no Seu nome* — isto ali não li.

Também li ali que Deus Verbo *nasceu não da carne, nem do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus*. Mas que *o Verbo se fez carne e habitou entre nós* — isto ali não li. Pois encontrei naqueles livros, dito de muitos e diversos modos, que o Filho *estava na forma do Pai, e não julgou usurpação ser igual a Deus*, porque por natureza era a mesma substância. Mas que *se aniquilou a si mesmo, tomando a forma de servo, feito à semelhança dos homens, e reconhecido na aparência como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz; pelo que Deus O exaltou dentre os mortos e Lhe deu um nome acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e nos infernos, e toda língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai* — isso aqueles livros não têm. Pois que antes de todos os tempos e acima de todos os tempos o Vosso Filho Unigênito permanece imutável, coeterno convosco, e que *da Sua plenitude* recebem as almas para serem bem-aventuradas, e que pela participação da sabedoria que nelas permanece são renovadas para se tornarem sábias — isto ali está. Mas que *a seu tempo Ele morreu pelos ímpios*, e que *não poupastes o Vosso Filho único, mas O entregastes por todos nós* — isso ali não está. Porque *escondestes estas coisas aos sábios e as revelastes aos pequeninos*, para que *os que trabalham e estão sobrecarregados viessem a Ele e Ele os aliviasse*, porque *é manso e humilde de coração*; e *conduz os*

mansos no juízo, e ensina os seus caminhos aos brandos, olhando *a nossa humilhação e a nossa aflição, e perdoando todos os nossos pecados*. Mas os que se elevam na senda altiva de uma pretensa ciência mais sublime não O ouvem dizer: *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas*. Ainda que *tenham conhecido a Deus, não O glorificam como a Deus, nem Lhe dão graças, mas desvanecem-se nos seus pensamentos, e o seu coração insensato obscurece-se; dizendo-se sábios, tornaram-se néscios*.

E por isso li ali também que *mudaram a glória da Vossa natureza incorruptível* em ídolos e em diversas figuras, *na semelhança da imagem do homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis* — a saber, naquele alimento egípcio pelo qual Esaú perdeu a primogenitura; pois o Vosso povo primogênito adorou a cabeça de um quadrúpede em Vosso lugar, voltando o coração para o Egito e curvando a Vossa imagem, que é a sua própria alma, diante *da imagem de um bezerro que come feno*. Estas coisas encontrei ali, mas delas não me alimentei. Pois foi do Vosso agrado, Senhor, tirar de Jacó o opróbrio da diminuição, *para que o mais velho servisse ao mais novo*, e chamastes os gentios à Vossa herança. E eu viera a Vós dentre os gentios; e pus os olhos no ouro que quisestes que o Vosso povo tirasse do Egito, uma vez que era Vosso, onde quer que estivesse. E aos atenienses dissestes, pelo Vosso Apóstolo, *que em Vós vivemos, nos movemos e existimos*, como também um dos seus poetas dissera. E, na verdade, daí vinham aqueles livros. Mas não pus os olhos nos ídolos do Egito, aos quais serviam com o Vosso ouro *os que mudaram a verdade de Deus em mentira, e adoraram e serviram à criatura em vez do Criador*.

CAPÍTULO X

E, advertido por isso a voltar a mim mesmo, entrei no mais íntimo de mim, guiado por Vós; e pude fazê-lo, porque Vos tornastes o meu auxílio. Entrei e contemplei, com o olho da minha alma, tal como era, acima desse mesmo olho da minha alma, acima da minha mente, a Luz imutável. Não esta luz comum, que toda carne pode olhar, nem como que uma maior do mesmo gênero, como se o brilho desta fosse muitas vezes mais forte e com a sua grandeza ocupasse todo o espaço. Não era assim aquela luz, mas outra, sim, muito diversa destas. Nem estava acima da minha alma como o azeite está acima da água, nem como o céu acima da terra; mas acima, porque me fez; e eu abaixo, porque por ela fui feito. Quem conhece a Verdade conhece aquela Luz; e quem a conhece conhece a eternidade. A caridade a conhece. Ó Verdade, que sois a Eternidade! Ó Caridade, que sois a Verdade! Ó Eternidade, que sois a Caridade! Vós sois o meu Deus; por Vós suspiro dia e noite. E, quando primeiro Vos conheci, Vós me erguestes, para que eu visse que havia algo que eu pudesse ver, e que eu ainda não era tal que pudesse vê-lo. E repelistes a fraqueza do meu olhar, derramando sobre mim com toda a força os Vossos raios de luz; e eu estremeci de amor e de pavor, e percebi que estava longe de Vós, na região da dessemelhança, como se ouvisse esta Vossa voz do alto: "Eu sou o alimento dos adultos; cresce, e comer-me-ás; e não me converterás em ti, como ao alimento da tua carne, mas tu é que serás convertido em mim." E aprendi *que castigais o homem por causa da iniquidade, e fizestes que a minha alma se consumisse como a teia da aranha*. E disse: "Será, então, a Verdade nada, por não estar difundida por espaços finitos ou infinitos?" E Vós clamastes de longe para mim: "Ao contrário: *Eu sou aquele que*

sou." E eu ouvi, como se ouve com o coração, e não me restou lugar para duvidar; e mais depressa duvidaria de que vivo do que de que a Verdade existe, *a qual se vê com clareza, entendida pelas coisas que foram feitas*.

CAPÍTULO XI

E contemplei as outras coisas abaixo de Vós, e percebi que nem absolutamente existem, nem absolutamente não existem: existem, porque vêm de Vós; e não existem, porque não são o que Vós sois. Pois verdadeiramente existe aquilo que permanece imutável. *Para mim, porém, é bom aderir a Deus*; porque, se eu não permanecer n'Ele, tampouco poderei permanecer em mim mesmo. Mas Ele, permanecendo em Si mesmo, renova todas as coisas. *E Vós sois o Senhor meu Deus, porque não necessitais dos meus bens.*

CAPÍTULO XII

E manifestou-se-me que são boas as coisas que todavia se corrompem — as quais nem seriam soberanamente boas, nem, se não fossem boas, poderiam corromper-se: pois, se fossem soberanamente boas, seriam incorruptíveis; e, se não fossem boas de modo algum, nada haveria nelas para se corromper. Pois a corrupção causa dano; mas, se não diminuísse a bondade, não poderia causar dano. Ou, então, a corrupção não causa dano — o que é impossível —; ou, o que é certíssimo, tudo o que se corrompe é privado de algum bem. Mas, se forem privadas de todo o bem, deixarão de existir. Pois, se existissem e já não pudessem corromper-se, seriam melhores do que antes, porque permaneceriam incorruptivelmente. E que há de mais monstruoso do que afirmar que as coisas se tornam melhores perdendo todo o seu bem? Portanto, se forem privadas de todo o

bem, deixarão absolutamente de existir. Logo, enquanto existem, são boas; portanto, tudo o que existe é bom. Aquele mal, pois, cuja origem eu buscava, não é substância alguma: pois, se fosse substância, seria bom. Porque ou seria substância incorruptível, e então sumo bem; ou substância corruptível, a qual, se não fosse boa, não poderia corromper-se. Percebi, portanto, e manifestou-se-me que fizestes todas as coisas boas, e que não há absolutamente substância alguma que Vós não tenhais feito; e, porque não fizestes todas as coisas iguais, por isso todas existem — porque cada uma é boa, e todas juntas muito boas, *porque o nosso Deus fez todas as coisas muito boas*.

CAPÍTULO XIII

E para Vós não existe absolutamente mal algum; e não só para Vós, mas também para a Vossa criação tomada como um todo, porque não há nada fora dela que possa irromper e corromper a ordem que lhe destes. Mas, nas suas partes, algumas coisas, por não se harmonizarem com outras, são tidas por más — ao passo que essas mesmas se harmonizam com outras, e são boas, e em si mesmas são boas. E todas estas coisas que entre si não se harmonizam, harmonizam-se todavia com a parte inferior, a que chamamos terra, que tem o seu céu nublado e ventoso a condizer com ela. Longe de mim, pois, dizer: "Estas coisas não deveriam existir." Porque, se eu não visse senão estas, decerto ansiaria pelas melhores; mas, ainda que só por estas, deveria louvar-Vos. Pois que sois digno de louvor, mostram-no *da terra os dragões e todos os abismos, o fogo, o granizo, a neve, o gelo e o vento tempestuoso, que cumprem a Vossa palavra; os montes e todas as colinas, as árvores frutíferas e todos os cedros; as feras e todos os rebanhos, os répteis e as aves que voam; os reis da terra e todos os povos, os*

príncipes e todos os juízes da terra; os jovens e as virgens, os velhos e os moços — louvem o Vosso nome. E, quando também do céu Vos louvam, *louvam-Vos, ó nosso Deus, nas alturas todos os Vossos anjos, todos os Vossos exércitos, o sol e a lua, todas as estrelas e a luz, os céus dos céus e as águas que estão acima dos céus — louvem o Vosso nome*. E já não ansiava eu por coisas melhores, porque a todas abrangia com o pensamento; e, com juízo mais são, compreendia que as coisas de cima eram melhores do que estas de baixo, mas que todas juntas eram melhores do que as de cima sozinhas.

CAPÍTULO XIV

Não têm juízo são aqueles a quem desagrada alguma coisa da Vossa criação — como não o tinha eu, quando me desagradava muito daquilo que fizestes. E, porque a minha alma não ousava desagradar-se do meu Deus, não queria ter por Vosso aquilo que lhe desagradava. Daí caíra ela na opinião das duas substâncias, e não tinha repouso, e falava tolices. E, voltando dali, fizera para si um Deus estendido por medidas infinitas de todo o espaço, e julgava que éreis Vós, e o colocara no seu coração; e tornara-se de novo o templo do seu próprio ídolo, abominável para Vós. Mas, depois que me acariciastes a cabeça, sem que eu o soubesse, e me fechastes os olhos *para que não vissem a vaidade*, deixei um pouco de ser o que antes era, e o meu delírio adormeceu; e despertei em Vós, e Vos vi infinito, mas de outro modo — e esta visão não vinha da carne.

CAPÍTULO XV

E olhei para as outras coisas, e vi que a Vós deviam a existência, e que todas em Vós estão contidas, mas de modo diverso: não como

estando num espaço, mas porque conteneis todas as coisas na Vossa mão, que é a Vossa Verdade; e todas as coisas são verdadeiras enquanto existem, nem há falsidade alguma, a não ser quando se julga existir o que não existe. E vi que todas as coisas se harmonizam não só com os seus lugares, mas também com os seus tempos. E que Vós, que sois o único Eterno, não começastes a agir depois de decorridos inumeráveis espaços de tempo; pois todos os espaços de tempo, tanto os que passaram quanto os que hão de passar, nem iriam nem viriam, se Vós não agísseis e não permanecêsseis.

CAPÍTULO XVI

E compreendi, e não achei estranho, que o pão que é agradável a um paladar sadio seja repugnante a um enfermo; e que aos olhos doentes seja odiosa a luz que é deliciosa aos sãos. E que a Vossa justiça desagrade aos maus — quanto mais a víbora e os répteis, que criastes bons, ajustados às porções inferiores da Vossa criação, com as quais também os próprios maus se ajustam, e tanto mais quanto mais dessemelhantes são de Vós; mas com as criaturas superiores, tanto mais quanto mais semelhantes a Vós se tornam. E indaguei o que era a iniquidade, e descobri que não é substância alguma, mas a perversão da vontade, desviada de Vós, ó Deus, sumo bem, para estas coisas inferiores, lançando fora as suas entranhas e inchando-se por fora.

CAPÍTULO XVII

E admirava-me de já Vos amar a Vós, e não a um fantasma em Vosso lugar. E, contudo, não me firmava no gozo do meu Deus; antes era arrebatado até Vós pela Vossa formosura, e logo arrancado de Vós pelo meu próprio peso, caindo com gemidos

nestas coisas inferiores. E esse peso era o costume carnal. Habitava, contudo, em mim a lembrança de Vós, nem de modo algum duvidava de que havia Alguém a quem me unir — mas que eu ainda não era tal que a Vós pudesse unir-me; pois *o corpo, que se corrompe, pesa sobre a alma, e a morada terrena oprime a mente que muito medita*. E estava certíssimo de que *as Vossas coisas invisíveis se veem com clareza desde a criação do mundo, entendidas pelas coisas que foram feitas, e também o Vosso eterno poder e a Vossa divindade*. Pois, examinando donde vinha que eu admirasse a beleza dos corpos celestes ou terrestres, e o que me ajudava a julgar com acerto sobre as coisas mutáveis e a dizer "isto deve ser assim, e aquilo não"; examinando, digo, donde vinha que eu assim julgasse, uma vez que assim julgava, encontrara a imutável e verdadeira Eternidade da Verdade acima da minha mente mutável. E assim, por graus, passei dos corpos à alma, que percebe por meio dos sentidos do corpo; e daí à sua faculdade interior, à qual os sentidos do corpo apresentam as coisas exteriores — e até aí chegam as faculdades dos animais —; e daí de novo à faculdade racional, à qual se remete, para ser julgado, o que se recebe dos sentidos do corpo. E esta, achando-se também em mim coisa mutável, elevou-se ao seu próprio entendimento e afastou os meus pensamentos do poder do hábito, subtraindo-se àquelas turbas de fantasmas contraditórios, para encontrar qual era aquela luz de que era banhada quando, sem hesitação alguma, clamava "que o imutável se devia preferir ao mutável" — donde também conhecia aquele Imutável, o qual, se de algum modo não conhecesse, não teria fundamento seguro para o preferir ao mutável. E assim, no relâmpago de um olhar trêmulo, chegou Àquilo que é. E então vi *as Vossas coisas invisíveis, entendidas*

pelas coisas que foram feitas. Mas não pude fixar nelas o olhar; e, repelida a minha fraqueza, fui de novo lançado nos meus costumes habituais, levando comigo apenas uma memória amorosa daquilo, e um anseio por aquilo cujo perfume, por assim dizer, eu percebera, mas de que ainda não era capaz de me alimentar.

CAPÍTULO XVIII

Buscava, então, um meio de obter forças bastantes para gozar de Vós; e não o encontrei, senão quando abracei *aquele Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que está acima de tudo, Deus bendito para sempre*, que me chamava e dizia: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*, e que misturava com a nossa carne aquele alimento que eu era incapaz de receber. Pois *o Verbo se fez carne*, para que a Vossa sabedoria, pela qual criastes todas as coisas, fornecesse leite à nossa infância. Porque eu não aderia ao meu Senhor Jesus Cristo — eu, humilhado, ao Humilde —, nem sabia ainda para onde nos havia de conduzir a Sua fraqueza. Pois o Vosso Verbo, a Verdade eterna, muito acima das partes mais altas da Vossa criação, ergue até Si os que se submetem; mas neste mundo inferior construiu para Si uma humilde morada do nosso barro, com que abater de si mesmos os que se hão de submeter, e trazê-los a Si, abatendo-lhes o inchaço e alimentando-lhes o amor; para que não avançassem mais na confiança em si mesmos, mas antes consentissem em tornar-se fracos, vendo diante dos seus pés a Divindade enfraquecida por haver tomado as nossas túnicas de pele; e, cansados, se lançassem sobre Ela, e Ela, levantando-se, os erguesse.

CAPÍTULO XIX

Mas eu pensava de outro modo, concebendo o meu Senhor Cristo apenas como homem de excelente sabedoria, a quem ninguém se poderia igualar; sobretudo porque, nascido admiravelmente de uma Virgem, parecia-me haver alcançado, em conformidade com isso e pelo divino cuidado para conosco, aquela grande eminência de autoridade, como exemplo de desprezo das coisas temporais em vista da imortalidade. Mas que mistério houvesse naquilo de que *o Verbo se fez carne*, eu nem sequer o podia imaginar. Apenas aprendera, do que a respeito d'Ele se nos transmitiu por escrito, que Ele comia, bebia, dormia, andava, se alegrava em espírito, se entristecia, conversava; e que a carne não aderia por si mesma ao Vosso Verbo, mas com a alma e a mente humanas. Isto sabem todos os que conhecem a imutabilidade do Vosso Verbo, a qual eu então conhecia quanto podia, nem dela de modo algum duvidava. Pois ora mover os membros do corpo pela vontade, ora não; ora ser movido por algum afeto, ora não; ora proferir sentenças sábias por sinais humanos, ora guardar silêncio — tudo isso pertence à alma e à mente sujeitas à mudança. E, se estas coisas fossem falsamente escritas d'Ele, todo o resto correria também o risco da mesma acusação, nem restaria naqueles livros fé alguma salvadora para o gênero humano. Uma vez, pois, que foram escritas com verdade, eu reconhecia em Cristo um homem perfeito: não apenas o corpo de um homem, nem, com o corpo, uma alma sensitiva sem alma racional, mas verdadeiro homem — o qual, não só por ser uma forma da Verdade, mas por certa grande excelência da natureza humana e por uma mais perfeita participação da sabedoria, eu julgava dever ser preferido aos outros. Alípio, porém, imaginava que os católicos criam que Deus

se revestira de tal modo de carne que, além de Deus e da carne, não havia em Cristo alma alguma, e não pensava que se Lhe atribuísse mente humana. E, porque estava bem persuadido de que as ações que d'Ele se narram só podiam ser praticadas por uma criatura vital e racional, movia-se mais lentamente para a fé cristã. Mas, compreendendo depois que este era o erro dos hereges apolinaristas, alegrou-se e conformou-se com a fé católica. Um pouco mais tarde, confesso, aprendi eu como naquela sentença — *o Verbo se fez carne* — se distingue a verdade católica da falsidade de Fotino. Pois a rejeição dos hereges faz sobressair com maior clareza as doutrinas da Vossa Igreja e a sã doutrina. Porque *é preciso que haja heresias, para que os aprovados se manifestem entre os fracos*.

CAPÍTULO XX

Tendo, pois, lido então aqueles livros dos platônicos, e sendo por eles ensinado a buscar a verdade incorpórea, vi *as Vossas coisas invisíveis, entendidas pelas coisas que foram feitas*; e, ainda que repelido, percebi o que era aquilo que a treva do meu espírito me impedia de contemplar, tendo por certo "que Vós existis, e sois infinito, e todavia não difundido por espaço finito ou infinito; e que verdadeiramente sois Vós, que sois sempre o mesmo, sem variar em parte alguma nem por movimento algum; e que todas as outras coisas vêm de Vós, pelo único fundamento certíssimo de que existem". Destas coisas estava certo, mas ainda demasiado incerto para gozar de Vós. Falava como homem bem perito; mas, se não tivesse buscado o Vosso caminho em Cristo, nosso Salvador, ter-me-ia mostrado não perito, mas perdido. Pois já começara a querer parecer sábio, cheio do meu próprio castigo, e todavia não me lamentava, mas antes desprezava, *inchado de*

ciência. Pois onde estava aquela caridade edificada sobre o fundamento da humildade, que é Cristo Jesus? Ou quando me ensinariam aqueles livros tal coisa? Creio que por isso quisestes que eu desse com eles antes de estudar as Vossas Escrituras, para que ficasse impresso na minha memória como eles me haviam afetado; e para que depois, quando o meu espírito fosse domado pelos Vossos livros e as minhas feridas tocadas pelos Vossos dedos curadores, eu pudesse discernir e distinguir entre a presunção e a confissão; entre aqueles que veem para onde devem ir, mas não veem o caminho, e o caminho que leva não só a contemplar, mas a habitar a pátria bem-aventurada. Pois, se eu tivesse sido formado primeiro nas Vossas Santas Escrituras, e Vós, pelo uso familiar delas, Vos tivésseis tornado doce para mim, e depois eu desse com aqueles outros volumes, talvez me afastassem do sólido fundamento da piedade; ou, se eu permanecesse naquela disposição sadia que dali houvesse bebido, poderia julgar que ela se podia obter só pelo estudo daqueles livros.

CAPÍTULO XXI

Lancei-me, pois, avidamente sobre aquela venerável escritura do Vosso Espírito, e sobretudo sobre o apóstolo Paulo. E logo se desvaneceram aquelas dificuldades em que outrora me parecia contradizer-se, e em que o texto do seu discurso me parecia não concordar com os testemunhos da Lei e dos Profetas. E a face daquela palavra pura apareceu-me uma e a mesma; e aprendi a *alegrar-me com tremor*. Assim comecei; e tudo quanto de verdadeiro lera naqueles outros livros, encontrei-o aqui, mas em meio ao louvor da Vossa graça: para que quem vê não se glorie como se não tivesse recebido, não só o que vê, mas também o próprio ver — pois *que tem ele que não tenha recebido?* —; e para

que seja não só advertido a contemplar-Vos, a Vós que sois sempre o mesmo, mas também curado para Vos possuir; e para que aquele que não pode ver de longe caminhe todavia pelo caminho por onde possa chegar, e ver, e possuir-Vos. Pois, ainda que o homem *se deleite na lei de Deus segundo o homem interior*, que fará com aquela *outra lei nos seus membros, que repugna à lei da sua mente e o cativa sob a lei do pecado que está nos seus membros*? Pois *Vós sois justo, Senhor; mas nós pecamos, cometemos iniquidade e agimos perversamente*, e a Vossa mão pesou sobre nós, e com justiça fomos entregues àquele antigo pecador, rei da morte, porque persuadiu a nossa vontade a ser semelhante à sua vontade, pela qual *ele não permaneceu na Vossa verdade*. Que fará o homem miserável? *Quem o livrará do corpo desta morte*, senão a Vossa graça, *por Jesus Cristo, nosso Senhor*, que gerastes coeterno convosco e *formastes no princípio dos Vossos caminhos*, em quem *o príncipe deste mundo nada encontrou digno de morte* — e todavia O matou —, e assim foi *riscado o documento que era contra nós*? Isto aqueles escritos não contêm. Aquelas páginas não apresentam a imagem desta piedade, as lágrimas da confissão, *o Vosso sacrifício, um espírito atribulado, um coração contrito e humilhado*, a salvação do povo, a Cidade Esposa, *o penhor do Espírito Santo*, o cálice da nossa redenção. Ninguém canta ali: *Não estará a minha alma submissa a Deus? Pois d'Ele vem a minha salvação; Ele é o meu Deus e a minha salvação, o meu protetor: não serei mais abalado.* Ninguém ali O ouve chamar: *Vinde a mim todos vós que trabalhais.* Desdenham aprender d'Ele, *porque é manso e humilde de coração*; pois *escondestes estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelastes aos pequeninos*. Pois uma coisa é ver do cume arborizado do monte a terra da paz e não

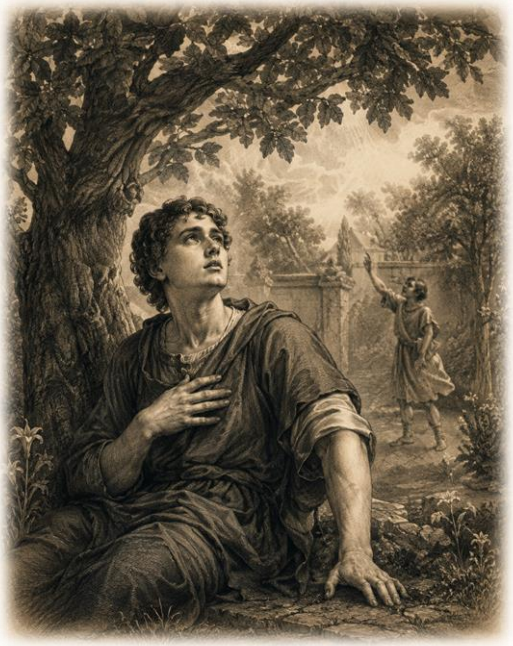
encontrar caminho para lá, e em vão tentar por veredas intransitáveis, atalhadas e cercadas por fugitivos e desertores sob o comando do leão e do dragão; e outra é seguir pelo caminho que para lá conduz, guardado pelas hostes do celeste General, onde não saqueiam os que desertaram do exército do céu — pois o evitam como ao próprio tormento. Estas coisas penetraram admiravelmente nas minhas entranhas, quando li aquele *mínimo dos Vossos apóstolos*, e considerei as Vossas obras, e estremeci sobremaneira.

L I V R O

VIII

A conversão no jardim

c a p í t u l o s I – X I I



CAPÍTULO I

Ó meu Deus, permiti que eu recorde com ação de graças e Vos confesse as Vossas misericórdias para comigo. Sejam os meus ossos banhados pelo Vosso amor, e digam-Vos: *Senhor, quem é semelhante a Vós? Rompestes as minhas cadeias: eu Vos oferecerei o sacrifício de louvor.* E como as rompestes, hei de proclamá-lo; e todos os que Vos adoram, ao ouvirem isto, dirão: "Bendito seja o Senhor no céu e na terra; grande e admirável é o Seu nome." As Vossas palavras estavam cravadas no meu coração, e eu era cercado por Vós de todos os lados. Da Vossa vida eterna estava agora certo, ainda que a visse *em enigma e como por um espelho*. Cessara já de duvidar de que houvesse uma substância incorruptível, donde vem toda a demais substância; nem desejava

agora estar mais certo de Vós, mas mais firme em Vós. Quanto, porém, à minha vida temporal, tudo vacilava; e era preciso purificar o meu coração *do velho fermento*. O Caminho, o próprio Salvador, muito me agradava; mas ainda me repugnava passar pelas suas estreitezas. E pusestes no meu espírito, e pareceu-me bom aos olhos, ir ter com Simpliciano, que me parecia bom servo Vosso e no qual resplandecia a Vossa graça. Ouvira também que desde a mais tenra juventude vivera dedicadíssimo a Vós; e agora estava avançado em anos. E, por tão longa idade gasta em seguimento tão zeloso dos Vossos caminhos, parecia-me homem que devia ter adquirido muita experiência — e assim era. Desse tesouro desejava eu que ele me dissesse, expondo-lhe as minhas ansiedades, qual seria o modo mais próprio de alguém na minha condição caminhar pelas Vossas veredas.

Pois eu via a igreja cheia, e uns iam por um caminho, outros por outro. Mas desagradava-me levar uma vida secular; sim, agora que os meus desejos já não me inflamavam, como outrora, com esperanças de honra e de lucro, era-me pesadíssimo fardo suportar tão dura servidão. Pois, em comparação com a Vossa doçura e com a beleza da Vossa casa, que eu amava, aquelas coisas já não me deleitavam. Mas ainda estava preso ao amor da mulher; nem o Apóstolo me proibia casar, ainda que me aconselhasse algo melhor, *desejando sobretudo que todos os homens fossem como ele*. Mas eu, sendo fraco, escolhia o lugar mais indulgente; e só por isso era sacudido de um lado para outro em tudo o mais, lânguido e consumido por cuidados que me murchavam, porque nas demais coisas era forçado, contra a minha vontade, a conformar-me a uma vida conjugal a que estava entregue e preso. Ouvira da boca da Verdade *que há eunucos que a si mesmos se fizeram*

eunucos por causa do reino dos céus; mas, diz Ele, *quem puder compreender, compreenda*. Certamente *vãos são todos os homens que ignoram a Deus, e que, das coisas boas que se veem, não puderam descobrir Aquele que é bom*. Mas eu já não estava naquela vaidade: superara-a; e, pelo testemunho comum de todas as Vossas criaturas, encontrara a Vós, nosso Criador, e o Vosso Verbo, Deus junto de Vós e convosco um só Deus, por quem criastes todas as coisas. Há ainda outra espécie de ímpios, os que, *conhecendo a Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças*. Também nisto eu caíra; mas a Vossa mão direita me sustentou e dali me tirou, e Vós me colocastes onde eu pudesse recuperar-me. Pois dissestes ao homem: *Eis que o temor do Senhor é a sabedoria*; e: *Não queiras parecer sábio*, porque *os que se afirmaram sábios tornaram-se néscios*. Mas eu já encontrara a pérola preciosa, que, vendendo tudo o que tinha, devia comprar — e hesitava.

CAPÍTULO II

Fui, pois, ter com Simpliciano, pai de Ambrósio — já então bispo — no receber da Vossa graça, e a quem Ambrósio verdadeiramente amava como a um pai. A ele narrei os labirintos dos meus desvarios. Mas, quando mencionei que lera certos livros dos platônicos, traduzidos para o latim por Vitorino, outrora professor de retórica em Roma, e que morrera cristão, segundo eu ouvira, ele manifestou a sua alegria por eu não ter caído nos escritos de outros filósofos, cheios de falácias e enganos, *segundo os elementos deste mundo*, ao passo que os platônicos de muitos modos conduziam à fé em Deus e no Seu Verbo. Depois, para me exortar à humildade de Cristo, *escondida aos sábios e revelada aos*

pequeninos, falou-me do próprio Vitorino, a quem em Roma conhecera intimíssimamente. E dele contou-me o que não hei de calar, pois encerra grande louvor da Vossa graça, que se deve confessar diante de Vós: como aquele ancião, doutíssimo e perito nas ciências liberais, que lera e ponderara tantas obras dos filósofos, mestre de tantos nobres senadores, e que, como monumento do seu excelente desempenho, merecera e obtivera — coisa que os homens deste mundo têm por alta honra — uma estátua no foro romano; ele, até àquela idade adorador dos ídolos e participante dos ritos sacrílegos a que quase toda a nobreza de Roma se entregava, e com que inspirara ao povo o amor de

> *Anúbis, deus ladrador, e de todos*
> *os monstros divinos de toda espécie, que combateram*
> *contra Netuno, contra Vênus e contra Minerva —*

deuses que Roma um dia venceu e que agora adorava, e a todos os quais o velho Vitorino durante tantos anos defendera com eloquência trovejante; ele agora não corava de ser filho do Vosso Cristo e recém-nascido da Vossa fonte, submetendo a cerviz ao jugo da humildade e curvando a fronte diante do opróbrio da Cruz.

Ó Senhor, Senhor, *que inclinastes os céus e descestes, que tocastes os montes e eles fumegaram*, por que meios Vos insinuastes naquele peito? Costumava ele ler, dizia Simpliciano, a Sagrada Escritura, e procurava e perscrutava com o maior empenho todos os escritos cristãos. E dizia a Simpliciano, não em público, mas em particular e como amigo: "Fica sabendo que já sou cristão." Ao que este respondia: "Não o creio, nem te contarei entre os cristãos, enquanto não te vir na igreja de Cristo." E o

outro, gracejando, retorquia: "Então são as paredes que fazem os cristãos?" E muitas vezes dizia que já era cristão; e outras tantas dava Simpliciano a mesma resposta; e outras tantas era renovado pelo outro o gracejo das "paredes". Pois temia ofender os amigos, soberbos adoradores dos demônios, de cujo alto da dignidade babilônica, como dos cedros do Líbano que o Senhor ainda não quebrara, ele supunha que lhe cairia em cima o peso da inimizade. Mas, depois que, pela leitura e pela reflexão intensa, adquirira firmeza, e temia ser negado por Cristo diante dos santos anjos se agora tivesse medo de O confessar diante dos homens, e se via culpado de grave falta por se envergonhar dos sacramentos da humildade do Vosso Verbo e não se envergonhar dos ritos sacrílegos daqueles demônios soberbos, cuja soberba imitara e cujos ritos adotara — então tornou-se audaz contra a vaidade e envergonhado diante da verdade; e súbita e inesperadamente disse a Simpliciano, como ele mesmo me contou: "Vamos à igreja: quero fazer-me cristão." E este, não cabendo em si de alegria, foi com ele. E, tendo sido admitido aos primeiros sacramentos e feito catecúmeno, não muito depois deu também o seu nome, para ser regenerado pelo batismo — admirando-se Roma e alegrando-se a Igreja. *Os soberbos viram e irritaram-se; rangeram os dentes e consumiram-se de raiva.* Mas *o Senhor Deus era a esperança do Vosso servo, e ele não olhou para as vaidades nem para as loucuras mentirosas*.

Enfim, chegada a hora de fazer a profissão de fé — que em Roma os que vão aproximar-se da Vossa graça pronunciam de um lugar elevado, à vista de todos os fiéis, numa fórmula fixa decorada de memória —, os presbíteros ofereceram a Vitorino, disse ele, como se fazia àqueles que pareciam propensos a assustar-se por

timidez, que fizesse a sua profissão mais em particular. Mas ele preferiu professar a sua salvação diante da santa multidão. "Pois não era a salvação que ensinava na retórica, e todavia a professara publicamente; quanto menos, então, ao pronunciar a Vossa palavra, deveria temer o Vosso manso rebanho, ele que, ao proferir as suas próprias palavras, não temera uma multidão insensata!" Quando, pois, subiu para fazer a sua profissão, todos, à medida que o reconheciam, sussurravam o seu nome uns aos outros com voz de congratulação. E quem ali o não conhecia? E correu um murmúrio surdo por todas as bocas da multidão alegre: "Vitorino! Vitorino!" Súbito foi o rompante de alegria, ao vê-lo; súbito o silêncio, para o ouvirem. Pronunciou a verdadeira fé com admirável firmeza, e todos desejavam arrebatá-lo para dentro do próprio coração — e com o seu amor e a sua alegria para lá o arrebatavam; tais eram as mãos com que o arrebatavam.

CAPÍTULO III

Bom Deus! Que se passa no homem, para que se alegre mais com a salvação de uma alma de que se desesperava e que foi livrada de maior perigo, do que se sempre houvesse esperança dela, ou se o perigo houvesse sido menor? Pois assim também Vós, Pai misericordioso, *Vos alegrais mais por um só penitente do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência*. E com muita alegria ouvimos, sempre que o ouvimos, com que júbilo *a ovelha que se extraviara é trazida de volta aos ombros do pastor*, e *a dracma é devolvida ao Vosso tesouro, alegrando-se com a mulher que a encontrou as suas vizinhas*; e a alegria da solene liturgia da Vossa casa arranca lágrimas quando na Vossa casa se lê do Vosso filho mais moço *que estava morto e reviveu, que estava perdido e*

foi encontrado. Pois Vós Vos alegrais em nós e nos Vossos santos anjos, santos pela santa caridade. Porque Vós sois sempre o mesmo; pois todas as coisas que não permanecem as mesmas nem para sempre, Vós as conheceis para sempre do mesmo modo.

Que se passa, então, na alma, quando se deleita mais em encontrar ou recuperar as coisas que ama do que se sempre as tivesse tido? Sim, e outras coisas o atestam, e tudo está cheio de testemunhos que clamam: "É assim." O general vitorioso triunfa; e todavia não teria vencido se não houvesse combatido — e quanto maior perigo houve na batalha, tanto maior alegria há no triunfo. A tempestade sacode os marinheiros e ameaça naufrágio; todos empalidecem diante da morte próxima; acalmam-se o céu e o mar, e eles se alegram sobremaneira, porque sobremaneira haviam temido. Um amigo está doente, e o seu pulso anuncia perigo; todos os que desejam a sua cura adoecem no espírito com ele. Ele restabelece-se, ainda que não caminhe com a força de antes; e há uma alegria como não havia quando antes caminhava são e forte. Sim, até os próprios prazeres da vida humana os homens os adquirem por meio de dificuldades — não só as que nos sobrevêm inesperadas e contra a nossa vontade, mas até as buscadas de propósito, por incômodo escolhido em busca do prazer. O comer e o beber não dão prazer se não precederem a mordida da fome e da sede. Os que se dão à bebida comem certas comidas salgadas para provocar um ardor incômodo, que a bebida, ao aplacar, produz prazer. Também está estabelecido que a noiva prometida não seja entregue de imediato, para que o marido não tenha em pouco aquela por quem, enquanto noivo, não suspirou.

Esta lei vale na alegria torpe e maldita; vale na alegria permitida e lícita; vale na mais pura perfeição da amizade; vale naquele *que*

estava morto e reviveu, que estava perdido e foi encontrado. Em toda parte a maior alegria é precedida pela maior dor. Que significa isto, ó Senhor meu Deus, sendo Vós eternamente alegria para Vós mesmo, e alegrando-se em Vós perpetuamente algumas coisas à Vossa volta? Que significa isto, que esta porção das coisas assim reflua e flua, ora desgostosa, ora reconciliada? Será esta a medida que lhes coube? Será isto tudo o que lhes destinastes, quando, dos mais altos céus até à terra mais baixa, do princípio do mundo até ao fim dos séculos, do anjo até ao verme, do primeiro movimento até ao último, colocais cada coisa no seu lugar e realizais cada uma no seu tempo, tudo bom segundo a sua espécie? Ai de mim! Quão alto sois no mais alto, e quão profundo no mais profundo! E nunca Vos afastais, e nós mal voltamos a Vós.

CAPÍTULO IV

Levantai-Vos, Senhor, e agi; despertai-nos e chamai-nos de volta; acendei-nos e arrebatai-nos; inflamai-nos, tornai-Vos doce para nós; amemos agora, corramos. Não voltam a Vós muitos, saídos de um inferno de cegueira mais profundo do que o de Vitorino, e se aproximam, e são iluminados, recebendo aquela Luz — e *os que a recebem recebem de Vós o poder de se tornarem Vossos filhos*? Mas, se são menos conhecidos das nações, até os que os conhecem se alegram menos por eles. Pois, quando muitos se alegram juntos, cada um tem também alegria mais exuberante, porque se inflamam e se acendem uns aos outros. E ainda porque aqueles que são conhecidos de muitos influem mais para a salvação e abrem o caminho para que muitos os sigam. E por isso também os que os precederam muito se alegram com eles, porque não se alegram só por eles. Pois longe de nós que no Vosso tabernáculo

se recebam as pessoas dos ricos antes das dos pobres, ou dos nobres antes das dos plebeus, uma vez que antes *escolhestes as coisas fracas do mundo para confundir as fortes, e as coisas vis deste mundo, e as desprezadas escolhestes, e as que não são, para reduzir a nada as que são*. E, contudo, até aquele *mínimo dos Vossos apóstolos*, por cuja língua fizestes ressoar estas palavras, quando na sua milícia o procônsul Paulo, vencida a sua soberba, foi levado a passar sob o jugo suave do Vosso Cristo e se tornou súdito do grande Rei — ele também quis, em lugar do seu antigo nome Saulo, chamar-se Paulo, em testemunho de tão grande vitória. Pois o inimigo é mais derrotado naquele de quem mais se apossa, e por quem se apossa de mais. Ora, dos soberbos apossa-se ele mais pela sua nobreza; e, por eles, de muitos mais pela sua autoridade. Quanto mais precioso, portanto, era tido o coração de Vitorino, que o demônio possuíra como praça inexpugnável, e a língua de Vitorino, com que, como arma poderosa e afiada, matara a muitos, tanto mais abundantemente deviam alegrar-se os Vossos filhos, porque *o nosso Rei amarrou o forte*, e viram-lhe os vasos tomados e purificados e tornados aptos para a Vossa honra, e *úteis ao Senhor para toda boa obra*.

CAPÍTULO V

Mas, quando aquele Vosso servo Simpliciano me contou isto de Vitorino, ardi por imitá-lo — pois para isso mesmo mo contara. E, quando acrescentou ainda como, nos dias do imperador Juliano, se promulgara uma lei que proibia os cristãos de ensinar as ciências liberais e a oratória, e como ele, obedecendo a essa lei, preferira abandonar a escola de palavras a abandonar a Vossa Palavra, pela qual *tornais eloquentes as línguas dos mudos*,

pareceu-me ele não mais resoluto do que feliz, por haver encontrado assim a ocasião de servir só a Vós. Por isso mesmo suspirava eu, preso como estava — não com ferros alheios, mas pela minha própria vontade de ferro. O inimigo tinha a minha vontade, e dela me fizera uma cadeia, e me prendera. Pois de uma vontade perversa nascera a paixão; e, servindo à paixão, ela se tornara hábito; e o hábito, não resistido, tornara-se necessidade. Por estes elos, como que unidos entre si — donde lhe chamei cadeia —, uma dura servidão me mantinha escravizado. Mas aquela vontade nova, que começara a existir em mim, de Vos servir livremente e de gozar de Vós, ó Deus, único prazer seguro, ainda não era capaz de vencer a minha vontade antiga, fortalecida pelo tempo. Assim, as minhas duas vontades — uma nova e outra velha, uma carnal e outra espiritual — lutavam dentro de mim, e com a sua discórdia dilaceravam a minha alma.

Assim compreendi, pela minha própria experiência, aquilo que lera: como *a carne cobiça contra o espírito, e o espírito contra a carne*. Eu mesmo, na verdade, era ambas as coisas; mas mais eu naquilo que em mim aprovava do que naquilo que em mim reprovava. Pois neste último já não era eu, na maior parte, porque em muito eu antes padecia contra a vontade do que agia voluntariamente. E, contudo, fora por minha causa que o hábito adquirira este poder de guerrear contra mim, porque de bom grado chegara aonde não queria estar. E quem tem direito de falar contra isso, se ao pecador segue justo castigo? Nem tinha eu já a minha antiga desculpa: que por isso hesitava ainda em desprezar o mundo e Vos servir, porque a verdade não me estava de todo averiguada — pois agora também ela o estava. Mas eu, ainda escravo da terra, recusava alistar-me sob a Vossa bandeira, e temia

tanto ser livrado de todos os embaraços quanto se deveria temer ser embaraçado por eles. Assim, com a bagagem deste mundo presente, era eu docemente mantido preso, como no sono; e os pensamentos com que meditava em Vós eram como os esforços dos que querem despertar e que, vencidos por pesado torpor, de novo nele mergulham. E, assim como ninguém quereria dormir para sempre, e no juízo sóbrio de todos é melhor estar acordado, e todavia um homem, sentindo um pesado langor em todos os membros, adia sacudir o sono e, ainda que meio contrariado, mesmo depois de ser hora de levantar-se, com prazer a ele se entrega; assim eu estava certo de que muito melhor me seria entregar-me à Vossa caridade do que entregar-me à minha própria cobiça. Mas, ainda que o primeiro caminho me satisfizesse e prevalecesse, o segundo agradava-me e mantinha-me vencido. Nem tinha eu que responder-Vos, quando me chamáveis: *Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará.* E, quando de todos os lados me mostráveis que era verdade o que dizíeis, eu, convencido pela verdade, nada absolutamente tinha a responder, senão aquelas palavras lentas e sonolentas: "Já, já vou"; "num instante"; "deixa-me só mais um pouco". Mas o "num instante, num instante" não tinha instante algum, e o meu "mais um pouco" prolongava-se por muito tempo. Em vão *me deleitava na Vossa lei segundo o homem interior, quando outra lei nos meus membros repugnava à lei da minha mente e me levava cativo sob a lei do pecado que estava nos meus membros*. Pois a lei do pecado é a violência do hábito, pela qual a mente é arrastada e retida mesmo contra a vontade — mas merecidamente, porque de vontade própria nele caiu. *Quem,*

pois, me livraria, miserável, do corpo desta morte, senão a Vossa graça, por Jesus Cristo nosso Senhor?

CAPÍTULO VI

E como me libertastes dos laços do desejo, com que eu estava estreitíssimamente preso à concupiscência carnal, e da servidão das coisas do mundo, é o que agora hei de narrar e confessar ao Vosso nome, ó Senhor, meu auxílio e meu redentor. Em meio a uma ansiedade crescente, ia fazendo os meus negócios habituais e suspirava diariamente por Vós. Frequentava a Vossa igreja sempre que estava livre dos afazeres sob cujo peso gemia. Alípio estava comigo, agora, depois da terceira sessão, livre dos seus trabalhos jurídicos e à espera de a quem vender os seus conselhos, como eu vendia a arte de falar, se é que o ensino a pode transmitir. Nebrídio consentira já, em consideração à nossa amizade, em ensinar sob a direção de Verecundo, cidadão e gramático de Milão, e amigo intimíssimo de todos nós, que insistentemente desejava e, pelo direito da amizade, reclamava do nosso grupo aquele auxílio fiel de que muito precisava. Nebrídio não foi levado a isso por desejo algum de proveito — pois muito mais poderia ter tirado do seu saber, se o quisesse —; mas, como amigo bondosíssimo e delicadíssimo, não quis faltar a um bom ofício nem desdenhar o nosso pedido. E procedeu nisto com muita discrição, evitando tornar-se conhecido de personagens grandes segundo este mundo, fugindo à distração de espírito daí resultante, e desejando tê-lo livre e disponível, tantas horas quantas fosse possível, para buscar, ler ou ouvir algo acerca da sabedoria.

Ora, um dia, estando Nebrídio ausente — não me lembro por quê —, eis que veio ver-nos, a mim e a Alípio, certo Ponticiano,

nosso conterrâneo enquanto africano, alto funcionário na corte imperial. O que queria de nós, não sei; mas sentamo-nos a conversar, e aconteceu que, sobre uma mesa de jogo diante de nós, ele reparou num livro, tomou-o, abriu-o e, contra a sua expectativa, achou que era o apóstolo Paulo — pois julgava ser algum daqueles livros com que eu me consumia no ensino. Sorrindo então e olhando para mim, exprimiu a sua alegria e o seu espanto por ter de repente encontrado aquele livro, e só aquele, diante dos meus olhos. Pois era cristão e batizado, e muitas vezes se prostrava diante de Vós, nosso Deus, na igreja, em orações frequentes e prolongadas. Tendo-lhe eu dito que dedicava grandíssimo cuidado àquelas Escrituras, surgiu uma conversa, suscitada pelo que ele nos contava, sobre Antônio, o monge egípcio, cujo nome gozava de alta reputação entre os Vossos servos, ainda que até àquela hora nos fosse desconhecido. Ao descobri-lo, deteve-se ainda mais naquele assunto, informando-nos e admirando-se da nossa ignorância acerca de homem tão eminente. E nós ficamos pasmados, ouvindo as Vossas obras admiráveis, plenamente atestadas em tempos tão recentes, e quase nos nossos, realizadas na verdadeira fé e na Igreja Católica. Todos nos admirávamos: nós, de que fossem tão grandes; ele, de que não houvessem chegado até nós.

Dali passou o seu discurso aos rebanhos dos mosteiros e aos seus santos costumes, *suave odor* para Vós, e aos desertos fecundos da solidão, de que nada sabíamos. E havia um mosteiro em Milão, cheio de bons irmãos, fora dos muros da cidade, sob a solicitude de Ambrósio, e não o sabíamos. Prosseguiu ele o seu discurso, e nós escutávamos em atento silêncio. Contou-nos, então, como certa tarde, em Tréveris, estando o imperador ocupado com os

jogos do circo, ele e três outros companheiros saíram a passear em jardins junto às muralhas da cidade; e ali, como calhasse que caminhassem aos pares, um foi à parte com ele, e os outros dois vaguearam sozinhos. E estes, nos seus passeios, deram com uma cabana habitada por certos servos Vossos, *pobres de espírito, dos quais é o reino dos céus*; e ali encontraram um pequeno livro que continha a vida de Antônio. Um deles começou a lê-lo, a admirá-lo e a inflamar-se com ele; e, enquanto lia, a meditar em abraçar tal vida e em deixar o serviço secular para Vos servir — e ambos eram daqueles a que chamam agentes dos negócios públicos. Então, de repente, cheio de santo amor e de sóbria vergonha, irado consigo mesmo, lançou os olhos para o amigo e disse: "Dize-me, por favor: onde havemos de chegar com todos estes nossos trabalhos? Que buscamos? Por que servimos? Podem as nossas esperanças na corte subir mais alto do que a ser favoritos do imperador? E nisso, que não há de frágil e cheio de perigos? E por quantos perigos chegaremos a um perigo maior? E quando chegaremos lá? Mas amigo de Deus, se eu quiser, torno-me agora mesmo." Assim falou. E, em dores do parto de uma vida nova, voltou os olhos de novo para o livro, e leu, e mudou-se por dentro, onde Vós o víeis; e o seu espírito despiu-se do mundo, como logo se viu. Pois, enquanto lia e revolvia as ondas do seu coração, indignou-se por algum tempo consigo mesmo; depois discerniu e decidiu-se por um caminho melhor; e, sendo já Vosso, disse ao amigo: "Já rompi com aquelas nossas esperanças e estou resolvido a servir a Deus; e a isto, desta hora e neste lugar, dou início. Se não te agrada imitar-me, não te oponhas." Respondeu o outro que se uniria a ele, para partilhar tão gloriosa recompensa e tão glorioso serviço. Assim, sendo já ambos Vossos, *edificavam a torre* ao custo necessário, que

é abandonar tudo o que tinham e seguir-Vos. Então Ponticiano e o outro que com ele passeava por outras partes do jardim vieram procurá-los até ao mesmo lugar; e, encontrando-os, lembraram-lhes que voltassem, pois o dia já ia adiantado. Mas eles, narrando a sua resolução e o seu propósito, e como aquela vontade nascera e se firmara neles, pediram-lhes que, se não quisessem unir-se-lhes, ao menos não os incomodassem. Os outros, porém, ainda que em nada mudados do que antes eram, lamentaram-se a si mesmos, segundo ele afirmava, e piedosamente os felicitaram, encomendando-se às suas orações; e assim, com o coração ainda preso à terra, foram-se embora para o palácio. Mas os outros dois, fixando o coração no céu, permaneceram na cabana. E ambos tinham noivas, as quais, quando souberam disto, também consagraram a Deus a sua virgindade.

CAPÍTULO VII

Tal foi a narrativa de Ponticiano. Mas Vós, Senhor, enquanto ele falava, me fazíeis voltar para mim mesmo, arrancando-me de trás das minhas próprias costas, onde eu me colocara para não querer olhar-me, e pondo-me diante do meu rosto, para que eu visse como era torpe, quão torto e sujo, manchado e ulcerado. E vi, e fiquei aterrado; e não achava para onde fugir de mim mesmo. E, se procurava desviar de mim o olhar, ele prosseguia a sua narração, e Vós de novo me colocáveis diante de mim mesmo, e me impelíeis diante dos meus olhos, para que eu descobrisse a minha iniquidade e a odiasse. Conhecia-a, mas fingia não a ver, fazia vista grossa e esquecia-a.

Mas agora, quanto mais ardentemente amava aqueles cujos afetos salutares eu ouvia — que se haviam entregado inteiramente

a Vós para serem curados —, tanto mais me abominava a mim mesmo, comparado com eles. Pois já se me haviam escoado muitos anos, cerca de doze, desde aquele meu décimo nono, quando, com a leitura do *Hortênsio* de Cícero, fui despertado para um sério amor da sabedoria; e ainda ia adiando rejeitar a felicidade meramente terrena e entregar-me a buscar aquilo cuja busca — e não só o encontro — era preferível aos tesouros e reinos do mundo, ainda que já possuídos, e aos prazeres do corpo, ainda que espalhados à minha volta ao meu bel-prazer. Mas eu, miserável, miserabilíssimo, no próprio início da minha juventude Vos pedira castidade e dissera: "Dai-me castidade e continência — mas ainda não." Pois temia que me ouvísseis depressa e depressa me curásseis da doença da concupiscência, que eu preferia ver saciada a extinta. E vagara por caminhos tortuosos numa superstição sacrílega, não por estar dela seguro, mas por a preferir às outras, que eu não buscava religiosamente, mas combatia com malícia.

E julgava eu que adiava de dia para dia rejeitar as esperanças deste mundo e seguir só a Vós porque não me aparecia nada de certo para onde dirigir o meu rumo. E agora chegara o dia em que eu havia de ser posto a nu diante de mim mesmo, e a minha consciência havia de censurar-me: "Onde estás agora, ó minha língua? Dizias que, por ser incerta a verdade, não querias lançar fora o fardo da vaidade. Ora, ela agora é certa, e todavia aquele fardo ainda te oprime — ao passo que aqueles que nem se consumiram tanto em buscá-la, nem por dez anos e mais nela pensaram, tiveram os ombros aliviados e receberam asas para voar." Assim era eu roído por dentro e extremamente confundido por uma vergonha horrível, enquanto Ponticiano falava. E ele, tendo concluído a sua história e o assunto a que viera, foi-se

embora; e eu, para dentro de mim mesmo. Que não disse eu contra mim? Com que açoites de condenação não flagelei a minha alma, para que me seguisse no meu esforço de ir atrás de Vós? E ela recuava; recusava, mas não se desculpava. Todos os argumentos estavam gastos e refutados; restava um mudo encolher-se; e ela temia, como à morte, ser afastada do fluxo daquele hábito com que se consumia até à morte.

CAPÍTULO VIII

Então, naquela grande contenda da minha morada interior, que eu levantara com força contra a minha alma, na câmara do meu coração, perturbado no espírito e no semblante, voltei-me para Alípio: "Que temos nós?", exclamei. "Que é isto? Que ouviste? Levantam-se os ignorantes e arrebatam o céu, e nós, com a nossa doutrina e sem coração, eis-nos a revolver-nos na carne e no sangue! Envergonhamo-nos de seguir, porque outros nos precederam, e não nos envergonhamos sequer de não os seguir?" Algo assim proferi; e o ardor do meu espírito arrancou-me de junto dele, enquanto ele, olhando-me pasmado, guardava silêncio. Pois não era o meu tom habitual; e a minha fronte, as faces, os olhos, a cor e o tom da voz diziam mais do meu espírito do que as palavras que eu proferia. Havia junto à nossa hospedagem um pequeno jardim, de que dispúnhamos como de toda a casa, pois o dono da casa, nosso hospedeiro, ali não morava. Para ali me arrastara o tumulto do meu peito, onde ninguém pudesse impedir a acesa contenda que eu travava comigo mesmo, até que terminasse como Vós o sabíeis, e eu não. Apenas sabia que enlouquecia salutarmente e morria para viver; conhecendo o mal que eu era, e não conhecendo o bem que em breve havia de ser.

Retirei-me, pois, para o jardim, e Alípio nos meus passos. Pois a sua presença não diminuía a minha solidão — ou como poderia ele abandonar-me, tão perturbado? Sentamo-nos o mais longe possível da casa. Eu estava agitado no espírito, veementíssimamente indignado por não entrar na Vossa vontade e na Vossa aliança, ó meu Deus, na qual todos os meus ossos clamavam que eu entrasse, e que louvavam até aos céus. E para lá não se entra com navios, nem com carros, nem com os pés — não, nem sequer se avança tanto quanto eu avançara da casa até àquele lugar onde estávamos sentados. Pois, não só ir, mas entrar ali, não era outra coisa senão querer ir; mas querer com resolução e por inteiro, e não revolver e sacudir para cá e para lá uma vontade mutilada e meio dividida, lutando, com uma parte a afundar-se enquanto outra se erguia.

Por fim, no próprio ardor da minha irresolução, fazia com o corpo muitos daqueles gestos que os homens às vezes querem fazer e não podem, seja por não terem os membros, seja por estarem eles atados, ou enfraquecidos pela doença, ou impedidos de qualquer outro modo. Assim, se eu arrancava os cabelos, se batia na testa, se, entrelaçando os dedos, abraçava o joelho — eu quis, e fi-lo. Mas poderia ter querido e não o ter feito, se o poder de movimento nos meus membros não obedecesse. Tantas coisas, pois, eu fazia, quando "querer" não era em si mesmo "poder"; e não fazia aquilo que incomparavelmente mais desejava fazer e que logo depois, quando quisesse, seria capaz de fazer — porque logo depois, quando quisesse, quereria por inteiro. Pois nestas coisas o poder era um só com a vontade, e querer era fazer; e, contudo, não se fazia. E mais facilmente obedecia o meu corpo ao mais fraco querer da minha alma, movendo os membros a um seu aceno, do

que a alma obedecia a si mesma para realizar, só na vontade, aquela sua grande vontade.

CAPÍTULO IX

Donde vem este prodígio? E com que fim? Resplandeça a Vossa misericórdia, para que eu possa perguntar, a ver se acaso me responderão os castigos ocultos dos homens e aquelas dores tenebrosíssimas dos filhos de Adão. Donde vem este prodígio? E com que fim? A mente ordena ao corpo, e ele obedece no mesmo instante; a mente ordena a si mesma, e encontra resistência. A mente ordena que a mão se mova, e é tal a prontidão que mal se distingue a ordem da obediência — e, todavia, a mente é mente, e a mão é corpo. A mente ordena à mente, a si mesma, que queira; e todavia não o faz. Donde vem este prodígio? E com que fim? Ordena a si mesma, digo, que queira — e não o ordenaria, se não quisesse; e todavia não se faz o que ordena. Mas não quer por inteiro; portanto, não ordena por inteiro. Pois só ordena na medida em que quer, e só deixa de se fazer o que ordena na medida em que não quer. Porque é a vontade que ordena que haja vontade — não outra, mas ela mesma. Mas não ordena por inteiro; portanto, não é aquilo que ordena. Pois, se a vontade fosse inteira, nem sequer ordenaria que existisse, porque já existiria. Não é, portanto, prodígio querer em parte e não querer em parte, mas doença da mente, que não se ergue toda, erguida pela verdade e derrubada pelo hábito. E por isso há duas vontades, porque uma delas não é inteira; e o que falta a uma, tem-no a outra.

CAPÍTULO X

Pereçam da Vossa presença, ó Deus, como perecem *os faladores vãos e sedutores da alma*, aqueles que, observando que na deliberação havia duas vontades, afirmam existir em nós duas mentes de duas naturezas, uma boa e outra má. Eles é que são verdadeiramente maus, quando sustentam estas coisas más; e tornar-se-ão bons quando sustentarem a verdade e à verdade assentirem, para que o Vosso Apóstolo lhes possa dizer: *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor.* Mas eles, querendo ser luz não no Senhor, mas em si mesmos, imaginando ser a natureza da alma aquilo que Deus é, tornam-se trevas mais espessas por uma arrogância terrível, porque se afastaram ainda mais de Vós, *a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo*. Atendei ao que dizeis e corai de vergonha: *aproximai-vos d'Ele e sereis iluminados, e os vossos rostos não serão confundidos.* Eu mesmo, quando deliberava sobre servir ao Senhor meu Deus agora, como havia muito tempo me propunha, era eu que queria, eu que não queria — eu, eu mesmo. Nem queria por inteiro, nem deixava de querer por inteiro. Por isso estava em luta comigo mesmo e era despedaçado por mim mesmo. E este dilaceramento sobrevinha-me contra a minha vontade, e todavia indicava não a presença de outra mente, mas o castigo da minha própria. Por isso *já não era eu que o operava, mas o pecado que habitava em mim* — castigo de um pecado cometido com mais liberdade, por eu ser filho de Adão.

Pois, se há tantas naturezas contrárias quantas são as vontades em conflito, haverá agora não duas apenas, mas muitas. Se um homem delibera se há de ir ao conventículo deles ou ao teatro, clamam estes maniqueus: "Eis duas naturezas: uma boa, que puxa

para cá; outra má, que o arrasta para lá. Pois donde mais viria esta hesitação entre vontades em conflito?" Mas eu digo que ambas são más: tanto a que puxa para eles quanto a que arrasta para o teatro. Eles, porém, não creem que seja outra senão boa a vontade que puxa para eles. E que dizer, então, se um de nós deliberasse e, no conflito das suas duas vontades, ficasse em aperto sobre se havia de ir ao teatro ou à nossa igreja? Não ficariam também estes maniqueus em aperto sobre o que responder? Pois ou teriam de confessar — o que não quereriam — que é boa a vontade que leva à nossa igreja, tanto quanto a dos que receberam e são detidos pelos mistérios da deles; ou teriam de supor duas naturezas más e duas almas más em conflito num só homem, e então não seria verdade o que dizem, que uma é boa e a outra má; ou teriam de converter-se à verdade e não negar mais que, quando alguém delibera, é uma só alma que flutua entre vontades contrárias.

Não digam, pois, mais, quando percebem duas vontades em conflito num só homem, que o conflito se dá entre duas almas contrárias, de duas substâncias contrárias, de dois princípios contrários, um bom e outro mau. Pois Vós, ó Deus verdadeiro, os desmentis, refreais e refutais: como quando, sendo ambas as vontades más, alguém delibera se há de matar um homem com veneno ou com a espada; se há de apoderar-se desta ou daquela propriedade alheia, quando não pode das duas; se há de comprar prazer com a luxúria ou guardar o dinheiro por avareza; se há de ir ao circo ou ao teatro, se ambos estiverem abertos no mesmo dia; ou ainda, em terceiro lugar, se há de roubar a casa alheia, tendo oportunidade; ou, em quarto lugar, se há de cometer adultério, tendo ao mesmo tempo também os meios — encontrando-se tudo isto na mesma conjuntura de tempo, e sendo tudo igualmente

desejado, sem que se possa fazer tudo ao mesmo tempo. Pois dilaceram a mente em quatro, ou mesmo — dada a vasta variedade das coisas desejadas — em mais vontades em conflito; e todavia nem por isso alegam que há tantas substâncias diversas. Assim também nas vontades boas. Pois pergunto-lhes: é bom deleitar-se com a leitura do Apóstolo? É bom deleitar-se com um salmo sóbrio? É bom discorrer sobre o Evangelho? A cada uma responderão: "É bom." E que dizer, então, se todas derem igual prazer, e todas ao mesmo tempo? Não distraem vontades diversas a mente, enquanto ela delibera qual deve antes escolher? E, contudo, todas são boas, e estão em desacordo até que se escolha uma, para onde possa dirigir-se aquela vontade inteira que antes se dividia em muitas. Assim também, quando lá em cima a eternidade nos deleita e cá em baixo nos retém o prazer de um bem temporal, é a mesma alma que não quer nem uma coisa nem outra com vontade inteira; e por isso é despedaçada por graves perplexidades, quando, pela verdade, põe uma em primeiro lugar, mas, pelo hábito, não põe a outra de lado.

CAPÍTULO XI

Assim estava eu, doente na alma e atormentado, acusando-me com muito mais severidade do que de costume, revolvendo-me e virando-me na minha cadeia, até que ela se quebrasse por inteiro — essa cadeia por que eu agora estava apenas a custo, mas ainda estava, preso. E Vós, Senhor, insistíeis nas minhas entranhas com uma severa misericórdia, redobrando os açoites do temor e da vergonha, para que eu não cedesse de novo e, não rompendo aquele mesmo ténue laço que restava, ele recobrasse forças e me prendesse mais estreitamente. Pois eu dizia comigo mesmo: "Seja

feito agora, seja feito agora." E, ao dizê-lo, quase o executava: quase o fazia, e não o fazia. E todavia não recaía no estado anterior, mas mantinha-me ali perto e tomava fôlego. E tentava de novo, e faltava-me um pouco menos, e um pouco menos, e quase tocava e agarrava; e, contudo, não chegava lá, nem tocava nem agarrava, hesitando em morrer para a morte e viver para a vida. E o pior, a que estava habituado, prevalecia mais em mim do que o melhor, a que não estava acostumado; e o próprio instante em que eu havia de tornar-me outro do que era, quanto mais se aproximava de mim, maior horror me infundia; e todavia não me repelia nem me fazia voltar atrás, mas deixava-me em suspenso.

As próprias ninharias das ninharias e as vaidades das vaidades, minhas antigas amantes, ainda me retinham; puxavam-me a veste da carne e sussurravam baixinho: "Vais deixar-nos? E desde este momento nunca mais estaremos contigo, para sempre? E desde este momento nunca mais te será lícito isto ou aquilo, para sempre?" E que era o que sugeriam naquilo que eu chamei "isto ou aquilo"? Que sugeriam, ó meu Deus? Afaste-o a Vossa misericórdia da alma do Vosso servo! Que imundícies sugeriam! Que vergonha! E já as ouvia muito menos do que pela metade; e não se mostravam abertamente nem me contradiziam, mas murmuravam como que às minhas costas e furtivamente me puxavam, enquanto eu partia, para que olhasse para trás. E todavia retardavam-me, de modo que eu hesitava em romper e sacudir-me livre delas e em saltar para onde era chamado — dizendo-me um hábito violento: "Julgas que podes viver sem elas?"

Mas já falava muito debilmente. Pois daquele lado para onde eu voltara o rosto e para onde tremia de ir, aparecia-me a casta dignidade da Continência, serena, mas não frouxamente alegre,

honestamente atraindo-me a ir e a não duvidar, e estendendo-me para me receber e abraçar as suas santas mãos cheias de multidões de bons exemplos. Ali havia tantos jovens e donzelas, uma multidão de moços e de todas as idades, viúvas veneráveis e virgens envelhecidas; e em todos a própria Continência, não estéril, mas *mãe fecunda de filhos* de alegrias, gerados por Vós, ó Senhor, seu Esposo. E ela sorria-me com uma zombaria persuasiva, como se dissesse: "Não poderás tu o que podem estes jovens e estas donzelas? Ou podem eles por si mesmos, e não antes no Senhor seu Deus? O Senhor seu Deus é que me deu a eles. Por que te apoias em ti mesmo, e assim não te firmas? Lança-te sobre Ele, não temas: Ele não se retirará para que caias; lança-te sem medo sobre Ele, e Ele te receberá e te curará." E eu corava sobremaneira, porque ainda ouvia o murmúrio daquelas ninharias e ficava em suspenso. E ela de novo parecia dizer: "Tapa os ouvidos contra esses teus membros impuros sobre a terra, para que sejam mortificados. Falam-te de delícias, mas não como a lei do Senhor teu Deus." Esta contenda no meu coração era só de mim contra mim mesmo. E Alípio, sentado bem junto a mim, esperava em silêncio o desfecho da minha comoção insólita.

CAPÍTULO XII

Mas, quando uma profunda reflexão trouxe do fundo secreto da minha alma e amontoou diante da vista do meu coração toda a minha miséria, levantou-se uma poderosa tempestade, trazendo uma poderosa chuva de lágrimas. E, para as derramar por inteiro, com as suas expressões naturais, ergui-me de junto de Alípio; a solidão parecia-me mais própria para o negócio de chorar. Retirei-me, pois, o bastante para que nem a sua presença me fosse peso.

Assim estava eu então, e ele algo percebeu, pois algo eu decerto dissera, em cujo tom da voz se notava que estava sufocado pelo choro; e assim me levantara. Ele ficou onde estávamos sentados, extremamente pasmado. Eu lancei-me, não sei como, debaixo de certa figueira, dando plena vazão às minhas lágrimas; e as torrentes dos meus olhos jorraram como *sacrifício aceitável* para Vós. E, não com estas palavras, mas com este sentido, muito Vos disse: *E Vós, Senhor, até quando? Até quando, Senhor, estareis irado para sempre? Não Vos lembreis das nossas iniquidades antigas* — pois eu sentia que por elas era retido. E lançava estas palavras dolorosas: "Até quando, até quando? 'Amanhã, e amanhã'? Por que não agora? Por que não neste momento o fim da minha impureza?"

Assim falava e chorava, na mais amarga contrição do meu coração, quando eis que ouvi de uma casa vizinha uma voz, como de menino ou de menina, não sei, que cantava e repetia muitas vezes: "Toma e lê; toma e lê." No mesmo instante, mudou-se-me o semblante, e comecei a pensar com toda a intensidade se as crianças costumavam cantar tais palavras em alguma espécie de brincadeira; nem me conseguia lembrar de jamais haver ouvido coisa semelhante. Refreando, pois, a torrente das minhas lágrimas, levantei-me, interpretando aquilo como nada menos do que uma ordem divina para abrir o livro e ler o primeiro capítulo que encontrasse. Pois ouvira de Antônio que, chegando durante a leitura do Evangelho, recebera a advertência como se o que se lia lhe fosse dirigido: *Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me* — e por tal oráculo foi imediatamente convertido a Vós. Voltei então apressadamente ao lugar onde Alípio estava sentado, pois ali deixara o volume do Apóstolo quando dali me levantara. Agarrei-o, abri-o e li em

silêncio a passagem em que primeiro pousaram os meus olhos: *Não em banquetes e embriaguez, não em leitos e desonestidades, não em contendas e inveja; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos preocupeis com a carne para satisfazer as suas concupiscências.* Não quis ler mais adiante, nem era preciso: pois no mesmo instante, ao terminar esta frase, como que por uma luz de serenidade infundida no meu coração, dissiparam-se todas as trevas da dúvida.

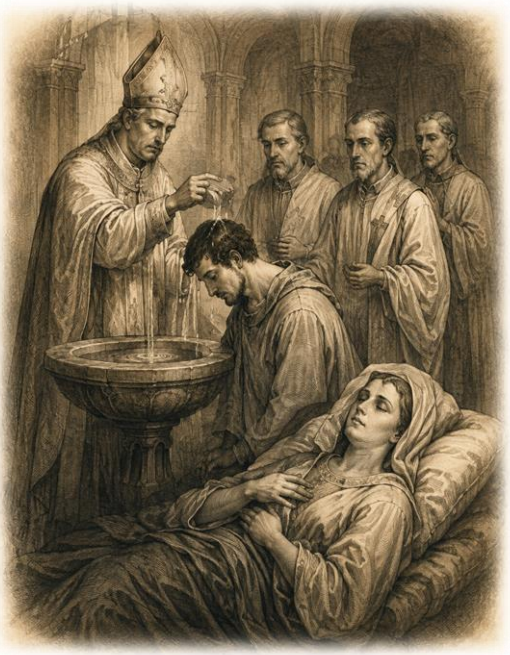
Então, pondo o dedo entre as folhas, ou não sei que outro sinal, fechei o volume e, com o semblante já tranquilo, dei-o a conhecer a Alípio. E ele revelou-me o que nele se operara, e que eu não sabia. Pediu para ver o que eu lera; mostrei-lho, e ele olhou até mais adiante do que eu lera, e eu não sabia o que se seguia. Seguia-se isto: *acolhei o que é fraco na fé* — o que ele aplicou a si mesmo e me declarou. E com esta advertência foi fortalecido; e, por uma boa resolução e um propósito muitíssimo conforme ao seu caráter, no qual sempre me foi muito superior, sem demora alguma turbulenta uniu-se a mim. Dali entramos em casa de minha mãe; contamos-lho; ela alegra-se. Narramos-lhe por ordem como aquilo se passara: ela salta de alegria, e triunfa, e Vos bendiz, *a Vós, que podeis fazer mais do que pedimos ou pensamos*; pois via que lhe havíeis dado, a meu respeito, mais do que costumava pedir com os seus gemidos lastimosos e dolorosíssimos. Porque me convertestes a Vós, de modo que já não buscava nem esposa nem esperança alguma deste mundo, mantendo-me naquela regra da fé onde, tantos anos antes, Vós me havíeis mostrado a ela numa visão. E convertestes o seu luto em alegria muito mais abundante do que desejara, e de modo muito mais precioso e mais puro do que aquele que outrora pedira, ao esperar netos da minha carne.

L I V R O

IX

O batismo, Óstia e a morte de Mônica

c a p í t u l o s I – X I I I



CAPÍTULO I

Ó *Senhor, eu sou Vosso servo; eu sou Vosso servo e filho da Vossa serva. Rompestes as minhas cadeias: eu Vos oferecerei o sacrifício de louvor.* Louvem-Vos o meu coração e a minha língua; sim, *digam todos os meus ossos: Senhor, quem é semelhante a Vós?* Digam-no, e respondei-me Vós, e dizei à minha alma: *eu sou a tua salvação*. Quem sou eu, e que sou eu? Que mal não houve nas minhas obras; ou, se não nas obras, nas minhas palavras; ou, se não nas palavras, na minha vontade? Mas Vós, Senhor, sois bom e misericordioso, e a Vossa mão direita atendeu à profundidade da minha morte e esvaziou, do fundo do meu coração, aquele abismo de corrupção. E todo este Vosso dom consistiu em não querer eu o que queria e em querer o que Vós

queríeis. Mas onde esteve, durante todos aqueles anos, e de que recesso baixo e profundo foi chamado num instante o meu livre-arbítrio, para submeter a cerviz ao Vosso jugo suave e os ombros ao Vosso fardo leve, ó Cristo Jesus, meu Auxílio e meu Redentor? Como se me tornou de repente doce carecer das doçuras daquelas ninharias! E aquilo de que temia separar-me era agora alegria abandonar. Pois Vós as lançastes fora de mim, ó verdadeira e suprema doçura; lançastes-las fora, e em lugar delas entrastes Vós mesmo, mais doce do que todo prazer — ainda que não para a carne e o sangue —, mais luminoso do que toda luz, mas mais oculto do que todos os abismos, mais alto do que toda honra, mas não para os que são altos aos próprios olhos. Já estava a minha alma livre dos cuidados roedores de solicitar e de adquirir, e de revolver-se na imundície, e de coçar a comichão da luxúria. E a minha língua de criança falava livremente convosco, ó meu esplendor, minha riqueza e minha saúde, ó Senhor meu Deus.

CAPÍTULO II

E resolvi diante de Vós não retirar tumultuosamente, mas afastar suavemente, o serviço da minha língua dos mercados da tagarelice; para que os jovens, não estudiosos da Vossa lei nem da Vossa paz, mas de mentirosas insensatezes e de escaramuças forenses, não comprassem mais da minha boca armas para a sua loucura. E, muito a propósito, faltavam já pouquíssimos dias para as férias das vindimas; e resolvi suportá-los, e então despedir-me pelo caminho regular; e, tendo sido comprado por Vós, não voltar mais a pôr-me à venda. Este nosso propósito era, pois, conhecido de Vós; mas dos homens, exceto dos nossos amigos, não era conhecido. Pois havíamos combinado entre nós não o divulgar a ninguém — ainda

que a nós, que subíamos já *do vale de lágrimas* e cantávamos aquele *cântico dos degraus*, Vós tivésseis dado *setas agudas e brasas devoradoras contra a língua astuta*, que, como se nos aconselhasse, nos contrariaria e, por amor, nos devoraria como devora o seu alimento.

Havíeis traspassado os nossos corações com a Vossa caridade, e trazíamos as Vossas palavras como que cravadas nas entranhas. E os exemplos dos Vossos servos, que de negros fizestes luminosos e de mortos vivos, amontoados no repositório dos nossos pensamentos, acendiam e queimavam aquele nosso pesado torpor, para que não afundássemos no abismo; e nos inflamavam tão veementemente que todos os sopros das línguas astutas dos que nos contradissessem só nos poderiam inflamar mais ferozmente, e não extinguir. E, contudo, porque, em nome do Vosso nome, que santificastes por toda a terra, este nosso voto e propósito poderia também encontrar quem o louvasse, parecia ostentação não esperar as férias já tão próximas e abandonar antecipadamente uma profissão pública, que estava aos olhos de todos; de sorte que todos, olhando para este meu ato e observando quão próximo estava o tempo das vindimas que eu queria antecipar, muito falariam de mim, como se eu desejasse parecer alguém grande. E de que me serviria que as pessoas discorressem e disputassem sobre o meu propósito, *e que o nosso bem fosse maldito*?

Além disso, perturbara-me a princípio que, naquele mesmo verão, os meus pulmões começassem a ceder, em meio a excessivo trabalho literário, e a respirar fundo com dificuldade, e a mostrar pela dor no peito que estavam lesados, e a recusar todo falar cheio ou prolongado. Isto me perturbara, porque quase me obrigava,

por necessidade, a depor aquele fardo do ensino, ou, se pudesse curar-me e recuperar-me, ao menos a interrompê-lo. Mas, quando surgiu e se firmou em mim o pleno desejo de ter tempo livre, *para ver que Vós sois o Senhor* — Vós o sabeis, meu Deus —, comecei até a alegrar-me de ter aquela desculpa secundária, e não fingida, que pudesse moderar um pouco a ofensa dos que, por causa dos filhos, queriam que eu nunca tivesse a liberdade dos Vossos filhos. Cheio, pois, de tal alegria, suportei até que corresse aquele intervalo de tempo — talvez uns vinte dias; e, contudo, foram suportados com virilidade. Suportados, digo, porque a cobiça, que antes carregava uma parte deste pesado ofício, me deixara, e eu ficara sozinho, e teria sucumbido se a paciência não tivesse tomado o seu lugar. Talvez algum dos Vossos servos, meus irmãos, diga que pequei nisto: que, tendo o coração inteiramente entregue ao Vosso serviço, consenti em permanecer sequer uma hora na cátedra da mentira. Não quero ser contencioso. Mas acaso não perdoastes e não remistes também este pecado, ó Senhor misericordiosíssimo, juntamente com os meus outros pecados horríveis e mortais, na água santa?

CAPÍTULO III

Verecundo consumia-se de preocupação com esta nossa bem-aventurança, porque, retido por laços que o prendiam estreitíssimamente, via que havia de ser separado de nós. Pois ele mesmo ainda não era cristão, mas a sua esposa era das fiéis; e, todavia, era esta, mais rigidamente do que qualquer outra cadeia, que o impedia e estorvava da viagem que já havíamos empreendido. Pois não queria, dizia, ser cristão de outro modo senão daquele que lhe não era possível. Contudo, ofereceu-nos

com cortesia que permanecêssemos na sua casa de campo enquanto ali ficássemos. Vós, Senhor, o recompensareis *na ressurreição dos justos*, uma vez que já lhe destes a sorte dos justos. Pois, ainda que na nossa ausência, estando já em Roma, ele fosse tomado de doença corporal, e nela se tenha feito cristão e um dos fiéis, e assim partisse desta vida, Vós tivestes misericórdia não só dele, mas também de nós — para que não fôssemos atormentados por dor intolerável ao recordarmos a extraordinária bondade do nosso amigo para conosco, sem podermos contá-lo no Vosso rebanho. Graças Vos sejam dadas, ó nosso Deus: somos Vossos. As Vossas inspirações e consolações no-lo dizem: fiel nas promessas, retribuís agora a Verecundo a sua casa de campo de Cassicíaco, onde da febre do mundo repousamos em Vós, com a eterna frescura do Vosso paraíso; pois lhe perdoastes os pecados sobre a terra, *naquele monte fértil, naquele monte que verte leite*, o Vosso próprio monte.

Ele, então, naquele tempo tinha tristeza; mas Nebrídio, alegria. Pois, ainda que também ele, não sendo ainda cristão, houvesse caído no fosso daquele erro perniciosíssimo de crer que a carne do Vosso Filho era um fantasma, emergindo dali passou a crer como nós, ainda não revestido de nenhum dos sacramentos da Vossa Igreja, mas ardentíssimo investigador da verdade. E não muito depois da nossa conversão e regeneração pelo Vosso batismo, sendo já também ele membro fiel da Igreja Católica e servindo-Vos em perfeita castidade e continência entre os seus, na África, tendo por ele toda a sua casa sido primeiro feita cristã, Vós o libertastes da carne; e agora vive no seio de Abraão. Seja o que for que se signifique por aquele seio, ali vive o meu Nebrídio, meu doce amigo e Vosso filho, ó Senhor, adotado de liberto: ali ele vive. Pois

que outro lugar haveria para tal alma? Ali vive, no lugar acerca do qual muito me perguntava, a mim, pobre e inexperiente homem. Agora já não encosta o ouvido à minha boca, mas a boca espiritual à Vossa fonte, e bebe quanto pode receber de sabedoria, à medida da sua sede, infinitamente feliz. Nem penso que se embriague de tal modo que se esqueça de mim, visto que Vós, Senhor, a quem ele bebe, Vos lembrais de nós. Assim estávamos nós então, consolando Verecundo, que se entristecia — quanto a amizade o permitia — por ser de tal espécie a nossa conversão, e exortando-o a fazer-se fiel segundo a sua medida, isto é, no estado conjugal; e esperando que Nebrídio nos seguisse, o que, estando tão perto, quase já fazia. E assim, eis que aqueles dias enfim se escoaram — pois longos e muitos me pareciam, pelo amor que tinha àquela tranquila liberdade em que pudesse cantar-Vos do mais fundo da medula: *Disse-Vos o meu coração: busquei o Vosso rosto; o Vosso rosto, Senhor, buscarei.*

CAPÍTULO IV

Chegara já o dia em que de fato havia de ser libertado da minha cátedra de retórica, da qual em pensamento já me libertara. E assim se fez. Vós arrancastes a minha língua, de onde antes havíeis arrancado o meu coração. E eu Vos bendizia, cheio de alegria, retirando-me com todos os meus para a casa de campo. O que ali fiz nos escritos, que já estavam alistados ao Vosso serviço, ainda que, neste tempo de respiro, arquejassem ainda da escola do orgulho, testemunham-no os meus livros, tanto os que registram o que discuti com outros quanto o que discuti a sós comigo mesmo, diante de Vós; e o que tratei com Nebrídio, que estava ausente, testemunham-no as minhas cartas. E quando terei tempo

de recordar todos os Vossos grandes benefícios para conosco naquele tempo, sobretudo apressando-me para outras misericórdias ainda maiores? Pois a minha memória me chama, e é-me agradável, Senhor, confessar-Vos com que aguilhões interiores me domastes, e como me nivelastes, abaixando os montes e as colinas das minhas altas imaginações, endireitando as minhas tortuosidades e alisando os meus caminhos ásperos; e como submetestes também o irmão do meu coração, Alípio, ao nome do Vosso Unigênito, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, o qual ele a princípio não se dignava ver inserido nos nossos escritos. Pois preferia que eles tivessem o sabor dos altos cedros das Escolas, que o Senhor já derrubou, do que o das ervas salutares da Igreja, antídoto contra as serpentes.

Oh, em que acentos Vos falei, meu Deus, quando li os Salmos de Davi, aqueles cânticos fiéis, aqueles sons de piedade que não admitem espírito inchado — eu, ainda catecúmeno e principiante no Vosso verdadeiro amor, repousando naquela casa de campo com Alípio, também catecúmeno, e com minha mãe unida a nós, em traje de mulher com fé de homem, com a tranquilidade da idade, o amor materno e a piedade cristã! Oh, que acentos Vos dirigi naqueles Salmos, e como por eles me inflamei para Vós, e ardi por recitá-los, se possível, pelo mundo inteiro, contra a soberba do gênero humano! E, contudo, eles são cantados pelo mundo inteiro, *nem há quem se esconda ao Vosso calor*. Com que veemente e amarga dor me indignava contra os maniqueus! E de novo me compadecia deles, porque desconheciam aqueles sacramentos, aqueles remédios, e delirava contra o antídoto que os poderia ter curado da sua loucura. Como quisera que estivessem então em algum lugar perto de mim e, sem que eu soubesse que ali

estavam, pudessem contemplar o meu rosto e ouvir as minhas palavras, quando li o quarto Salmo naquele tempo de descanso, e como aquele Salmo agiu sobre mim: *Quando eu clamei, ouviu-me o Deus da minha justiça; na tribulação me alargastes; tende piedade de mim, Senhor, e ouvi a minha oração.* Quisera que pudessem ouvir o que eu disse sobre estas palavras, sem que eu soubesse se ouviam, para que não pensassem que o dizia por causa deles! Porque, na verdade, nem eu diria as mesmas coisas, nem do mesmo modo, se percebesse que me ouviam e me viam; nem, se as dissesse, as receberiam eles como quando as dizia por mim e para mim mesmo diante de Vós, dos sentimentos naturais da minha alma.

Tremia de temor, e de novo me inflamava de esperança e de alegria na Vossa misericórdia, ó Pai; e tudo isso me saía tanto pelos olhos quanto pela voz, quando o Vosso bom Espírito, voltando-se para nós, dizia: *Ó filhos dos homens, até quando sereis tardos de coração? Por que amais a vaidade e buscais a mentira?* Pois eu amara a vaidade e buscara a mentira. E Vós, Senhor, já havíeis *magnificado o Vosso Santo*, ressuscitando-O dos mortos e colocando-O à Vossa direita, donde do alto enviaria a Sua promessa, *o Consolador, o Espírito da verdade*. E já O enviara, e eu não o sabia; enviara-O, porque já fora magnificado, ressuscitando dos mortos e subindo ao céu. Pois até então *o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não fora glorificado*. E o profeta clama: *Até quando, tardos de coração? Por que amais a vaidade e buscais a mentira? Sabei isto: que o Senhor magnificou o Seu Santo.* Ele clama: "Até quando?" Ele clama: "Sabei isto!" — e eu, por tanto tempo sem saber, amava a vaidade e buscava a mentira. E por isso ouvi e estremeci, porque isto era

dito a quem eu me lembrava de haver sido. Pois naqueles fantasmas que eu tivera por verdades havia vaidade e mentira; e proferi em voz alta muitas coisas, com seriedade e veemência, na amargura da minha lembrança. Quisera que as tivessem ouvido aqueles que ainda amam a vaidade e buscam a mentira! Talvez se tivessem perturbado, e a tivessem vomitado; e Vós os ouviríeis quando clamassem a Vós, *porque por uma verdadeira morte na carne morreu por nós Aquele que agora intercede por nós junto de Vós*.

Li ainda: *Irai-vos, e não pequeis.* E como me comovi, ó meu Deus, eu que já aprendera a irar-me contra mim mesmo pelas coisas passadas, para não pecar no futuro! Sim, a irar-me justamente; pois não era outra natureza de um povo de trevas que pecara por mim, como dizem aqueles que não se iram contra si mesmos e *entesouram ira para o dia da ira e da revelação do Vosso justo juízo*. Nem estavam já fora de mim os meus bens, nem eram buscados com os olhos da carne naquele sol terreno; pois os que querem ter alegria de fora depressa se tornam vãos e se dissipam nas coisas visíveis e temporais, e nos seus pensamentos famintos lambem as próprias sombras. Oh, se se cansassem da sua fome e dissessem: *Quem nos mostrará os bens?* E nós diríamos, e eles ouviriam: *Está impressa sobre nós a luz do Vosso rosto.* Pois nós não somos aquela *luz que ilumina todo homem*, mas somos iluminados por Vós; para que, tendo sido outrora trevas, *sejamos luz em Vós*. Oh, se pudessem ver o eterno Interior, que, tendo eu provado, me doía não lho poder mostrar, enquanto me traziam o coração nos olhos, vagando longe de Vós, e diziam: *Quem nos mostrará os bens?* Pois ali, onde eu me irava dentro de mim, no meu quarto, onde fora interiormente ferido, onde sacrificara,

imolando o meu homem velho e começando o propósito de uma vida nova, pondo a minha confiança em Vós — ali havíeis começado a tornar-Vos doce para mim, e *puséreis alegria no meu coração*. E eu clamava, ao ler isto por fora, encontrando-o por dentro. Nem queria *multiplicar-me* com bens do mundo, consumindo o tempo e sendo consumido pelo tempo, tendo eu na Vossa eterna e simples Essência outro *trigo, e vinho, e óleo*.

E com um grande clamor do coração exclamei no versículo seguinte: *Ó na paz! Ó no Mesmo!* Oh, que disse ele: *Adormecerei e repousarei!* Pois quem nos há de impedir, quando se cumprir aquela palavra que está escrita: *Absorvida foi a morte na vitória*? E Vós sois eminentemente o Mesmo, que não mudais; e em Vós há um repouso que esquece todo trabalho, porque não há outro convosco, nem havemos de buscar aquelas muitas outras coisas que não são o que Vós sois; mas *Vós, Senhor, só Vós me estabelecestes na esperança*. Lia, e inflamava-me; e não achava que fazer àqueles surdos e mortos, entre os quais eu mesmo estivera — pestilento, amargo e cego caluniador daqueles escritos que estão adoçados com o mel do céu e luminosos com a Vossa própria luz. E consumia-me de zelo contra os inimigos daquela Escritura.

Quando poderei recordar tudo o que se passou naqueles dias santos? E, contudo, nem esqueci nem hei de passar em silêncio a severidade do Vosso açoite e a admirável rapidez da Vossa misericórdia. Atormentastes-me então com uma dor de dentes; e, quando chegou a tal ponto que eu já não podia falar, veio-me ao coração pedir a todos os amigos presentes que orassem por mim a Vós, Deus de toda espécie de saúde. E escrevi isto na cera e dei-lho a ler. Imediatamente, assim que com humilde devoção dobramos os joelhos, aquela dor foi-se embora. Mas que dor! E como se foi?

Fiquei aterrado, ó meu Senhor, meu Deus; pois desde a infância nunca experimentara coisa semelhante. E o poder do Vosso aceno penetrou-me profundamente; e, alegrando-me na fé, louvei o Vosso nome. E aquela fé não me deixava tranquilo quanto aos meus pecados passados, que ainda não me haviam sido perdoados pelo Vosso batismo.

CAPÍTULO V

Terminadas as férias das vindimas, avisei os milaneses que providenciassem aos seus alunos outro mestre que lhes vendesse palavras, porque eu escolhera servir-Vos e, pela dificuldade de respirar e pela dor no peito, não estava à altura da cátedra. E por carta comuniquei ao Vosso prelado, o santo Ambrósio, os meus erros passados e os meus desejos presentes, pedindo-lhe conselho sobre que Escrituras Vossas eu deveria ler de preferência, para me tornar mais pronto e mais apto a receber tão grande graça. Ele recomendou-me o profeta Isaías — creio que porque, mais do que os outros, ele é o mais claro anunciador do Evangelho e da vocação dos gentios. Mas eu, não entendendo a primeira leitura que dele fiz, e imaginando que tudo lhe fosse semelhante, deixei-o de lado para retomá-lo quando estivesse mais exercitado nas próprias palavras do nosso Senhor.

CAPÍTULO VI

Daí, chegado o tempo em que eu devia dar o meu nome, deixamos o campo e voltamos a Milão. Aprouve também a Alípio renascer comigo em Vós, estando já revestido da humildade que convém aos Vossos sacramentos, e sendo valentíssimo domador do corpo, a ponto de, com ousadia insólita, pisar com os pés descalços o solo

gelado da Itália. Juntamos a nós o menino Adeodato, nascido segundo a carne, do meu pecado. Vós o havíeis feito excelente. Não tinha ainda quinze anos, e no engenho superava muitos homens graves e doutos. Confesso-Vos os Vossos dons, ó Senhor meu Deus, criador de tudo e abundantemente capaz de reformar as nossas deformidades — pois eu nada tive naquele menino senão o pecado. Que o houvéssemos criado na Vossa disciplina, fostes Vós, e ninguém mais, que no-lo inspirastes. Confesso-Vos os Vossos dons. Há um livro nosso intitulado *O Mestre*: é um diálogo entre ele e mim. Vós sabeis que tudo o que ali se atribui à pessoa que conversa comigo eram ideias dele, aos dezesseis anos. Muito mais, e ainda mais admirável, achei nele. Aquele talento infundia-me temor reverente. E quem senão Vós poderia ser o artífice de tais maravilhas? Cedo tirastes da terra a sua vida; e agora recordo-o sem ansiedade, nada temendo pela sua infância, nem pela sua juventude, nem por ele todo. Juntamo-lo a nós, contemporâneo nosso na graça, para ser criado na Vossa disciplina; e fomos batizados, e desvaneceu-se de nós a ansiedade pela vida passada. Nem me saciava, naqueles dias, da admirável doçura de considerar a profundidade dos Vossos desígnios acerca da salvação do gênero humano. Como chorei nos Vossos hinos e cânticos, tocado no mais fundo pelas vozes da Vossa Igreja de doce harmonia! Aquelas vozes fluíam para os meus ouvidos, e a Verdade destilava-se no meu coração, donde transbordavam os afetos da minha piedade; e corriam-me as lágrimas, e nelas era eu feliz.

CAPÍTULO VII

Não havia muito tempo que a igreja de Milão começara a usar este gênero de consolação e de exortação, unindo-se os irmãos com zelo na harmonia das vozes e dos corações. Pois fazia um ano, ou pouco mais, que Justina, mãe do imperador Valentiniano, ainda menino, perseguia o Vosso servo Ambrósio em favor da sua heresia, para a qual fora seduzida pelos arianos. O povo devoto velava na igreja, pronto a morrer com o seu bispo, Vosso servo. Ali minha mãe, Vossa serva, tomando parte principal naquelas ansiedades e vigílias, vivia da oração. Nós, ainda não aquecidos pelo calor do Vosso Espírito, éramos todavia comovidos pelo espetáculo da cidade pasmada e inquieta. Foi então que se instituiu, pela primeira vez, que à maneira das igrejas do Oriente se cantassem hinos e salmos, para que o povo não desfalecesse no tédio da tristeza; e desde aquele dia até hoje se conserva o costume, seguindo-o nisto muitas — sim, quase todas — as Vossas congregações pelas demais partes do mundo.

Então, por uma visão, revelastes ao Vosso já mencionado bispo onde estavam escondidos os corpos dos mártires Gervásio e Protásio, que no Vosso tesouro secreto havíeis guardado incorruptos por tantos anos, para que a seu tempo os produzísseis a fim de reprimir o furor de uma mulher — mas imperatriz. Pois, quando foram descobertos e desenterrados e, com as devidas honras, transladados para a basílica ambrosiana, não só os que eram atormentados por espíritos imundos foram curados, confessando-se os próprios demônios, mas também certo homem, cego havia muitos anos, cidadão bem conhecido na cidade, tendo perguntado e ouvido a razão daquela alegria confusa do povo, levantou-se de um salto, pedindo ao seu guia que o levasse até lá.

Levado, suplicou que lhe permitissem tocar com o seu lenço o féretro dos Vossos santos, *cuja morte é preciosa aos Vossos olhos*. E, tendo-o feito e levado o lenço aos olhos, estes se abriram no mesmo instante. Daí se espalhou a fama; daí resplandeceram e brilharam os Vossos louvores; daí o ânimo daquela inimiga, ainda que não convertido à sanidade da fé, foi todavia desviado do seu furor de perseguir. Graças Vos sejam dadas, ó meu Deus. Donde e para onde conduzistes assim a minha memória, para que Vos confessasse também estas coisas — que, ainda que grandes, eu deixara passar no esquecimento? E, contudo, então, quando o perfume dos Vossos ungentos era tão fragrante, não corríamos atrás de Vós. Por isso chorava eu mais entre os cânticos dos Vossos hinos, eu que outrora suspirava por Vós, e que enfim respirava em Vós, tanto quanto o sopro pode entrar nesta nossa casa de feno.

CAPÍTULO VIII

Vós, que fazeis habitar numa só casa os que são de um mesmo coração, juntastes a nós também Evódio, jovem da nossa cidade, que, sendo oficial da corte, se convertera a Vós e fora batizado antes de nós; e, abandonando a sua milícia secular, cingira-se à Vossa. Estávamos juntos, prestes a habitar juntos no nosso piedoso propósito. Buscávamos onde Vos pudéssemos servir mais utilmente, e voltávamos juntos para a África; e, estando já a caminho, em Óstia, minha mãe partiu desta vida. Muito omito, pois muito me apresso. Recebei as minhas confissões e ações de graças, ó meu Deus, pelas coisas inumeráveis de que me calo. Mas não omitirei nada do que a minha alma queira produzir acerca daquela Vossa serva, que me deu à luz tanto na carne, para que eu nascesse para esta luz temporal, quanto no coração, para que eu

nascesse para a Luz eterna. Não dos dons dela, mas dos Vossos nela quero falar; pois ela nem se fez nem se educou a si mesma. Vós a criastes; nem o pai e a mãe dela sabiam quem deles havia de sair. E o cetro do Vosso Cristo, a disciplina do Vosso Filho único, numa casa cristã, membro bom da Vossa Igreja, educou-a no Vosso temor. E, contudo, pela sua boa educação costumava ela louvar não tanto a diligência da mãe quanto a de certa criada decrépita, que carregara o pai dela quando criança, como se costumam carregar os pequeninos às costas das meninas mais velhas. Por isso, e pela sua grande idade e excelente conduta, era ela, naquela família cristã, muito respeitada pelos seus senhores. Donde também lhe fora confiado o cuidado das filhas do amo, ao qual ela atendia com diligência, refreando-as com energia quando necessário, com santa severidade, e ensinando-as com grave discrição. Pois, exceto naquelas horas em que se alimentavam com toda a temperança à mesa dos pais, não lhes permitia, ainda que abrasadas de sede, beber sequer água — prevenindo assim um mau costume e acrescentando este conselho salutar: "Bebeis água agora porque não tendes vinho ao vosso alcance; mas, quando chegardes a casar e vos tornardes senhoras das adegas e das despensas, a água vos desagradará, e o hábito de beber há de permanecer." Com este método de instrução e com a autoridade que tinha, refreava a gulodice da infância e moldava-lhes a própria sede a tão excelente moderação, que já não queriam aquilo que não deviam.

E, contudo — como a Vossa serva me contou a mim, seu filho —, insinuara-se nela um gosto pelo vinho. Pois, quando, como era costume, sendo tida por menina sóbria, os pais a mandavam tirar vinho do tonel, ela, segurando o vaso debaixo da abertura, antes de despejar o vinho na jarra, sorvia um pouco com a ponta dos

lábios — pois mais lho recusava o instinto. E fazia isto não por desejo de bebida, mas por aquela exuberância da juventude que transborda em travessuras alegres, e que nos ânimos juvenis costuma ser contida pela gravidade dos mais velhos. E assim, acrescentando àquele pouco outros poucos cada dia — pois *quem despreza as pequenas coisas cairá pouco a pouco* —, caíra em tal hábito que bebia avidamente o seu copinho quase cheio de vinho. Onde estava então aquela velha discreta e aquela sua enérgica proibição? Valeria alguma coisa contra uma doença secreta, se a Vossa mão medicinal, Senhor, não velasse sobre nós? Ausentes o pai, a mãe e os educadores, e presente Vós, que criastes, que chamais e que também, por meio dos que nos governam, operais algo para a salvação das nossas almas — que fizestes então, ó meu Deus? Como a curastes? Como a sarastes? Porventura não tirastes de outra alma uma censura dura e cortante, como uma lanceta do Vosso arsenal secreto, e com um só toque removestes toda aquela imundície? Pois uma criada, com quem costumava ir à adega, entrando em disputa, como acontece, com a sua jovem senhora, quando estavam a sós, censurou-lhe aquele defeito com o mais amargo insulto, chamando-lhe beberrona. Ferida no íntimo por tal censura, ela viu a torpeza da sua falta e no mesmo instante a condenou e a abandonou. Assim como os amigos aduladores pervertem, assim os inimigos que censuram na maior parte das vezes corrigem. E, contudo, Vós não lhes retribuís conforme o que por eles fazeis, mas conforme o que eles mesmos pretenderam. Pois aquela, na sua ira, buscava irritar a jovem senhora, e não emendá-la; e fê-lo em particular, ou porque o tempo e o lugar da contenda assim as encontraram, ou para que ela mesma não sofresse a ira alheia por o denunciar tão tarde. Mas Vós, Senhor,

governador de tudo no céu e na terra, que voltais para os Vossos fins as correntes mais profundas e a agitação regulada da maré dos tempos, curastes uma alma pela própria enfermidade de outra — para que ninguém, ao observar isto, o atribua ao seu próprio poder, mesmo quando outro, que ele desejava ver corrigido, se corrige pelas suas palavras.

CAPÍTULO IX

Criada assim com modéstia e sobriedade, e mais submetida por Vós aos pais do que pelos pais a Vós, assim que chegou à idade de casar, sendo dada a um marido, serviu-o como a seu senhor; e esforçou-se por ganhá-lo para Vós, pregando-Vos a ele pelo seu comportamento, com o qual Vós a ornáveis, tornando-a reverentemente amável e admirável ao marido. E de tal modo suportou as infidelidades do leito, que nunca teve por isso contenda alguma com o marido. Pois esperava a Vossa misericórdia sobre ele, para que, crendo em Vós, se tornasse casto. Além disso, era ele ardente tanto nos afetos quanto na ira; mas ela aprendera a não resistir ao marido irado, não só de obra, mas nem sequer de palavra. Só quando ele estava sereno e tranquilo, e disposto a recebê-lo, é que lhe dava conta dos seus atos, se acaso ele se ofendera com demasiada precipitação. Numa palavra: enquanto muitas matronas, que tinham maridos mais brandos, traziam contudo no rosto os sinais da vergonha e, em conversa familiar, censuravam a vida dos maridos, ela censurava-lhes as línguas, dando-lhes, como que gracejando, conselhos sérios: "que, desde o momento em que ouviram ler as escrituras do matrimônio, deviam tê-las por contrato pelo qual se faziam servas; e assim, lembradas da sua condição, não deviam erguer-se contra

os seus senhores." E, quando elas, sabendo que marido colérico ela suportava, se admiravam de nunca se ter ouvido, nem por sinal algum se ter percebido, que Patrício houvesse batido na mulher, ou que entre eles houvesse havido discórdia doméstica, ainda que por um só dia, e lhe perguntavam confidencialmente a razão, ensinava-lhes aquela sua prática. As que a observaram acharam-na boa e deram graças; as que a não observaram não acharam alívio e continuaram a sofrer.

Também a sogra, a princípio irritada contra ela pelos mexericos de servos maldosos, ela de tal modo a venceu pelo respeito, pela perseverante paciência e pela mansidão, que a própria sogra revelou espontaneamente ao filho as línguas intrometidas com que se perturbara a paz doméstica entre ela e a nora, pedindo-lhe que as corrigisse. Então, quando ele, em obediência à mãe e para o bom governo da família, corrigiu com açoites as denunciadas, conforme a vontade daquela que as denunciara, ela prometeu igual recompensa a quem quer que, para lhe agradar, falasse mal da nora; e, não ousando já ninguém fazê-lo, viveram juntas com uma notável doçura de mútua bondade.

Também este grande dom concedestes, ó meu Deus, minha misericórdia, àquela boa serva Vossa, em cujo ventre me criastes: que, entre quaisquer partes desavindas e discordes onde ela pudesse intervir, se mostrasse tal pacificadora que, ouvindo de ambos os lados as coisas mais amargas — daquelas que a cólera inchada e não digerida costuma vomitar, quando as cruezas das inimizades se exalam em azedas conversas diante de um amigo presente contra um inimigo ausente —, nunca revelava a um o que ouvira do outro, a não ser aquilo que pudesse conduzir à

reconciliação. Pequeno bem me pareceria este, se eu não soubesse, para minha dor, de inumeráveis pessoas que, por um horrível e largamente difundido contágio do pecado, não só revelam às pessoas irritadas o que se disse na ira, mas ainda acrescentam coisas jamais ditas — quando à humanidade humana deveria parecer coisa pequena não fomentar nem aumentar a inimizade com más palavras, se além disso não se esforçasse por a apagar com boas. Tal era ela, sendo Vós mesmo, seu íntimo mestre, quem a ensinava na escola do coração.

Por fim, ganhou para Vós o próprio marido, já quase no termo da sua vida terrena; nem teve de que se queixar nele, feito fiel, daquilo que dele suportara antes de crer. Era também serva dos Vossos servos: todos os que dela tinham conhecimento muito Vos louvavam, honravam e amavam nela; pois, pelo testemunho dos frutos de uma conduta santa, percebiam a Vossa presença no seu coração. Pois *fora esposa de um só marido, retribuíra aos pais, governara piedosamente a sua casa, tinha bom testemunho pelas boas obras, criara filhos* — sofrendo por eles as dores do parto tantas vezes quantas os via desviar-se de Vós. Por fim, de todos nós, Vossos servos, ó Senhor — a quem, por ocasião do Vosso próprio dom, permitis falar —, de nós, que antes do seu adormecer em Vós vivíamos unidos, tendo recebido a graça do Vosso batismo, cuidou ela como se fosse mãe de todos nós; e serviu-nos como se fosse filha de todos nós.

CAPÍTULO X

Aproximando-se já o dia em que havia de partir desta vida — dia que Vós bem conhecíeis e nós não —, aconteceu, disposto assim, creio eu, pelos Vossos caminhos secretos, que ela e eu estivéssemos

a sós, encostados a certa janela que dava para o jardim da casa onde então nos hospedávamos, em Óstia; onde, afastados do rumor dos homens, nos refazíamos das fadigas de uma longa viagem, à espera do embarque. Conversávamos, pois, juntos e a sós, com muita doçura; e, *esquecendo as coisas que ficam para trás e estendendo-nos para as que estão diante de nós*, indagávamos entre nós, na presença da Verdade, que sois Vós, de que espécie havia de ser a vida eterna dos santos, *que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem subiu ao coração do homem*. E, todavia, arquejávamos com a boca do nosso coração por aquelas correntes celestes da Vossa fonte, *a fonte da vida, que está em Vós*, para que, dela regados na medida da nossa capacidade, pudéssemos de algum modo meditar em tão alto mistério.

E, quando o nosso discurso chegou àquele ponto em que o mais alto deleite dos sentidos terrenos, na mais pura luz material, não era, em comparação com a doçura daquela vida, digno não só de comparação, mas nem sequer de menção, elevando-nos com afeto mais ardente para o "Mesmo", percorremos por graus todas as coisas corpóreas, até o próprio céu de onde o sol, a lua e as estrelas brilham sobre a terra. E ainda mais alto subíamos, meditando por dentro, e falando, e admirando as Vossas obras; e chegamos às nossas próprias mentes, e as ultrapassamos, para alcançar aquela região da abundância que nunca falta, onde *apascentais Israel para sempre* com o alimento da verdade, e onde a vida é a Sabedoria pela qual todas estas coisas são feitas, e as que foram e as que hão de ser — e ela não é feita, mas é, tal como foi, e assim será sempre; ou antes: o "ter sido" e o "haver de ser" não existem nela, mas somente o "ser", pois é eterna. Porque o "ter sido" e o "haver de ser" não são eternos. E, enquanto falávamos e

por ela arquejávamos, tocamo-la de leve, com todo o ímpeto do nosso coração; e suspiramos, e ali deixamos presas *as primícias do Espírito*; e voltamos ao ruído da nossa boca, onde a palavra proferida tem princípio e fim. E que há de semelhante ao Vosso Verbo, nosso Senhor, *que permanece em si mesmo sem envelhecer, e renova todas as coisas*?

Dizíamos, pois: Se a alguém se calasse o tumulto da carne; se se calassem as imagens da terra, das águas e do ar; se se calasse também o polo do céu; sim, se a própria alma se calasse a si mesma e, não pensando em si, se ultrapassasse a si mesma; se se calassem todos os sonhos e revelações imaginárias, e toda língua e todo sinal, e tudo o que só existe passando — pois, se alguém pudesse ouvir, todas estas coisas dizem: *Não fomos nós que nos fizemos, mas fez-nos Aquele que permanece para sempre* —; se então, tendo dito isto, também elas se calassem, havendo apenas erguido os nossos ouvidos Àquele que as fez, e só Ele falasse, não por elas, mas por Si mesmo, de modo que ouvíssemos a Sua Palavra, não por língua de carne, nem por voz de anjo, nem por som de trovão, nem pelo enigma obscuro de uma semelhança, mas pudéssemos ouvir Aquele que nestas coisas amamos, ouvi-Lo a Ele mesmo sem elas — como agora nós dois nos esforçávamos e, num pensamento rápido, tocávamos aquela Sabedoria eterna que permanece acima de tudo —; se isto se pudesse prolongar, e se retirassem outras visões de espécie muito diversa, e só esta arrebatasse e absorvesse e envolvesse quem a contempla em meio a estas alegrias interiores, de modo que a vida fosse para sempre como aquele único instante de intuição por que agora suspirávamos — não seria isto o *entra na alegria do teu Senhor*? E quando será isto? Quando *todos ressuscitarmos, ainda que nem todos sejamos transformados*?

Tais coisas eu dizia; e, ainda que não deste mesmo modo e com estas mesmas palavras, Vós sabeis, Senhor, que naquele dia em que falávamos destas coisas, e em que este mundo com todas as suas delícias se nos tornou, enquanto falávamos, desprezível, disse minha mãe: "Filho, quanto a mim, já não tenho deleite algum em coisa alguma desta vida. Que faço eu aqui por mais tempo, e por que estou aqui, não o sei, agora que se cumpriram as minhas esperanças neste mundo. Uma só coisa havia pela qual desejava demorar-me ainda um pouco nesta vida: ver-te cristão católico antes de morrer. O meu Deus concedeu-mo com mais abundância, pois vejo-te agora, além disso, desprezando a felicidade terrena, feito servo Seu. Que faço eu aqui?"

CAPÍTULO XI

Que lhe respondi a estas palavras, não me lembro. Mas apenas cinco dias depois, ou pouco mais, caiu doente de febre; e, naquela doença, certo dia desmaiou e por algum tempo foi retirada destas coisas visíveis. Corremos todos à sua volta; mas logo voltou a si e, olhando para mim e para meu irmão, que estávamos junto dela, disse-nos, como quem pergunta: "Onde eu estava?" E depois, olhando-nos fixamente, com a dor do espanto, disse: "Aqui sepultareis vossa mãe." Eu calava-me e continha as lágrimas; mas meu irmão disse algo, desejando para ela, como sorte mais feliz, que morresse não em terra estranha, mas na sua própria pátria. Ao que ela, com olhar ansioso, repreendendo-o com os olhos por ele ainda ter gosto de tais coisas, e depois olhando para mim, disse: "Vê o que ele diz." E logo depois, a ambos: "Deponde este corpo em qualquer parte; que o cuidado dele de modo algum vos inquiete. Isto só vos peço: que vos lembreis de mim junto ao altar

do Senhor, onde quer que estiverdes." E, tendo exprimido este pensamento com as palavras que pôde, calou-se, atormentada pelo agravamento da doença.

Mas eu, considerando os Vossos dons, ó Deus invisível, que infundis nos corações dos Vossos fiéis, donde brotam frutos admiráveis, alegrava-me e Vos dava graças, recordando o que antes sabia: quão cuidadosa e ansiosa ela sempre fora quanto ao lugar da sua sepultura, que providenciara e preparara para si junto ao corpo do marido. Pois, porque haviam vivido em grande harmonia, desejava ela também — tão pouco pode a mente humana abarcar as coisas divinas — ter aquele acréscimo àquela felicidade e que ficasse lembrado entre os homens que, após a sua peregrinação além-mar, se permitira que o que era terreno naquele par unido ficasse unido debaixo da mesma terra. Mas quando aquela vaidade começara, pela plenitude da Vossa bondade, a cessar no seu coração, eu não o sabia; e alegrava-me, admirado do que ela assim me revelara — ainda que também naquela nossa conversa à janela, quando disse "Que faço eu aqui por mais tempo?", já não aparecesse nela desejo algum de morrer na sua terra. Ouvi depois também que, quando estávamos já em Óstia, ela, com confiança de mãe, conversara certo dia, na minha ausência, com alguns amigos meus sobre o desprezo desta vida e o bem da morte; e, admirando-se eles de tal coragem, que Vós déreis a uma mulher, e perguntando-lhe se não temia deixar o corpo tão longe da sua cidade, respondeu: "Nada está longe de Deus; nem se deve temer que, no fim do mundo, Ele não reconheça donde me há de ressuscitar." No nono dia, pois, da sua doença, e no quinquagésimo sexto ano da sua idade, e no trigésimo terceiro da minha, aquela alma religiosa e santa foi libertada do corpo.

CAPÍTULO XII

Fechei-lhe os olhos; e ao mesmo tempo uma imensa tristeza me afluiu ao coração e transbordava em lágrimas. E, contudo, os meus olhos, por violenta ordem do meu espírito, sorviam até secar a sua própria fonte — e ai de mim naquela luta! Mas, quando ela exalou o último suspiro, o menino Adeodato irrompeu num alto lamento; e, repreendido por todos nós, calou-se. Do mesmo modo, também um sentimento pueril em mim, que pela voz juvenil do meu coração buscava vazão no choro, foi refreado e silenciado. Pois julgávamos não ser conveniente celebrar aquele funeral com lamentos e gemidos lacrimosos, porque com isso se costuma exprimir a dor pelos que partiram como se fossem infelizes ou de todo mortos — ao passo que ela nem era infeliz na sua morte, nem estava de todo morta. Disto estávamos seguros por bons fundamentos: o testemunho da sua boa conduta e da *sua fé não fingida*.

Que era, então, o que gravemente me doía por dentro, senão a ferida recente causada pelo súbito arrancar daquele dulcíssimo e caríssimo hábito de viver juntos? Alegrava-me, é certo, com o seu testemunho, quando, naquela sua última doença, misturando os seus carinhos com os meus atos de dever, me chamava "dedicado" e recordava, com grande afeto de amor, que nunca ouvira sair da minha boca contra ela uma palavra áspera ou injuriosa. Mas, contudo, ó meu Deus, que nos fizestes, que comparação há entre a honra que eu lhe prestava e a servidão que ela me prestava? Privado, pois, de tão grande consolo nela, ficou-me a alma ferida, e como que dilacerada aquela vida que da sua e da minha se fizera uma só.

Aquietado então o menino no seu pranto, Evódio tomou o saltério e começou a cantar, respondendo-lhe toda a casa, o salmo: *Cantarei, Senhor, a Vossa misericórdia e o Vosso juízo.* Mas, sabendo o que fazíamos, acorreram muitos irmãos e mulheres piedosas; e, enquanto os que tinham esse ofício preparavam o sepultamento, segundo o costume, eu, numa parte da casa onde convinha, juntamente com os que julgaram não me dever deixar, discorria sobre algo apropriado ao momento. E com este bálsamo da verdade suavizava aquele tormento, conhecido de Vós, sem que eles o soubessem, escutando atentamente e julgando-me sem sentimento algum de dor. Mas nos Vossos ouvidos, onde nenhum deles ouvia, eu censurava a fraqueza dos meus sentimentos e continha a torrente da minha dor, que um pouco me cedia; mas de novo vinha, como uma maré, ainda que não a ponto de irromper em lágrimas nem de me mudar o semblante — e todavia eu sabia o que reprimia no coração. E, muito desgostoso de que estas coisas humanas tivessem tal poder sobre mim, quando na devida ordem e disposição da nossa condição natural elas necessariamente hão de acontecer, com uma nova dor me doía da minha dor, e assim me consumia numa dupla tristeza.

E eis que o corpo foi levado para a sepultura; fomos e voltamos sem lágrimas. Pois nem naquelas orações que Vos dirigimos, quando por ela se ofereceu o Sacrifício do nosso resgate — estando já o corpo junto ao túmulo, como ali é costume, antes de ser nele depositado —, nem durante aquelas orações chorei. E, contudo, todo aquele dia estive secretamente muito triste, e com o espírito perturbado Vos pedia, como podia, que curásseis a minha dor; e Vós não o fizestes — imprimindo, creio, na minha memória, por este único exemplo, quão forte é o vínculo de todo hábito, mesmo

sobre uma alma que já não se alimenta de palavra enganosa. Pareceu-me também bom ir ao banho, por ter ouvido que o banho tem esse nome — *balneum* — do grego *balaneion*, por expulsar a tristeza da mente. E também isto confesso à Vossa misericórdia, ó *Pai dos órfãos*: banhei-me, e fiquei o mesmo que era antes de me banhar. Pois a amargura da dor não pôde escorrer do meu coração. Depois dormi, e acordei de novo, e achei a minha dor não pouco suavizada; e, estando sozinho no meu leito, lembrei-me daqueles verdadeiros versos do Vosso Ambrósio. Pois Vós sois

Ó Deus, criador de todas as coisas
e regedor do céu, que vestis
o dia de formosa luz
e a noite da graça do sono,
para que o repouso devolva
ao trabalho os membros lassos,
e alivie as mentes cansadas,
e desfaça as tristezas ansiosas.

E então, pouco a pouco, recobrei os meus antigos pensamentos acerca da Vossa serva, da sua santa conduta para convosco, da sua santa ternura e solicitude para conosco, de que de repente fui privado; e quis chorar diante de Vós, por ela e por mim, em favor dela e em meu favor. E dei vazão às lágrimas que antes contivera, para que transbordassem quanto quisessem, fazendo delas o repouso do meu coração; e nelas ele encontrou descanso, porque estava aos Vossos ouvidos, e não aos dos homens, que interpretariam com desdém o meu choro. E agora, Senhor, por escrito Vo-lo confesso. Leia-o quem quiser e interprete-o como quiser; e, se nisso encontrar pecado — em eu ter chorado minha mãe por uma pequena porção de uma hora, aquela mãe que por

então estava morta aos meus olhos, e que por muitos anos chorara por mim para que eu vivesse aos Vossos olhos —, que não zombe de mim; antes, se for de larga caridade, chore ele mesmo por meus pecados diante de Vós, Pai de todos os irmãos do Vosso Cristo.

CAPÍTULO XIII

Mas agora, com o coração curado daquela ferida em que se poderia censurar um afeto terreno, derramo diante de Vós, ó nosso Deus, em favor daquela Vossa serva, um gênero de lágrimas muito diverso, que brota de um espírito abalado pelo pensamento dos perigos de toda alma que *morre em Adão*. E, ainda que ela, vivificada em Cristo mesmo antes de sair da carne, tenha vivido para louvor do Vosso nome, pela sua fé e pela sua conduta, não ouso todavia dizer que, desde o momento em que a regenerastes pelo batismo, nenhuma palavra tenha saído da sua boca contra o Vosso mandamento. O Vosso Filho, a Verdade, disse: *Quem disser a seu irmão "louco" será réu do fogo do inferno.* E ai até da vida louvável dos homens, se, posta de lado a misericórdia, Vós a examinásseis. Mas, porque não sois extremado em investigar os pecados, esperamos com confiança encontrar algum lugar junto de Vós. Mas quem enumera diante de Vós os seus verdadeiros méritos, que Vos enumera senão os Vossos próprios dons? Oxalá os homens se reconhecessem homens, e *quem se gloria se gloriasse no Senhor*.

Eu, portanto, ó meu louvor e minha vida, ó Deus do meu coração, pondo de lado por um momento as suas boas obras, pelas quais Vos dou graças com alegria, peço-Vos agora pelos pecados de minha mãe. Ouvi-me, eu Vo-lo suplico, pelo Remédio das nossas feridas, que pendeu do madeiro e que, sentado agora à

Vossa direita, *intercede por nós junto de Vós*. Sei que ela agiu com misericórdia e que de coração perdoou aos seus devedores as suas dívidas; perdoai-lhe Vós também as dívidas que porventura tenha contraído em tantos anos, depois da água da salvação. Perdoai-lhe, Senhor, perdoai-lhe, eu Vo-lo suplico: *não entreis em juízo com ela*. Sobreponha-se a Vossa misericórdia à Vossa justiça, pois as Vossas palavras são verdadeiras, e prometestes misericórdia aos misericordiosos — os quais Vós mesmo fizestes tais, Vós que *tereis misericórdia de quem tiverdes misericórdia, e Vos compadecereis de quem Vos tiverdes compadecido*.

E creio que já fizestes o que Vos peço; mas *aceitai, Senhor, as ofertas voluntárias da minha boca*. Pois ela, estando já próximo o dia da sua dissolução, não cuidou de que o seu corpo fosse sumptuosamente amortalhado ou embalsamado com aromas; nem desejou monumento seleto, nem ser sepultada na sua terra. Estas coisas não nos encomendou; desejou somente que o seu nome fosse comemorado junto ao Vosso altar, ao qual servira sem interrupção de um só dia — donde sabia dispensar-se o santo Sacrifício, pelo qual *foi riscado o documento que era contra nós*; pelo qual foi vencido o inimigo, que, contando as nossas ofensas e buscando o que nos imputar, nada encontrou n'Aquele em quem vencemos. Quem Lhe restituirá o sangue inocente? Quem Lhe pagará o preço com que nos comprou, e assim nos arrancará d'Ele? Ao sacramento deste nosso resgate ligou a Vossa serva a sua alma pelo vínculo da fé. Ninguém a separe da Vossa proteção; nem o leão nem o dragão se interponham pela força ou pela fraude. Pois ela não responderá que nada deve, para não ser convencida e apanhada pelo astuto acusador; mas responderá que os seus

pecados lhe foram perdoados por Aquele a quem ninguém pode devolver o preço que Ele, que nada devia, pagou por nós.

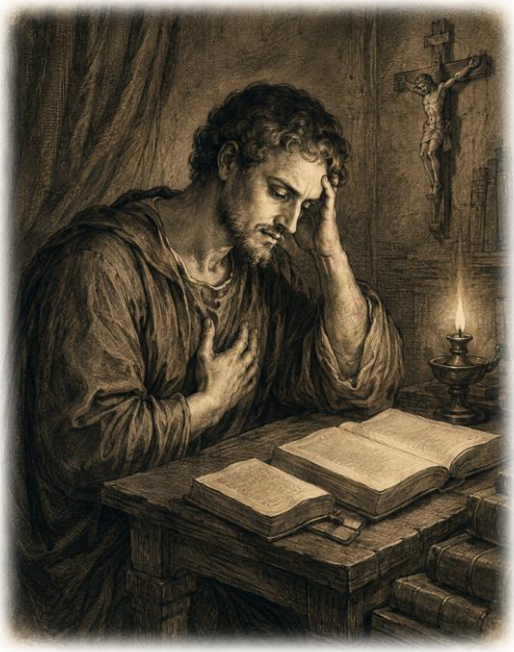
Descanse, pois, em paz com o marido, antes e depois do qual a ninguém teve; a quem obedeceu, *com paciência produzindo fruto* para Vós, a fim de ganhá-lo também para Vós. E inspirai, ó Senhor meu Deus, inspirai os Vossos servos, meus irmãos, os Vossos filhos, meus senhores, a quem sirvo com a voz, com o coração e com a pena, que todos quantos lerem estas Confissões se lembrem, junto ao Vosso altar, de Mônica, Vossa serva, com Patrício, seu outrora marido, por cujos corpos me trouxestes a esta vida, não sei como. Que se lembrem com devoto afeto dos meus pais nesta luz passageira; dos meus irmãos sob Vós, nosso Pai, na nossa Mãe Católica; e dos meus concidadãos naquela Jerusalém eterna por que suspira o Vosso povo peregrino, desde a sua saída até ao seu regresso. Para que assim aquele último pedido de minha mãe, mais do que pelas minhas orações, seja pelas orações de muitos, por meio destas minhas confissões, mais abundantemente cumprido em seu favor.

L I V R O

X

A memória e as três concupiscências

c a p í t u l o s I – X L I I I



CAPÍTULO I

Que eu Vos conheça, Senhor, Vós que me conheceis; que eu Vos conheça *como sou conhecido*. Ó força da minha alma, entrai nela e ajustai-a a Vós, para que a tenhais e possuais *sem mancha nem ruga*. Esta é a minha esperança, e por isso falo; e nesta esperança me alegro, quando me alegro sadiamente. Quanto às outras coisas desta vida, tanto menos se devem chorar quanto mais são choradas, e tanto mais se devem chorar quanto menos os homens as choram. Pois eis que *amais a verdade*, e *quem a pratica vem para a luz*. Isto quero fazer no meu coração diante de Vós, na confissão; e nos meus escritos, diante de muitas testemunhas.

CAPÍTULO II

E de Vós, Senhor, a cujos olhos está nu o abismo da consciência humana, que poderia haver de oculto em mim, ainda que eu o não confessasse? Pois esconderia Vós de mim, e não a mim de Vós. Mas agora, sendo o meu gemido testemunha de que estou desgostoso comigo mesmo, Vós resplandeceis, e sois agradável, e amado, e desejado, para que eu me envergonhe de mim mesmo e a mim mesmo renuncie, e Vos escolha a Vós, e não agrade nem a Vós nem a mim, senão em Vós. Diante de Vós, portanto, Senhor, estou aberto, seja o que for que eu seja; e com que fruto Vos confesso, já o disse. E não o faço com palavras e sons da carne, mas com as palavras da alma e o clamor do pensamento, que o Vosso ouvido conhece. Pois, quando sou mau, confessar-Vos não é outra coisa senão estar desgostoso comigo mesmo; mas, quando sou bom, não é outra coisa senão não o atribuir a mim mesmo — porque Vós, Senhor, *abençoais o justo*, mas primeiro *justificais o ímpio*. A minha confissão, pois, ó meu Deus, diante de Vós, faz-se em silêncio e não em silêncio: pois no som é silenciosa, mas no afeto clama bem alto. Porque não digo aos homens nada de reto que Vós não tenhais antes ouvido de mim; nem ouvis de mim coisa alguma que Vós antes não me tenhais dito.

CAPÍTULO III

Que tenho eu, pois, com os homens, para que ouçam as minhas confissões — como se eles pudessem *curar todas as minhas enfermidades* —, raça curiosa de conhecer a vida alheia e preguiçosa em emendar a própria? Por que querem ouvir de mim o que sou, os que não querem ouvir de Vós o que eles mesmos são? E como sabem, quando de mim mesmo ouvem falar de mim, se

digo a verdade, visto que *ninguém sabe o que há no homem senão o espírito do homem que nele está*? Mas, se de Vós ouvirem falar de si mesmos, não poderão dizer: "O Senhor mente." Pois que é ouvir de Vós a respeito de si mesmos, senão conhecer-se a si mesmos? E quem conhece e diz "é falso", a não ser que ele mesmo minta? Mas, porque *a caridade tudo crê* — ao menos entre aqueles que, unindo-os a si, faz um só —, também eu, Senhor, Vos confessarei de tal modo que os homens ouçam, aqueles a quem não posso demonstrar se confesso com verdade; e todavia creem em mim aqueles cujos ouvidos a caridade me abre.

CAPÍTULO IV

Mas Vós, meu Médico interior, mostrai-me com clareza que fruto posso colher disto. Pois as confissões dos meus pecados passados, que Vós perdoastes e cobristes, para que eu fosse feliz em Vós, mudando a minha alma pela fé e pelo Vosso sacramento, quando lidas e ouvidas, despertam o coração, para que não durma no desespero e diga "não posso", mas antes acorde no amor da Vossa misericórdia e na doçura da Vossa graça, pela qual *quem é fraco é forte*, quando por ela se tornou consciente da própria fraqueza. E os bons comprazem-se em ouvir os males passados daqueles que deles já estão livres — não porque sejam males, mas porque foram e já não são. Com que fruto, então, ó Senhor meu Deus, a quem a minha consciência diariamente se confessa, confiando mais na esperança da Vossa misericórdia do que na própria inocência; com que fruto, pergunto, confesso eu também aos homens, por meio deste livro e na Vossa presença, o que agora sou, e não o que fui? Pois aquele outro fruto já o vi e o disse. Mas o que agora sou, no próprio momento em que faço estas confissões, muitos desejam

saber, tanto os que me conheceram quanto os que me não conheceram, os que ouviram de mim ou a meu respeito; mas o ouvido deles não está no meu coração, onde eu estou, seja o que for que eu seja. Desejam, pois, ouvir-me confessar o que sou por dentro, onde nem os seus olhos, nem os seus ouvidos, nem o seu entendimento podem chegar; desejam-no, dispostos a crer — mas hão de saber? Pois a caridade, pela qual são bons, diz-lhes que nas minhas confissões eu não minto; e é ela, neles, que crê em mim.

Mas com que fruto quereriam ouvir isto? Desejam alegrar-se comigo, quando ouvirem quão perto de Vós, pelo Vosso dom, me aproximo? E orar por mim, quando ouvirem quanto sou retido pelo meu próprio peso? A tais me revelarei. Pois não é pequeno fruto, ó Senhor meu Deus, que por muitos se Vos deem graças em nosso favor e que por muitos sejais suplicado por nós. Ame o espírito fraterno em mim o que ensinais dever ser amado, e lamente em mim o que ensinais dever ser lamentado. Seja um espírito fraterno, e não estranho — não o *dos filhos alheios, cuja boca fala vaidade e cuja direita é direita de iniquidade* —, mas aquele espírito fraterno que, quando me aprova, se alegra por mim, e, quando me desaprova, se entristece por mim; porque, aprove ou desaprove, ele me ama. A tais me revelarei: respirem eles livremente com as minhas boas obras e suspirem com as más. As minhas boas obras são disposições Vossas e dons Vossos; as más são as minhas culpas e os Vossos juízos. Respirem livremente com umas e suspirem com as outras; e subam à Vossa presença hinos e prantos, dos corações dos meus irmãos, Vossos turíbulos. E Vós, Senhor, comprazei-Vos no incenso do Vosso santo templo; *tende piedade de mim segundo a Vossa grande misericórdia*, por amor

do Vosso nome; e de modo algum abandonando o que começastes, aperfeiçoai as minhas imperfeições.

Este é o fruto das minhas confissões acerca do que sou, e não do que fui: confessá-lo não só diante de Vós, numa secreta exultação com tremor e numa secreta tristeza com esperança, mas também aos ouvidos dos filhos dos homens que creem, participantes da minha alegria e companheiros da minha mortalidade, meus concidadãos e peregrinos comigo, que me precederam ou hão de seguir-me, companheiros do meu caminho. Estes são os Vossos servos, meus irmãos, que quereis que sejam Vossos filhos; meus senhores, a quem me ordenais servir, se quero viver convosco e de Vós. E pouco seria este Vosso Verbo, se apenas ordenasse falando, e não precedesse realizando. Isto faço, pois, por obra e por palavra; isto faço sob as Vossas asas — em perigo grande demais, se a minha alma não estivesse submetida a Vós sob as Vossas asas, e a minha fraqueza não Vos fosse conhecida. Sou pequeno, mas o meu Pai vive sempre, e o meu guardião me basta. Pois é o mesmo que me gerou e que me defende; e Vós mesmo sois todo o meu bem, Vós, Onipotente, que estais comigo — sim, antes que eu esteja convosco. A tais, pois, a quem me ordenais servir, revelarei não o que fui, mas o que agora sou e o que ainda sou. Mas *nem a mim mesmo me julgo*. Assim, pois, quero ser ouvido.

CAPÍTULO V

Pois Vós, Senhor, é que me julgais; porque, ainda que *ninguém conheça as coisas do homem senão o espírito do homem que nele está*, há todavia algo do homem que nem o próprio espírito do homem que nele está conhece. Mas Vós, Senhor, conheceis dele

tudo, Vós que o fizestes. E eu, ainda que diante de Vós me despreze e me tenha por *pó e cinza*, conheço todavia algo de Vós que de mim mesmo não conheço. E, na verdade, *agora vemos por um espelho, em enigma*, e não ainda *face a face*. Enquanto, pois, estou ausente de Vós, estou mais presente a mim do que a Vós; e todavia sei de Vós que de modo algum podeis padecer; mas eu, a que tentações posso resistir e a quais não posso, não o sei. E há esperança, porque *sois fiel, e não permitireis que sejamos tentados além do que podemos, mas com a tentação dareis também o meio de sair, para que a possamos suportar*. Confessarei, pois, o que sei de mim mesmo; confessarei também o que de mim mesmo não sei. E isto porque o que sei de mim, sei-o pela Vossa luz sobre mim; e o que de mim não sei, não o sei enquanto as minhas trevas não se tornarem *como o meio-dia* diante do Vosso rosto.

CAPÍTULO VI

Não com dúvida, mas com consciência segura, eu Vos amo, Senhor. Feristes o meu coração com a Vossa palavra, e eu Vos amei. Sim, e também o céu e a terra e tudo o que neles há, eis que por toda parte me dizem que Vos ame; nem cessam de o dizer a todos, *para que fiquem sem desculpa*. Mas mais profundamente *tereis misericórdia de quem tiverdes misericórdia, e Vos compadecereis de quem Vos tiverdes compadecido*; de outro modo, é a ouvidos surdos que o céu e a terra cantam os Vossos louvores. Mas que amo eu quando Vos amo? Não a beleza dos corpos, nem a graça do tempo, nem o esplendor da luz, tão agradável aos nossos olhos, nem as doces melodias de cânticos variados, nem o perfume das flores, dos ungentos e dos aromas, nem o maná e o mel, nem os membros aptos aos abraços da carne.

Nada disto amo quando amo o meu Deus; e, todavia, amo certa luz, e certa melodia, e certo perfume, e certo alimento, e certo abraço, quando amo o meu Deus — luz, melodia, perfume, alimento e abraço do meu homem interior; onde brilha para a minha alma o que o espaço não contém, e onde ressoa o que o tempo não leva, e onde exala o que o sopro não dispersa, e onde se saboreia o que o comer não diminui, e onde se adere ao que a saciedade não separa. É isto o que amo quando amo o meu Deus.

E que é isto? Perguntei à terra, e ela me respondeu: "Não sou eu"; e tudo o que nela há confessou o mesmo. Perguntei ao mar e aos abismos, e aos seres vivos que rastejam, e responderam-me: "Não somos o teu Deus; busca acima de nós." Perguntei ao ar que se move, e todo o ar com os seus habitantes respondeu: "Enganou-se Anaxímenes: não sou Deus." Perguntei ao céu, ao sol, à lua e às estrelas: "Tampouco", disseram, "somos nós o Deus que buscas." E respondi a todas as coisas que rodeiam a porta da minha carne: "Falastes-me do meu Deus, dizendo que não sois Ele; dizei-me algo a Seu respeito." E clamaram todas em alta voz: "Foi Ele que nos fez." A minha pergunta era o meu pensar nelas; e a sua forma de beleza deu a resposta. E voltei-me para mim mesmo e disse a mim mesmo: "Quem és tu?" E respondi: "Um homem." E eis que em mim se apresentam a alma e o corpo, um por fora, o outro por dentro. Por qual deles devia eu buscar o meu Deus? Buscara-O pelo corpo, da terra até ao céu, tão longe quanto pude enviar mensageiros, que são os raios dos meus olhos. Mas melhor é o interior; pois a ele, como a quem preside e julga, todos os mensageiros corpóreos relatavam as respostas do céu e da terra e de tudo o que neles há, os quais diziam: "Não somos Deus, mas foi Ele que nos fez." Estas coisas conheceu-as o meu homem

interior pelo ministério do exterior: eu, o interior, as conheci; eu, a mente, pelos sentidos do meu corpo. Interroguei toda a estrutura do mundo acerca do meu Deus, e ela me respondeu: "Não sou Ele, mas foi Ele que me fez."

Não é esta figura corpórea manifesta a todos os que têm os sentidos perfeitos? Por que, então, não fala do mesmo modo a todos? Os animais, pequenos e grandes, veem-na, mas não a podem interrogar, porque não têm a razão colocada acima dos sentidos para julgar do que estes lhes relatam. Mas os homens podem interrogar, de modo que *as coisas invisíveis de Deus se veem claramente, entendidas pelas coisas que foram feitas*; mas, pelo amor a elas, tornam-se-lhes sujeitos — e os súditos não podem julgar. Nem as criaturas respondem aos que perguntam, se estes não sabem julgar; nem por isso mudam elas a voz — isto é, a sua aparência —, como se um homem apenas as visse e outro, vendo-as, as interrogasse, para aparecerem de um modo a este e de outro àquele; antes, aparecendo do mesmo modo a ambos, é muda para um e fala ao outro. Ou antes: fala a todos, mas só entendem aqueles que comparam a sua voz, recebida de fora, com a verdade que está dentro. Pois a verdade me diz: "Nem o céu, nem a terra, nem qualquer outro corpo é o teu Deus." Isto diz a sua própria natureza a quem os vê: "São uma massa; e uma massa é menor numa parte sua do que no todo." Ora, a ti falo, ó minha alma, tu que és a minha parte melhor: pois tu vivificas a massa do meu corpo, dando-lhe vida, o que nenhum corpo pode dar a um corpo. Mas o teu Deus é, até para ti, a Vida da tua vida.

CAPÍTULO VII

Que amo, então, quando amo o meu Deus? Quem é Ele, que está acima do cimo da minha alma? Pela minha própria alma subirei até Ele. Ultrapassarei aquela força pela qual estou unido ao meu corpo e encho toda a sua estrutura de vida. Não é por essa força que posso encontrar o meu Deus, pois assim *o cavalo e a mula, que não têm entendimento*, também O encontrariam, uma vez que é a mesma força pela qual também os seus corpos vivem. Mas há outra força, não apenas aquela pela qual animo, mas também aquela pela qual dou sentido à minha carne, que o Senhor formou para mim, ordenando ao olho que não ouça e ao ouvido que não veja, mas ao olho que por ele eu veja, e ao ouvido que por ele eu ouça; e a cada um dos outros sentidos, cada qual na sua sede e no seu ofício próprios — os quais, sendo diversos, eu, mente única, através deles realizo. Ultrapassarei também esta minha força, pois também esta a têm o cavalo e a mula, que também percebem por meio do corpo.

CAPÍTULO VIII

Ultrapassarei, pois, também esta força da minha natureza, subindo por graus Àquele que me fez. E chego aos campos e aos vastos palácios da minha memória, onde estão os tesouros de inumeráveis imagens, trazidas para lá pelas coisas de toda espécie percebidas pelos sentidos. Ali está guardado tudo o mais que pensamos, seja aumentando, seja diminuindo, seja variando de qualquer outro modo aquilo a que o sentido chegou; e tudo o mais que ali foi confiado e depositado, e que o esquecimento ainda não tragou nem sepultou. Quando ali entro, peço que se me apresente o que quero, e algo vem no mesmo instante; outras

coisas hão de ser procuradas mais longamente, e são tiradas como de algum receptáculo mais interior; outras irrompem em bandos e, enquanto uma é desejada e pedida, saltam para fora, como se dissessem: "Serei eu, porventura?" A estas afasto com a mão do coração da face da minha lembrança, até que aquilo que desejo se descubra e apareça à vista, saindo do seu lugar secreto. Outras coisas apresentam-se prontamente, em ordem ininterrupta, à medida que são chamadas: as da frente cedendo lugar às seguintes; e, ao cederem o lugar, escondem-se da vista, prontas a voltar quando eu quiser. Tudo isto acontece quando recito algo de cor.

Ali estão todas as coisas conservadas distintamente e sob os seus gêneros, tendo cada uma entrado pela sua própria avenida: como a luz e todas as cores e formas dos corpos, pelos olhos; pelos ouvidos, todas as espécies de sons; todos os cheiros, pela avenida das narinas; todos os sabores, pela boca; e, pela sensação de todo o corpo, o que é duro ou mole, quente ou frio, áspero ou liso, pesado ou leve, exteriormente ou interiormente ao corpo. Todas estas coisas recebe aquele grande porto da memória, nas suas inumeráveis e inexprimíveis sinuosidades secretas, para as apresentar e trazer à luz quando for preciso; cada uma entrando pela sua própria porta e ali sendo depositada. E, contudo, não entram as próprias coisas: apenas as imagens das coisas percebidas ali estão prontas para que o pensamento as recorde. E como se formam essas imagens, quem o poderá dizer, ainda que se veja com clareza por qual sentido cada uma foi introduzida e armazenada? Pois, mesmo quando habito nas trevas e no silêncio, posso na minha memória produzir cores, se quiser, e distinguir entre o branco e o preto, e as outras que eu quiser; nem os sons irrompem e perturbam a imagem trazida pelos meus olhos, que estou a rever,

ainda que também eles ali estejam, dormentes e depostos, por assim dizer, à parte. Pois também a estes chamo, e logo aparecem. E, ainda que a minha língua esteja parada e a garganta muda, posso cantar quanto quiser; nem aquelas imagens das cores, que todavia ali estão, se intrometem e interrompem, quando outro tesouro é chamado, aquele que entrou pelos ouvidos. Assim também as demais coisas, amontoadas e sobrepostas pelos outros sentidos, recordo-as à minha vontade. Sim, distingo o perfume dos lírios do das violetas, sem nada cheirar; e prefiro o mel ao vinho doce, e o liso ao áspero, sem no momento provar nem tocar, mas somente recordando.

Estas coisas faço eu por dentro, naquele vasto átrio da minha memória. Pois estão ali presentes comigo o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles pude pensar, além do que esqueci. Ali me encontro também comigo mesmo, e me recordo de mim, e de quando, onde e o que fiz, e com que sentimentos. Ali está tudo o que recordo, ou pela minha própria experiência, ou pelo crédito de outros. Do mesmo tesouro combino eu mesmo, continuamente, com o passado, semelhanças sempre novas de coisas que experimentei, ou que, a partir do que experimentei, acreditei; e daí infiro de novo ações futuras, acontecimentos e esperanças, e sobre todas estas coisas reflito de novo como se fossem presentes. "Farei isto ou aquilo", digo comigo mesmo, naquele grande receptáculo do meu espírito, cheio das imagens de coisas tantas e tão grandes, "e isto ou aquilo se seguirá." "Oxalá aconteça isto ou aquilo!" "Deus afaste isto ou aquilo!" Assim falo comigo mesmo; e, quando falo, as imagens de tudo aquilo de que falo estão presentes, saídas do mesmo tesouro da memória; nem de coisa alguma delas falaria, se as imagens faltassem.

Grande é esta força da memória, excessivamente grande, ó meu Deus: um santuário vasto e sem limites! Quem jamais lhe sondou o fundo? E, todavia, é esta uma força minha e pertence à minha natureza; nem eu mesmo compreendo tudo o que sou. É, portanto, demasiado estreita a mente para se conter a si mesma. E onde estaria aquilo que ela não contém de si? Estará fora dela, e não dentro? Como, então, não se compreende a si mesma? Uma admiração maravilhosa me assalta, e o espanto se apodera de mim diante disto. E os homens vão longe admirar as alturas dos montes, as vagas imensas do mar, as largas correntes dos rios, a extensão do oceano e as órbitas dos astros — e passam ao largo de si mesmos; nem se admiram de que eu, ao falar de todas estas coisas, não as visse com os olhos, e todavia não pudesse falar delas se não visse dentro de mim, na minha memória, os montes, as vagas, os rios e as estrelas que vira, e aquele oceano em que creio, e isso com os mesmos vastos espaços entre eles, como se os visse lá fora. E, contudo, não os atraí para dentro de mim ao vê-los com os olhos; nem eles mesmos estão comigo, mas somente as suas imagens. E sei por qual sentido do corpo cada uma se imprimiu em mim.

CAPÍTULO IX

E não retém somente estas coisas a imensa capacidade da minha memória. Aqui está também tudo quanto aprendi das ciências liberais e ainda não esqueci, transferido como que para algum lugar interior, que todavia não é lugar; nem são as suas imagens, mas as próprias coisas. Pois o que é a literatura, o que é a arte de discutir, quantos gêneros de questões há — tudo isto que eu sei, de tal modo existe na minha memória que não recebi a imagem e deixei de fora a coisa, nem se trata de algo que soou e passou como

uma voz fixada no ouvido por aquela impressão pela qual pode ser recordada, como se soasse quando já não soa; nem como um cheiro que, ao passar e evaporar-se no ar, afeta o sentido do olfato, donde transmite à memória uma imagem de si, que, ao recordar, renovamos; nem como o alimento, que na verdade já não tem sabor no ventre, e todavia na memória de certo modo ainda o tem; nem como qualquer coisa que o corpo percebe pelo tato, e que, afastada de nós, a memória ainda concebe. Pois aquelas coisas não são transmitidas à memória, mas somente as suas imagens são captadas com admirável rapidez e guardadas como que em maravilhosos escrínios, e dali maravilhosamente produzidas pelo ato de recordar.

CAPÍTULO X

Mas agora, quando ouço que há três gêneros de questões — "se a coisa é? o que é? de que qualidade é?" —, retenho, é certo, as imagens dos sons de que essas palavras se compõem, e sei que esses sons, com um ruído, passaram pelo ar e agora já não são. Mas as próprias coisas significadas por esses sons, nunca as alcancei com nenhum sentido do meu corpo, nem jamais as discerni senão na minha mente; e todavia guardei na minha memória não as suas imagens, mas elas mesmas. Como entraram em mim, digam-no elas, se o puderem; pois percorri todas as avenidas da minha carne e não consigo achar por qual entraram. Pois os olhos dizem: "Se aquelas imagens fossem coloridas, teríamos dado notícia delas." Os ouvidos dizem: "Se soassem, nós as anunciaríamos." As narinas dizem: "Se cheirassem, passaram por nós." O paladar diz: "Se não têm sabor, não me perguntei s." O tato diz: "Se não tem tamanho, não o toquei; se não o toquei, não dei aviso dele." Donde e como

entraram estas coisas na minha memória? Não sei como. Pois, quando as aprendi, não dei crédito à mente de outro homem, mas reconheci-as na minha; e, aprovando-as como verdadeiras, confiei-as a ela, depondo-as, por assim dizer, donde as pudesse tirar quando quisesse. No meu coração, pois, elas estavam, ainda antes de as aprender; mas na minha memória não estavam. Onde, então? Ou por que, quando foram ditas, as reconheci e disse: "É assim, é verdade" — a não ser que já estivessem na memória, mas de tal modo recuadas e como que sepultadas em recessos mais fundos, que, se a sugestão de outro as não tirasse de lá, eu talvez fosse incapaz de as conceber?

CAPÍTULO XI

Por isso descobrimos que aprender aquelas coisas cujas imagens não sorvemos pelos sentidos, mas que percebemos por dentro, por si mesmas, sem imagens, tais como são, não é outra coisa senão, pelo pensamento, recolher e, pela atenção, cuidar de que aquilo que a memória antes continha de modo disperso e desordenado seja posto como que à mão, naquela mesma memória onde antes jazia desconhecido, disperso e negligenciado, e assim ocorra prontamente ao espírito já familiarizado com essas coisas. E quantas coisas deste gênero traz a minha memória, já descobertas e, como disse, postas como que à mão, das quais dizemos que as aprendemos e viemos a conhecer! E, se por breve espaço de tempo eu deixasse de as chamar à mente, de novo ficariam sepultadas e deslizariam, por assim dizer, para os recessos mais fundos, de modo que teriam de ser de novo, como se fossem novas, pensadas dali para fora — pois outra morada não têm; mas deveriam ser de novo reunidas, para que fossem conhecidas; isto é, deveriam ser

como que recolhidas da sua dispersão. Donde vem a palavra *cogitação*: pois *cogo* (reunir) e *cogito* (recolher) estão entre si na mesma relação que *ago* e *agito*, *facio* e *factito*. Mas a mente apropriou-se desta palavra, de sorte que se diz propriamente cogitado, ou pensado, não o que se reúne de qualquer maneira, mas o que se recolhe, isto é, se congrega, na mente.

CAPÍTULO XII

A memória contém também razões e leis inumeráveis dos números e das dimensões, nenhuma das quais foi impressa por sentido corpóreo algum, visto que não têm cor, nem som, nem sabor, nem cheiro, nem tato. Ouvi o som das palavras com que se designam, quando se discutem; mas os sons são outra coisa que as coisas. Pois os sons são outros em grego e outros em latim; mas as coisas não são gregas, nem latinas, nem de nenhuma outra língua. Vi as linhas dos arquitetos, as mais finas, como um fio de aranha; mas aquelas são ainda diversas: não são as imagens daquelas linhas que o olho da carne me mostrou. Conhece-as aquele que, sem concepção alguma de corpo, as reconhece dentro de si. Percebi também os números das coisas com que numeramos todos os sentidos do meu corpo; mas aqueles números com que numeramos são diversos, nem são as imagens destes — e por isso é que eles verdadeiramente são. Quem os não vê, ria-se de mim por dizer estas coisas; e eu me compadecerei dele, enquanto ele se ri de mim.

CAPÍTULO XIII

De todas estas coisas me lembro, e lembro-me também de como as aprendi. Muitas objeções falsíssimas contra elas também ouvi e

recordo; e, ainda que sejam falsas, não é falso que delas me lembre. E lembro-me também de ter discernido entre aquelas verdades e estas falsidades que se lhes opunham. E percebo que o discernir presente destas coisas é diverso do lembrar-me de que muitas vezes as discerni, quando muitas vezes nelas pensei. Lembro-me, pois, de ter entendido muitas vezes estas coisas; e o que agora discirno e entendo, deponho-o na minha memória, para que mais tarde me lembre de que agora o entendo. Assim, lembro-me também de me ter lembrado; como, se mais tarde recordar que agora fui capaz de me lembrar destas coisas, será pela força da memória que o hei de recordar.

CAPÍTULO XIV

A mesma memória contém também os afetos do meu espírito — não do mesmo modo por que o próprio espírito os contém quando os sente, mas de modo muito diverso, segundo um poder que lhe é próprio. Pois, sem me alegrar, lembro-me de me ter alegrado; e, sem tristeza, recordo a minha tristeza passada. E que outrora temi, revejo-o sem temor; e sem desejo chamo à mente um desejo passado. Às vezes, ao contrário, com alegria recordo uma tristeza passada, e com tristeza uma alegria. O que não é de admirar quanto ao corpo, pois uma coisa é a mente e outra o corpo. Se, portanto, com alegria recordo alguma dor passada do corpo, não é assim tão admirável. Mas agora, uma vez que esta mesma memória é a própria mente — pois, quando encarregamos alguém de guardar alguma coisa na memória, dizemos: "Vê que a guardes na mente"; e, quando esquecemos, dizemos: "Não me veio à mente", e "escapou-me da mente", chamando mente à própria memória —, sendo assim, como é que, quando com alegria

recordo a minha tristeza passada, a mente tem alegria e a memória tem tristeza; a mente, pela alegria que nela há, está alegre, e todavia a memória, pela tristeza que nela há, não está triste? Acaso a memória não pertence à mente? Quem o dirá? A memória é, pois, como que o ventre da mente; e a alegria e a tristeza, como alimento doce e amargo, que, confiados à memória, passam por assim dizer para o ventre, onde podem ser guardados, mas não saboreados. É ridículo imaginar que estas coisas sejam iguais; e, todavia, não são de todo diferentes.

Mas eis que da minha memória o tiro, quando digo que há quatro perturbações da alma: o desejo, a alegria, o temor e a tristeza; e tudo o que sobre elas posso discutir, dividindo cada uma nas suas espécies subordinadas e definindo-a, na minha memória acho o que dizer, e dela o tiro. E, contudo, não sou perturbado por nenhuma destas perturbações quando, chamando-as à mente, delas me lembro; sim, e antes de as recordar e trazer de volta, ali estavam — e por isso puderam, pela recordação, ser dali tiradas. Talvez, então, assim como o alimento é trazido do ventre pela ruminação, assim estas coisas sejam trazidas da memória pela recordação. Por que, então, não saboreia o que assim discorre, na boca da sua meditação, a doçura da alegria ou a amargura da tristeza? Será a comparação desigual neste ponto, por não ser semelhante em todos? Pois quem falaria de bom grado de tais coisas, se, tantas vezes quantas disséssemos "dor" ou "temor", fôssemos obrigados a entristecer-nos ou a temer? E, todavia, não poderíamos falar delas se não encontrássemos na nossa memória, não só os sons dos nomes, segundo as imagens impressas pelos sentidos do corpo, mas também as noções das próprias coisas, que nunca recebemos por nenhuma avenida do corpo, mas que a

própria mente, percebendo-as pela experiência das suas paixões, confiou à memória — ou que a memória por si mesma reteve, sem que lhas confiassem.

CAPÍTULO XV

Mas se é por imagens ou não, quem o poderá dizer de pronto? Assim, nomeio uma pedra, nomeio o sol, não estando as próprias coisas presentes aos meus sentidos, mas as suas imagens à minha memória. Nomeio uma dor do corpo, e ela não está presente em mim, quando nada me dói; e, todavia, se a sua imagem não estivesse presente à minha memória, eu não saberia que dizer dela, nem, ao discorrer, distinguiria a dor do prazer. Nomeio a saúde do corpo: estando são de corpo, a própria coisa está presente em mim; e, contudo, se a sua imagem também não estivesse presente na minha memória, de modo algum poderia recordar o que o som deste nome significa. Nem o doente, ao ouvir nomear a saúde, reconheceria o que se diz, se a mesma imagem não fosse retida pela força da memória, ainda que a própria coisa estivesse ausente do corpo. Nomeio os números com que numeramos: e não as suas imagens, mas eles mesmos estão presentes na minha memória. Nomeio a imagem do sol, e essa imagem está presente na minha memória; pois não recordo a imagem da sua imagem, mas a própria imagem me está presente quando a chamo à mente. Nomeio a memória, e reconheço o que nomeio. E onde a reconheço, senão na própria memória? Estará ela também presente a si mesma pela sua imagem, e não por si mesma?

CAPÍTULO XVI

E quando nomeio o esquecimento e ao mesmo tempo reconheço o que nomeio, donde o reconheceria, se dele não me lembrasse? Não falo do som do nome, mas da coisa que ele significa; a qual, se eu a tivesse esquecido, não poderia reconhecer o que aquele som significa. Quando, pois, me lembro da memória, a própria memória está presente a si mesma por si mesma; mas, quando me lembro do esquecimento, estão presentes tanto a memória quanto o esquecimento: a memória, pela qual me lembro; o esquecimento, de que me lembro. Mas que é o esquecimento senão a privação da memória? Como, então, está ele presente para que eu dele me lembre, se, estando presente, não posso lembrar-me? Mas, se o que recordamos o retemos na memória, e se, todavia, se não nos lembrássemos do esquecimento, nunca, ao ouvir o nome, reconheceríamos a coisa por ele significada, então o esquecimento é retido pela memória. Presente está, pois, para que não esqueçamos; e, estando presente, esquecemos. Daqui se há de entender que o esquecimento, quando dele nos lembramos, não está presente à memória por si mesmo, mas pela sua imagem; porque, se estivesse presente por si mesmo, não nos faria lembrar, mas esquecer. Quem há de investigar isto? Quem compreenderá como é?

Senhor, eu, na verdade, labuto nisto; sim, e labuto em mim mesmo: tornei-me *terra pesada, que exige demasiado suor da fronte*. Pois não andamos agora a investigar as regiões do céu, nem a medir as distâncias dos astros, nem a indagar os equilíbrios da terra. Sou eu mesmo que me lembro, eu, a mente. Não é tão admirável que aquilo que eu mesmo não sou esteja longe de mim. Mas que há mais perto de mim do que eu mesmo? E eis que a força

da minha própria memória não é compreendida por mim — e todavia sem ela nem sequer me posso nomear a mim mesmo. Pois que direi, quando me é claro que me lembro do esquecimento? Direi que não está na minha memória aquilo de que me lembro? Ou direi que o esquecimento está na minha memória justamente para que eu não esqueça? Ambas as coisas seriam absurdíssimas. Que terceira via há? Como poderei dizer que é a imagem do esquecimento que a minha memória retém, e não o próprio esquecimento, quando dele me lembro? Como poderia eu dizê-lo, visto que, quando a imagem de alguma coisa se imprime na memória, é preciso que a própria coisa esteja primeiro presente, donde essa imagem se possa imprimir? Pois é assim que me lembro de Cartago, assim de todos os lugares onde estive, assim dos rostos dos homens que vi, e das coisas relatadas pelos outros sentidos, assim da saúde ou da doença do corpo. Pois, quando estas coisas estavam presentes, a minha memória recebeu delas imagens, as quais, presentes em mim, eu podia contemplar e trazer de volta ao espírito quando delas me lembrasse na sua ausência. Se, então, este esquecimento é retido na memória pela sua imagem, e não por si mesmo, é claro que ele mesmo esteve outrora presente, para que a sua imagem fosse tomada. Mas, quando estava presente, como escreveu a sua imagem na memória, visto que o esquecimento, pela sua presença, apaga até o que já encontra registrado? E, contudo, seja de que modo for — ainda que esse modo seja inconcebível e inexplicável —, certo estou de que me lembro também do próprio esquecimento, pelo qual se apaga aquilo de que nos lembramos.

CAPÍTULO XVII

Grande é o poder da memória, coisa temível, ó meu Deus, multiplicidade profunda e sem limites! E esta coisa é a mente, e isto sou eu mesmo. Que sou eu, então, ó meu Deus? Que natureza sou eu? Uma vida vária e multiforme, e imensa em excesso. Eis que nas planícies, nas grutas e nas cavernas da minha memória, inumeráveis e inumeravelmente cheias de inumeráveis gêneros de coisas — seja por imagens, como todos os corpos; seja por presença efetiva, como as artes; seja por certas noções ou impressões, como os afetos da alma, que a memória retém mesmo quando a alma não os sente, ainda que tudo o que está na memória esteja também na alma —, por todas estas coisas eu corro, eu voo; mergulho deste lado e daquele, tão fundo quanto posso, e não há fim. Tão grande é a força da memória, tão grande a força da vida, mesmo na vida mortal do homem. Que farei, então, ó minha verdadeira vida, meu Deus? Ultrapassarei também esta força minha, a que se chama memória; sim, ultrapassá-la-ei, para me aproximar de Vós, ó doce Luz. Que me dizeis? Eis que subo pelo meu espírito até Vós, que permaneceis acima de mim. Sim, hei de ultrapassar também esta força minha, a que se chama memória, desejoso de chegar a Vós, por onde se pode chegar a Vós, e de aderir a Vós, por onde se pode aderir a Vós. Pois até os animais e as aves têm memória; de outro modo não poderiam voltar às suas covas e aos seus ninhos, nem a muitas outras coisas a que estão habituados; nem, na verdade, poderiam habituar-se a coisa alguma, senão pela memória. Ultrapassarei, pois, também a memória, para chegar Àquele que me separou dos quadrúpedes e me fez mais sábio do que as aves do céu. Ultrapassarei também a memória — e onde Vos encontrarei, ó verdadeira e certa doçura? E onde Vos encontrarei? Se Vos

encontro fora da minha memória, então não Vos retenho na minha memória. E como Vos encontrarei, se de Vós não me lembro?

CAPÍTULO XVIII

Pois aquela mulher que perdera a dracma e a procurou com uma lanterna: se dela se não lembrasse, nunca a teria encontrado. Porque, quando foi achada, donde saberia se era a mesma, se dela não se lembrasse? Lembro-me de ter procurado e encontrado muitas coisas; e sei disto porque, quando procurava alguma delas e me perguntavam "É esta? É aquela?", eu dizia "Não", até que me fosse apresentada aquela que buscava. Se dela não me lembrasse — fosse ela qual fosse —, ainda que me fosse apresentada, não a encontraria, porque não a poderia reconhecer. E assim é sempre, quando buscamos e encontramos alguma coisa perdida. Contudo, quando alguma coisa por acaso se perde da vista, e não da memória — como qualquer corpo visível —, a sua imagem é todavia retida por dentro, e busca-se até que seja devolvida à vista; e, quando é encontrada, reconhece-se pela imagem que está dentro. Nem dizemos que encontramos o que se perdera, se o não reconhecemos; nem o podemos reconhecer se dele não nos lembramos. Mas aquilo perdera-se para os olhos, e ficara retido na memória.

CAPÍTULO XIX

E que dizer quando é a própria memória que perde alguma coisa, como acontece quando esquecemos e buscamos para recordar? Onde, afinal, procuramos, senão na própria memória? E ali, se por acaso nos é apresentada uma coisa em lugar de outra, rejeitamo-la,

até que nos ocorra o que buscamos; e, quando ocorre, dizemos: "É isto!" — o que não diríamos se o não reconhecêssemos, nem o reconheceríamos se dele não nos lembrássemos. Certamente, pois, o havíamos esquecido. Ou não nos teria escapado o todo, mas pela parte que ainda retínhamos era buscada a parte perdida, ao sentir a memória que não trazia consigo, unido, tudo aquilo a que estava habituada, e, como que mutilada pelo truncamento do seu antigo hábito, exigia a restituição do que lhe faltava? Por exemplo: se vemos ou pensamos em alguém que conhecemos, e, tendo-lhe esquecido o nome, tentamos recuperá-lo, tudo o mais que nos ocorre não se liga com ele, porque não estava habituado a ser pensado junto com ele, e por isso é rejeitado, até que se apresente aquilo em que o conhecimento repousa serenamente como no seu objeto habitual. E donde se apresenta isso, senão da própria memória? Pois, mesmo quando o reconhecemos por sermos lembrados por outro, é de lá que ele vem. Porque não cremos nele como em algo novo, mas, ao recordá-lo, admitimos que o nome dito é o certo. Mas, se estivesse de todo apagado do espírito, não nos lembraríamos dele, nem sequer sendo lembrados. Pois ainda não esquecemos de todo aquilo que nos lembramos de ter esquecido. Aquilo, portanto, que de todo esquecemos, ainda que perdido, nem sequer o podemos buscar.

CAPÍTULO XX

Como, pois, Vos busco, Senhor? Porque, quando Vos busco, meu Deus, busco a vida feliz. *Buscar-Vos-ei, para que viva a minha alma*: pois o meu corpo vive pela minha alma, e a minha alma por Vós. Como, então, busco a vida feliz, uma vez que a não possuo, enquanto não puder dizer, onde o devo dizer: "Basta"? Como a

busco? Pela recordação, como se a tivesse esquecido, e me lembrasse de a ter esquecido? Ou por desejo de aprendê-la como coisa desconhecida, ou porque nunca a conheci, ou porque a esqueci de tal modo que nem me lembro de a ter esquecido? Não é a vida feliz aquilo que todos querem, e que absolutamente ninguém deixa de querer? Onde a conheceram, para assim a quererem? Onde a viram, para assim a amarem? Na verdade, possuímo-la, não sei como. Sim, há um modo pelo qual, quando alguém a possui, então é feliz; e há os que são bem-aventurados *em esperança*. Estes possuem-na de modo inferior ao dos que a possuem em realidade; mas estão em melhor situação do que os que não são felizes nem em realidade nem em esperança. E, contudo, mesmo estes, se de algum modo a não possuíssem, não quereriam assim ser felizes — coisa que, é certíssimo, querem. Conheceram-na, pois, não sei como, e assim a possuem por certa espécie de conhecimento, qual seja não o sei; e estou perplexo sobre se está na memória, e, se estiver, então já fomos felizes um dia — se todos individualmente, ou naquele homem que primeiro pecou, no qual também todos morremos, e do qual todos nascemos na miséria, não o indago agora; mas somente se a vida feliz está na memória. Pois não a amaríamos se a não conhecêssemos. Ouvimos o nome, e todos confessamos desejar a coisa; pois não é o mero som que nos deleita. Porque, quando um grego o ouve em latim, não se deleita, por não saber o que se diz; mas nós, latinos, deleitamo-nos — como também ele, se o ouvisse em grego —, porque a própria coisa não é grega nem latina, e é aquilo por que gregos, latinos e homens de todas as outras línguas tão ardentemente anseiam. Conhecida é, pois, de todos; e, se todos, a uma só voz, fossem perguntados se queriam ser felizes,

responderiam sem dúvida que sim. E isto não poderia ser, se a própria coisa de que este é o nome não estivesse retida na sua memória.

CAPÍTULO XXI

Mas será assim como alguém se lembra de Cartago por a ter visto? Não. Pois a vida feliz não se vê com os olhos, porque não é um corpo. Será, então, como recordamos os números? Também não. Pois quem os tem no seu conhecimento não busca mais alcançá-los; ao passo que a vida feliz temo-la no nosso conhecimento, e por isso a amamos, e todavia ainda desejamos alcançá-la, para sermos felizes. Será, então, como recordamos a eloquência? Também não. Pois, ainda que ao ouvir também este nome alguns chamem à mente a coisa, sem serem ainda eloquentes, e muitos desejem sê-lo — donde se vê que ela está no seu conhecimento —, todavia estes observaram com os sentidos do corpo que outros eram eloquentes, e se deleitaram, e desejam ser semelhantes (ainda que na verdade não se deleitassem senão por algum conhecimento interior dela, nem desejassem ser semelhantes se assim não se deleitassem); ao passo que a vida feliz não a experimentamos nos outros por nenhum sentido do corpo. Será, então, como recordamos a alegria? Talvez; pois a minha alegria recordo-a mesmo quando estou triste, como a vida feliz quando estou infeliz; nem jamais vi, ouvi, cheirei, saboreei ou toquei a minha alegria com sentido do corpo; mas experimentei-a no meu espírito, quando me alegrei, e o conhecimento dela ficou preso à minha memória, de sorte que a posso recordar ora com repugnância, ora com saudade, conforme a natureza das coisas em que me lembro de me ter alegrado. Pois até em coisas torpes fui mergulhado numa

espécie de alegria, a qual, ao recordá-la agora, detesto e execro; e outras vezes em coisas boas e honestas, que recordo com saudade, ainda que talvez já não estejam presentes — e por isso com tristeza recordo a alegria passada.

Onde, então, e quando experimentei eu a minha vida feliz, para dela me lembrar, e a amar, e por ela suspirar? Nem sou só eu, ou alguns poucos além de mim, mas todos nós queremos ser felizes; o que, se por algum conhecimento certo não o soubéssemos, não desejaríamos com vontade tão certa. Mas como se explica que, se se perguntar a dois homens se querem ir à guerra, um talvez responda que sim, e o outro que não; mas, se lhes perguntarem se querem ser felizes, ambos digam no mesmo instante, sem hesitação alguma, que sim — e que por nenhuma outra razão vá um à guerra e o outro não, senão para ser feliz? Será porventura porque um busca a sua alegria numa coisa e outro noutra, concordando todos no desejo de serem felizes, assim como concordariam, se lhes perguntassem, em que desejam ter alegria — e a esta alegria chamam vida feliz? Ainda que, pois, um obtenha essa alegria por um meio e outro por outro, todos têm um só fim, que se esforçam por alcançar: a alegria. E, sendo esta coisa que todos hão de dizer ter experimentado, encontra-se por isso na memória, e é reconhecida sempre que se menciona o nome de vida feliz.

CAPÍTULO XXII

Longe, Senhor, longe do coração do Vosso servo, que aqui se confessa a Vós — longe esteja que eu me julgue feliz por causa de qualquer alegria que seja. Pois há uma alegria que não é dada aos ímpios, mas àqueles que Vos amam por Vós mesmo, e cuja alegria

sois Vós mesmo. E esta é a vida feliz: alegrar-se em Vós, de Vós, por Vós; esta é, e não há outra. Pois os que julgam haver outra buscam alguma outra alegria, e não a verdadeira; e, contudo, a sua vontade não se afasta de alguma semelhança de alegria.

CAPÍTULO XXIII

Não é certo, então, que todos queiram ser felizes, uma vez que aqueles que não querem alegrar-se em Vós — que é a única vida feliz — não desejam verdadeiramente a vida feliz. Ou desejam-na todos, mas, porque *a carne cobiça contra o espírito e o espírito contra a carne, de modo que não podem fazer o que querem*, caem naquilo que podem e com isso se contentam — porque aquilo que não são capazes de fazer não o querem com força bastante para os tornar capazes? Pois pergunto a qualquer um: preferiria alegrar-se na verdade ou na falsidade? Tão pouco hesitará em dizer "na verdade" quanto em dizer "que deseja ser feliz". Pois a vida feliz é a alegria na verdade; e isto é alegrar-se em Vós, que sois a Verdade, ó Deus, *minha luz, salvação do meu rosto*, meu Deus. Esta é a vida feliz que todos desejam; esta vida, que só ela é feliz, todos a desejam; alegrar-se na verdade, todos o desejam. Encontrei muitos que queriam enganar; mas ser enganado, ninguém. Onde, então, conheceram esta vida feliz, senão onde conheceram também a verdade? Pois também a amam, uma vez que não querem ser enganados. E, quando amam a vida feliz, que não é senão alegrar-se na verdade, então amam também a verdade; a qual, todavia, não amariam se não houvesse alguma notícia dela na sua memória. Por que, então, não se alegram nela? Por que não são felizes? Porque estão mais fortemente ocupados com outras coisas, que têm mais poder para os tornar miseráveis do que aquela que tão debilmente

recordam para os tornar felizes. Pois *ainda há um pouco de luz nos homens: caminhem, caminhem, para que as trevas os não surpreendam*.

Mas por que *gera ódio a verdade*, e por que se torna inimigo deles aquele homem Vosso que prega a verdade, uma vez que se ama a vida feliz, que não é senão alegrar-se na verdade — a não ser porque a verdade é amada de tal modo que os que amam outra coisa quereriam que aquilo que amam fosse a verdade, e, porque não querem ser enganados, não querem ser convencidos de que o são? Por isso odeiam a verdade por causa daquilo que amaram em lugar dela. Amam-na quando ela ilumina, e odeiam-na quando repreende. Pois, uma vez que não querem ser enganados e querem enganar, amam-na quando ela se lhes descobre, e odeiam-na quando ela os descobre. Donde ela lhes retribuirá de tal modo que aqueles que não querem ser manifestados por ela, ela os manifesta contra a sua vontade, e a si mesma não se lhes manifesta. Assim, assim, sim, assim é o espírito do homem: assim cego e doente, torpe e desfigurado, quer estar escondido, mas não quer que coisa alguma lhe esteja escondida. Mas retribui-se-lhe o contrário: que ele mesmo não fique escondido à Verdade, mas que a Verdade lhe fique escondida. E, todavia, mesmo assim miserável, prefere alegrar-se nas verdades a alegrar-se nas falsidades. Feliz será, pois, quando, sem que nenhuma distração se interponha, se alegrar só naquela Verdade pela qual todas as coisas são verdadeiras.

CAPÍTULO XXIV

Vede que espaço percorri na minha memória buscando-Vos, Senhor; e não Vos encontrei fora dela. Nem encontrei coisa alguma a Vosso respeito que não tivesse guardado na memória

desde que Vos aprendi. Pois, desde que Vos aprendi, não Vos esqueci. Porque, onde encontrei a Verdade, ali encontrei o meu Deus, que é a própria Verdade; e, desde que a aprendi, não a esqueci. Desde então, pois, que Vos aprendi, residis na minha memória; e ali Vos encontro, quando Vos chamo à lembrança e me deleito em Vós. Estas são as minhas santas delícias, que me destes na Vossa misericórdia, atendendo à minha pobreza.

CAPÍTULO XXV

Mas onde residis Vós na minha memória, Senhor? Onde ali residis? Que espécie de morada preparastes para Vós? Que espécie de santuário edificastes para Vós? Destes esta honra à minha memória: residir nela; mas em que parte dela residis, é o que estou a considerar. Pois, ao pensar em Vós, ultrapassei aquelas partes dela que também os animais têm, porque ali não Vos encontrei entre as imagens das coisas corpóreas; e cheguei àquelas partes a que confiei os afetos do meu espírito, e ali tampouco Vos encontrei. E entrei na própria sede do meu espírito — que ele tem na minha memória, uma vez que o espírito também se lembra de si mesmo —, e nem ali estáveis. Pois, assim como não sois imagem corpórea, nem afeto de um ser vivo (como quando nos alegramos, nos condoemos, desejamos, tememos, lembramos, esquecemos e coisas semelhantes), assim tampouco sois o próprio espírito; porque sois o Senhor Deus do espírito, e todas estas coisas mudam, mas Vós permaneceis imutável acima de tudo — e todavia Vos dignastes habitar na minha memória, desde que Vos aprendi. E por que busco agora em que lugar dela habitais, como se nela houvesse lugares? Certo estou de que nela habitais, uma vez

que de Vós me lembro desde que Vos aprendi, e ali Vos encontro quando Vos chamo à lembrança.

CAPÍTULO XXVI

Onde, então, Vos encontrei, para que Vos aprendesse? Pois na minha memória não estáveis antes de Vos aprender. Onde, pois, Vos encontrei, para que Vos aprendesse, senão em Vós, acima de mim? Lugar não há; recuamos e avançamos, e lugar não há. Em toda parte, ó Verdade, dais audiência a todos os que Vos pedem conselho, e a todos respondeis ao mesmo tempo, ainda que sobre matérias diversas Vos consultem. Claramente respondeis, ainda que nem todos claramente ouçam. Todos Vos consultam sobre o que querem, ainda que nem sempre ouçam o que querem. É Vosso melhor servo aquele que não busca tanto ouvir de Vós aquilo que ele mesmo quer, quanto antes querer aquilo que de Vós ouve.

CAPÍTULO XXVII

Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! E eis que estáveis dentro de mim, e eu fora; e fora Vos buscava, e, disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco. Retinham-me longe de Vós aquelas coisas que, se não estivessem em Vós, não existiriam. Chamastes e clamastes, e rompestes a minha surdez. Brilhastes e resplandecestes, e dissipastes a minha cegueira. Exalastes o Vosso perfume: respirei-o, e agora suspiro por Vós. Saboreei-Vos, e agora tenho fome e sede. Tocastes-me, e ardi no desejo da Vossa paz.

CAPÍTULO XXVIII

Quando eu aderir a Vós com todo o meu ser, em parte alguma haverá para mim dor ou trabalho, e a minha vida viverá inteiramente, por estar inteiramente cheia de Vós. Mas agora, porque erguei aquele que encheis, e eu não estou cheio de Vós, sou um peso para mim mesmo. Alegrias lamentáveis lutam com tristezas alegres; e de que lado está a vitória, não o sei. Ai de mim! Senhor, tende piedade de mim. As minhas tristezas más lutam com as minhas alegrias boas; e de que lado está a vitória, não o sei. Ai de mim! Senhor, tende piedade de mim. Ai de mim! Eis que não escondo as minhas feridas: Vós sois o Médico, e eu o doente; Vós misericordioso, e eu miserável. Porventura *não é toda a vida do homem sobre a terra uma provação*? Quem deseja aflições e dificuldades? Ordenais que sejam suportadas, não que sejam amadas. Ninguém ama o que suporta, ainda que ame suportar. Pois, ainda que se alegre por suportar, preferiria que nada houvesse para suportar. Na adversidade anseio pela prosperidade; na prosperidade temo a adversidade. Que lugar intermédio há entre estes dois, onde a vida do homem não seja toda provação? Ai das prosperidades do mundo, uma e outra vez, pelo temor da adversidade e pela corrupção da alegria! Ai das adversidades do mundo, uma, duas e três vezes, pela ânsia da prosperidade, e porque a própria adversidade é coisa dura, e porque pode quebrar a paciência! Porventura não é toda a vida do homem sobre a terra uma provação, sem intervalo algum?

CAPÍTULO XXIX

E toda a minha esperança não está senão na Vossa imensa misericórdia. Dai o que ordenais, e ordenai o que quiserdes.

Ordenais-nos a continência; e, *quando soube*, diz um, *que ninguém pode ser continente se Deus não lho der, também isto era parte da sabedoria: saber de quem é este dom*. Pela continência somos, na verdade, reunidos e reconduzidos ao Uno, donde nos havíamos dispersado na multiplicidade. Pois ama-Vos muito pouco quem ama juntamente convosco alguma coisa que não ama por Vós. Ó amor, que sempre ardeis e nunca Vos apagais! Ó caridade, meu Deus, acendei-me! Ordenais a continência: dai o que ordenais, e ordenai o que quiserdes.

CAPÍTULO XXX

Ordenais-me, na verdade, a continência quanto *à concupiscência da carne, à concupiscência dos olhos e à ambição do século*. Ordenastes a continência quanto ao concubinato; e, quanto ao próprio matrimônio, aconselhastes algo melhor do que aquilo que permitistes. E, uma vez que o concedestes, assim se fez, ainda antes que eu me tornasse dispensador do Vosso sacramento. Mas vivem ainda na minha memória — de que muito falei — as imagens de tais coisas, ali fixadas pelo meu mau costume; e essas imagens me assaltam, sem força quando estou acordado, mas no sono não só até dar prazer, mas até arrancar o consentimento e algo muito semelhante à realidade. E de tal modo prevalece a ilusão da imagem, na minha alma e na minha carne, que, dormindo, as visões falsas persuadem àquilo a que, acordado, as verdadeiras não persuadem. Não sou eu mesmo, então, ó Senhor meu Deus? E, todavia, quanta diferença há entre mim e mim mesmo, naquele instante em que passo da vigília ao sono ou volto do sono à vigília! Onde está então a razão, que, desperta, resiste a tais sugestões? E, ainda que as próprias coisas lhe fossem apresentadas, permanece

inabalável. Estará ela fechada com os olhos? Estará adormecida com os sentidos do corpo? E donde vem que muitas vezes até no sono resistimos e, lembrados do nosso propósito e nele permanecendo castíssimamente, não damos assentimento a tais atrativos? E, contudo, tal é a diferença que, quando acontece de outro modo, ao despertar voltamos à paz da consciência; e por essa mesma diferença descobrimos que não fizemos aquilo de que todavia nos entristecemos por, de algum modo, se ter feito em nós.

Não sois Vós poderoso, ó Deus onipotente, para curar todas as doenças da minha alma e para, com a Vossa graça mais abundante, apagar até os movimentos impuros do meu sono? Aumentareis, Senhor, cada vez mais em mim os Vossos dons, para que a minha alma me siga até Vós, desprendida do visgo da concupiscência; para que não se revolte contra si mesma, e nem sequer em sonhos cometa, por meio das imagens dos sentidos, aquelas corrupções degradantes, até à poluição da carne, nem lhes dê consentimento algum. Pois fazer com que nada desta espécie tenha, sobre os afetos puros mesmo de quem dorme, a mínima influência — nem sequer aquela que um pensamento poderia refrear —, isto não é difícil ao Onipotente, que *podeis fazer mais do que pedimos ou pensamos*, e podeis fazê-lo não só durante toda a vida, mas até na minha idade presente. Mas o que ainda sou neste gênero do meu mal, confessei-o ao meu bom Senhor, *alegrando-me com tremor* naquilo que me destes, e lamentando aquilo em que ainda sou imperfeito; esperando que aperfeiçoareis em mim as Vossas misericórdias, até à paz perfeita que o meu homem exterior e interior terão convosco, *quando a morte for absorvida na vitória*.

CAPÍTULO XXXI

Há outro mal do dia, e oxalá bastasse para o dia. Pois com o comer e o beber reparamos as ruínas diárias do corpo, até que *destruais o ventre e os alimentos*, quando matareis a minha indigência com uma plenitude admirável e revestireis este corruptível de eterna incorrupção. Mas agora esta necessidade é-me doce, e contra essa doçura combato, para não ser feito cativo; e travo uma guerra diária pelos jejuns, muitas vezes *reduzindo o meu corpo à servidão*; e as minhas dores são removidas pelo prazer. Pois a fome e a sede são de certo modo dores: queimam e matam como uma febre, se o remédio dos alimentos não vier em nosso socorro. E, uma vez que ele está à mão pelas consolações dos Vossos dons, com que a terra, a água e o ar servem à nossa fraqueza, à nossa calamidade dá-se o nome de deleite.

Isto me ensinastes: que eu me disponha a tomar o alimento como remédio. Mas, enquanto passo do desconforto da vacuidade ao contentamento da saciedade, é na própria passagem que me assedia o laço da concupiscência. Pois essa passagem é prazer, e não há outro caminho para passar aonde necessariamente havemos de passar. E, sendo a saúde a causa do comer e do beber, junta-se-lhe como acompanhante um prazer perigoso, que na maior parte das vezes procura ir adiante dela, de modo que eu faça por causa dele aquilo que digo fazer, ou querer fazer, por causa da saúde. Nem ambos têm a mesma medida: pois o que basta à saúde é pouco para o prazer. E muitas vezes é incerto se é o cuidado necessário do corpo que ainda pede sustento, ou se é uma voluptuosa impostura da gula que oferece os seus serviços. Nesta incerteza alegra-se a alma infeliz e nela prepara uma desculpa para se abrigar, contente de que não apareça o que basta à moderação da saúde, para que,

sob a capa da saúde, possa disfarçar o negócio do deleite. A estas tentações procuro resistir diariamente, e invoco a Vossa mão direita, e a Vós refiro as minhas perplexidades, porque nisto ainda não tenho conselho firme.

Ouço a voz do meu Deus que ordena: *Não se sobrecarreguem os vossos corações com glutonaria e embriaguez.* A embriaguez está longe de mim: tereis misericórdia, para que dela não me aproxime. Mas a fartura excessiva insinua-se por vezes no Vosso servo: tereis misericórdia, para que se afaste de mim. *Pois ninguém pode ser continente se Vós lho não derdes.* Muitas coisas nos dais quando as pedimos; e todo o bem que recebemos antes de o pedir, de Vós o recebemos — e para que depois viéssemos a saber isto é que antes o recebemos. Bêbado nunca fui; mas conheci bêbados tornados sóbrios por Vós. De Vós, pois, veio que os que nunca o foram não o fossem, como de Vós veio que os que o foram não o fossem para sempre; e de Vós veio que uns e outros soubessem de quem isso vinha. Ouvi outra voz Vossa: *Não sigas as tuas paixões, e afasta-te da tua vontade.* Sim, e pelo Vosso favor ouvi aquilo que muito amei: *Nem se comermos teremos mais, nem se não comermos teremos menos* — o que quer dizer: nem uma coisa me tornará abundante, nem a outra miserável. Ouvi também outra: *Aprendi a contentar-me com aquilo que tenho; sei viver na abundância e sei sofrer a penúria. Tudo posso naquele que me conforta.* Eis um soldado do acampamento celeste, e não o pó que somos. Mas lembrai-Vos, Senhor, *de que somos pó*, e de que do pó fizestes o homem; e ele se perdera e foi encontrado. Nem isto pôde ele por si mesmo, porque aquele a quem tanto amei, ao dizer isto pelo sopro da Vossa inspiração, era do mesmo pó. *Tudo posso*, diz ele, *naquele que me conforta*. Confortai-me, para que

eu possa. Dai o que ordenais, e ordenai o que quiserdes. Ele confessa ter recebido, *e, quando se gloria, no Senhor se gloria*. A outro ouvi suplicar que recebesse: *Afastai de mim*, diz ele, *as cobiças do ventre*. Donde se vê, ó meu Deus santo, que sois Vós quem dá, quando se faz aquilo que ordenais que se faça.

Ensinastes-me, bom Pai, que *para os puros tudo é puro*, mas que *é mau para o homem que come com escândalo*; e que *toda criatura Vossa é boa, e nada se deve rejeitar que se receba com ação de graças*; e que *não é o alimento que nos recomenda a Deus*; e que *ninguém nos julgue no comer ou no beber*; e que *quem come não despreze quem não come, e quem não come não julgue quem come*. Estas coisas aprendi — graças Vos sejam dadas, louvor a Vós, meu Deus, meu Mestre, que bateis aos meus ouvidos e iluminais o meu coração: livrai-me de toda tentação. Não temo a impureza do alimento, mas a impureza da cobiça. Sei que a Noé foi permitido comer toda espécie de carne que servisse de alimento; que Elias foi alimentado com carne; que João, dotado de admirável abstinência, não se contaminou por se alimentar de seres vivos, isto é, de gafanhotos. Sei também que Esaú foi enganado pela cobiça das lentilhas, e que Davi se censurou a si mesmo por desejar um gole de água, e que o nosso Rei foi tentado não a respeito de carne, mas de pão. E por isso também o povo no deserto mereceu ser repreendido, não por desejar carne, mas porque, no desejo do alimento, murmurou contra o Senhor.

Colocado, pois, entre estas tentações, luto diariamente contra a concupiscência no comer e no beber. Pois não é de tal natureza que eu possa resolver cortá-la de uma vez por todas e nunca mais lhe tocar, como pude fazer quanto ao concubinato. É preciso, portanto, segurar o freio da garganta, temperado entre a frouxidão

e a rigidez. E quem é aquele, Senhor, que não é de algum modo arrastado para além dos limites da necessidade? Quem quer que seja, é um grande homem: engrandeça ele o Vosso nome. Mas eu não sou tal, porque sou homem pecador. E, contudo, também eu engrandeço o Vosso nome; e *intercede por mim* junto de Vós, pelos meus pecados, Aquele *que venceu o mundo*, contando-me entre os membros fracos do Seu corpo, porque *os Vossos olhos viram o que n'Ele era imperfeito, e no Vosso livro tudo será escrito*.

CAPÍTULO XXXII

Quanto às seduções dos perfumes, não me preocupo muito. Quando ausentes, não sinto a sua falta; quando presentes, não os recuso; e estou sempre pronto a passar sem eles. Assim me parece a mim; talvez me engane. Pois também isto é uma treva lamentável: que as minhas capacidades interiores me estejam escondidas, de sorte que a minha mente, indagando de si mesma acerca das suas próprias forças, não ouse facilmente crer em si — porque até aquilo que nela está permanece na maior parte oculto, se a experiência o não revelar. E ninguém deve estar seguro nesta vida, a que toda ela se chama provação: pois aquele que foi capaz de, de pior, se tornar melhor, pode igualmente, de melhor, tornar-se pior. A nossa única esperança, a nossa única confiança, a nossa única promessa segura é a Vossa misericórdia.

CAPÍTULO XXXIII

Os deleites do ouvido tinham-me enredado e subjugado com mais firmeza; mas Vós me desatastes e libertastes. Agora, naquelas melodias a que as Vossas palavras dão alma, quando cantadas com

voz doce e afinada, repouso um pouco; e, contudo, não a ponto de por elas ser retido, mas de me poder desprender quando quiser. E, todavia, juntamente com as palavras que são a sua vida e pelas quais elas encontram entrada em mim, elas mesmas buscam nos meus afetos um lugar de alguma estima, e eu mal lhes consigo atribuir um lugar conveniente. Pois às vezes parece-me dar-lhes mais honra do que é decoroso, sentindo que os nossos espíritos são mais santa e fervorosamente erguidos à chama da devoção pelas próprias palavras santas quando assim cantadas do que quando não o são; e que os diversos afetos do nosso espírito têm, por uma doce variedade, as suas medidas próprias na voz e no canto, e que por uma correspondência oculta com estas são despertados. Mas este contentamento da carne, ao qual não se deve entregar a alma para que se não enerve, muitas vezes me engana: o sentido não acompanhando a razão de modo a segui-la com paciência, mas, tendo sido admitido apenas por causa dela, esforçando-se por correr adiante dela e por conduzi-la. Assim, nestas coisas peco sem o perceber, e só depois o percebo.

Outras vezes, fugindo com excessiva ansiedade deste mesmo engano, erro por rigor excessivo; e às vezes a tal ponto que quisera ver banida dos meus ouvidos — e também dos da Igreja — toda a melodia da doce música que se usa no saltério de Davi; e parece-me mais seguro aquele modo de que muitas vezes me lembro de ter ouvido falar a respeito de Atanásio, bispo de Alexandria, que fazia o leitor do salmo pronunciá-lo com tão leve inflexão de voz que estava mais perto de falar do que de cantar. E, todavia, quando me lembro das lágrimas que derramei com os salmos da Vossa Igreja, no princípio da minha fé recobrada; e de como neste tempo sou comovido não pelo canto, mas pelas coisas cantadas, quando

cantadas com voz clara e modulação convenientíssima, reconheço a grande utilidade desta instituição. Assim flutuo entre o perigo do prazer e a experiência salutar; inclinando-me antes — ainda que sem pronunciar opinião irrevogável — a aprovar o costume de cantar na igreja, para que, pelo deleite dos ouvidos, os espíritos mais fracos se elevem ao sentimento da devoção. Contudo, quando me acontece ser mais comovido pela voz do que pelas palavras cantadas, confesso ter pecado e merecer castigo, e então preferia não ouvir música. Vede agora o meu estado: chorai comigo e chorai por mim, vós que regulais dentro de vós os vossos sentimentos, de modo que deles resulte a boa ação. Pois a vós que não agis, estas coisas não vos tocam. Mas Vós, ó Senhor meu Deus, escutai; olhai, e vede, e tende piedade, e curai-me, Vós, em cuja presença me tornei um problema para mim mesmo — e esta é a minha enfermidade.

CAPÍTULO XXXIV

Resta o prazer destes olhos da minha carne, sobre o qual hei de fazer as minhas confissões aos ouvidos do Vosso templo, aqueles ouvidos fraternos e piedosos; e assim concluir as tentações da concupiscência da carne, que ainda me assaltam, enquanto *gemo ardentemente e desejo ser revestido da minha habitação que vem do céu*. Os olhos amam as formas belas e variadas e as cores vivas e suaves. Que estas não ocupem a minha alma; ocupe-a antes Deus, que fez estas coisas — muito boas, na verdade, mas Ele é o meu bem, e não elas. E estas afetam-me, acordado, o dia inteiro, nem me é dado repouso algum delas, como o há do canto, às vezes no silêncio, quanto a todas as vozes. Pois esta rainha das cores, a luz, banhando tudo quanto contemplamos, onde quer que eu esteja

durante o dia, deslizando por mim em formas variadas, acaricia-me quando estou ocupado com outras coisas e nem sequer a observo. E de tal modo se entrelaça em mim, que, se de repente é retirada, é buscada com saudade; e, se está ausente por muito tempo, entristece o espírito.

Ó Vós, Luz que Tobias viu, quando, fechados estes olhos, ensinou ao filho o caminho da vida e ele mesmo o precedeu com os pés da caridade, sem jamais se desviar. Ou aquela que Isaac viu, quando, tendo os olhos da carne pesados e fechados pela velhice, lhe foi concedido abençoar os filhos não conhecendo-os, mas conhecê-los abençoando-os. Ou aquela que Jacó viu, quando também ele, cego pela muita idade, com o coração iluminado, nas pessoas dos filhos derramou luz sobre as diversas raças do povo futuro, neles prefiguradas; e pôs as mãos, misticamente cruzadas, sobre os netos que teve de José, não como o pai deles, pelo olho exterior, o corrigia, mas como ele mesmo por dentro discernia. Esta é a luz: é uma só, e são um só todos os que a veem e a amam. Mas aquela luz corpórea de que falei tempera a vida deste mundo para os seus amantes cegos, com uma doçura atrativa e perigosa. Mas os que sabem louvar-Vos por ela, "ó Senhor criador de todas as coisas", tomam-na nos Vossos hinos, e não são tomados por ela no seu sono. Tal quisera eu ser. Resisto a estas seduções dos olhos, para que os meus pés, com que caminho no Vosso caminho, não sejam presos; e ergo a Vós os meus olhos invisíveis, para que *arranqueis do laço os meus pés*. Vós os arrancais uma e outra vez, pois eles ficam presos. Não cessais de os arrancar, enquanto eu muitas vezes me enredo nos laços por toda parte armados — porque *Vós, que guardais Israel, não dormitareis nem dormireis*.

Quantas ninharias inumeráveis, feitas por diversas artes e ofícios, nas nossas vestes, nos calçados, nos utensílios e em toda espécie de obras, e também nas pinturas e nas variadas imagens, e estas excedendo em muito todo uso necessário e moderado e todo sentido piedoso, acrescentaram os homens para tentar os próprios olhos! Seguindo por fora aquilo que eles mesmos fazem, e abandonando por dentro Aquele por quem eles mesmos foram feitos, e destruindo aquilo que eles mesmos foram feitos! Mas eu, meu Deus e minha glória, também daqui Vos canto um hino e consagro louvor Àquele que me consagra; porque aquelas belas formas que, pelas almas dos homens, passam às suas mãos hábeis vêm daquela Beleza que está acima das nossas almas, e por que a minha alma suspira dia e noite. Mas os artífices e os seguidores das belezas exteriores tiram dali a regra de as julgar, mas não a de as usar. E Ele está ali, ainda que o não percebam — para que não andassem errantes, mas *guardassem para Vós a sua força* e não a dispersassem num cansaço de prazeres. E eu, ainda que diga e veja isto, embaraço os meus passos nestas belezas exteriores; mas Vós me arrancais, Senhor, Vós me arrancais, porque *a Vossa misericórdia está diante dos meus olhos*. Pois sou miseravelmente apanhado, e Vós misericordiosamente me arrancais: às vezes sem eu o perceber, quando apenas de leve nelas tocara; outras vezes com dor, porque nelas me tinha prendido com firmeza.

CAPÍTULO XXXV

A isto acrescenta-se outra forma de tentação, de perigos mais variados. Pois, além daquela concupiscência da carne, que consiste no deleite de todos os sentidos e prazeres, e na qual os seus escravos, afastando-se de Vós, se consomem e perecem, tem a

alma, pelos mesmos sentidos do corpo, um certo desejo vão e curioso, encoberto sob o nome de conhecimento e de ciência, não de se deleitar na carne, mas de fazer experiências por meio da carne. E, tendo a sua sede no apetite do conhecimento, e sendo a vista o sentido principalmente usado para o adquirir, é chamado na linguagem divina *concupiscência dos olhos*. Pois ver pertence propriamente aos olhos; e, todavia, usamos esta palavra também para os demais sentidos, quando os empregamos na busca do conhecimento. Pois não dizemos "ouve como brilha", nem "cheira como reluz", nem "prova como fulgura", nem "apalpa como resplandece": de todas estas coisas se diz que se veem. E, contudo, dizemos não só "vê como brilha", que só os olhos podem perceber, mas também "vê como soa", "vê como cheira", "vê como sabe", "vê como é duro". E assim a experiência geral dos sentidos, como se disse, chama-se *concupiscência dos olhos*, porque o ofício de ver, no qual os olhos têm a prerrogativa, os demais sentidos o tomam para si por semelhança, quando buscam algum conhecimento.

Mas por aqui se pode discernir com mais evidência em que os sentidos têm por objeto o prazer e em que a curiosidade. Pois o prazer busca objetos belos, harmoniosos, perfumados, saborosos, macios; mas a curiosidade busca, para experimentar, também os contrários — não pelo desejo de sofrer incômodo, mas pela ânsia de fazer a prova e de os conhecer. Pois que prazer há em ver, num cadáver despedaçado, aquilo que nos faz estremecer? E, todavia, se jaz por perto, acorrem em bandos, para se entristecerem e empalidecerem. Até no sono temem vê-lo — como se, acordados, alguém os forçasse a olhar, ou como se alguma fama da sua beleza para ali os atraísse! Assim também nos demais sentidos, que seria

longo percorrer. Desta doença da curiosidade nascem todos aqueles espetáculos estranhos exibidos no teatro. Daqui passam os homens a investigar os poderes ocultos da natureza, que estão além do nosso fim, cujo conhecimento de nada aproveita, e nos quais nada desejam senão conhecer. Daqui também, se com esse mesmo fim de conhecimento pervertido se procuram as artes mágicas. Daqui também, na própria religião, se tenta a Deus, quando se Lhe pedem sinais e prodígios, não desejados para algum bom fim, mas unicamente para fazer a prova.

Colocado neste tão vasto deserto, cheio de laços e de perigos, eis que muitos deles cortei e lancei fora do meu coração, como Vós mo concedestes, ó Deus da minha salvação. E, contudo, quando ousarei dizer — sendo que tantas coisas deste gênero zumbem por todos os lados em torno da nossa vida diária —, quando ousarei dizer que nada desta espécie prende a minha atenção ou provoca em mim um interesse vão? É verdade que os teatros já me não arrebatam, nem me importa conhecer os cursos dos astros, nem jamais a minha alma consultou os espíritos dos mortos; todos os mistérios sacrílegos detesto. De Vós, ó Senhor meu Deus, a quem devo um serviço humilde e simples, com que artifícios e sugestões me leva o inimigo a desejar algum sinal! Mas suplico-Vos pelo nosso Rei e pela nossa pátria pura e santa, Jerusalém: que, assim como está longe de mim consentir em tal coisa, assim esteja sempre cada vez mais longe. Mas, quando Vos peço a salvação de alguém, o meu fim e a minha intenção são bem diversos. Vós me dais e me dareis seguir-Vos de boa vontade, fazendo o que quiserdes.

E, contudo, em quantas coisas mesquiníssimas e desprezíveis é diariamente tentada a nossa curiosidade, e quantas vezes cedemos, quem o poderá contar? Quantas vezes começamos como quem

tolera os que contam histórias vãs, para não ofender os fracos, e depois, pouco a pouco, nos interessamos por elas! Já não vou ao circo ver um cão perseguir uma lebre; mas no campo, se por ali passo, aquela caçada talvez me distraia até de algum pensamento grave e me arraste atrás dela: não que eu desvie o corpo da minha montaria, mas ainda assim inclino para lá o espírito. E, se Vós, tendo-me feito ver a minha fraqueza, não me advertísseis prontamente, ou a erguer-me para Vós, pela própria visão, por meio de alguma contemplação, ou a desprezá-la de todo e a passar adiante, ali ficaria eu estupidamente fixado. E que dizer quando, sentado em casa, uma lagartixa a caçar moscas, ou uma aranha a enredá-las quando caem nas suas redes, muitas vezes me prende a atenção? Será a coisa diferente por serem criaturas tão pequenas? Passo delas a louvar-Vos, admirável criador e ordenador de tudo; mas não é isso que primeiro me prende a atenção. Uma coisa é levantar-se depressa, outra é não cair. E de tais coisas está cheia a minha vida; e a minha única esperança é a Vossa admirável e grande misericórdia. Pois, quando o nosso coração se torna receptáculo de tais coisas e fica sobrecarregado com as turbas desta abundante vaidade, então também as nossas orações são por isso muitas vezes interrompidas e distraídas; e, enquanto na Vossa presença dirigimos a voz do nosso coração aos Vossos ouvidos, este negócio tão grande é interrompido pela irrupção de não sei que pensamentos vãos. Havemos de contar também isto entre as coisas de pequena importância? Ou algo nos há de reconduzir à esperança, senão a Vossa plena misericórdia, uma vez que começastes a mudar-nos?

CAPÍTULO XXXVI

E Vós sabeis quanto já me mudastes, Vós que primeiro me curastes da paixão de me vingar, para assim *perdoardes todas as minhas iniquidades, e curardes todas as minhas enfermidades, e resgatardes da corrupção a minha vida, e me coroardes de misericórdia e compaixão, e saciardes de bens o meu desejo*; Vós que refreastes a minha soberba com o Vosso temor e domastes a minha cerviz ao Vosso jugo. E agora o levo, e é-me leve, porque assim o prometestes e assim o fizestes; e assim era, na verdade, e eu não o sabia, quando temia tomá-lo.

Mas, Senhor, Vós, o único Senhor sem soberba, porque sois o único verdadeiro Senhor, que não tendes senhor: cessou também de mim este terceiro gênero de tentação, ou pode ele cessar durante toda esta vida? A saber: desejar ser temido e amado dos homens, sem outro fim senão o de ter nisso uma alegria que não é alegria. Vida miserável esta, e torpe ostentação! Daqui vem sobretudo que os homens nem Vos amem nem Vos temam com pureza. E por isso *resistis aos soberbos e dais graça aos humildes*; sim, trovejais sobre as ambições do mundo, *e os fundamentos dos montes tremem*. Ora, porque certos ofícios da sociedade humana tornam necessário ser amado e temido dos homens, o adversário da nossa verdadeira bem-aventurança aperta contra nós, espalhando por toda parte os seus laços de "muito bem, muito bem"; para que, apanhando-os avidamente, sejamos tomados de surpresa e separemos a nossa alegria da Vossa verdade, e a coloquemos no engano dos homens; e nos comprazamos em ser amados e temidos, não por Vossa causa, mas em Vosso lugar. E assim, tornados semelhantes a ele, ele nos tenha por seus, não nos laços da caridade, mas nos grilhões do castigo — ele que se propôs

colocar o seu trono no norte, para que, sombrios e gelados, o servissem, imitando-Vos de modo perverso e tortuoso. Mas nós, Senhor, eis que somos o Vosso pequeno rebanho: possuí-nos como Vossos, estendei sobre nós as Vossas asas, e sob elas voemos. Sede Vós a nossa glória; sejamos amados por Vossa causa, e seja em nós temida a Vossa palavra. Quem quiser ser louvado pelos homens quando Vós o censurais, não será defendido pelos homens quando Vós o julgardes, nem livrado quando Vós o condenardes. Mas, quando — não sendo *o pecador louvado nos desejos da sua alma*, nem *bendito aquele que age impiamente* — um homem é louvado por algum dom que Vós lhe destes, e ele se alegra mais com o louvor que recebe do que por ter o dom pelo qual é louvado, também esse é louvado enquanto Vós o censurais; e melhor é aquele que louva do que aquele que é louvado. Pois um comprazeu-se no dom de Deus no homem; o outro comprazeu-se mais no dom do homem do que no de Deus.

CAPÍTULO XXXVII

Por estas tentações somos assaltados diariamente, Senhor; sem cessar somos assaltados. A nossa fornalha diária é a língua dos homens. E também nesta matéria nos ordenais a continência: dai o que ordenais, e ordenai o que quiserdes. Vós conheceis, nesta matéria, os gemidos do meu coração e as torrentes dos meus olhos. Pois não consigo saber até que ponto estou mais purificado desta praga, e muito temo os meus *pecados ocultos*, que os Vossos olhos conhecem e os meus não. Porque nos outros gêneros de tentação tenho algum meio de me examinar; neste, quase nenhum. Pois, ao afastar o espírito dos prazeres da carne e da vã curiosidade, vejo quanto alcancei quando passo sem eles, deixando-os ou não os

tendo; e então pergunto a mim mesmo quanto mais ou menos penoso me é não os ter. Assim também as riquezas, desejadas para servir a uma, duas ou todas as três concupiscências: se a alma não consegue discernir, quando as tem, se as despreza, podem ser lançadas fora, para que ela se ponha à prova. Mas, para ficar sem louvor e assim provar as nossas forças, teremos de viver mal — e tão perdida e atrozmente que ninguém nos conheça sem nos detestar? Que maior loucura se pode dizer ou pensar? Mas, se o louvor costuma e deve acompanhar a boa vida e as boas obras, tão pouco devemos abandonar a sua companhia quanto a própria boa vida. E, contudo, não sei se posso passar bem ou mal sem alguma coisa, a não ser que ela esteja ausente.

Que Vos confesso, então, neste gênero de tentação, Senhor? Que outra coisa senão que me deleito com o louvor — mas com a própria verdade mais do que com o louvor? Pois, se me fosse proposto se eu preferia, estando delirante no erro acerca de tudo, ser louvado por todos os homens, ou, estando coerente e firmíssimo na verdade, ser censurado por todos, vejo bem o que escolheria. E, contudo, quisera que a aprovação de outro nem sequer aumentasse a minha alegria por algum bem que houvesse em mim. E, todavia, confesso que a aumenta; e não só isto, mas que a censura a diminui. E, quando me perturbo com esta minha miséria, ocorre-me uma desculpa, cujo valor Vós, ó Deus, o sabeis, pois a mim me deixa incerto. Porque, uma vez que nos ordenastes não só a continência, isto é, aquilo de que devemos afastar o nosso amor, mas também a justiça, isto é, aquilo a que o devemos dar, e quisestes que amássemos não só a Vós, mas também ao próximo, muitas vezes, ao comprazer-me com um louvor inteligente, parece-me comprazer-me com o proveito ou com as boas

disposições do meu próximo, ou entristecer-me com o mal que há nele, quando o ouço censurar ou aquilo que não entende ou aquilo que é bom. Pois às vezes entristeço-me com o meu próprio louvor, seja quando se louvam em mim aquelas coisas de que eu mesmo me desagrado, seja quando bens menores e ligeiros são estimados mais do que deveriam. Mas, de novo, como sei se sou assim afetado porque não quereria que aquele que me louva discordasse de mim a meu próprio respeito — não por estar movido pelo cuidado com ele, mas porque aqueles mesmos bens que me agradam em mim me agradam mais quando agradam também a outro? Pois, de algum modo, não sou louvado quando o meu juízo sobre mim mesmo não é louvado, visto que ou se louvam aquelas coisas que me desagradam, ou se louvam mais aquelas que menos me agradam. Estarei, pois, em dúvida sobre mim mesmo nesta matéria?

Eis que em Vós, ó Verdade, vejo que não devo comover-me com os meus próprios louvores por minha causa, mas pelo bem do meu próximo. E se assim é comigo, não o sei. Pois nisto conheço-me menos a mim mesmo do que a Vós. Suplico-Vos agora, ó meu Deus, descobri-me também a mim mesmo, para que eu confesse aos meus irmãos, que hão de orar por mim, em que me encontro mutilado. Examine-me eu de novo com mais diligência. Se no meu louvor sou movido pelo bem do meu próximo, por que sou menos movido quando outro é injustamente censurado do que quando o sou eu? Por que me fere mais uma injúria lançada contra mim do que a lançada contra outro, com a mesma injustiça, diante de mim? Também isto ignoro? Ou será, afinal, que me engano a mim mesmo, e *não faço a verdade diante de Vós* no meu coração e na minha língua? Afastai de mim esta loucura, Senhor,

para que a minha própria boca não seja para mim *o óleo do pecador que me engorda a cabeça. Sou pobre e necessitado*; e, contudo, sou melhor enquanto, em gemidos escondidos, me desagrado a mim mesmo e busco a Vossa misericórdia, até que o que me falta no meu estado defeituoso seja renovado e aperfeiçoado, até àquela paz que o olho do soberbo não conhece.

CAPÍTULO XXXVIII

E, todavia, a palavra que sai da boca e as obras conhecidas dos homens trazem consigo uma tentação perigosíssima, pelo amor do louvor, o qual, para estabelecer certa excelência nossa, solicita e recolhe os sufrágios dos homens. Ele tenta mesmo quando é repreendido por mim em mim mesmo, e justamente por ser repreendido; e muitas vezes se gloria ainda mais vãmente do próprio desprezo da vanglória — e assim já não é desprezo da vanglória aquilo de que se gloria, pois não despreza quando disso se gloria.

CAPÍTULO XXXIX

Por dentro, também por dentro há outro mal, nascido de tentação semelhante, pelo qual os homens se tornam vãos, comprazendo-se em si mesmos, ainda que não agradem, ou desagradem, ou não se importem de agradar aos outros. Mas, comprazendo-se em si mesmos, muito Vos desagradam, não só por se comprazerem em coisas não boas como se fossem boas, mas por se comprazerem nos Vossos bens como se fossem seus; ou, ainda que os tenham por Vossos, como se fossem por méritos próprios; ou, ainda que os tenham por vindos da Vossa graça, não com alegria fraterna, mas invejando essa graça aos outros. Em todos estes e semelhantes

perigos e trabalhos, vedes o tremor do meu coração; e sinto antes que as minhas feridas são curadas por Vós do que que não sejam infligidas por mim.

CAPÍTULO XL

Onde não caminhastes comigo, ó Verdade, ensinando-me do que me devia acautelar e o que devia desejar, quando Vos referia o que aqui em baixo podia descobrir e Vos consultava? Com os meus sentidos exteriores, como pude, percorri o mundo e observei a vida que o meu corpo tem de mim e destes meus sentidos. Daí entrei nos recessos da minha memória, aquelas câmaras múltiplas e espaçosas, admiravelmente providas de inumeráveis tesouros; e considerei, e fiquei aterrado, sem poder discernir coisa alguma delas sem Vós, e sem encontrar em nenhuma delas a Vós. Nem era eu mesmo, que descobri estas coisas, que as percorri todas e me esforcei por distinguir e avaliar cada uma segundo a sua dignidade, tomando algumas pelo relato dos meus sentidos, interrogando acerca de outras que sentia misturadas comigo, numerando e distinguindo os próprios relatores, e no grande tesouro da minha memória revolvendo umas coisas, armazenando outras, tirando outras. Nem era eu mesmo quando isto fazia — isto é, aquela força pela qual o fazia —, nem éreis Vós; pois Vós sois a luz permanente, que eu consultava acerca de todas estas coisas: se existiam, o que eram e como se deviam avaliar. E ouvia-Vos dirigir-me e ordenar-me; e isto faço muitas vezes, e nisto me deleito; e, tanto quanto posso libertar-me dos deveres necessários, a este prazer recorro. Nem em todas estas coisas que percorro consultando-Vos encontro lugar seguro para a minha alma, senão em Vós — onde os meus membros dispersos se possam reunir e nada de mim se

aparte de Vós. E às vezes me admitis a um afeto muito insólito, no mais íntimo da minha alma, elevando-me a uma estranha doçura, a qual, se em mim se aperfeiçoasse, não sei o que nela não pertenceria à vida futura. Mas, pelos meus miseráveis embaraços, afundo de novo nestas coisas inferiores, e sou arrastado de volta pelo antigo hábito, e fico preso, e choro muito, mas muito sou retido. Tanto pesa sobre nós o fardo de um mau costume. Aqui posso ficar, e não quero; ali quero, e não posso: de ambos os modos, miserável.

CAPÍTULO XLI

Assim, pois, considerei as doenças dos meus pecados naquela tríplice concupiscência, e invoquei em meu auxílio a Vossa mão direita. Pois com o coração ferido contemplei o Vosso esplendor, e, repelido, disse: "Quem poderá chegar até lá? *Fui lançado para longe da vista dos Vossos olhos.*" Vós sois a Verdade que preside a tudo; mas eu, pela minha cobiça, não queria na verdade renunciar a Vós, mas queria possuir convosco uma mentira — assim como ninguém quereria mentir de tal modo que ele mesmo ignorasse a verdade. Assim, pois, Vos perdi, porque Vos não dignais ser possuído juntamente com a mentira.

CAPÍTULO XLII

A quem poderia eu encontrar que me reconciliasse convosco? Deveria recorrer aos anjos? Com que preces? Com que sacramentos? Muitos, esforçando-se por voltar a Vós e não o podendo por si mesmos, tentaram isto, segundo ouço, e caíram no desejo de visões curiosas, e foram julgados dignos de ser iludidos. Pois eles, sendo de espírito altivo, Vos buscaram pela soberba da

ciência, antes inchando o peito do que batendo nele; e assim, pela conformidade do seu coração, atraíram a si os príncipes do ar, cúmplices da sua soberba, pelos quais, por influências mágicas, foram enganados, buscando um mediador pelo qual fossem purificados — e não havia nenhum. Pois era o demônio, *transfigurando-se em anjo de luz*. E muito seduzia a carne soberba o fato de ele não ter corpo de carne. Pois eles eram mortais e pecadores; mas Vós, Senhor, com quem soberbamente buscavam reconciliar-se, sois imortal e sem pecado. Ora, um mediador entre Deus e o homem deve ter algo de semelhante a Deus e algo de semelhante aos homens; para que, sendo em ambas as coisas semelhante ao homem, não esteja longe de Deus; ou, sendo em ambas semelhante a Deus, não seja demasiado dessemelhante do homem — e assim não seja mediador. Aquele mediador enganoso, pelo qual, nos Vossos juízos secretos, a soberba mereceu ser iludida, tem uma coisa em comum com o homem, que é o pecado; outra pretende ter em comum com Deus, e, não estando revestido da mortalidade da carne, gaba-se de ser imortal. Mas, uma vez que *o salário do pecado é a morte*, isto tem ele em comum com os homens: que com eles seja condenado à morte.

CAPÍTULO XLIII

Mas o verdadeiro Mediador, que na Vossa misericórdia secreta mostrastes aos humildes e enviastes, para que também pelo Seu exemplo aprendessem essa mesma humildade — aquele *Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus* —, apareceu entre os pecadores mortais e o Justo imortal: mortal com os homens, justo com Deus; para que, sendo *o salário da justiça a vida e a paz*, Ele pudesse, por uma justiça unida a Deus, anular aquela morte

dos pecadores agora justificados, morte que quis ter em comum com eles. Por isso foi mostrado aos santos dos tempos antigos, para que assim eles, pela fé na Sua Paixão futura, como nós pela fé na Paixão passada, fossem salvos. Pois, enquanto homem, era Mediador; mas, enquanto Verbo, não está no meio entre Deus e o homem, porque é igual a Deus, e Deus junto de Deus, e juntamente um só Deus.

Como nos amastes, ó bom Pai, Vós *que não poupastes o Vosso Filho único, mas O entregastes por nós, ímpios*! Como nos amastes, por nós, por quem Aquele *que não julgou usurpação ser igual a Vós se fez obediente até à morte de cruz*, Ele, o único *livre entre os mortos*, tendo *poder de dar a Sua vida e poder de a retomar*; por nós, diante de Vós, vencedor e vítima — e por isso vencedor, porque vítima; por nós, diante de Vós, sacerdote e sacrifício — e por isso sacerdote, porque sacrifício; fazendo-nos para Vós, de servos, filhos, ao nascermos de Vós e ao servir-nos Ele. Com razão, pois, é forte a minha esperança n'Ele: que curareis todas as minhas enfermidades por meio d'Aquele *que está sentado à Vossa direita e intercede por nós*; de outro modo, eu desesperaria. Pois muitas e grandes são as minhas enfermidades, muitas são e grandes; mas o Vosso remédio é mais poderoso. Poderíamos julgar que o Vosso Verbo estava longe de toda união com o homem, e desesperaríamos de nós mesmos, se Ele *não se tivesse feito carne e habitado entre nós*.

Aterrado pelos meus pecados e pelo peso da minha miséria, agitara no coração e resolvera fugir para o deserto; mas Vós mo proibistes e me confortastes, dizendo: *Por isso Cristo morreu por todos, para que os que vivem já não vivam para si, mas para Aquele que morreu por eles.* Eis, Senhor, que *lanço sobre Vós o meu*

cuidado, para que eu viva, e *considere as maravilhas da Vossa lei*. Vós conheceis a minha inépcia e as minhas enfermidades: ensinai-me e curai-me. Ele, o Vosso Filho único, *em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência*, resgatou-me com o Seu sangue. *Não falem mal de mim os soberbos*, porque medito no meu resgate, e como e bebo, e o distribuo; e, pobre, desejei saciar-me d'Ele, entre aqueles que comem e ficam saciados: *e louvarão o Senhor os que O buscam*.

L I V R O

XI

A criação e a natureza do tempo

c a p í t u l o s I – X X X I



CAPÍTULO I

Senhor, uma vez que Vossa é a eternidade, ignorais porventura o que Vos digo? Ou vedes no tempo o que no tempo se passa? Por que, então, exponho diante de Vós, por ordem, tantas narrativas? Não, na verdade, para que por mim as viésseis a saber, mas para despertar o meu afeto e o dos meus leitores para Vós, a fim de que todos digamos: *Grande é o Senhor, e sumamente digno de louvor.* Já o disse, e ainda o direi: é por amor do Vosso amor que faço isto. Pois também oramos, e todavia a Verdade disse: *O vosso Pai sabe do que necessitais antes que Lho peçais.* São, pois, os nossos afetos que abrimos diante de Vós, confessando as nossas misérias e as Vossas misericórdias para conosco, para que nos liberteis inteiramente, uma vez que começastes; para que deixemos de ser miseráveis em nós mesmos e sejamos bem-aventurados em Vós — visto que nos chamastes a ser *pobres de*

espírito, e mansos, e chorosos, e famintos e sedentos de justiça, e misericordiosos, e puros de coração, e pacíficos. Eis que Vos contei muitas coisas, como pude e como quis, porque Vós primeiro quisestes que eu Vos confessasse, ó Senhor meu Deus, *porque sois bom, porque a Vossa misericórdia permanece para sempre*.

CAPÍTULO II

Mas como bastarei, com a língua da minha pena, para exprimir todas as Vossas exortações, e todos os Vossos terrores, consolações e direções, pelas quais me trouxestes a pregar a Vossa palavra e a dispensar o Vosso sacramento ao Vosso povo? E, ainda que baste para as exprimir por ordem, são-me preciosas as gotas do tempo; e há muito ardo por *meditar na Vossa lei* e por nela Vos confessar a minha perícia e a minha inépcia, a aurora da Vossa iluminação e os restos das minhas trevas, até que a fraqueza seja absorvida pela força. E não quero que outra coisa qualquer me roube aquelas horas que encontro livres das necessidades de refazer o corpo e as forças do espírito, e do serviço que devemos aos homens — ou que, ainda que não devamos, todavia lhes prestamos.

Ó Senhor meu Deus, *atendei à minha oração*, e a Vossa misericórdia escute o meu desejo, porque ele não é ansioso só por mim, mas quer servir à caridade fraterna; e Vós vedes o meu coração, e que assim é. Quisera sacrificar-Vos o serviço do meu pensamento e da minha língua: dai-me Vós aquilo que Vos possa oferecer. Pois *sou pobre e necessitado*, e Vós rico para todos os que Vos invocam, Vós que, inacessível ao cuidado, cuidais de nós. Circuncidai de toda temeridade e de toda mentira os meus lábios interiores e exteriores; sejam as Vossas Escrituras as minhas puras

delícias; que eu nelas me não engane, nem por elas engane. Senhor, escutai e tende piedade, ó Senhor meu Deus, luz dos cegos e força dos fracos, e também luz dos que veem e força dos fortes: escutai a minha alma e ouvi-a *clamar das profundezas*. Pois, se os Vossos ouvidos não estiverem conosco também nas profundezas, para onde iremos? A quem clamaremos? *Vosso é o dia e Vossa é a noite*; a um Vosso aceno voam os momentos. Concedei-nos deles um espaço para as nossas meditações nos segredos da Vossa lei, e não a fecheis a nós, que batemos. Pois não foi em vão que quisestes que se escrevessem os obscuros segredos de tantas páginas; nem estão sem os seus cervos aquelas florestas, cervos que nelas se recolhem e vagueiam e caminham, pastam, deitam-se e ruminam. Aperfeiçoai-me, Senhor, e revelai-mas. Eis que a Vossa voz é a minha alegria; a Vossa voz excede a abundância dos prazeres. Dai-me o que amo, pois amo; e isto Vós mo destes: não abandoneis os Vossos próprios dons, nem desprezeis a Vossa erva verde que tem sede. Que eu Vos confesse tudo quanto encontrar nos Vossos livros, e *ouça a voz do louvor*, e beba de Vós, e medite *nas maravilhas da Vossa lei* — desde o princípio, em que fizestes o céu e a terra, até ao reino eterno da Vossa cidade santa convosco.

Senhor, tende piedade de mim e ouvi o meu desejo. Pois ele não é, penso, da terra, nem de ouro e prata, nem de pedras preciosas, nem de vestes suntuosas, nem de honras e cargos, nem dos prazeres da carne, nem do necessário ao corpo e a esta vida da nossa peregrinação — coisas todas que *serão acrescentadas aos que buscam o Vosso reino e a Vossa justiça*. Vede, ó Senhor meu Deus, onde está o meu desejo. *Os ímpios me falaram de delícias, mas não como a Vossa lei, Senhor.* Eis onde está o meu desejo. Vede, Pai, vede e considerai, e aprovai; e seja agradável aos olhos da Vossa

misericórdia que eu *encontre graça diante de Vós*, para que as entranhas das Vossas palavras se abram a mim, que bato. Suplico-Vo-lo por nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, *o Homem da Vossa direita, o Filho do homem, que estabelecestes para Vós* como Mediador Vosso e nosso, por quem nos buscastes quando não Vos buscávamos, e nos buscastes para que Vos buscássemos; o Vosso Verbo, por quem fizestes todas as coisas, e entre elas também a mim; o Vosso Unigênito, por quem chamastes à adoção o povo crente, e nele também a mim. Suplico-Vo-lo por Ele, *que está sentado à Vossa direita e intercede junto de Vós por nós*, e *em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência*. É a estes que busco nos Vossos livros. *Dele escreveu Moisés*: assim o diz Ele mesmo; assim o diz a Verdade.

CAPÍTULO III

Quisera ouvir e compreender como *no princípio fizestes o céu e a terra*. Escreveu-o Moisés, escreveu-o e partiu; passou daqui de Vós para Vós; e já não está diante de mim. Pois, se estivesse, prendê-lo-ia e lhe perguntaria, e por Vós lhe suplicaria que me abrisse estas coisas, e aplicaria os ouvidos do meu corpo aos sons que lhe irrompessem da boca. E, se falasse hebraico, em vão bateria isso nos meus sentidos, nem coisa alguma disso tocaria a minha mente; mas, se falasse latim, eu saberia o que dizia. Mas donde saberia se dizia a verdade? E, ainda que também isto soubesse, sabê-lo-ia dele? Na verdade, dentro de mim, dentro, na câmara dos meus pensamentos, a Verdade — que não é hebraica, nem grega, nem latina, nem bárbara, e que sem órgãos de voz ou língua, sem som de sílabas — diria: "É verdade"; e eu logo diria com segurança àquele homem Vosso: "Dizes a verdade." Uma vez, pois, que dele

não posso indagar, a Vós, a Vós suplico, ó Verdade, de quem cheio ele falou a verdade; a Vós, meu Deus, suplico: perdoai os meus pecados; e Vós, que a ele, Vosso servo, destes dizer estas coisas, dai também a mim entendê-las.

CAPÍTULO IV

Eis que o céu e a terra existem, e clamam que foram criados; pois mudam e variam. Ora, tudo o que não foi feito e todavia existe nada tem em si que antes não tivesse — e isto é mudar e variar. Clamam também que não se fizeram a si mesmos: "Existimos, porque fomos feitos; logo, não existíamos antes de existir, de modo que pudéssemos fazer-nos a nós mesmos." Ora, a evidência da coisa é a voz dos que falam. Vós, portanto, Senhor, os fizestes — Vós que sois belo, pois eles são belos; que sois bom, pois eles são bons; que sois, pois eles são. E, todavia, eles não são belos, nem bons, nem são, como Vós, seu Criador, o sois; comparados convosco, não são belos, nem bons, nem são. Isto sabemos, graças Vos sejam dadas. E o nosso saber, comparado com o Vosso saber, é ignorância.

CAPÍTULO V

Mas como fizestes o céu e a terra? E qual foi a máquina de tão poderosa obra Vossa? Pois não foi como um artífice humano, que forma um corpo de outro corpo, segundo o arbítrio do seu espírito, o qual pode de algum modo revestir de tal forma quanto vê em si pelo olhar interior. E donde lhe viria essa capacidade, se Vós não houvésseis feito aquele espírito? E ele reveste de forma o que já existe e tem ser, como o barro, ou a pedra, ou a madeira, ou o ouro, ou coisa semelhante. E donde existiriam estas coisas, se Vós

não as tivésseis estabelecido? Vós fizestes ao artífice o corpo; Vós, o espírito que comanda os membros; Vós, a matéria de que ele faz alguma coisa; Vós, a capacidade de apreender a sua arte e de ver por dentro o que faz por fora; Vós, o sentido do seu corpo, pelo qual, como por um intérprete, ele leva do espírito à matéria aquilo que faz, e relata ao espírito o que foi feito — para que este, por dentro, consulte a verdade, que a si mesmo preside, sobre se está bem feito ou não. Todas estas coisas Vos louvam, criador de tudo. Mas como as fazeis? Como, ó Deus, fizestes o céu e a terra? Na verdade, nem no céu nem na terra fizestes o céu e a terra; nem no ar ou nas águas, visto que também estes pertencem ao céu e à terra; nem no mundo inteiro fizestes o mundo inteiro, porque não havia lugar onde o fazer, antes que fosse feito, para que existisse. Nem tínheis na mão coisa alguma de que fizésseis o céu e a terra. Pois donde teríeis isso, que Vós não houvésseis feito, para dele fazer alguma coisa? Pois que existe, senão porque Vós existis? *Vós, portanto, falastes, e foram feitas*, e no Vosso Verbo as fizestes.

CAPÍTULO VI

Mas como falastes? Do mesmo modo que a voz que veio da nuvem, dizendo: *Este é o meu Filho amado*? Pois aquela voz passou e passou-se; começou e acabou; as sílabas soaram e passaram, a segunda depois da primeira, a terceira depois da segunda, e assim por ordem, até à última depois das demais, e o silêncio depois da última. Donde é abundantemente claro e evidente que foi o movimento de uma criatura que a exprimiu, movimento ele mesmo temporal, servindo à Vossa eterna vontade. E estas Vossas palavras, criadas por um tempo, o ouvido exterior as relatou à alma inteligente, cujo ouvido interior estava atento ao

Vosso Verbo eterno. Mas ela comparou estas palavras que soavam no tempo com aquele Vosso Verbo eterno no silêncio, e disse: "É diferente, muito diferente. Estas palavras estão muito abaixo de mim, nem sequer são, porque fogem e passam; mas o Verbo do meu Senhor permanece acima de mim para sempre." Se, pois, com palavras que soam e passam dissestes que fossem feitos o céu e a terra, e assim fizestes o céu e a terra, havia então uma criatura corpórea antes do céu e da terra, por cujos movimentos no tempo aquela voz pudesse seguir o seu curso no tempo. Mas não havia nada de corpóreo antes do céu e da terra; ou, se havia, certamente Vós, sem tal voz passageira, havíeis criado aquilo de que se fizesse esta voz passageira, com a qual dizer: "Sejam feitos o céu e a terra." Pois, fosse o que fosse aquilo de que tal voz se fizesse, se por Vós não fosse feito, absolutamente não existiria. Com que Verbo, então, falastes, para que se fizesse um corpo pelo qual estas palavras, por sua vez, fossem feitas?

CAPÍTULO VII

Chamai-nos, pois, a compreender o Verbo, Deus junto de Vós, Deus, que é dito eternamente, e por quem todas as coisas são ditas eternamente. Pois o que foi dito não foi dito sucessivamente, terminando uma coisa para que a seguinte fosse dita, mas todas as coisas juntamente e eternamente. De outro modo, teríamos tempo e mudança, e não uma verdadeira eternidade nem uma verdadeira imortalidade. Isto sei, ó meu Deus, e dou-Vos graças. Sei-o, confesso-Vo-lo, Senhor; e comigo o sabe e Vos bendiz todo aquele que não é ingrato para com a Verdade certa. Sabemos, Senhor, sabemos: porque, na medida em que uma coisa não é o que era, e é o que não era, nessa mesma medida ela morre e nasce.

Nada, pois, do Vosso Verbo cede lugar nem toma lugar, porque é verdadeiramente imortal e eterno. E por isso, ao Verbo coeterno convosco dizeis, de uma só vez e eternamente, tudo o que dizeis; e tudo o que dizeis que se faça, faz-se; nem fazeis de outro modo senão dizendo — e, todavia, nem todas as coisas que fazeis dizendo são feitas ao mesmo tempo, nem são eternas.

CAPÍTULO VIII

Por quê, eu Vo-lo suplico, ó Senhor meu Deus? Vejo-o de algum modo; mas como exprimi-lo, não sei — a não ser que seja isto: que tudo o que começa a ser e deixa de ser começa então e deixa então, quando na Vossa eterna Razão se conhece que deve começar ou deixar de ser; e nessa Razão nada começa nem deixa de ser. Este é o Vosso Verbo, que é também *o Princípio, porque também nos fala*. Assim, no Evangelho, Ele fala pela carne; e isto ressoou por fora nos ouvidos dos homens, para que fosse crido por dentro, e buscado por dentro, e encontrado na Verdade eterna, onde o bom e único Mestre ensina todos os Seus discípulos. Ali, Senhor, ouço a Vossa voz que me fala; porque nos fala Aquele que nos ensina; mas quem nos não ensina, ainda que fale, não fala a nós. Ora, quem nos ensina senão a Verdade imutável? Pois, mesmo quando somos advertidos por uma criatura mutável, somos apenas conduzidos à Verdade imutável, onde verdadeiramente aprendemos, enquanto nos mantemos de pé e O ouvimos, e *nos alegramos grandemente com a voz do Esposo*, que nos restitui Àquele de quem somos. E por isso é o Princípio: porque, se Ele não permanecesse, não teríamos, ao desviar-nos, para onde voltar. Mas, quando voltamos do erro, é pelo conhecer que voltamos; e,

para que conheçamos, Ele nos ensina, porque é o Princípio e nos fala.

CAPÍTULO IX

Neste Princípio, ó Deus, fizestes o céu e a terra: no Vosso Verbo, no Vosso Filho, no Vosso Poder, na Vossa Sabedoria, na Vossa Verdade, falando de modo admirável e de modo admirável fazendo. Quem o compreenderá? Quem o declarará? Que é aquilo que reluz através de mim e me fere o coração sem o ferir? E eu estremeço e me inflamo: estremeço, enquanto sou dessemelhante dele; inflamo-me, enquanto lhe sou semelhante. É a Sabedoria, a própria Sabedoria que reluz através de mim, rasgando a minha nuvem, a qual de novo me cobre, desfalecendo eu diante dela, pelas trevas que, para meu castigo, se juntam sobre mim. Pois *a minha força se abateu na indigência*, de modo que não posso suportar os meus bens, até que Vós, Senhor, *que fostes propício a todas as minhas iniquidades, cureis todas as minhas enfermidades*. Pois *resgatareis também da corrupção a minha vida, e me coroareis de misericórdia e compaixão, e saciareis de bens o meu desejo, porque a minha juventude se renovará como a da águia*. Pois *pela esperança fomos salvos*, e por isso *esperamos com paciência* as Vossas promessas. Ouça-Vos, dentro de si, quem for capaz, discorrendo do Vosso oráculo; eu clamarei em alta voz: *Como são admiráveis as Vossas obras, Senhor! Tudo fizestes na Sabedoria.* E esta Sabedoria é o Princípio, e nesse Princípio fizestes o céu e a terra.

CAPÍTULO X

Eis que não estão cheios do seu velho fermento aqueles que nos dizem: "Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra? Pois, se estava ocioso e nada operava, por que não permanece assim também de agora em diante e para sempre, como antes fazia? Pois, se surgiu em Deus um movimento novo e uma vontade nova de fazer uma criatura que nunca antes fizera, como poderia haver verdadeira eternidade, onde surge uma vontade que antes não existia? Pois a vontade de Deus não é criatura, mas é anterior à criatura, visto que nada poderia ser criado se a vontade do Criador não precedesse. A vontade de Deus, portanto, pertence à Sua própria substância. E, se algo surgiu na substância de Deus que antes não existia, não se pode chamar verdadeiramente eterna a essa substância. Mas, se a vontade de Deus foi desde a eternidade que a criatura existisse, por que também a criatura não foi desde a eternidade?"

CAPÍTULO XI

Os que assim falam ainda Vos não compreendem, ó Sabedoria de Deus, luz das almas; ainda não compreendem como se fazem as coisas que por Vós e em Vós se fazem. E, todavia, esforçam-se por compreender as coisas eternas, enquanto o seu coração flutua entre os movimentos das coisas passadas e futuras, e permanece instável. Quem o há de segurar e fixar, para que se detenha um pouco e por um pouco alcance o esplendor daquela Eternidade sempre estável, e a compare com os tempos que jamais são estáveis, e veja que é incomparável; e que um tempo longo se não torna longo senão por muitos movimentos que passam, os quais não podem prolongar-se todos juntos; ao passo que no Eterno nada passa, mas o todo é presente, e nenhum tempo é todo presente ao

mesmo tempo; e que todo o tempo passado é impelido pelo futuro, e todo o futuro segue-se ao passado, e todo o passado e o futuro são criados e fluem daquilo que é sempre presente? Quem há de segurar o coração do homem, para que se detenha e veja como a eternidade, sempre estável, nem passada nem futura, profere os tempos passados e futuros? Poderá isto a minha mão, ou poderá a mão da minha boca, pela palavra, realizar coisa tão grande?

CAPÍTULO XII

Eis a minha resposta a quem pergunta: "Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra?" Não respondo como se conta que alguém, gracejando, respondeu, esquivando-se à força da pergunta: "Preparava", disse ele, "o inferno para os que perscrutam os mistérios." Uma coisa é responder às perguntas, outra é fazer troça de quem pergunta. Assim não respondo eu; pois preferia responder "não sei" àquilo que não sei, a responder de modo a provocar o riso contra quem pergunta coisas profundas e a ganhar louvor por dar respostas falsas. Mas digo que Vós, ó nosso Deus, sois o Criador de toda criatura; e, se pelo nome de "céu e terra" se entende toda criatura, digo com ousadia: "Antes que Deus fizesse o céu e a terra, não fez coisa alguma." Pois, se fizesse, que faria senão uma criatura? E oxalá eu soubesse tudo quanto desejo saber para meu proveito, como sei que nenhuma criatura foi feita antes que fosse feita alguma criatura.

CAPÍTULO XIII

Mas, se algum espírito volúvel vagueia pelas imagens dos tempos passados e se admira de que Vós, Deus onipotente, criador e

sustentador de tudo, autor do céu e da terra, tenhais durante inumeráveis séculos abstido-Vos de tão grande obra antes de a quererdes fazer, que ele desperte e considere que se admira de falsas imaginações. Pois donde poderiam passar inumeráveis séculos que Vós não fizestes, Vós, autor e criador de todos os séculos? Ou que tempos haveria que por Vós não fossem feitos? Ou como poderiam passar, se nunca existiram? Sendo, pois, Vós o Criador de todos os tempos, se algum tempo houve antes que fizésseis o céu e a terra, por que dizem que Vós Vos abstivestes de operar? Pois esse mesmo tempo Vós o fizestes, nem podiam passar tempos antes que fizésseis esses tempos. Mas, se antes do céu e da terra não havia tempo algum, por que se pergunta o que então fazíeis? Pois não havia "então", onde não havia tempo.

Nem pelo tempo precedeis o tempo; de outro modo não precederíeis todos os tempos. Mas precedeis todas as coisas passadas pela sublimidade de uma eternidade sempre presente, e ultrapassais todas as futuras, porque são futuras e, quando vierem, serão passadas. Mas *Vós sois o mesmo, e os Vossos anos não têm fim*. Os Vossos anos nem vêm nem vão, ao passo que os nossos vêm e vão, para que todos venham. Os Vossos anos estão todos juntos, porque permanecem; nem os que partem são expulsos pelos que chegam, porque não passam; mas os nossos só todos existirão quando já não existirem. Os Vossos anos são um só dia, e o Vosso dia não é cada dia, mas Hoje — visto que o Vosso Hoje não cede lugar ao amanhã, nem substitui o ontem. O Vosso Hoje é a eternidade; por isso gerastes o Coeterno, a quem dissestes: *Hoje Te gerei.* Fizestes todas as coisas, e antes de todos os tempos sois Vós; nem em tempo algum houve tempo que não fosse.

CAPÍTULO XIV

Em nenhum tempo, pois, deixastes de fazer alguma coisa, porque o próprio tempo Vós o fizestes. E nenhum tempo Vos é coeterno, porque Vós permaneceis; mas, se os tempos permanecessem, não seriam tempos. Pois que é o tempo? Quem o poderá explicar com facilidade e brevidade? Quem o poderá sequer compreender com o pensamento, de modo a dizer uma palavra a respeito? E, todavia, que mencionamos nós no discurso com mais familiaridade e conhecimento do que o tempo? E entendemos quando dele falamos; entendemos também quando dele ouvimos falar a outro. Que é, então, o tempo? Se ninguém mo pergunta, sei; se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei. E, todavia, digo com segurança que sei isto: que, se nada passasse, não haveria tempo passado; e, se nada estivesse por vir, não haveria tempo futuro; e, se nada existisse, não haveria tempo presente. Aqueles dois tempos, pois, o passado e o futuro, como existem, visto que o passado já não é e o futuro ainda não é? Mas o presente, se sempre fosse presente e nunca passasse ao tempo passado, na verdade não seria tempo, mas eternidade. Se, portanto, o tempo presente — para que seja tempo — só vem à existência porque passa ao tempo passado, como podemos dizer que existe aquilo cuja causa de existir é que deixará de existir? De sorte que só podemos dizer com verdade que o tempo existe porque tende a não existir.

CAPÍTULO XV

E, todavia, dizemos "um tempo longo" e "um tempo breve" — e ainda assim só do tempo passado ou do futuro. Um tempo passado longo, por exemplo, chamamos a cem anos atrás; e um tempo futuro longo, a cem anos daqui. E um tempo passado breve

chamamos, suponhamos, a dez dias atrás; e um tempo futuro breve, a dez dias daqui. Mas em que sentido é longo ou breve aquilo que não existe? Pois o passado já não é agora, e o futuro ainda não é. Não digamos, pois, "é longo", mas, do passado, "foi longo", e, do futuro, "será longo". Ó meu Senhor, minha luz, não zombará também aqui a Vossa Verdade do homem? Pois aquele tempo passado que foi longo, foi longo quando já era passado, ou quando ainda era presente? Pois então poderia ser longo, quando havia aquilo que podia ser longo; mas, uma vez passado, já não era — donde tampouco podia ser longo o que absolutamente não era. Não digamos, pois, "o tempo passado foi longo", porque não acharemos o que foi longo, visto que, desde que passou, já não é; mas digamos: "aquele tempo presente foi longo", porque, quando era presente, era longo. Pois ainda não passara de modo a não ser; e por isso havia aquilo que podia ser longo; mas, depois de passar, deixou também de ser longo aquilo que deixou de ser.

Vejamos, pois, ó alma do homem, se o tempo presente pode ser longo, pois a ti é dado sentir e medir a duração do tempo. Que me responderás? Serão cem anos, quando presentes, um tempo longo? Vê primeiro se cem anos podem estar presentes. Pois, se o primeiro destes anos corre agora, ele está presente; mas os outros noventa e nove estão por vir e, portanto, ainda não são. Mas, se corre o segundo ano, um já está passado, outro presente, os restantes por vir. E assim, se supusermos presente qualquer ano intermédio deste século, todos os anteriores estão passados e todos os posteriores por vir; donde cem anos não podem estar presentes. Mas vê ao menos se aquele único ano que agora corre está ele mesmo presente: pois, se corre o seu primeiro mês, os restantes estão por vir; se o segundo, o primeiro já passou e os restantes

ainda não são. Portanto, nem sequer o ano que agora corre está presente; e, se não está presente como um todo, então o ano não está presente. Pois doze meses fazem um ano, dos quais qualquer mês que corra está presente, e os restantes estão passados ou por vir. Ainda que também esse mês que corre não esteja presente, mas somente um dia; sendo os restantes por vir, se for o primeiro; passados, se for o último; e, se for algum dos intermédios, então entre passados e futuros.

Vede como o tempo presente, que só ele achamos poder chamar-se longo, se reduz à duração de mal um dia. Mas examinemos também este, porque nem um dia está presente como um todo. Pois compõe-se de vinte e quatro horas de noite e de dia, das quais a primeira tem as restantes por vir, a última tem-nas passadas, e qualquer das intermédias tem as que a precedem passadas e as que a seguem por vir. Sim, e aquela única hora passa em partículas fugidias: tudo quanto dela voou já é passado; tudo quanto resta está por vir. Se se concebe um instante de tempo que se não possa dividir nas menores partículas de momentos, só esse é o que se pode chamar presente — e todavia ele voa com tal rapidez do futuro para o passado que não se prolonga com a mínima demora. Pois, se se prolongasse, dividir-se-ia em passado e futuro. O presente não tem extensão alguma. Onde está, então, o tempo que possamos chamar longo? Será o futuro? Dele não dizemos "é longo", porque ainda não é, de modo a poder ser longo; mas dizemos "será longo". Quando, então, o será? Pois, se, mesmo então, enquanto ainda está por vir, não for longo — porque aquilo que pode ser longo ainda não é —, e se então será longo quando, do futuro, que ainda não é, começar a ser e se tornar presente, de modo que haja aquilo que possa ser longo,

então o tempo presente clama, nas palavras acima, que não pode ser longo.

CAPÍTULO XVI

E, contudo, Senhor, percebemos os intervalos dos tempos e comparamo-los, e dizemos que uns são mais breves e outros mais longos. Medimos também quanto este tempo é mais longo ou mais breve do que aquele, e respondemos: "Este é o dobro, ou o triplo; e aquele é apenas uma vez, ou apenas tanto quanto este." Mas medimos os tempos enquanto passam, percebendo-os; ao passo que os passados, que já não são, ou os futuros, que ainda não são, quem os pode medir? A não ser que alguém presuma dizer que se pode medir aquilo que não é. Quando, pois, o tempo passa, pode ser percebido e medido; mas, quando passou, não pode, porque não é.

CAPÍTULO XVII

Pergunto, Pai; não afirmo. Ó meu Deus, governai-me e guiai-me. Quem me dirá que não há três tempos — como aprendemos quando meninos e como ensinamos aos meninos —, o passado, o presente e o futuro, mas somente o presente, porque aqueles dois não são? Ou serão também eles? E, quando do futuro se torna presente, sai de algum lugar secreto? E assim, quando se retira, do presente se torna passado? Pois onde viram os que predisseram as coisas futuras, se ainda não eram? Porque o que não é não pode ser visto. E os que narram as coisas passadas não as poderiam narrar se com o espírito as não discernissem; e, se elas não fossem, de modo algum poderiam ser discernidas. Existem, pois, as coisas passadas e futuras.

CAPÍTULO XVIII

Permiti-me, Senhor, buscar mais adiante. Ó minha esperança, não se confunda o meu propósito. Pois, se os tempos passados e futuros existem, quisera saber onde estão. E, se ainda não o posso, sei todavia que, onde quer que estejam, ali não estão como futuros nem como passados, mas como presentes. Pois, se também ali forem futuros, ainda ali não estão; se também ali forem passados, já ali não estão. Onde quer, pois, que esteja o que quer que seja, só está como presente. Ainda que, quando se narram fatos passados, se tirem da memória não as próprias coisas passadas, mas as palavras concebidas pelas imagens das coisas, as quais, ao passar, deixaram no espírito, pelos sentidos, como que vestígios. Assim, a minha infância, que agora não é, está no tempo passado, que agora não é; mas agora, quando lhe recordo a imagem e dela falo, contemplo-a no presente, porque ainda está na minha memória. Se há causa semelhante para a predição das coisas futuras — de sorte que as imagens de coisas que ainda não são possam ser percebidas de antemão, já existentes —, confesso-Vos, ó meu Deus, que o não sei. Isto, na verdade, sei: que muitas vezes pensamos de antemão nas nossas ações futuras, e que esse pensar prévio é presente, mas a ação em que pensamos de antemão ainda não é, porque está por vir. E, quando a empreendermos e começarmos a fazer aquilo em que de antemão pensávamos, então essa ação será, porque então já não será futura, mas presente.

De qualquer modo, pois, que se dê esta secreta previsão das coisas futuras, só se pode ver aquilo que é. Mas o que agora é não é futuro, mas presente. Quando, portanto, se diz que se veem as coisas futuras, não são elas mesmas, que ainda não são — isto é, que hão de ser —, mas talvez as suas causas ou os seus sinais, que

já são. Logo, não são futuras, mas presentes para aqueles que agora veem aquilo a partir do qual o futuro, previamente concebido no espírito, é predito. Estas concepções prévias, por sua vez, agora são; e os que predizem essas coisas contemplam essas concepções presentes diante de si. Que a numerosa variedade das coisas me forneça algum exemplo. Contemplo a aurora, e anuncio que o sol está para nascer. O que contemplo é presente; o que anuncio é futuro — não o sol, que já é, mas o nascer do sol, que ainda não é. E, todavia, se eu não imaginasse no meu espírito o próprio nascer do sol, como agora enquanto dele falo, não o poderia predizer. Mas nem aquela aurora que discirno no céu é o nascer do sol, ainda que o preceda; nem o é aquela imaginação do meu espírito. Ambas se veem agora como presentes, para que aquele outro, que há de ser, seja predito. As coisas futuras, pois, ainda não são; e, se ainda não são, não são; e, se não são, não podem ser vistas; mas podem ser preditas a partir das coisas presentes, que já são e são vistas.

CAPÍTULO XIX

Vós, então, governador da Vossa criação, de que modo ensinais às almas as coisas futuras? Pois ensinastes-as aos Vossos profetas. De que modo ensinais as coisas futuras Vós, para quem nada é futuro? Ou antes: do futuro, ensinais coisas presentes? Pois o que não é não pode ser ensinado. Muito longe está este caminho do meu alcance: *é forte demais para mim, não posso alcançá-lo*; mas de Vós o poderei, quando Vos dignardes, ó doce luz dos meus olhos ocultos.

CAPÍTULO XX

O que agora é claro e evidente é que nem as coisas futuras nem as passadas são. Nem se diz com propriedade que "há três tempos: o passado, o presente e o futuro"; mas talvez se pudesse dizer com propriedade que "há três tempos: um presente das coisas passadas, um presente das coisas presentes e um presente das coisas futuras". Pois estes três existem de algum modo na alma, e em outra parte não os vejo: presente das coisas passadas, a memória; presente das coisas presentes, a visão; presente das coisas futuras, a expectativa. Se assim nos for permitido falar, vejo três tempos e confesso que há três. Diga-se também: "há três tempos, o passado, o presente e o futuro", ao nosso modo incorreto. Eis que não me oponho, nem contradigo, nem censuro, contanto que se entenda o que assim se diz: que nem o que há de ser agora é, nem o que passou. Pois poucas são as coisas que dizemos com propriedade; a maior parte dizemo-las impropriamente, e todavia entende-se o que se quer dizer.

CAPÍTULO XXI

Disse eu, ainda há pouco, que medimos os tempos enquanto passam, de modo a podermos dizer que este tempo é o dobro daquele, ou que este é exatamente tanto quanto aquele, e assim das demais partes do tempo que se possam medir. Por isso, como disse, medimos os tempos enquanto passam. E, se alguém me perguntar "Como o sabes?", poderia responder: "Sei que medimos, e que não podemos medir as coisas que não são; e as coisas passadas e futuras não são." Mas o tempo presente, como o medimos, visto que não tem extensão? Mede-se enquanto passa; mas, quando tiver passado, não se mede, porque não haverá nada

que medir. Mas donde, por onde e para onde passa ele, enquanto é medido? Donde, senão do futuro? Por onde, senão pelo presente? Para onde, senão para o passado? Daquilo, portanto, que ainda não é, por aquilo que não tem extensão, para aquilo que já não é. E, contudo, que medimos, senão o tempo em algum espaço? Pois não dizemos "simples", "duplo", "triplo", "igual", nem qualquer outro modo semelhante de falar do tempo, senão a respeito de espaços de tempo. Em que espaço, então, medimos o tempo que passa? No futuro, donde passa? Mas o que ainda não é, não o medimos. Ou no presente, por onde passa? Mas onde não há espaço, não medimos. Ou no passado, para onde passa? Mas também não medimos aquilo que já não é.

CAPÍTULO XXII

A minha alma arde por conhecer este enigma tão intricado. Não o encerreis, ó Senhor meu Deus, bom Pai; por Cristo Vo-lo suplico: não fecheis estas coisas habituais, mas ocultas, ao meu desejo, para que ele não seja impedido de as penetrar; mas resplandeçam elas pela Vossa misericórdia iluminadora, Senhor. A quem indagarei acerca destas coisas? E a quem confessarei com mais fruto a minha ignorância do que a Vós, para quem não são penosos estes meus estudos, tão veementemente acesos para com as Vossas Escrituras? Dai-me o que amo, pois amo; e isto Vós mo destes. Dai, ó Pai, que verdadeiramente *sabeis dar boas dádivas aos Vossos filhos*. Dai, porque me propus conhecer, *e o trabalho está diante de mim* até que mo abrais. Por Cristo Vo-lo suplico, em Seu nome, ó Santo dos santos: que ninguém me perturbe. *Pois cri, e por isso falo.* Esta é a minha esperança, para isto vivo: para *contemplar as delícias do Senhor*. Eis que *fizestes velhos os meus dias*, e eles passam, e como,

não o sei. E falamos de tempo e de tempo, de tempos e de tempos: "Há quanto tempo disse ele isto?"; "há quanto tempo fez ele aquilo?"; "há quanto tempo vi eu aquilo?"; e "esta sílaba tem o dobro do tempo daquela sílaba breve". Estas palavras dizemos e ouvimos, e somos entendidos e entendemos. Manifestíssimas e comuníssimas são; e, todavia, estas mesmas coisas estão profundamente escondidas, e a sua descoberta seria coisa nova.

CAPÍTULO XXIII

Ouvi certa vez de um homem instruído que os movimentos do sol, da lua e das estrelas constituem o tempo — e não assenti. Pois por que não seriam antes tempos os movimentos de todos os corpos? Ou, se as luzes do céu cessassem e girasse a roda de um oleiro, não haveria tempo com que medíssemos aqueles giros e disséssemos que ora se movia com pausas iguais, ora, se girasse às vezes mais devagar e outras vezes mais depressa, que umas voltas eram mais longas e outras mais breves? Ou, enquanto disséssemos isto, não estaríamos também nós a falar no tempo? Ou não haveria nas nossas palavras umas sílabas breves e outras longas, senão porque aquelas soaram num tempo mais curto e estas num mais longo? Ó Deus, concedei aos homens ver numa coisa pequena as noções comuns às coisas grandes e pequenas. Os astros e as luzes do céu *são também para sinais, e para tempos, e para anos, e para dias*: são-no, sim; e todavia nem eu diria que a volta daquela roda de madeira era um dia, nem aquele homem diria que por isso não havia tempo.

Desejo conhecer a força e a natureza do tempo, com o qual medimos os movimentos dos corpos e dizemos, por exemplo, que este movimento é o dobro daquele. Pois pergunto: uma vez que

"dia" não designa apenas a permanência do sol sobre a terra — segundo a qual o dia é uma coisa e a noite outra —, mas também todo o seu circuito de oriente a oriente, segundo o qual dizemos "passaram-se tantos dias", incluindo-se as noites quando dizemos "tantos dias" e não se contando as noites à parte; sendo, pois, o dia completado pelo movimento do sol e pelo seu circuito de oriente a oriente, pergunto: é só o movimento que faz o dia, ou a duração em que esse movimento se completa, ou ambas as coisas? Pois, se for a primeira, teríamos um dia ainda que o sol completasse esse curso num espaço de tempo tão pequeno como o de uma hora. Se for a segunda, então não faria um dia se entre um nascer do sol e outro houvesse apenas um espaço tão breve como o de uma hora; mas o sol teria de dar vinte e quatro voltas para completar um dia. Se forem ambas, então nem se poderia chamar dia se o sol percorresse toda a sua órbita no espaço de uma hora, nem aquilo, se, estando o sol parado, decorresse tanto tempo quanto o sol costuma levar para completar todo o seu curso, de manhã a manhã. Não perguntarei, pois, agora o que é aquilo a que se chama dia, mas o que é o tempo pelo qual, medindo o circuito do sol, diríamos que ele se completara em metade do tempo habitual, se se completasse num espaço tão pequeno como o de doze horas; e, comparando ambos os tempos, chamaríamos a este um tempo simples e àquele um tempo duplo — mesmo supondo que o sol percorresse a sua órbita de oriente a oriente ora naquele tempo simples, ora naquele tempo duplo. Que ninguém, pois, me diga que os movimentos dos corpos celestes constituem os tempos; porque, quando, à oração de um homem, o sol se deteve até que ele pudesse levar a cabo a sua batalha vitoriosa, o sol deteve-se, mas o tempo prosseguiu. Pois naquele espaço de tempo que lhe cabia

foi travada e concluída aquela batalha. Percebo, então, que o tempo é uma certa extensão. Mas percebo-o, ou apenas me parece percebê-lo? Vós, ó Luz e Verdade, mo mostrareis.

CAPÍTULO XXIV

Ordenais-me que assinta, se alguém definir o tempo como "movimento de um corpo"? Não mo ordenais. Pois ouço que nenhum corpo se move senão no tempo — isto Vós o dizeis; mas que o movimento de um corpo seja o tempo, não o ouço: Vós não o dizeis. Pois, quando um corpo se move, é pelo tempo que meço quanto tempo ele se move, desde que começou a mover-se até que parou. E, se eu não vi quando começou, e ele continua a mover-se de modo que eu não veja quando termina, não posso medir, a não ser talvez desde o momento em que comecei a ver até que deixo de ver. E, se olhar por muito tempo, só posso dizer que é um tempo longo, mas não quanto é longo; porque, quando dizemos "quanto tempo", fazemo-lo por comparação, como "isto é tão longo quanto aquilo", ou "o dobro daquilo", ou coisa semelhante. Mas, quando podemos marcar as distâncias dos lugares donde e para onde vai o corpo que se move, ou as suas partes, se se move como num torno, então podemos dizer com precisão em quanto tempo se completou o movimento daquele corpo ou da sua parte, deste lugar até àquele. Sendo, pois, uma coisa o movimento de um corpo e outra aquilo pelo qual medimos quanto ele dura, quem não vê qual das duas se deve antes chamar tempo? Pois, se um corpo às vezes se move e às vezes está parado, medimos pelo tempo não só o seu movimento, mas também o seu repouso; e dizemos: "esteve parado tanto quanto se moveu", ou "esteve parado duas ou três vezes mais do que se moveu", ou qualquer outra medida

que a nossa medição tenha determinado ou conjeturado — mais ou menos, como costumamos dizer. O tempo, portanto, não é o movimento de um corpo.

CAPÍTULO XXV

E confesso-Vos, Senhor, que ainda não sei o que é o tempo; e de novo Vos confesso, Senhor, que sei que digo isto no tempo, e que, tendo falado longamente do tempo, esse próprio "longamente" não é longo senão pela demora do tempo. Como, pois, sei isto, se não sei o que é o tempo? Ou será que não sei como exprimir o que sei? Ai de mim, que nem sequer sei o que não sei! Eis, ó meu Deus, que diante de Vós não minto; mas, como falo, assim é o meu coração. *Vós acendereis a minha lâmpada*, ó Senhor meu Deus, *e iluminareis as minhas trevas*.

CAPÍTULO XXVI

Porventura não Vos confessa a minha alma com toda a verdade que eu meço os tempos? Meço, então, ó meu Deus, e não sei o que meço? Meço o movimento de um corpo pelo tempo; e o próprio tempo, não o meço? Ou poderia eu medir o movimento de um corpo, quanto durou e em quanto tempo pôde ir deste lugar àquele, sem medir o tempo em que ele se move? Este mesmo tempo, então, como o meço? Acaso medimos um tempo mais longo por um mais curto, como pelo espaço de um côvado se mede o espaço de uma vara? Pois assim parece que, pelo espaço de uma sílaba breve, medimos o espaço de uma sílaba longa e dizemos que esta é o dobro daquela. Assim medimos os espaços das estrofes pelos espaços dos versos, e os espaços dos versos pelos espaços dos pés, e os espaços dos pés pelos espaços das sílabas, e os espaços das

longas pelo espaço das breves; não medindo por páginas — pois então mediríamos espaços, e não tempos —, mas quando proferimos as palavras e elas passam, e dizemos: "é uma estrofe longa, porque composta de tantos versos; versos longos, porque constam de tantos pés; pés longos, porque prolongados por tantas sílabas; sílaba longa, porque é o dobro de uma breve". Mas nem por este caminho obtemos medida certa do tempo, porque pode acontecer que um verso mais curto, pronunciado mais demoradamente, ocupe mais tempo do que um mais longo pronunciado à pressa. E assim de um verso, de um pé, de uma sílaba. Donde me pareceu que o tempo não é outra coisa senão uma distensão; mas de quê, não sei — e admiro-me se não for da própria alma. Pois que meço eu, eu Vo-lo suplico, ó meu Deus, quando digo, ou indefinidamente, "este tempo é mais longo do que aquele", ou definidamente, "este é o dobro daquele"? Que meço o tempo, sei; e, todavia, não meço o tempo futuro, porque ainda não é; nem o presente, porque não é prolongado por espaço algum; nem o passado, porque já não é. Que meço, então? Os tempos que passam, e não os que passaram — pois foi isso que eu disse.

CAPÍTULO XXVII

Coragem, ó minha alma, e avança com força. *Deus é o nosso auxílio; Ele nos fez, e não nós a nós mesmos.* Avança por onde a verdade começa a raiar. Suponhamos que a voz de um corpo comece a soar, e soe, e continue a soar; e eis que cessa: já é silêncio, e aquela voz é passada e já não é voz. Antes de soar, estava por vir e não podia ser medida, porque ainda não era; e agora não pode, porque já não é. Então, portanto, enquanto soava, podia; porque

havia então o que se pudesse medir. Mas nem então estava parada, pois passava e ia-se passando. Poderia ser medida por isso mesmo? Pois, ao passar, estendia-se por algum espaço de tempo, de modo que pudesse ser medida, uma vez que o presente não tem extensão. Se, portanto, então podia, eis que suponhamos que outra voz começou a soar e ainda soa em tom contínuo, sem interrupção alguma: meçamo-la enquanto soa, visto que, quando deixar de soar, será então passada e nada restará para ser medido. Meçamo-la, pois, e digamos quanto é. Mas ela ainda soa, e não pode ser medida senão do instante em que começou até ao fim em que terminou. Pois é justamente o espaço intermédio que medimos, isto é, de algum princípio até algum fim. Por isso uma voz que ainda não terminou não pode ser medida, de modo que se diga quão longa ou quão breve é; nem se pode dizer igual a outra, ou o dobro de uma simples, ou coisa semelhante. Mas, quando termina, já não é. Como, então, poderá ser medida? E, contudo, medimos os tempos — e todavia nem aqueles que ainda não são, nem aqueles que já não são, nem aqueles que não se prolongam por alguma demora, nem aqueles que não têm limites. Não medimos nem os tempos futuros, nem os passados, nem os presentes, nem os que passam — e todavia medimos os tempos.

Deus creator omnium: este verso de oito sílabas alterna sílabas breves e longas. As quatro breves — a primeira, a terceira, a quinta e a sétima — são simples em relação às quatro longas: a segunda, a quarta, a sexta e a oitava. Cada uma destas tem, em relação a cada uma daquelas, o dobro do tempo. Pronuncio-as, dou testemunho delas, e assim o acho, tal como o sentido comum o percebe. Pelo sentido comum, pois, meço uma sílaba longa por uma breve, e sensivelmente acho que ela tem o dobro. Mas, quando uma soa

depois da outra, se a primeira for breve e a segunda longa, como hei de reter a breve, e como, medindo, a hei de aplicar à longa, para achar que esta tem o dobro, visto que a longa não começa a soar enquanto a breve não deixa de soar? E àquela mesma longa meço-a como presente, sendo que só a meço quando já terminou? E o seu terminar é o seu passar. Que é, então, o que meço? Onde está a sílaba breve pela qual meço? Onde a longa que meço? Ambas soaram, voaram, passaram, já não são; e, todavia, meço e respondo com segurança — tanto quanto se pode presumir de um sentido exercitado — que, quanto ao espaço de tempo, esta sílaba é simples e aquela dupla. E, contudo, não o poderia fazer se elas não estivessem já passadas e terminadas. Não são, pois, elas mesmas, que já não são, que eu meço, mas alguma coisa na minha memória, que ali permanece fixa.

É em ti, ó meu espírito, que meço os tempos. Não me interrompas — isto é, não te interrompas a ti mesmo com os tumultos das tuas impressões. Em ti meço os tempos: a impressão que as coisas, ao passar, causam em ti permanece mesmo depois que elas se foram; e é ela, ainda presente, que meço, e não as coisas que passaram para causar essa impressão. É isto que meço quando meço os tempos. Ou, portanto, isto é o tempo, ou eu não meço os tempos. E que dizer quando medimos o silêncio e dizemos que este silêncio durou tanto tempo quanto aquela voz? Não estendemos o nosso pensamento à medida de uma voz, como se soasse, para assim podermos dar conta dos intervalos do silêncio em determinado espaço de tempo? Pois, ainda que a voz e a língua estejam paradas, percorremos em pensamento poemas e versos e qualquer outro discurso, ou as dimensões dos movimentos, e damos conta dos espaços de tempo, de quanto é este em relação

àquele, não de outro modo do que se os pronunciássemos com a voz. Se alguém quisesse emitir um som prolongado e tivesse determinado em pensamento quanto tempo havia de durar, já em silêncio percorreu um espaço de tempo e, confiando-o à memória, começa a emitir aquele som, que continua a soar até chegar ao fim proposto. Sim, ele soou e há de soar: pois a parte já concluída soou, e o resto há de soar. E assim vai passando, até que a intenção presente transfira o futuro para o passado; e o passado cresce pela diminuição do futuro, até que, consumido o futuro, tudo seja passado.

CAPÍTULO XXVIII

Mas como diminui ou se consome aquele futuro, que ainda não é? Ou como cresce aquele passado, que já não é — senão porque na alma, que faz isto, há três coisas que se realizam? Pois ela espera, e atende, e recorda; de modo que aquilo que espera, através daquilo a que atende, passa para aquilo de que se recorda. Quem, pois, nega que as coisas futuras ainda não são? E, todavia, há na alma uma expectativa das coisas futuras. E quem nega que as coisas passadas já não são? E, todavia, há ainda na alma uma memória das coisas passadas. E quem nega que o tempo presente não tem extensão, porque passa num instante? E, todavia, a nossa atenção permanece, e por ela aquilo que há de estar presente avança para se tornar ausente. Não é, pois, longo o tempo futuro, porque ainda não é; mas um longo futuro é "uma longa expectativa do futuro". Nem é longo o tempo passado, que já não é; mas um longo passado é "uma longa memória do passado".

Preparo-me para recitar um salmo que sei. Antes de começar, a minha expectativa estende-se sobre o todo; mas, depois que

comecei, tudo aquilo que dele for separando para o passado estende-se pela minha memória. Assim, a vida desta minha ação divide-se entre a memória, quanto ao que já recitei, e a expectativa, quanto ao que hei de recitar; mas a atenção está presente comigo, e por ela aquilo que era futuro é transferido para se tornar passado. E, quanto mais isto se faz e refaz, tanto mais, encurtando-se a expectativa, se alarga a memória, até que toda a expectativa se esgote, quando toda aquela ação, terminada, houver passado para a memória. E o que se dá em todo o salmo dá-se também em cada uma das suas partes e em cada uma das suas sílabas; e o mesmo vale para aquela ação mais longa, de que este salmo pode ser parte; e o mesmo vale para toda a vida do homem, de que todas as ações do homem são partes; e o mesmo vale para toda a idade dos filhos dos homens, de que todas as vidas dos homens são partes.

CAPÍTULO XXIX

Mas, porque *a Vossa misericórdia é melhor do que todas as vidas*, eis que a minha vida é apenas dispersão; e *a Vossa mão direita me sustentou* no meu Senhor, o Filho do homem, Mediador entre Vós, que sois o Uno, e nós, que somos muitos — muitos também por causa das nossas múltiplas dispersões entre muitas coisas —, para que por Ele eu alcance Aquele por quem fui alcançado, e seja recolhido do meu antigo modo de viver, para seguir o Uno, *esquecendo o que fica para trás*; e, não distendido, mas estendido, não para as coisas que hão de ser e de passar, mas *para aquelas que estão diante de mim*, não com dispersão, mas com intensidade, *prossigo para o prêmio da vocação celeste*, onde possa ouvir a voz do Vosso louvor e contemplar as Vossas delícias, que nem hão de vir nem hão de passar. Mas agora *os meus anos se consomem em*

gemidos; e Vós, Senhor, sois o meu consolo, meu Pai eterno; mas eu fui despedaçado entre tempos cuja ordem ignoro, e os meus pensamentos, as entranhas mais íntimas da minha alma, são dilacerados e despedaçados por tumultuosas variedades, até que eu conflua para Vós, purificado e fundido pelo fogo do Vosso amor.

CAPÍTULO XXX

E então me manterei firme e me consolidarei em Vós, na minha forma, que é a Vossa verdade; nem suportarei as perguntas dos homens que, por uma doença que é castigo, têm sede de mais do que podem conter, e dizem: "Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra?" Ou: "Como lhe veio ao espírito fazer alguma coisa, nunca antes havendo feito coisa alguma?" Concedei-lhes, Senhor, que ponderem bem o que dizem, e que descubram que não se pode dizer "nunca" onde não há tempo. Isto, pois, que se diz "nunca ter feito", que outra coisa é senão dizer "em nenhum tempo ter feito"? Vejam, portanto, que não pode haver tempo sem criatura, e deixem de falar tal vaidade. Estendam-se também eles *para as coisas que estão diante deles*, e compreendam que Vós sois antes de todos os tempos, criador eterno de todos os tempos, e que nenhum tempo Vos é coeterno, nem criatura alguma — ainda que haja alguma criatura anterior a todos os tempos.

CAPÍTULO XXXI

Ó Senhor meu Deus, que abismo é aquele recesso dos Vossos mistérios, e quão longe dele me lançaram as consequências das minhas transgressões! Curai os meus olhos, para que eu partilhe a alegria da Vossa luz. Certamente, se houvesse um espírito dotado

de tão vasto conhecimento e presciência que conhecesse todas as coisas passadas e futuras como eu conheço um salmo bem sabido, na verdade esse espírito seria sumamente admirável e assombrosamente pasmoso, uma vez que nada do passado e nada do futuro nos séculos vindouros lhe estaria mais oculto do que, quando eu cantava aquele salmo, me estava oculto o que e quanto dele já passara desde o princípio, e o que e quanto dele restava até ao fim. Mas longe esteja que Vós, criador do universo, criador das almas e dos corpos — longe esteja que Vós conheçais deste modo todas as coisas passadas e futuras. Muito, muito mais admirável e muito mais misteriosamente Vós as conheceis. Pois não é como acontece aos sentimentos de quem canta o que sabe, ou de quem ouve um cântico bem conhecido — cujos sentidos se dividem e variam pela expectativa das palavras que hão de vir e pela lembrança das que passaram —, não é assim que sucede convosco, imutavelmente eterno, isto é, eterno criador dos espíritos. Assim como, portanto, no Princípio conhecestes o céu e a terra sem variedade alguma no Vosso conhecer, assim no Princípio fizestes o céu e a terra sem distensão alguma na Vossa ação. Quem entender, confesse-Vos; e quem não entender, confesse-Vos. Oh, quão alto sois! E, todavia, *os humildes de coração são a Vossa morada*; pois *erguei os que estão abatidos*, e não caem aqueles cuja elevação sois Vós.

L I V R O

XII

O céu do céu e a matéria informe

c a p í t u l o s I – X X X I I



CAPÍTULO I

Muito se agita o meu coração, Senhor, nesta indigência da minha vida, tocado pelas palavras da Vossa Sagrada Escritura. E por isso, na maior parte das vezes, a pobreza do entendimento humano é abundante em palavras, porque o indagar tem mais que dizer do que o descobrir, e o pedir é mais demorado do que o obter, e a nossa mão que bate tem mais trabalho do que a nossa mão que recebe. Temos a promessa: quem a há de anular? *Se Deus é por nós, quem será contra nós? Pedi, e recebereis; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque todo aquele que pede, recebe; e quem busca, acha; e a quem bate, abrir-se-á.* Estas são as Vossas próprias promessas — e quem há de temer ser enganado, quando é a Verdade que promete?

CAPÍTULO II

A humildade da minha língua confessa à Vossa alteza que fizestes o céu e a terra: este céu que vejo e esta terra que piso, donde vem esta terra que trago comigo; Vós a fizestes. Mas onde está aquele céu do céu, Senhor, de que ouvimos nas palavras do Salmo: *O céu do céu é do Senhor; mas a terra deu-a Ele aos filhos dos homens*? Onde está aquele céu que não vemos, em relação ao qual tudo isto que vemos é terra? Pois este todo corpóreo, não estando todo em toda parte, recebeu deste modo a sua porção de beleza nestas partes inferiores, cuja mais baixa é esta nossa terra; mas, para aquele céu do céu, até o céu da nossa terra é apenas terra. Sim, ambos estes grandes corpos podem, sem absurdo, chamar-se terra em relação àquele céu desconhecido, que é do Senhor, e não dos filhos dos homens.

CAPÍTULO III

E esta terra era *invisível e sem forma*, e havia não sei que profundidade de abismo sobre o qual não havia luz, porque não tinha figura. Por isso mandastes que se escrevesse que *as trevas estavam sobre a face do abismo* — que outra coisa senão a ausência da luz? Pois, se houvesse luz, onde estaria ela senão estando acima de tudo, no alto, e iluminando? Onde, pois, a luz não estava, que era a presença das trevas senão a ausência da luz? As trevas, portanto, estavam sobre ele, porque a luz não estava sobre ele — assim como, onde não há som, há silêncio. E que é haver ali silêncio, senão não haver ali som? Porventura não ensinastes Vós, Senhor, esta alma que a Vós se confessa? Não me ensinastes Vós, Senhor, que, antes de formardes e diversificardes esta matéria informe, não havia nada: nem cor, nem figura, nem corpo, nem

espírito? E, contudo, não era absolutamente nada, pois havia certa informidade, sem beleza alguma.

CAPÍTULO IV

Como, então, se havia de chamá-la, para que de algum modo se transmitisse aos de espírito mais rude, senão por alguma palavra corrente? E que se pode achar, entre todas as partes do mundo, mais próximo de uma informidade absoluta do que a terra e o abismo? Pois, ocupando o grau mais baixo, são menos belas do que as outras partes mais altas, todas transparentes e luminosas. Por que, então, não hei de conceber que a informidade da matéria — que Vós criastes sem beleza, para dela fazer este mundo belo — foi convenientemente indicada aos homens pelo nome de *terra invisível e sem forma*?

CAPÍTULO V

De sorte que, quando o pensamento busca o que o sentido possa conceber sob este nome e diz a si mesmo: "Não é forma intelectual, como a vida ou a justiça, porque é matéria dos corpos; nem é objeto do sentido, porque, sendo invisível e sem forma, não havia nela objeto de vista ou de sentido" — enquanto assim fala o pensamento do homem a si mesmo, ele pode ou esforçar-se por conhecê-la ignorando-a, ou por ignorá-la conhecendo-a.

CAPÍTULO VI

Mas eu, Senhor, se quisesse confessar-Vos por inteiro, pela língua e pela pena, tudo quanto Vós mesmo me ensinastes acerca daquela matéria — cujo nome eu antes ouvia sem o entender, quando mo diziam os que também o não entendiam, e assim a concebia como tendo formas inumeráveis e diversas, e portanto não a concebia de

modo algum; e o meu espírito revolvia formas torpes e horríveis, fora de toda ordem, mas ainda assim "formas"; e chamava-lhe sem forma, não porque carecesse de toda forma, mas porque tinha formas tais que o meu espírito, se lhas apresentassem, delas se afastaria como de coisas insólitas e discordantes, e a fragilidade humana se perturbaria com elas. E ainda assim aquilo que eu concebia era sem forma, não por estar privado de toda forma, mas por comparação com formas mais belas; e a reta razão me persuadia de que devia despojá-la absolutamente de todos os restos de qualquer forma, se quisesse conceber uma matéria de todo informe — e não podia. Pois mais depressa imaginaria que não existiria de modo algum aquilo que fosse privado de toda forma, do que conceber uma coisa entre a forma e o nada, nem formada nem nada, um quase-nada informe. E assim o meu espírito deixou de indagar disso ao meu ânimo, que estava cheio das imagens dos corpos formados, mudando-as e variando-as como queria; e voltei-me para os próprios corpos e olhei mais fundo a sua mutabilidade, pela qual deixam de ser o que eram e começam a ser o que não eram; e suspeitei que esta mesma passagem de forma para forma se dava por meio de certo estado informe, e não por meio de um puro nada. E, contudo, isto desejava eu saber, e não apenas suspeitar. Se, pois, a minha voz e a minha pena Vos confessassem tudo quanto de nós desatastes nesta questão, que leitor haveria que aguentasse absorver tudo? Nem por isso deixará o meu coração de Vos honrar e de Vos cantar um cântico de louvor por aquelas coisas que não é capaz de exprimir. Pois a mutabilidade das coisas mutáveis é ela mesma capaz de todas aquelas formas em que as coisas mutáveis se mudam. E esta mutabilidade, que é ela? Será alma? Será corpo? Será aquilo que

constitui a alma ou o corpo? Se se pudesse dizer "um nada que é alguma coisa", "um é que não é", eu diria que era isso. E, todavia, de algum modo já era, porquanto era capaz de receber estas figuras visíveis e compostas.

CAPÍTULO VII

Mas donde lhe vinha esse grau de ser, senão de Vós, de quem são todas as coisas, na medida em que são? Mas tanto mais longe de Vós quanto mais dessemelhantes de Vós — pois não se trata de distância de lugar. Vós, portanto, Senhor, que não sois de um modo num lugar e de outro noutro, mas o Mesmo, e o Mesmo, e o Mesmo — *Santo, Santo, Santo, Senhor Deus onipotente* —, no Princípio, que é de Vós, na Vossa Sabedoria, que nasceu da Vossa própria substância, criastes alguma coisa, e isso do nada. Pois criastes o céu e a terra não de Vós mesmo, porque então seriam iguais ao Vosso Filho Unigênito, e por isso também a Vós; ao passo que de modo algum seria justo que fosse igual a Vós aquilo que não fosse de Vós. E fora de Vós não havia coisa alguma de que os pudésseis criar, ó Deus, Trindade una e Unidade trina; e por isso do nada criastes o céu e a terra: uma coisa grande e uma coisa pequena, porque sois onipotente e bom, para fazer todas as coisas boas, tanto o grande céu quanto a pequena terra. Vós éreis, e nada mais havia fora de Vós de que criásseis o céu e a terra — coisas de duas espécies: uma próxima de Vós, a outra próxima do nada; uma à qual só Vós fôsseis superior, a outra abaixo da qual nada houvesse.

CAPÍTULO VIII

Mas aquele céu do céu era para Vós mesmo, Senhor; a terra, porém, que destes aos filhos dos homens para ser vista e tocada,

não era tal como agora a vemos e tocamos. Pois era *invisível e sem forma*, e havia um abismo sobre o qual não havia luz; ou: *as trevas estavam sobre o abismo*, isto é, mais do que no abismo. Porque este abismo das águas, agora visível, tem até nas suas profundezas uma luz própria à sua natureza, perceptível em algum grau aos peixes e aos seres que rastejam no seu fundo. Mas aquele abismo inteiro era quase nada, porque até então era de todo sem forma; e, contudo, já havia aquilo que podia ser formado. Pois Vós, Senhor, fizestes o mundo de uma matéria sem forma, a qual do nada fizestes quase nada, para dela fazerdes aquelas grandes coisas que nós, filhos dos homens, admiramos. Pois é bem admirável este céu corpóreo, do qual — aquele firmamento entre água e água — dissestes no segundo dia, depois da criação da luz: *Faça-se*; e foi feito. A esse firmamento chamastes céu: o céu, isto é, desta terra e deste mar, que fizestes no terceiro dia, dando figura visível à matéria informe que fizestes antes de todos os dias. Pois já havíeis feito também um céu antes de todos os dias; mas aquele era o céu deste céu, porque *no princípio fizestes o céu e a terra*. Mas esta mesma terra que fizestes era matéria informe, porque era *invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo*; e desta terra invisível e sem forma, desta informidade, deste quase nada, podíeis fazer todas estas coisas de que este mundo mutável consta, mas não subsiste — mundo cuja própria mutabilidade nisto aparece: que nele se podem observar e numerar tempos. Pois os tempos fazem-se pelas alterações das coisas, quando as figuras, cuja matéria é a dita terra invisível, são variadas e mudadas.

CAPÍTULO IX

E por isso o Espírito, mestre do Vosso servo, quando narra que *no princípio* criastes o céu e a terra, nada diz de tempos, nada de dias.

Pois, na verdade, aquele céu do céu que criastes no Princípio é alguma criatura intelectual, a qual, ainda que de modo algum coeterna convosco, ó Trindade, participa todavia da Vossa eternidade e, pela doçura daquela felicíssima contemplação de Vós, refreia com força a sua própria mutabilidade; e, sem queda alguma desde a sua primeira criação, aderindo estreitamente a Vós, está colocada acima de toda a rolante vicissitude dos tempos. Sim, nem sequer esta mesma informidade da terra invisível e sem forma é numerada entre os dias. Pois onde não há figura nem ordem, nada vem nem vai; e, onde isto não há, claramente não há dias nem vicissitude alguma de espaços de tempo.

CAPÍTULO X

Oh, que a Luz, a Verdade, a luz do meu coração — e não as minhas próprias trevas — me fale! Caí naquelas trevas e obscureci-me; mas até dali, sim, até dali Vos amei. *Andei errante e de Vós me lembrei.* Ouvi a Vossa voz atrás de mim, chamando-me a voltar, e mal a ouvi, pelo tumulto dos inimigos da paz. E agora, eis que volto, angustiado e arquejante, para a Vossa fonte. Que ninguém mo proíba! Desta beberei, e assim viverei. Que eu não seja a minha própria vida: de mim mesmo vivi mal, e fui morte para mim mesmo; e revivo em Vós. Falai-me Vós, discorrei-me Vós. Cri nos Vossos livros, e as suas palavras estão cheias de mistério.

CAPÍTULO XI

Já me dissestes com voz forte, Senhor, no meu ouvido interior, que sois eterno, *Vós, que só possuís a imortalidade*, uma vez que não podeis ser mudado nem quanto à figura nem quanto ao movimento, nem a Vossa vontade se altera com os tempos — visto que nenhuma vontade que varia é imortal. Isto está claro para

mim aos Vossos olhos; e que se me torne cada vez mais claro, eu Vo-lo suplico; e nessa manifestação permaneça eu com sobriedade sob as Vossas asas. Dissestes-me também com voz forte, Senhor, no meu ouvido interior, que fizestes todas as naturezas e substâncias que não são o que Vós mesmo sois, e todavia são; e que só não é de Vós aquilo que não é, e o movimento da vontade de Vós, que sois, para aquilo que é em menor grau — porque tal movimento é transgressão e pecado; e que o pecado de homem algum Vos causa dano nem perturba a ordem do Vosso governo, nem no princípio nem no fim. Isto está claro para mim aos Vossos olhos; e que se me torne cada vez mais claro, eu Vo-lo suplico; e nessa manifestação permaneça eu com sobriedade sob as Vossas asas.

Dissestes-me também com voz forte, no meu ouvido interior, que tampouco Vos é coeterna aquela criatura de cuja felicidade só Vós sois — a qual, com uma pureza perseverantíssima, haurindo de Vós o seu alimento, em nenhum lugar e em nenhum tempo põe em ato a sua mutabilidade natural; e, estando Vós sempre presente a ela, a quem com todo o seu afeto se conserva unida, não tendo futuro a esperar nem transferindo para o passado o que recorda, não é alterada por mudança alguma nem distendida em tempos. Ó bem-aventurada criatura, se tal existe, por aderir à Vossa bem-aventurança! Bem-aventurada em Vós, seu eterno morador e seu iluminador! Nem acho nome com que melhor chamar aquele céu do céu que é do Senhor, senão a Vossa casa, que contempla as Vossas delícias sem defeito algum de sair para outra coisa: espírito puro, unido em harmoníssima unidade pela estabilidade da paz dos espíritos santos, cidadãos da Vossa cidade nos lugares celestes, muito acima destes lugares celestes que vemos.

Por isto pode a alma, cuja peregrinação se fez longa e distante — por isto pode ela entender, se agora tem sede de Vós, se as suas lágrimas se lhe tornaram o pão, enquanto lhe dizem cada dia: *Onde está o teu Deus?*; se agora Vos pede uma só coisa e a deseja: *habitar na Vossa casa todos os dias da sua vida* (e que é a sua vida senão Vós? E que são os Vossos dias senão a Vossa eternidade, *como os Vossos anos, que não têm fim, porque sois sempre o mesmo*?) — por isto, então, pode a alma que for capaz entender quão acima de todos os tempos sois Vós, eterno; visto que a Vossa casa, que em tempo algum partiu para uma região distante, ainda que não Vos seja coeterna, todavia, por aderir a Vós contínua e infalivelmente, não padece mutabilidade alguma de tempos. Isto está claro para mim aos Vossos olhos; e que se me torne cada vez mais claro, eu Vo-lo suplico; e nessa manifestação permaneça eu com sobriedade sob as Vossas asas.

Há, eis que há, não sei que informidade naquelas mudanças destas criaturas últimas e ínfimas. E quem me dirá — a não ser aquele que, pela vacuidade do próprio coração, se admira e se agita para cá e para lá entre as suas fantasias —, quem senão tal homem me diria que, se toda figura fosse de tal modo desgastada e consumida que só restasse aquela informidade pela qual a coisa era mudada e transformada de uma figura noutra, isso poderia oferecer as vicissitudes dos tempos? Pois claramente não poderia, porque, sem a variedade dos movimentos, não há tempos; e não há variedade onde não há figura.

CAPÍTULO XII

Consideradas estas coisas, tanto quanto Vós mo concedeis, ó meu Deus, tanto quanto me incitais a bater e tanto quanto abris a mim que bato, encontro duas coisas que fizestes fora do âmbito do

tempo, nenhuma das quais Vos é coeterna. Uma, de tal modo formada que, sem cessação alguma de contemplação e sem intervalo algum de mudança, ainda que mutável, todavia não mudada, pudesse gozar plenamente a Vossa eternidade e a Vossa imutabilidade; a outra, de tal modo informe que não tinha aquilo que se pudesse mudar de uma forma noutra, quer de movimento, quer de repouso, de sorte a ficar sujeita ao tempo. Mas Vós não a deixastes assim informe, porque, antes de todos os dias, *no princípio criastes o céu e a terra* — as duas coisas de que falei. *Mas a terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo.* Nestas palavras nos é transmitida a informidade — para que assim sejam conduzidas por graus aquelas capacidades que não são aptas a conceber uma privação total de toda forma sem contudo chegar ao nada —, informidade da qual outro céu pudesse ser criado, juntamente com uma terra visível e bem formada, e as águas diversamente ordenadas, e tudo o mais que na formação do mundo se narra ter sido criado, e isso não sem dias; e criado de tal natureza que nelas possam ter lugar as mudanças sucessivas dos tempos, por estarem sujeitas a alterações determinadas de movimentos e de formas.

CAPÍTULO XIII

Isto é, pois, o que concebo, ó meu Deus, quando ouço a Vossa Escritura dizer: *No princípio criou Deus o céu e a terra; e a terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo*, sem mencionar em que dia os criastes. Isto é o que concebo: que, por causa do céu do céu — aquele céu intelectual, cujas inteligências conhecem tudo de uma só vez, não em parte, não obscuramente, não por um espelho, mas como um todo, em manifestação, face a face; não esta coisa agora e aquela depois, mas, como disse,

conhecem tudo de uma só vez, sem sucessão alguma de tempos — ; e por causa da terra invisível e sem forma, sem sucessão alguma de tempos, sucessão que apresenta "esta coisa agora e aquela depois", porque onde não há forma não há distinção de coisas; é, pois, por causa destes dois — um primitivo formado e um primitivo informe, um céu, mas o céu do céu; a outra terra, mas a terra invisível e sem forma —, por causa destes dois, digo, é que concebo que a Vossa Escritura disse, sem mencionar dias: *No princípio criou Deus o céu e a terra.* Pois logo acrescentou de que terra falava; e também, uma vez que se narra que o firmamento foi criado no segundo dia e chamado céu, isso nos dá a entender de que céu falara antes, sem mencionar dias.

CAPÍTULO XIV

Ó admirável profundidade das Vossas palavras! Eis que a sua superfície está diante de nós, atraindo os pequeninos; e, todavia, são de admirável profundidade, ó meu Deus, de admirável profundidade! É temível olhar para dentro delas: temor de honra e tremor de amor. Odeio veementemente os seus inimigos; oh, se os matásseis com a Vossa espada de dois gumes, para que já não fossem seus inimigos! Pois assim amo vê-los mortos para si mesmos, a fim de que vivam para Vós. Mas eis outros que não censuram, mas exaltam o livro do Gênesis: "O Espírito de Deus", dizem, "que pelo Seu servo Moisés escreveu estas coisas, não quis que aquelas palavras fossem entendidas assim; não quis que se entendessem como tu dizes, mas de outro modo, como nós dizemos." A estes, sendo Vós mesmo, ó Deus de todos, o juiz, respondo assim.

CAPÍTULO XV

Afirmareis ser falso aquilo que com voz forte a Verdade me diz no meu ouvido interior acerca da eternidade do Criador: que a Sua substância de modo algum é mudada pelo tempo, nem a Sua vontade está separada da Sua substância? Por isso Ele não quer ora uma coisa, ora outra, mas de uma só vez, e ao mesmo tempo, e sempre, quer tudo o que quer; não repetidas vezes, nem ora isto, ora aquilo; nem quer depois o que antes não queria, nem deixa de querer o que antes queria — porque tal vontade é mutável, e nada mutável é eterno; mas o nosso Deus é eterno. E ainda: aquilo que Ele me diz no meu ouvido interior — que a expectativa das coisas futuras se torna visão quando elas chegam, e essa mesma visão se torna memória quando elas passam. Ora, todo pensamento que assim varia é mutável, e nada mutável é eterno; mas o nosso Deus é eterno. Estas coisas infiro e junto, e acho que o meu Deus, o Deus eterno, não fez criatura alguma por vontade nova, nem o Seu conhecimento admite coisa alguma transitória. "Que direis, então, ó contraditores? São falsas estas coisas?" "Não", dizem eles. "Que, então? Será falso que toda natureza já formada, ou toda matéria capaz de forma, só existe por Aquele que é sumamente bom, porque é sumamente?" "Tampouco negamos isto", dizem eles. "Que, então? Negais que há certa criatura sublime, que com tão casto amor adere ao Deus verdadeiro e verdadeiramente eterno, que, ainda que não coeterna com Ele, todavia não se aparta d'Ele nem se dissolve na variedade e na vicissitude dos tempos, mas repousa somente na veríssima contemplação d'Ele?" Porque Vós, ó Deus, Vos mostrais e bastais àquele que Vos ama tanto quanto ordenais; e por isso ele não se afasta de Vós, nem se volta para si mesmo. Esta é a casa de Deus, não de barro terreno, nem de massa

celeste corpórea, mas espiritual, e participante da Vossa eternidade, porque sem defeito para sempre. Pois *Vós a estabelecestes para sempre e pelos séculos dos séculos; destes-lhe uma lei que ela não há de transgredir*. E, contudo, não Vos é coeterna, ó Deus, porque não é sem princípio: pois foi feita.

Pois, ainda que não achemos tempo antes dela — porque *a sabedoria foi criada antes de todas as coisas* (não aquela Sabedoria que é em tudo igual e coeterna convosco, ó nosso Deus, Pai dela, e por quem todas as coisas foram criadas, e na qual, como no Princípio, criastes o céu e a terra, mas aquela sabedoria que é criada, isto é, a natureza intelectual, que, contemplando a luz, é luz; pois esta, ainda que criada, também se chama sabedoria; mas que diferença há entre a Luz que ilumina e aquela que é iluminada, tanta há entre a Sabedoria que cria e a que é criada, como entre a Justiça que justifica e a justiça que se faz pela justificação — pois também nós somos chamados Vossa justiça, como diz certo servo Vosso: *para que nós nos tornássemos justiça de Deus n'Ele*). Portanto, uma vez que certa sabedoria criada foi criada antes de todas as coisas — a mente racional e intelectual daquela Vossa cidade casta, nossa mãe, que está no alto e é livre e eterna nos céus (em que céus, senão naqueles que Vos louvam, o céu do céu? Porque também este é o céu do céu para o Senhor) —, ainda que não achemos tempo antes dela, porque aquilo que foi criado antes de todas as coisas precede também a criatura do tempo, todavia é anterior a ela a eternidade do próprio Criador, do qual, tendo sido criada, recebeu o princípio — não, na verdade, o do tempo, pois o tempo ainda não era, mas o da sua criação.

Daí que ela é de tal modo de Vós, ó nosso Deus, que é de todo outra coisa que não Vós, e não é o Mesmo; porque, ainda que não

achemos tempo nem antes dela nem sequer nela (visto que lhe é próprio contemplar sempre o Vosso rosto e jamais dele ser afastada, pelo que não é variada por mudança alguma), há todavia nela uma possibilidade de mudança, pela qual se obscureceria e esfriaria, se, aderindo a Vós por um forte afeto, não brilhasse e ardesse de Vós como um meio-dia perpétuo. Ó casa luminosíssima e deleitosíssima! Amei a tua beleza *e o lugar da habitação da glória do meu Senhor*, teu construtor e possuidor. Suspire por ti a minha peregrinação, e digo Àquele que te fez: tome Ele posse também de mim em ti, uma vez que também a mim me fez. *Errei como ovelha perdida*; mas nos ombros do meu Pastor, teu construtor, espero ser reconduzido a ti.

CAPÍTULO XVI

"Que me dizeis, ó contraditores a quem eu falava, e que todavia credes ter sido Moisés santo servo de Deus e serem os seus livros oráculos do Espírito Santo? Não é esta casa de Deus, na verdade não coeterna com Deus, mas todavia, à sua medida, eterna nos céus, aquela em que em vão buscais mudanças de tempos, porque as não achareis? Pois aquilo a que é sempre bom aderir a Deus ultrapassa toda extensão e todos os períodos giratórios do tempo." "É assim", dizem eles. "Que, então, de tudo aquilo que o meu coração proclamou em alta voz ao meu Deus, quando por dentro ouviu a voz do Seu louvor — que parte disso afirmais ser falsa? Será que a matéria era sem forma, e que, por nela não haver forma, não havia ordem? Mas, onde não havia ordem, não podia haver vicissitude de tempos; e, contudo, este 'quase nada', enquanto não era absolutamente nada, vinha certamente d'Aquele de quem vem tudo o que é, em qualquer grau que seja." "Também isto", dizem, "não negamos."

Com estes, então, converso um pouco na Vossa presença, ó meu Deus, com aqueles que concedem serem verdadeiras todas estas coisas que a Vossa Verdade sussurra à minha alma. Pois os que negam estas coisas, ladrem e ensurdeçam-se a si mesmos quanto quiserem; eu procurarei persuadi-los ao sossego e abrir neles um caminho para a Vossa palavra. Mas, se recusarem e me repelirem, suplico-Vos, ó meu Deus: não Vos caleis para comigo. Falai Vós com verdade no meu coração, pois só Vós assim falais; e eu deixá-los-ei soprar sobre o pó lá fora e levantá-lo para os próprios olhos, e entrarei no meu quarto e ali Vos cantarei um cântico de amores, gemendo *com gemidos inefáveis* na minha peregrinação, e recordando Jerusalém, com o coração erguido para ela: Jerusalém, minha pátria; Jerusalém, minha mãe; e Vós mesmo, que sobre ela reinais, iluminador, Pai, guardião, esposo, deleite puro e forte, alegria sólida e todos os bens inefáveis — sim, todos ao mesmo tempo, porque sois o único, soberano e verdadeiro Bem. Nem me deixarei desviar, até que recolhais tudo o que sou, deste estado disperso e desordenado, para a paz daquela nossa mãe caríssima, onde já estão as primícias do meu espírito, donde tenho certeza destas coisas; e Vós a conformeis e a confirmeis para sempre, ó meu Deus, minha misericórdia. Mas àqueles que não afirmam serem falsas todas estas verdades, que honram a Vossa Sagrada Escritura, publicada pelo santo Moisés, colocando-a, como nós, no cume da autoridade a seguir, e que todavia me contradizem em alguma coisa, respondo assim: julgai Vós mesmo, ó nosso Deus, entre as minhas confissões e as contradições destes homens.

CAPÍTULO XVII

Pois eles dizem: "Ainda que estas coisas sejam verdadeiras, não foi todavia aquelas duas que Moisés quis dizer quando, por revelação do Espírito, disse: *No princípio criou Deus o céu e a terra.* Não quis significar, sob o nome de céu, aquela criatura espiritual ou intelectual que sempre contempla a face de Deus; nem, sob o nome de terra, aquela matéria informe." "Que então?" "Aquele homem de Deus", dizem, "quis dizer o que nós dizemos; foi isto que declarou por aquelas palavras." "O quê?" "Pelo nome de céu e terra", dizem, "quis primeiro significar, universal e compendiosamente, todo este mundo visível, para depois, pela enumeração dos vários dias, dispor em pormenor e como que peça por peça todas aquelas coisas que ao Espírito Santo aprouve assim enunciar. Pois tal era aquele povo rude e carnal a quem falava, que ele o julgou apto para lhe ser confiado apenas o conhecimento das obras visíveis de Deus." Concordam, contudo, que sob as palavras *terra invisível e sem forma* e *aquele abismo tenebroso* — do qual em seguida se mostra terem sido feitas e ordenadas, durante aqueles "dias", todas estas coisas visíveis que todos conhecemos — se pode, sem incongruência, entender aquela primeira matéria informe.

E que dizer, agora, se outro disser que "esta mesma informidade e confusão da matéria foi por esta razão primeiro designada pelo nome de céu e terra: porque dela foi criado e aperfeiçoado este mundo visível, com todas aquelas naturezas que nele mais manifestamente aparecem, e ao qual muitas vezes se chama pelo nome de céu e terra"? E que dizer, ainda, se outro disser que "a natureza invisível e a visível não são impropriamente chamadas céu e terra; e assim toda a criação, que Deus fez na Sua

Sabedoria, isto é, no Princípio, foi compreendida sob aquelas duas palavras? E, contudo, uma vez que todas as coisas foram feitas não da substância de Deus, mas do nada — porque não são o mesmo que Deus é, e há em todas elas uma natureza mutável, quer permaneçam, como a casa eterna de Deus, quer sejam mudadas, como a alma e o corpo do homem —, por isso a matéria comum de todas as coisas visíveis e invisíveis, ainda informe mas capaz de forma, da qual haviam de ser criados o céu e a terra, isto é, a criatura invisível e a visível, uma vez formadas, foi designada pelos mesmos nomes dados à *terra invisível e sem forma* e às *trevas sobre o abismo*; mas com esta distinção: que pela *terra invisível e sem forma* se entende a matéria corpórea, antes de ser qualificada por qualquer forma, e pelas *trevas sobre o abismo*, a matéria espiritual, antes de sofrer qualquer contenção da sua fluidez ilimitada ou de receber alguma luz da Sabedoria"?

Resta ainda que alguém diga, se quiser, que "as naturezas já perfeitas e formadas, visíveis e invisíveis, não são significadas sob o nome de céu e terra quando lemos *no princípio fez Deus o céu e a terra*, mas que o começo ainda informe das coisas, a matéria apta a receber forma e feitura, foi chamado por estes nomes, porque nela se continham confusamente, ainda não distinguidas pelas suas qualidades e formas, todas aquelas coisas que, agora dispostas em ordem, se chamam céu e terra, sendo uma a criação espiritual e a outra a corpórea".

CAPÍTULO XVIII

Ouvidas e bem consideradas todas estas coisas, não quero *contender sobre palavras, pois isso para nada aproveita, senão para subverter os ouvintes*. Mas *a lei é boa para edificar, se alguém dela usar legitimamente; porque o fim dela é a caridade, que procede*

de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé não fingida. E bem sabia o nosso Mestre de que *dois mandamentos fez depender toda a Lei e os Profetas*. E que me prejudica, ó meu Deus, luz dos meus olhos no segredo, ao confessar zelosamente estas coisas — uma vez que sob estas palavras se podem entender coisas diversas, todas todavia verdadeiras —, que me prejudica, digo, se penso de modo diverso daquele por que outro pensa que o escritor pensou? Todos nós, leitores, na verdade nos esforçamos por perscrutar e entender o pensamento daquele que lemos; e, uma vez que cremos que ele fala com verdade, não ousamos imaginar que ele tenha dito algo que nós mesmos saibamos ou julguemos falso. Enquanto, pois, cada um se esforça por entender nas Sagradas Escrituras o mesmo que o escritor entendeu, que mal há em que alguém entenda aquilo que Vós, luz de todos os espíritos que dizem a verdade, lhe mostrais ser verdadeiro, ainda que aquele que ele lê não tenha entendido isto, visto que também ele entendeu uma verdade, ainda que não esta verdade?

CAPÍTULO XIX

Pois é verdade, Senhor, que fizestes o céu e a terra; e é verdade também que o Princípio é a Vossa Sabedoria, na qual criastes todas as coisas; e é verdade ainda que este mundo visível tem por sua maior parte o céu e a terra, que resumidamente compreendem todas as naturezas feitas e criadas. E é verdade também que tudo o que é mutável nos dá a entender certa carência de forma, pela qual recebe uma forma, ou é mudado, ou transformado. É verdade que não está sujeito a tempos aquilo que de tal modo adere à Forma imutável que, ainda que sujeito a mudança, nunca é mudado. É verdade que aquela informidade que é quase nada não pode estar sujeita à alteração dos tempos. É verdade que aquilo de que uma

coisa é feita pode, por certo modo de falar, ser chamado pelo nome da coisa que dele se faz; donde aquela informidade de que foram feitos o céu e a terra podia ser chamada céu e terra. É verdade que, entre as coisas que têm forma, nenhuma há mais próxima de não ter forma do que a terra e o abismo. É verdade que não só toda coisa criada e formada, mas tudo o que é capaz de ser criado e formado, Vós o fizestes, Vós de quem são todas as coisas. É verdade que tudo o que é formado a partir daquilo que não tinha forma era informe antes de ser formado.

CAPÍTULO XX

Destas verdades, de que não duvidam aqueles a quem destes o olho interior para ver tais coisas, e que creem inabalavelmente ter o Vosso servo Moisés falado no Espírito da verdade — de todas estas, pois, toma uma aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, isto é, "no Seu Verbo, coeterno consigo, fez Deus a criatura inteligível e a sensível, ou a espiritual e a corpórea". Outro toma aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, isto é, "no Seu Verbo, coeterno consigo, fez Deus toda a massa deste mundo corpóreo, juntamente com todas aquelas criaturas aparentes e conhecidas que ele contém". Outro toma aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, isto é, "no Seu Verbo, coeterno consigo, fez Deus a matéria informe das criaturas espirituais e corpóreas". Outro toma aquele que diz: *No princípio criou Deus o céu e a terra*, isto é, "no Seu Verbo, coeterno consigo, criou Deus a matéria informe da criatura corpórea, na qual o céu e a terra jaziam ainda confusos, os quais, agora distinguidos e formados, vemos hoje na massa deste mundo". Outro toma aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, isto é, "no próprio começo do criar e do operar, fez Deus aquela matéria informe,

contendo confusamente em si tanto o céu quanto a terra, dos quais, uma vez formados, eles agora se destacam e aparecem, com tudo o que neles há".

CAPÍTULO XXI

E, quanto ao entendimento das palavras seguintes, de todas aquelas verdades escolhe uma para si aquele que diz: *Mas a terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo*, isto é, "aquela coisa corpórea que Deus fez era ainda uma matéria informe das coisas corpóreas, sem ordem, sem luz". Outro, aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo*, isto é, "todo este conjunto, a que se chama céu e terra, era ainda uma matéria informe e tenebrosa, da qual haviam de ser feitos o céu corpóreo e a terra corpórea, com todas as coisas neles contidas, que são conhecidas dos nossos sentidos corpóreos". Outro, aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo*, isto é, "todo este conjunto, a que se chama céu e terra, era ainda uma matéria informe e tenebrosa, da qual haviam de ser feitos tanto aquele céu inteligível, chamado noutro lugar o céu do céu, quanto a terra, isto é, toda a natureza corpórea, sob cujo nome se compreende também este céu corpóreo; numa palavra: da qual haviam de ser criadas todas as criaturas visíveis e invisíveis". Outro, aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo* — "a Escritura não chamou aquela informidade pelo nome de céu e terra; mas aquela informidade", diz ele, "já existia, e é a que ele chamou terra invisível e sem forma, e trevas sobre o abismo; da qual antes dissera que Deus fizera o céu e a terra, a saber, a criatura espiritual e a corpórea". Outro, aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo*, isto é, "já existia

certa matéria informe, da qual a Escritura antes dissera que Deus fizera o céu e a terra, a saber, toda a massa corpórea do mundo, dividida em duas grandes partes, superior e inferior, com todas as criaturas comuns e conhecidas que nelas há".

CAPÍTULO XXII

Pois, se alguém tentasse disputar contra estas duas últimas opiniões, dizendo assim: "Se não admitis que esta informidade da matéria pareça ser chamada pelo nome de céu e terra, logo havia alguma coisa que Deus não fizera, e da qual fez o céu e a terra; pois a Escritura não nos disse que Deus fez esta matéria, a não ser que entendamos que ela é significada pelo nome de céu e terra, ou só de terra, quando se diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*; de sorte que, no que se segue — *e a terra era invisível e sem forma* — , ainda que Lhe aprouvesse chamar assim à matéria informe, não devemos entender outra matéria senão aquela que Deus fez, e da qual acima está escrito: *fez Deus o céu e a terra*" — os defensores de qualquer daquelas duas últimas opiniões, ao ouvir isto, responderão: "Não negamos que esta matéria informe seja de fato criada por Deus, aquele Deus de quem são todas as coisas, muito boas; pois, assim como afirmamos ser bem maior aquilo que é criado e formado, assim confessamos ser bem menor aquilo que é feito capaz de criação e de forma, mas ainda assim bem. Dizemos, contudo, que a Escritura não registrou que Deus fez esta informidade, como também não registrou muitas outras coisas, como os Querubins e os Serafins, e aqueles de que o Apóstolo fala distintamente: *Tronos, Dominações, Principados, Potestades*. Que Deus fez tudo isto é manifestíssimo. Ou, se naquilo que se diz — *fez o céu e a terra* — tudo se compreende, que diremos das águas, sobre as quais *o Espírito de Deus se movia*? Pois, se elas se

compreendem nesta palavra 'terra', como pode então entender-se matéria informe naquele nome de terra, quando vemos as águas tão belas? Ou, se assim se entende, por que se escreve então que daquela mesma informidade foi feito o firmamento e chamado céu, e não se escreve que foram feitas as águas? Pois as águas não permanecem informes e invisíveis, uma vez que as vemos correr de modo tão belo. Mas, se receberam então essa beleza quando Deus disse: *Reúnam-se as águas que estão debaixo do firmamento*, de sorte que essa reunião fosse a sua própria formação — que se dirá quanto àquelas águas que estão acima do firmamento? Pois nem, se fossem informes, seriam dignas de tão honroso lugar, nem está escrito por que palavra foram formadas. Se, pois, o Gênesis se cala quanto a Deus ter feito alguma coisa, coisa que todavia Deus fez, e de que nem a fé sã nem o entendimento bem fundado duvidam; nem, por outro lado, ousará doutrina alguma sóbria afirmar que estas águas são coeternas com Deus, pelo fato de as acharmos mencionadas no livro do Gênesis sem acharmos quando foram criadas — por que, ensinando-nos a verdade, não havemos de entender que aquela matéria informe, que esta Escritura chama *terra invisível e sem forma* e *abismo tenebroso*, foi criada por Deus do nada, e portanto não lhe é coeterna, ainda que esta narrativa tenha omitido mostrar quando foi criada?"

CAPÍTULO XXIII

Ouvidas e percebidas estas coisas segundo a fraqueza da minha capacidade — que Vos confesso, Senhor, Vós que a conheceis —, vejo que podem surgir duas espécies de desacordos quando algo é relatado em palavras por narradores verídicos: um, quanto à verdade das coisas; outro, quanto à intenção do narrador. Pois de um modo indagamos, acerca da feitura da criatura, o que é

verdadeiro; e de outro modo, o que Moisés, aquele excelente ministro da Vossa fé, quis que o seu leitor e ouvinte entendesse por aquelas palavras. Quanto ao primeiro gênero, longe de mim todos os que imaginam conhecer como verdadeiro aquilo que é falso; e, quanto a este outro, longe de mim também todos os que imaginam ter Moisés escrito coisas falsas. Mas seja eu unido em Vós, Senhor, com aqueles, e deleite-me em Vós com os que se alimentam da Vossa verdade, na largueza da caridade; e aproximemo-nos juntos das palavras do Vosso livro, e busquemos nelas o Vosso sentido, através do sentido do Vosso servo, por cuja pena Vós as dispensastes.

CAPÍTULO XXIV

Mas qual de nós, entre tantas verdades que ocorrem aos que indagam naquelas palavras, entendidas de modos diversos, descobrirá de tal modo aquele único sentido que possa afirmar "isto pensou Moisés" e "isto quis ele que se entendesse naquela narrativa", com a mesma confiança com que diria "isto é verdade", quer Moisés pensasse isto ou aquilo? Pois eis, ó meu Deus, que eu, Vosso servo, que neste livro Vos prometi um sacrifício de confissão e Vos peço que, pela Vossa misericórdia, eu possa *cumprir os meus votos* diante de Vós — poderei eu, com a mesma confiança com que afirmo que no Vosso Verbo imutável criastes todas as coisas visíveis e invisíveis, afirmar também que Moisés não quis dizer outra coisa senão isto quando escreveu: *No princípio fez Deus o céu e a terra*? Não. Porque não vejo no espírito dele que tenha pensado isto quando escreveu estas coisas, como vejo na Vossa verdade que isto é certo. Pois ele podia ter o pensamento no começo do criar de Deus, ao dizer *no princípio*; e por *céu e terra*, neste lugar, podia entender não uma natureza formada e perfeita,

quer espiritual quer corpórea, mas ambas incoadas e ainda informes. Pois percebo que, qualquer das duas coisas que se dissesse, poderia dizer-se com verdade; mas qual das duas ele pensou nestas palavras, isso não percebo do mesmo modo. Ainda que, fosse qualquer destas duas, ou qualquer outro sentido além destes que aqui não mencionei, aquilo que este tão grande homem viu no seu espírito quando proferiu estas palavras, não duvido de que o viu com verdade e o exprimiu com propriedade.

CAPÍTULO XXV

Que ninguém, pois, me importune dizendo: "Moisés não pensou como tu dizes, mas como eu digo." Pois, se me perguntasse: "Como sabes tu que Moisés pensou aquilo que infere das suas palavras?", eu deveria tomá-lo em boa parte e responderia talvez como acima, ou algo mais longamente, se ele fosse intransigente. Mas, quando diz: "Moisés não quis dizer o que tu dizes, mas o que eu digo", e todavia não nega que aquilo que cada um de nós diz possa ser verdadeiro — ó meu Deus, vida dos pobres, em cujo seio não há contradição, derramai um orvalho suavizante no meu coração, para que eu suporte com paciência os que me dizem tal coisa; não porque tenham um Espírito divino e tenham visto no coração do Vosso servo o que dizem, mas porque são soberbos: não conhecendo a opinião de Moisés, mas amando a sua própria; não porque seja verdade, mas porque é sua. De outro modo, amariam igualmente outra opinião verdadeira, como eu amo o que eles dizem, quando dizem a verdade — não porque seja deles, mas porque é verdadeira; e, por isso mesmo, não é deles, porque é verdadeira. Mas, se a amam porque é verdadeira, então já é deles e minha, por ser comum a todos os amantes da verdade. Ora, quanto a contenderem que Moisés não quis dizer o que eu digo,

mas o que eles dizem, isto não me agrada, não amo; porque, ainda que assim fosse, essa temeridade não pertence ao conhecimento, mas à audácia; e não foi a intuição, mas a vaidade que a gerou. E por isso, Senhor, são temíveis os Vossos juízos, visto que a Vossa verdade não é minha, nem dele, nem de outro, mas de todos nós, a quem publicamente chamais a dela participar, advertindo-nos terrivelmente a não a termos por nossa propriedade privada, para que não sejamos dela privados. Pois quem reclama como próprio aquilo que propondes a todos para gozarem, e quer que seja seu o que pertence a todos, é lançado do que é comum para o que é seu — isto é, da verdade para a mentira. *Pois quem fala a mentira, fala do que é seu.*

Escutai, ó Deus, ótimo juiz, ó Verdade mesma; escutai o que direi a este contraditor; escutai, pois é diante de Vós que falo, e diante dos meus irmãos, que usam legitimamente da Vossa lei, para o fim da caridade. Escutai e vede, se Vos aprouver, o que lhe direi. Pois esta palavra fraterna e pacífica lhe devolvo: "Se ambos vemos ser verdadeiro o que tu dizes, e ambos vemos ser verdadeiro o que eu digo, onde, eu te pergunto, o vemos? Nem eu em ti, nem tu em mim, mas ambos na própria Verdade imutável, que está acima das nossas almas." Uma vez, pois, que não contendemos acerca da própria luz do Senhor Deus, por que contendemos acerca dos pensamentos do nosso próximo, que não podemos ver como se vê a Verdade imutável? Pois, se o próprio Moisés nos aparecesse e dissesse: "Isto quis eu dizer", nem assim o veríamos, mas o creríamos. *Não nos ensoberbeçamos, pois, um contra o outro, além do que está escrito*; *amemos o Senhor nosso Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, e ao nosso próximo como a nós mesmos.* Em vista destes dois preceitos

de caridade, se não crermos que Moisés quis dizer tudo o que naqueles livros quis dizer, faremos de Deus um mentiroso, imaginando do espírito do nosso conservo coisa diversa daquela que Ele nos ensinou. Vede agora quão insensato é, em tão grande abundância de sentidos veríssimos que daquelas palavras se podem extrair, afirmar temerariamente qual deles Moisés principalmente quis dizer, e com contendas perniciosas ofender a própria caridade, em vista da qual ele disse tudo aquilo cujas palavras nos esforçamos por expor.

CAPÍTULO XXVI

E, todavia, ó meu Deus, que elevais a minha humildade e sois o repouso da minha fadiga, Vós que ouvis as minhas confissões e perdoais os meus pecados: uma vez que me ordenais amar o meu próximo como a mim mesmo, não posso crer que tenhais dado dom menor a Moisés, Vosso fiel servo, do que aquele que eu desejaria e pediria que me houvésseis dado, se eu tivesse nascido no tempo dele e Vós me houvésseis posto naquele ofício de, pelo serviço do meu coração e da minha língua, dispensar aqueles livros que por tanto tempo depois haviam de aproveitar a todas as nações, e que, por todo o mundo, de tão eminente altura de autoridade, haviam de superar todas as palavras dos ensinamentos falsos e soberbos. Na verdade, teria eu desejado — se então fosse Moisés (pois todos viemos da mesma massa, e *que é o homem, senão porque Vós Vos lembrais dele*?) —, teria eu então desejado, sendo o que ele era e sendo por Vós encarregado de escrever o livro do Gênesis, que me fosse dada tal força de expressão e tal estilo que nem aqueles que ainda não podem compreender como Deus criou rejeitassem as palavras como acima da sua capacidade, nem aqueles que já lá chegaram achassem que qualquer opinião verdadeira a

que pelo pensamento tivessem chegado fosse omitida naquelas poucas palavras daquele Vosso servo; e que, se outro homem descobrisse pela luz da verdade outra opinião ainda, tampouco esta deixasse de poder descobrir-se naquelas mesmas palavras.

CAPÍTULO XXVII

Pois, assim como uma fonte, num espaço estreito, é mais abundante e fornece caudal a mais correntes por espaços mais largos do que qualquer daquelas correntes que, depois de longo intervalo, dela derivam, assim a narrativa daquele Vosso dispensador, destinada a aproveitar a muitos que dela haviam de discorrer, transborda, de uma escassa medida de linguagem, em correntes de verdade clarissíma, donde cada homem pode tirar para si a verdade que puder sobre estes assuntos: um, uma verdade; outro, outra, por circunlóquios mais largos de discurso. Pois alguns, ao lerem ou ouvirem estas palavras, concebem que Deus, como um homem ou como certa massa dotada de poder ilimitado, por alguma resolução nova e súbita criou, fora de si e como que a certa distância, o céu e a terra, dois grandes corpos, um acima e outro abaixo, nos quais todas as coisas haviam de estar contidas. E, quando ouvem *disse Deus: faça-se; e assim se fez*, concebem palavras começadas e terminadas, soando no tempo e passando; depois da partida das quais veio a existir aquilo que assim fora mandado existir; e tudo o mais que a familiaridade dos homens com o mundo material lhes sugere. Nestes, que ainda são pequeninos e carnais, enquanto a sua fraqueza é carregada por esta humilde espécie de linguagem, como no seio de uma mãe, edifica-se salutarmente a fé, pela qual têm por certo que Deus fez todas as naturezas que os seus olhos contemplam à volta, em admirável variedade. Mas, se alguém, desprezando estas palavras como

demasiado simples, com uma soberba fraqueza se estender para fora do ninho protetor, cairá, ai dele, miseravelmente. Tende piedade, ó Senhor Deus, para que os que passam pelo caminho não pisem a ave implume; e enviai o Vosso anjo a repô-la no ninho, para que viva até que possa voar.

CAPÍTULO XXVIII

Mas outros, para quem estas palavras já não são um ninho, mas frondosos pomares sombrios, veem os frutos nelas escondidos, voam alegremente à volta e, com cantos animados, procuram-nos e colhem-nos. Pois, lendo ou ouvindo estas palavras, veem que todos os tempos passados e futuros são superados pela Vossa permanência eterna e estável; e, todavia, que não há criatura alguma formada no tempo que não seja feita por Vós. E, porque a Vossa vontade é o mesmo que Vós sois, fizestes todas as coisas não por mudança alguma de vontade, nem por uma vontade que antes não existia; e estas coisas não vieram de Vós mesmo, à Vossa própria semelhança, que é a forma de todas as coisas, mas do nada — uma dessemelhança informe, que havia de ser formada pela Vossa semelhança, recorrendo à Vossa Unidade, segundo a capacidade que lhe foi determinada, quanto a cada coisa foi dado no seu gênero — e todas podiam ser feitas muito boas, quer permaneçam à Vossa volta, quer, gradualmente afastadas no tempo e no lugar, produzam ou sofram as belas variações do universo. Estas coisas veem eles e alegram-se, no pequeno grau em que aqui lhes é dado, na luz da Vossa verdade.

Outro aplica o espírito àquilo que se diz — *no princípio fez Deus o céu e a terra* — e nele contempla a Sabedoria, o Princípio, porque também nos fala. Outro, do mesmo modo, aplica o espírito às mesmas palavras, e por *princípio* entende o começo das

coisas criadas: *no princípio fez*, como se se dissesse "primeiramente fez". E, entre os que entendem *no princípio* como "na Vossa Sabedoria criastes o céu e a terra", um crê que a matéria da qual haviam de ser criados o céu e a terra é que ali é chamada céu e terra; outro, naturezas já formadas e distintas; outro, uma natureza já formada, e essa espiritual, sob o nome de céu, e a outra informe, matéria corpórea, sob o nome de terra. E aqueles que, pelos nomes de céu e terra, entendem a matéria ainda informe, da qual haviam de ser formados o céu e a terra, tampouco o entendem de um só modo: mas um, aquela matéria da qual haviam de ser aperfeiçoadas tanto a criatura inteligível quanto a sensível; outro, somente aquela da qual havia de ser feita esta massa corpórea sensível, contendo no seu vasto seio estas naturezas visíveis e comuns. Nem os que creem que as criaturas já ordenadas e dispostas é que neste lugar são chamadas céu e terra entendem o mesmo: mas um, tanto as invisíveis quanto as visíveis; o outro, somente as visíveis, nas quais contemplamos este céu luminoso e esta terra tenebrosa, com as coisas nelas contidas.

CAPÍTULO XXIX

Mas aquele que não entende *no princípio fez* de outro modo senão como se se dissesse "primeiramente fez", só pode entender com verdade o céu e a terra como a matéria do céu e da terra, isto é, de toda a criação inteligível e corpórea. Pois, se quisesse entender por isso o universo já formado, poder-se-ia com razão perguntar-lhe: "Se Deus fez isto primeiro, que fez depois?" E, depois do universo, nada achará; donde terá de ouvir, contra a sua vontade, outra pergunta: "Como fez Deus isto primeiro, se nada fez depois?" Mas, quando diz que Deus fez primeiro a matéria informe e depois a formou, não há absurdo algum, contanto que

seja capaz de discernir o que precede pela eternidade, o que pelo tempo, o que pela escolha e o que pela origem. Pela eternidade, como Deus é antes de todas as coisas; pelo tempo, como a flor antes do fruto; pela escolha, como o fruto antes da flor; pela origem, como o som antes da melodia. Destes quatro, o primeiro e o último mencionados são entendidos com extrema dificuldade; os dois do meio, facilmente. Pois é visão rara e demasiado sublime contemplar a Vossa eternidade, Senhor, fazendo imutavelmente as coisas mutáveis, e por isso anterior a elas. E quem, por sua vez, é de entendimento tão penetrante que possa, sem grande esforço, discernir como o som é anterior à melodia, porque a melodia é um som formado, e uma coisa não formada pode existir, ao passo que aquilo que não existe não pode ser formado? Assim a matéria é anterior à coisa feita: não porque a faça, visto que ela antes é feita; nem é anterior por intervalo de tempo, pois não emitimos primeiro no tempo sons informes sem cantar, para depois os adaptar ou moldar na forma de um canto, como a madeira ou a prata de que se molda uma arca ou um vaso. Pois tais materiais precedem também no tempo as formas das coisas que deles se fazem; mas no canto não é assim: pois, quando se canta, ouve-se o seu som; não há primeiro um som informe, que depois se forma em canto. Pois cada som, mal é produzido, passa; nem podes achar coisa alguma para o chamar de volta e compor pela arte. Assim, pois, o canto está concentrado no seu som, e esse som seu é a sua matéria. E esta, na verdade, é formada para que seja melodia; e por isso, como disse, a matéria do som é anterior à forma da melodia — não anterior por algum poder que tenha de a tornar melodia, pois o som de modo algum é o artífice da melodia, mas é algo de corpóreo, submetido à alma que canta, para dele se fazer uma

melodia. Nem é primeira no tempo, pois é emitida juntamente com a melodia; nem primeira pela escolha, pois um som não é melhor do que uma melodia, sendo a melodia não só som, mas som belo. Mas é primeira pela origem, porque a melodia não recebe forma para se tornar som, mas o som recebe forma para se tornar melodia. Por este exemplo, entenda quem for capaz como a matéria das coisas foi feita primeiro e chamada céu e terra, porque dela foram feitos o céu e a terra. E, todavia, não foi feita primeiro no tempo, porque são as formas das coisas que dão origem ao tempo; mas ela era sem forma, e agora é, no tempo, objeto dos sentidos juntamente com a sua forma. E, contudo, nada se pode narrar daquela matéria senão como se fosse anterior no tempo, ao passo que em dignidade é última — porque as coisas formadas são superiores às coisas sem forma — e é precedida pela eternidade do Criador, para que houvesse, do nada, aquilo de que algo pudesse ser criado.

CAPÍTULO XXX

Nesta diversidade de opiniões verdadeiras, produza a própria Verdade a concórdia. E o nosso Deus tenha misericórdia de nós, para que *usemos legitimamente da lei*, o fim do mandamento, que é a caridade pura. Por isto, se alguém me perguntar "qual destas foi a intenção do Vosso servo Moisés?", não seria esta a linguagem das minhas Confissões se eu não Vos confessasse: "Não sei." E, todavia, sei que aqueles sentidos são verdadeiros — excetuados aqueles sentidos carnais, dos quais disse o que me pareceu necessário. E até aqueles pequeninos cheios de esperança que assim pensam têm este proveito: que as palavras do Vosso livro os não assustam, exprimindo humildemente coisas altas e, com poucas palavras, um sentido copioso. E todos nós que, confesso,

vemos e exprimimos a verdade contida naquelas palavras, amemo-nos uns aos outros, e juntamente amemos a Vós, nosso Deus, fonte da verdade, se dela temos sede, e não de vaidades. Sim, honremos de tal modo este Vosso servo, dispensador desta Escritura, cheio do Vosso Espírito, que creiamos que, quando por Vossa revelação escreveu estas coisas, ele quis dizer aquilo que entre todos os sentidos mais se destaca, tanto pela luz da verdade quanto pela fecundidade do proveito.

CAPÍTULO XXXI

Assim, quando um diz "Moisés pensou como eu", e outro "Não, mas como eu", suponho que falo com mais reverência ao dizer: "Por que não antes como ambos, se ambos dizem a verdade?" E, se houver um terceiro ou um quarto — sim, se qualquer outro vir qualquer outra verdade naquelas palavras —, por que não se há de crer que ele tenha visto todas estas coisas, ele por quem o único Deus temperou as Sagradas Escrituras aos sentidos de muitos, que nelas haviam de ver coisas verdadeiras, mas diversas? Pois eu, certamente — e digo-o do coração e sem medo —, se tivesse de escrever alguma coisa que houvesse de ter suprema autoridade, preferiria escrever de modo que toda verdade que alguém pudesse apreender sobre aquelas matérias fosse transmitida pelas minhas palavras, a fixar o meu próprio sentido tão claramente que excluísse os demais, os quais, não sendo falsos, me não poderiam ofender. Não serei, pois, ó meu Deus, tão temerário que não creia que concedestes outro tanto àquele grande homem. Ele, sem dúvida, quando escreveu aquelas palavras, percebeu e pensou toda a verdade que fomos capazes de achar, sim, e toda aquela que não fomos capazes, nem ainda o somos, mas que nelas se pode achar.

CAPÍTULO XXXII

Por fim, Senhor, Vós que sois Deus e não carne e sangue: se o homem viu menos, poderia acaso ficar escondida ao Vosso bom Espírito — *que me há de conduzir à terra da retidão* — alguma coisa que Vós mesmo, por aquelas palavras, estáveis para revelar aos leitores dos tempos futuros, ainda que aquele por quem elas foram ditas talvez, entre muitos sentidos verdadeiros, tenha pensado em algum? E, se assim for, seja aquele em que ele pensou o mais alto de todos. Mas a nós, Senhor, revelai ou esse mesmo, ou qualquer outro verdadeiro que Vos aprouver; de sorte que, quer nos descubrais o mesmo que àquele Vosso servo, quer algum outro por ocasião daquelas palavras, sejais Vós a alimentar-nos, e não o erro a enganar-nos. Vede, ó Senhor meu Deus, quanto escrevemos sobre poucas palavras — quanto, eu Vo-lo suplico! Que forças nossas, ou que idades bastariam para percorrer assim todos os Vossos livros? Permiti-me, pois, confessar-Vos nestes com mais brevidade, e escolher algum sentido verdadeiro, certo e bom que Vós me inspirardes, ainda que muitos ocorram onde muitos podem ocorrer — sendo esta a lei da minha confissão: que, se eu disser aquilo que o Vosso ministro pretendia, isso é o mais reto e o melhor, e para isso me hei de esforçar; e, se o não alcançar, hei de dizer todavia aquilo que a Vossa Verdade quis dizer-me pelas palavras dele, Ela que também a ele revelou o que quis.

L I V R O

XIII

Exegese alegórica do Gênesis

c a p í t u l o s I – X X X V I I I



CAPÍTULO I

Invoco-Vos, ó meu Deus, minha misericórdia, que me criastes e não Vos esquecestes de mim, quando eu Vos esquecia. Chamo-Vos para dentro da minha alma, que Vós preparais para Vós pelo anseio que Vós mesmo lhe inspirais. Não me abandoneis agora, quando Vos invoco — a mim, a quem Vós antecipastes antes que eu Vos chamasse, e a quem instastes com muita variedade de chamados repetidos, para que eu Vos ouvisse de longe, e me convertesse, e Vos invocasse, a Vós que me chamáveis. Pois Vós, Senhor, apagastes todos os meus maus merecimentos, para que não retribuísseis às minhas mãos, com que caí de Vós; e antecipastes todos os meus bons merecimentos, para retribuirdes à obra das Vossas mãos, com que me fizestes. Porque, antes que eu fosse, Vós éreis; e eu não era coisa alguma a que pudésseis conceder o ser; e todavia eis que sou, pela Vossa bondade, que antecedeu tudo isto que fizestes de mim e aquilo de que me fizestes. Pois nem tínheis necessidade de mim, nem sou eu algum bem tal que Vos possa ser útil, ó meu Senhor e meu Deus — nem servindo-Vos, como se Vos cansásseis no operar, ou como se o Vosso poder fosse menor por lhe faltar o meu serviço; nem cultivando o Vosso serviço como a uma terra que houvesse de ficar inculta se eu Vos não cultivasse; mas servindo-Vos e adorando-Vos, para que de Vós recebesse o bem-estar — de Vós, de quem vem o eu ter um ser capaz de bem-estar.

CAPÍTULO II

Pois é da plenitude da Vossa bondade que subsiste a Vossa criatura, para que um bem, que em nada Vos podia aproveitar, e que não era de Vós — para que assim não fosse igual a Vós —, pudesse todavia existir, uma vez que podia ser feito por Vós. Pois que mereceram de Vós o céu e a terra, que fizestes no Princípio? Digam aquelas naturezas espirituais e corpóreas que fizestes na Vossa Sabedoria em que Vos mereceram que delas dependesse — mesmo naquele seu estado incoado e informe, quer espiritual, quer corpóreo, pronto a cair numa liberdade desmedida e numa dessemelhança muito distante de Vós (a espiritual, ainda que sem forma, superior à corpórea ainda que formada; e a corpórea, ainda que sem forma, melhor do que se fosse absolutamente nada) — e assim depender do Vosso Verbo, como informes, se pelo mesmo Verbo não fossem reconduzidas à Vossa Unidade, dotadas de forma, e de Vós, único Bem soberano, feitas todas muito boas. Como mereceram de Vós ser sequer sem forma, uma vez que nem isto seriam, senão de Vós?

Como mereceu de Vós a matéria corpórea ser sequer invisível e sem forma, visto que nem isto seria, senão porque Vós a fizestes, e por isso mesmo, porque não era, não podia merecer de Vós ser feita? Ou como poderia a criatura espiritual incoada merecer de Vós até refluir e fluir tenebrosamente como o abismo, dessemelhante de Vós, se pelo mesmo Verbo não fosse convertida Àquele por quem foi criada, e por Ele assim iluminada não se tornasse luz — ainda que não igualmente, mas conformemente àquela Forma que Vos é igual? Pois, assim como num corpo o ser não é o mesmo que o ser belo — de outro modo não poderia ser disforme —, assim também, para um espírito criado, o viver não é

o mesmo que o viver sabiamente; de outro modo, seria sábio imutavelmente. Mas é bom para ele aderir sempre a Vós, para que não perca, afastando-se de Vós, a luz que alcançou voltando-se para Vós, e recaia numa vida semelhante ao abismo tenebroso. Pois também nós mesmos, que quanto à alma somos criatura espiritual, afastados de Vós, nossa luz, *fomos naquela vida outrora trevas*; e ainda labutamos entre os restos das nossas trevas, até que no Vosso Filho único nos tornemos *justiça de Deus*, como *os montes de Deus*. Pois fomos *os Vossos juízos, que são como o grande abismo*.

CAPÍTULO III

Aquilo que dissestes no princípio da criação — *faça-se a luz, e a luz foi feita* — entendo-o, não sem propriedade, da criatura espiritual, porque já havia certa vida que Vós podíeis iluminar. Mas, assim como ela não tinha direito algum sobre Vós para ter uma vida que pudesse ser iluminada, assim tampouco tinha agora, já existindo, direito algum a ser iluminada. Pois nem o seu estado informe Vos poderia agradar, se não se tornasse luz — e isso não pelo simples existir, mas por contemplar a luz que ilumina e por a ela aderir; de sorte que o viver, e o viver felizmente, a nada deve senão à Vossa graça, tendo sido convertida, por uma mudança para melhor, Àquilo que não pode ser mudado nem para pior nem para melhor: o que só Vós sois, porque só Vós simplesmente sois; e para Vós não é uma coisa o viver e outra o viver bem-aventuradamente, uma vez que Vós mesmo sois a Vossa própria bem-aventurança.

CAPÍTULO IV

Que faltaria, então, ao Vosso bem, que sois Vós mesmo, ainda que estas coisas ou nunca tivessem existido ou permanecessem sem forma? Vós as fizestes não por indigência alguma, mas pela plenitude da Vossa bondade, contendo-as e convertendo-as à forma — não como se a Vossa alegria por elas fosse completada. Pois a Vós, que sois perfeito, desagrada a imperfeição delas; e por isso foram por Vós aperfeiçoadas e Vos agradam — não como se Vós fôsseis imperfeito e pelo aperfeiçoamento delas houvésseis também de ser aperfeiçoado. Pois o Vosso bom Espírito *era levado sobre as águas*, não levado por elas, como se sobre elas repousasse. Porque aqueles sobre quem se diz que o Vosso bom Espírito repousa, é a Si mesmo que os faz repousar. Mas a Vossa vontade incorruptível e imutável, em si mesma bastante a si mesma, era levada sobre aquela vida que havíeis criado — vida para a qual o viver não é o mesmo que o viver felizmente, uma vez que ela vive também refluindo e fluindo nas suas próprias trevas; e para a qual resta ser convertida Àquele por quem foi feita, e viver cada vez mais na fonte da vida, e *na Sua luz ver a luz*, e ser aperfeiçoada, e iluminada, e embelezada.

CAPÍTULO V

Eis que agora a Trindade me aparece *como por um espelho, em enigma* — a Trindade que sois Vós, meu Deus; porque Vós, ó Pai, n'Aquele que é o Princípio da nossa sabedoria, que é a Vossa Sabedoria, nascida de Vós mesmo, igual a Vós e coeterna, isto é, no Vosso Filho, criastes o céu e a terra. Muito já dissemos do céu do céu, e da terra invisível e sem forma, e do abismo tenebroso, no que respeita à instabilidade errante da sua deformidade espiritual,

se não tivesse sido convertida Àquele de quem recebera aquele seu grau de vida, e, pela iluminação d'Ele, se tornasse vida formosa e céu daquele céu que depois foi colocado entre água e água. E, sob o nome de Deus, entendia eu já o Pai, que fez estas coisas; e, sob o nome de Princípio, o Filho, no qual as fez. E, crendo, como cria, no meu Deus como Trindade, busquei mais adiante nas Suas santas palavras — e eis que *o Vosso Espírito era levado sobre as águas*. Eis a Trindade, meu Deus: Pai, e Filho, e Espírito Santo, criador de toda a criação.

CAPÍTULO VI

Mas qual foi a causa, ó Luz que dizeis a verdade? A Vós ergo o meu coração: que ele me não ensine vaidades; dissipai-lhe as trevas, e dizei-me, eu Vo-lo suplico, pela nossa mãe, a caridade, dizei-me a razão, eu Vo-lo suplico: por que só depois da menção do céu, e da terra invisível e sem forma, e das trevas sobre o abismo, é que a Vossa Escritura menciona enfim o Vosso Espírito? Foi acaso porque convinha que o conhecimento d'Ele fosse transmitido como de quem é "levado por cima" — e isto não se poderia dizer sem que antes se mencionasse aquilo sobre o qual se pudesse entender que o Vosso Espírito era levado? Pois nem era levado sobre o Pai, nem sobre o Filho; nem se poderia dizer com propriedade que era levado por cima, se fosse levado sobre coisa nenhuma. Primeiro, pois, havia de mencionar-se aquilo sobre o que Ele podia ser levado; e depois Ele, de quem não convinha falar senão como de quem é levado por cima. Mas por que não convinha que o conhecimento d'Ele fosse transmitido de outro modo senão como de quem é levado por cima?

CAPÍTULO VII

Daqui siga com o entendimento, quem for capaz, o Vosso Apóstolo, quando assim fala: *Porque a Vossa caridade foi derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado*; e quando, acerca dos dons espirituais, nos ensina e mostra *um caminho ainda mais excelente*, que é o da caridade; e quando *dobra os joelhos* diante de Vós por nós, para que conheçamos *a supereminente ciência da caridade de Cristo*. E por isso, desde o princípio, era Ele levado, supereminente, sobre as águas. A quem hei de dizer isto? Como falar do peso das más concupiscências, que arrastam para baixo, para o abismo escarpado; e de como a caridade nos ergue de novo pelo Vosso Espírito, que era levado sobre as águas? A quem hei de dizê-lo? Como dizê-lo? Pois não é no espaço que somos submersos e emergimos. Que há de mais parecido, e todavia de menos parecido? São afetos, são amores: a imundície do nosso espírito, escoando-se para baixo com o amor dos cuidados; e a santidade do Vosso, erguendo-nos para cima com o amor de um repouso sem inquietação — para que ergamos os nossos corações para Vós, onde o Vosso Espírito é levado sobre as águas, e cheguemos àquele repouso supereminente, quando a nossa alma houver atravessado *as águas que não dão apoio*.

CAPÍTULO VIII

Caíram os anjos, caiu a alma do homem, e assim assinalaram o abismo naquela profundidade escura, pronta para toda a criação espiritual, se Vós não tivésseis dito desde o princípio: *Faça-se a luz*; e a luz foi feita, e toda inteligência obediente da Vossa cidade celeste aderiu a Vós e repousou no Vosso Espírito, que imutavelmente é levado sobre tudo o que é mutável. De outro

modo, até o céu do céu teria sido em si mesmo um abismo tenebroso; mas agora é *luz no Senhor*. Pois até naquela miserável inquietação dos espíritos que se afastaram e descobriram as suas próprias trevas, despojados da veste da Vossa luz, Vós revelais suficientemente quão nobre fizestes a criatura racional — à qual nada bastará para lhe dar repouso feliz, senão Vós; e por isso nem sequer ela mesma se basta. Pois *Vós, ó nosso Deus, iluminareis as nossas trevas*: de Vós nasce a nossa veste de luz, *e então as nossas trevas serão como o meio-dia*. Dai-Vos a mim, ó meu Deus; restituí-Vos a mim: eis que amo; e, se é pouco, quero amar com mais força. Não posso medir de modo a saber quanto amor ainda me falta para que a minha vida corra para os Vossos abraços e daí se não desvie, até que esteja escondida *no esconderijo da Vossa presença*. Só isto sei: que mal me vai fora de Vós — não só fora de mim, mas também dentro de mim; e toda a abundância que não é o meu Deus é para mim vacuidade.

CAPÍTULO IX

Mas acaso não era também o Pai, ou o Filho, levado sobre as águas? Se isto significa "no espaço", como um corpo, então tampouco o era o Espírito Santo; mas, se significa a imutável supereminência da divindade sobre todas as coisas mutáveis, então eram levados sobre as águas tanto o Pai quanto o Filho e o Espírito Santo. Por que, então, se diz isto só do Vosso Espírito? Por que se diz só d'Ele — como se Ele estivesse num lugar, Ele que não está em lugar algum, e de quem somente está escrito que é *o Vosso dom*? No Vosso Dom repousamos; ali Vos gozamos. O nosso repouso é o nosso lugar. O amor eleva-nos para lá, e *o Vosso bom Espírito ergue a nossa humildade das portas da morte*. Na Vossa boa

vontade está a nossa paz. O corpo, pelo seu próprio peso, tende para o seu lugar. O peso não impele só para baixo, mas para o seu próprio lugar. O fogo tende para cima, a pedra para baixo; são impelidos pelo seu peso, buscam os seus lugares. O azeite derramado debaixo da água ergue-se acima da água; a água derramada sobre o azeite desce abaixo do azeite: são impelidos pelos seus pesos a buscar os seus lugares. Quando estão fora da sua ordem, estão inquietos; restituídos à ordem, ficam em repouso. O meu peso é o meu amor; por ele sou levado, para onde quer que seja levado. Somos inflamados pelo Vosso Dom, e nos acendemos, e somos levados para cima; ardemos por dentro e caminhamos. *Subimos as subidas que estão no nosso coração e cantamos o cântico dos degraus*; ardemos por dentro com o Vosso fogo, com o Vosso bom fogo, e caminhamos, porque caminhamos para o alto, para a paz de Jerusalém — pois *alegrei-me com os que me disseram: iremos à casa do Senhor*. Ali nos colocou a Vossa boa vontade, para que nada mais desejemos senão permanecer ali para sempre.

CAPÍTULO X

Bem-aventurada criatura, que, sendo ela mesma outra coisa que não Vós, não conheceu outra condição senão esta: que, logo que foi feita, foi, sem intervalo algum, pelo Vosso Dom, que é levado sobre tudo o que é mutável, erguida ao alto por aquele chamado com que dissestes: *Faça-se a luz*; e a luz foi feita. Ao passo que em nós isto se deu em tempos diversos, porque *fomos trevas e fomos feitos luz*; mas daquela só se diz o que teria sido se não tivesse sido iluminada. E fala-se assim como se ela tivesse sido instável e tenebrosa antes, para que assim aparecesse a causa por que se

tornou outra coisa: a saber, que, voltando-se para a Luz que não falha, se tornou luz. Quem for capaz, entenda isto; e peça-o a Vós. Por que há de importunar-me a mim, como se eu pudesse *iluminar todo homem que vem a este mundo*?

CAPÍTULO XI

Qual de nós compreende a Trindade onipotente? E, contudo, quem não fala d'Ela — se é que é d'Ela que fala? Rara é a alma que, ao falar d'Ela, sabe do que fala. E contendem e disputam; e, sem paz, ninguém vê aquela visão. Quisera eu que os homens considerassem estas três coisas que estão neles mesmos. Estas três são, na verdade, coisa bem diversa da Trindade: apenas indico onde se podem exercitar, e ali provar e sentir quão distantes estão. Ora, as três de que falo são: ser, conhecer e querer. Pois eu sou, e conheço, e quero: sou conhecendo e querendo; e conheço que sou e que quero; e quero ser e conhecer. Nestas três, pois, discirna quem puder quão inseparável é a vida — sim, uma só vida, uma só mente e uma só essência —; e enfim quão inseparável é a distinção, e todavia é distinção. Certamente cada homem a tem diante de si: olhe para dentro de si, e veja, e diga-mo. Mas, quando descobrir e puder dizer algo destas coisas, não pense por isso ter encontrado Aquele que está acima delas, o Imutável, que imutavelmente é, e imutavelmente conhece, e imutavelmente quer. E se, por causa destas três, há também em Deus uma Trindade; ou se todas as três estão em cada uma, de modo que as três pertençam a cada uma; ou se ambas as coisas ao mesmo tempo, de modo admirável, simples e todavia múltiplo, sendo Ele mesmo o seu próprio limite dentro de Si mesmo, e todavia ilimitado, pelo qual é, e é conhecido de Si mesmo, e a Si mesmo se basta, imutavelmente o Mesmo, pela

abundante grandeza da sua Unidade — quem poderá conceber isto prontamente? Quem o poderia de algum modo exprimir? Quem ousaria pronunciar-se sobre isso temerariamente?

CAPÍTULO XII

Prossegue na tua confissão, ó minha fé; dize ao Senhor teu Deus: *Santo, Santo, Santo, Senhor meu Deus.* Em Vosso nome fomos batizados, ó Pai, e Filho, e Espírito Santo; em Vosso nome batizamos, ó Pai, e Filho, e Espírito Santo — porque também entre nós, no Seu Cristo, fez Deus o céu e a terra, a saber, o povo espiritual e o carnal da Sua Igreja. Sim, e a nossa terra, antes de receber a forma da doutrina, era invisível e sem forma; e estávamos cobertos pelas trevas da ignorância. Pois *castigastes o homem por causa da iniquidade, e os Vossos juízos foram para ele como o grande abismo*. Mas, porque o Vosso Espírito era levado sobre as águas, a Vossa misericórdia não abandonou a nossa miséria, e dissestes: *Faça-se a luz. Fazei penitência, porque está próximo o reino dos céus.* Fazei penitência: faça-se a luz. E, porque *a nossa alma estava perturbada dentro de nós, lembramo-nos de Vós, Senhor, desde a terra do Jordão*, e daquele monte igual a Vós, mas pequeno por amor de nós; e desagradaram-nos as nossas trevas, e voltamo-nos para Vós, e a luz foi feita. E eis que *outrora éramos trevas, mas agora somos luz no Senhor*.

CAPÍTULO XIII

Mas ainda pela fé, e não pela visão; *pois pela esperança fomos salvos; mas a esperança que se vê não é esperança*. Ainda *o abismo chama o abismo*, mas já *na voz das Vossas cataratas*. Ainda aquele que diz *não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais*,

ainda ele *não julga ter alcançado*, e *esquece as coisas que ficam para trás e estende-se para as que estão diante*, e *geme sob o peso*, e *a sua alma tem sede do Deus vivo, como o cervo das fontes das águas*, e diz: *quando virei?*, desejando *ser revestido da sua habitação que vem do céu*; e clama a este abismo inferior, dizendo: *Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito.* E: *Não sejais crianças no entendimento; mas na malícia sede crianças, para que no entendimento sejais perfeitos.* E: *Ó insensatos gálatas, quem vos fascinou?* Mas já não com a sua própria voz, e sim com a Vossa, Vós que enviastes o Vosso Espírito do alto, por meio d'Aquele que *subiu às alturas* e abriu as comportas dos Seus dons, *para que a força das suas correntes alegrasse a cidade de Deus*. Por Ele suspira este *amigo do Esposo*, tendo já consigo *as primícias do Espírito*, e todavia ainda *gemendo dentro de si, à espera da adoção, isto é, da redenção do seu corpo*. Por Ele suspira, membro que é da Esposa; por Ele tem zelo, como amigo do Esposo; por Ele tem zelo, e não por si mesmo, porque é na voz das Vossas cataratas, e não na sua própria voz, que chama àquele outro abismo, sobre o qual, tendo zelo, teme *que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, também os seus espíritos se corrompam da pureza que há no nosso Esposo, Vosso Filho único*. Oh, que luz de beleza será aquela, quando *O virmos tal como Ele é*, e passarem aquelas lágrimas *que foram o meu pão de dia e de noite, enquanto me dizem cada dia: onde está o teu Deus?*

CAPÍTULO XIV

Eis que também eu digo, ó meu Deus: Onde estais? Vede onde estais! Em Vós respiro um pouco, quando *derramo sobre mim a*

minha alma, na voz de alegria e de louvor, no cântico de quem celebra a festa. E, todavia, ela de novo se entristece, porque recai e se torna abismo — ou antes, percebe que ainda é abismo. A ela diz a minha fé, que Vós acendestes *para iluminar os meus passos na noite*: *Por que estás triste, ó minha alma, e por que me perturbas? Espera no Senhor; a Sua palavra é lâmpada para os teus pés.* Espera e sofre, até que passe a noite, mãe dos ímpios; até que passe a ira do Senhor, de que também nós fomos outrora filhos, nós que *outrora éramos trevas*, cujos restos ainda trazemos no nosso corpo, *morto por causa do pecado*, *até que amanheça o dia e as sombras se dissipem*. *Espera no Senhor: de manhã estarei diante de Vós e Vos contemplarei; para sempre Vos confessarei.* De manhã estarei diante de Vós e verei *a salvação do meu rosto*, ó meu Deus, *que também vivificareis os nossos corpos mortais pelo Espírito que habita em nós*, porque, na Sua misericórdia, foi levado sobre o nosso abismo interior, tenebroso e flutuante; donde recebemos, nesta peregrinação, um penhor para que já sejamos luz, enquanto *somos salvos pela esperança* e somos *filhos da luz e filhos do dia*, e não *filhos da noite nem das trevas*, que todavia outrora fomos. Entre eles e nós, nesta incerteza do conhecimento humano, só Vós dividis, Vós, *que sondais os nossos corações* e chamais dia à luz e noite às trevas. Pois quem nos discerne senão Vós? E *que temos nós que de Vós não tenhamos recebido*? — *da mesma massa se fazem vasos para honra, dos quais também outros se fazem para desonra*.

CAPÍTULO XV

Ou quem, senão Vós, ó nosso Deus, fez para nós aquele firmamento de autoridade sobre nós, que é a Vossa Escritura

divina? Pois está dito: *O céu se enrolará como um livro*; e agora está estendido sobre nós como uma pele. Pois a Vossa Escritura divina é de autoridade mais eminente, uma vez que aqueles mortais por quem no-la dispensastes sofreram a morte. E Vós sabeis, Senhor, Vós sabeis como *vestistes os homens de peles*, quando pelo pecado se tornaram mortais. Donde estendestes como uma pele o firmamento do Vosso livro, isto é, as Vossas palavras concordes, que pelo ministério de homens mortais estendestes sobre nós. Pois foi pela sua própria morte que aquele sólido firmamento de autoridade, nos Vossos discursos por eles expostos, se estendeu de modo mais eminente sobre tudo o que está debaixo dele — o qual, enquanto viviam aqui, não estava tão eminentemente estendido. Ainda não havíeis estendido o céu como uma pele; ainda não havíeis dilatado por toda parte a glória das suas mortes.

Olhemos, Senhor, *para os céus, obra dos Vossos dedos*; limpai dos nossos olhos aquela nuvem que estendestes debaixo deles. Ali está *o Vosso testemunho, que dá sabedoria aos pequeninos*: aperfeiçoai, ó meu Deus, *o Vosso louvor pela boca das crianças de peito*. Pois não conhecemos outros livros que assim destruam a soberba, que assim destruam *o inimigo e o vingador*, que resiste à Vossa reconciliação defendendo os próprios pecados. Não conheço, Senhor, não conheço outras palavras tão puras, que assim me persuadam a confessar-Vos, e tornem dócil o meu pescoço ao Vosso jugo, e me convidem a servir-Vos gratuitamente. Que eu as entenda, bom Pai: concedei-o a mim, que estou colocado debaixo delas, porque foi para os que estão debaixo delas que Vós as estabelecestes.

Há outras águas acima deste firmamento, creio que imortais e separadas da corrupção terrena. Louvem elas o Vosso nome, louvem-Vos os povos supracelestes, os Vossos anjos, que não têm necessidade de erguer os olhos para este firmamento nem de conhecer pela leitura a Vossa palavra. Pois *contemplam sempre a Vossa face* e ali leem, sem sílabas no tempo, o que quer a Vossa vontade eterna: leem, escolhem e amam. Leem sempre, e nunca passa aquilo que leem; pois, escolhendo e amando, leem a própria imutabilidade do Vosso desígnio. O seu livro nunca se fecha, nem se enrola o seu rolo, visto que Vós mesmo sois isto para eles, e o sois eternamente; porque os ordenastes acima deste firmamento, que firmemente estabelecestes sobre a fraqueza do povo inferior, onde este pudesse erguer os olhos e conhecer a Vossa misericórdia, anunciando no tempo a Vós, que fizestes os tempos. Pois *a Vossa misericórdia, Senhor, está nos céus, e a Vossa verdade chega até às nuvens*. As nuvens passam, mas o céu permanece. Os pregadores da Vossa palavra passam desta vida para outra; mas a Vossa Escritura estende-se sobre os povos até ao fim do mundo. E, todavia, *o céu e a terra também hão de passar, mas as Vossas palavras não passarão* — porque o rolo se enrolará, e a erva sobre a qual estava estendido passará com a sua formosura; mas a Vossa palavra permanece para sempre, a qual agora nos aparece sob a imagem obscura das nuvens e através do espelho dos céus, e não tal como é; porque também nós, ainda que amados do Vosso Filho, *ainda não apareceu o que havemos de ser. Ele olha através das grades* da nossa carne, e falou-nos com ternura, e nos acendeu, e corremos atrás dos Seus perfumes. Mas, *quando Ele aparecer, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como é*. Tal como Ele é, Senhor, será a nossa visão.

CAPÍTULO XVI

Pois, tal como sois inteiramente, só Vós Vos conheceis, Vós que imutavelmente sois, e imutavelmente conheceis, e imutavelmente quereis. E a Vossa Essência imutavelmente conhece e quer; e o Vosso Conhecimento imutavelmente é e quer; e a Vossa Vontade imutavelmente é e conhece. Nem parece justo aos Vossos olhos que, assim como a Luz imutável se conhece a Si mesma, assim seja conhecida por aquilo que é iluminado e mutável. Por isso *a minha alma é como uma terra sem água* diante de Vós: porque, assim como não pode iluminar-se a si mesma, tampouco pode saciar-se a si mesma. Pois *convosco está a fonte da vida, e é na Vossa luz que veremos a luz*.

CAPÍTULO XVII

Quem reuniu numa só sociedade os amargos? Pois todos têm um mesmo fim: uma felicidade temporal e terrena, para cuja obtenção fazem todas as coisas, ainda que oscilem para cá e para lá com inumerável variedade de cuidados. Quem, Senhor, senão Vós dissestes: *Reúnam-se as águas num só lugar, e apareça a terra seca*, que tem sede de Vós? Pois *Vosso é também o mar, e Vós o fizestes, e as Vossas mãos formaram a terra seca*. Nem é a amargura das vontades dos homens, mas a reunião das águas, que se chama mar; pois Vós refreais os desejos perversos das almas dos homens e lhes fixais limites até onde lhes seja permitido chegar, para que as suas ondas se quebrem umas contra as outras — e assim fazeis dele um mar, pela ordem do Vosso domínio sobre todas as coisas.

Mas as almas que têm sede de Vós e que aparecem diante de Vós, separadas por outros limites da sociedade do mar, Vós as regais com uma fonte doce, para que *a terra produza o seu fruto*;

e, ordenando-o Vós, Senhor Deus, a nossa alma produza obras de misericórdia *segundo a sua espécie*, amando o próximo no alívio das suas necessidades corporais, *tendo em si a semente segundo a sua semelhança*, quando, do sentimento da nossa fraqueza, nos compadecemos a ponto de socorrer os necessitados, ajudando-os como quereríamos ser ajudados se estivéssemos em igual necessidade; e não só nas coisas fáceis, como *a erva que dá semente*, mas também na proteção do nosso auxílio, com toda a nossa força, como *a árvore que dá fruto* — isto é, fazendo o bem ao arrancar da mão do poderoso aquele que sofre injustiça, e dando-lhe o abrigo da proteção pela poderosa força de um juízo justo.

CAPÍTULO XVIII

Assim, Senhor, assim, eu Vo-lo suplico: como fazeis, como concedeis alegria e força, assim brote *a verdade da terra, e a justiça olhe do céu, e faça-se luzeiros no firmamento. Repartamos o nosso pão com o faminto, e recolhamos em nossa casa o pobre sem abrigo. Vistamos o nu, e não desprezemos aqueles que são da nossa carne.* Brotados estes frutos da terra, vede que é bom; e irrompa a nossa luz temporal, e nós mesmos, desta fecundidade inferior da ação, chegando ao deleite da contemplação, alcançando lá em cima *a palavra da vida*, apareçamos *como luzeiros no mundo*, aderindo ao firmamento da Vossa Escritura. Pois ali nos instruís a dividir entre as coisas inteligíveis e as sensíveis, como entre o dia e a noite; ou entre as almas entregues às coisas inteligíveis e as entregues às coisas sensíveis; de sorte que já não sois só Vós, no segredo do Vosso juízo, como antes de ser feito o firmamento, que dividis entre a luz e as trevas, mas também os Vossos filhos espirituais, colocados e ordenados no mesmo firmamento —

agora que a Vossa graça está manifesta por todo o mundo —, *deem luz sobre a terra, e dividam entre o dia e a noite, e sirvam de sinais para os tempos*: que *as coisas velhas passaram, e eis que tudo se fez novo*; e que *a nossa salvação está mais perto do que quando começamos a crer*; e que *a noite vai adiantada, e o dia está próximo*; e que *coroareis o ano com a Vossa bênção*, enviando os operários da Vossa bondade *à Vossa messe*, na sementeira da qual outros trabalharam; e enviando-os também a outro campo, cuja colheita será no fim. Assim atendeis às preces de quem pede e *abençoais os anos do justo*; mas *Vós sois o mesmo*, e nos Vossos anos, *que não têm fim*, preparais um celeiro para os nossos anos que passam. Pois Vós, por um desígnio eterno, dispensais nas estações próprias as bênçãos celestes sobre a terra. Pois *a um é dada pelo Espírito a palavra da sabedoria*, como que o luzeiro maior, para os que se deleitam na luz da verdade manifesta, como que para governar o dia; *a outro, a palavra da ciência pelo mesmo Espírito*, como que o luzeiro menor; *a outro, a fé; a outro, o dom das curas; a outro, o poder de operar milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade das línguas*. E todos estes, como que estrelas. Pois *tudo isto opera um só e mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer*, e fazendo aparecer manifestamente as estrelas, para proveito comum. Mas a palavra da ciência, na qual se contêm todos os sacramentos, que variam nas suas estações como a lua, e aqueles outros dons enumerados por ordem, como estrelas, enquanto ficam aquém daquele esplendor da sabedoria que alegra o dia acima mencionado, só servem para governar a noite. Pois são necessários àqueles a quem aquele prudentíssimo servo Vosso *não pôde falar como a espirituais, mas como a carnais* — ele que *fala a sabedoria entre os*

perfeitos. Mas o homem animal, como que criança em Cristo e alimentada com leite, até que se fortaleça para o alimento sólido e o seu olho seja capaz de contemplar o Sol, não habite numa noite privada de toda luz, mas contente-se com a luz da lua e das estrelas. Assim nos falais, ó Deus sapientíssimo, no Vosso livro, que é o Vosso firmamento, para que discirnamos todas as coisas numa admirável contemplação — ainda que por enquanto *em sinais, e em tempos, e em dias, e em anos*.

CAPÍTULO XIX

Mas primeiro: *Lavai-vos, purificai-vos, tirai o mal das vossas almas e de diante dos meus olhos*, para que apareça a terra seca. *Aprendei a fazer o bem, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva*, para que a terra produza *a erva verde para alimento e a árvore que dá fruto*; e *vinde, e discutamos*, diz o Senhor, para que haja luzeiros no firmamento do céu e brilhem sobre a terra. Aquele homem rico perguntou ao bom Mestre que devia fazer para alcançar a vida eterna. Diga-lhe o bom Mestre — a quem ele julgava não ser mais do que homem, mas que é bom porque é Deus —, diga-lhe que, se quer entrar na vida, *guarde os mandamentos*; afaste de si a amargura da malícia e da perversidade; *não mate, não cometa adultério, não furte, não dê falso testemunho*, para que apareça a terra seca e produza a honra ao pai e à mãe e o amor ao próximo. *Tudo isto*, diz ele, *guardei.* Donde vêm, então, tantos espinhos, se a terra é fértil? *Vai, arranca* os matagais espalhados da avareza; *vende o que tens* e enche-te de fruto, *dando aos pobres*, e *terás um tesouro no céu*; e *segue o Senhor*, se *queres ser perfeito*, associado àqueles entre os quais Ele *fala a sabedoria*, Ele que sabe o que distribuir ao dia e à noite, para que também tu o saibas, e para ti

haja luzeiros no firmamento do céu — o que não sucederá, se o teu coração não estiver ali; nem estará ali, se ali não estiver o teu tesouro, como ouviste do bom Mestre. Mas aquela terra estéril entristeceu-se, e os espinhos sufocaram a palavra.

Mas vós, *geração eleita*, *fracos do mundo*, que abandonastes tudo para seguir o Senhor: ide após Ele e *confundi os fortes*; ide após Ele, ó *pés formosos*, e brilhai no firmamento, para que *os céus narrem a Sua glória*, dividindo entre a luz dos perfeitos, ainda que não como os anjos, e as trevas dos pequeninos, ainda que não desprezados. Brilhai sobre a terra; e *o dia*, iluminado pelo sol, *transmita ao dia* a palavra da sabedoria; e a noite, resplandecendo com a lua, *mostre à noite* a palavra da ciência. A lua e as estrelas brilham para a noite; e todavia a noite não as obscurece, uma vez que lhe dão luz na sua medida. Pois eis que, dizendo Deus como que *faça-se luzeiros no firmamento do céu*, *veio de repente do céu um som, como de um vento impetuoso, e apareceram línguas repartidas como de fogo, e pousaram sobre cada um deles*. E fizeram-se luzeiros no firmamento do céu, *tendo a palavra da vida*. Correi por toda parte, ó fogos santos, ó fogos formosos; pois sois *a luz do mundo*, e não estais *debaixo do alqueire*. Aquele a quem aderis foi exaltado e vos exaltou. Correi por toda parte e fazei-vos conhecer de todas as nações.

CAPÍTULO XX

Que o mar também conceba e dê à luz as vossas obras, e *que as águas produzam os répteis de alma viva*. Pois vós, *separando o precioso do vil*, tornastes-vos a boca de Deus, pela qual Ele diz: *Produzam as águas* — não a alma vivente que a terra produz, mas *os répteis de alma viva e as aves que voam sobre a terra*. Pois os

Vossos sacramentos, ó Deus, pelo ministério dos Vossos santos, moveram-se entre as ondas das tentações do mundo, para santificar os gentios no Vosso nome, no Vosso batismo. E, entre estas coisas, operaram-se muitas grandes maravilhas, como que grandes cetáceos; e as vozes dos Vossos mensageiros, voando sobre a terra, no firmamento aberto do Vosso livro, que sobre eles estava posto como a autoridade sob a qual haviam de voar para onde quer que fossem. Pois *não há linguagem nem discurso em que não se ouça a sua voz*, uma vez que *o seu som se espalhou por toda a terra, e as suas palavras até aos confins do mundo* — porque Vós, Senhor, os multiplicastes pela bênção.

Falo eu com falsidade, ou misturo e confundo, e não distingo entre o conhecimento luminoso destas coisas no firmamento do céu e as obras materiais no mar agitado e debaixo do firmamento do céu? Pois daquelas coisas cujo conhecimento é substancial e definido, sem acréscimo algum por geração, como que luzeiros da sabedoria e da ciência, também delas as operações materiais são muitas e diversas; e, nascendo umas de outras, multiplicam-se pela Vossa bênção, ó Deus, que restaurastes o enfado dos sentidos mortais — para que assim uma só coisa, no entendimento da nossa mente, possa, pelos movimentos do corpo, ser exposta e exprimida de muitos modos. Estes sacramentos produziram-nos as águas, mas na Vossa palavra. Produziram-nos as necessidades dos povos alheios à eternidade da Vossa verdade, mas no Vosso Evangelho; porque foram as próprias águas que os lançaram fora, sendo a sua doentia amargura a causa por que foram enviados na Vossa palavra.

Agora todas as coisas que fizestes são belas; mas eis que Vós mesmo sois inefavelmente mais belo, Vós que tudo fizestes; e, se

Adão não houvesse caído, não teria manado dele a salsugem do mar, isto é, o gênero humano, tão profundamente curioso, tão tempestuosamente inchado e tão inquietamente agitado de um lado para outro. E então não haveria necessidade de que os Vossos dispensadores operassem em muitas águas, de modo corpóreo e sensível, ações e palavras misteriosas. Pois assim me parecem agora significar aqueles seres que se movem e que voam, pelos quais os povos, iniciados e consagrados por sacramentos corpóreos, não progrediriam mais, se a sua alma não tivesse uma vida espiritual e se, depois da palavra da admissão, não olhasse para diante, para a perfeição.

CAPÍTULO XXI

E por isso, na Vossa palavra, não é a profundidade do mar, mas a terra separada da amargura das águas, que produz não *o réptil de alma viva*, mas *a alma vivente*. Pois já não tem ela necessidade do batismo, como os gentios, e como ela mesma quando estava coberta pelas águas — pois não há outra entrada no reino dos céus, desde que estabelecestes que esta fosse a entrada —; nem busca prodígios de milagres para gerar a fé, pois não é tal que, *se não vir sinais e prodígios, não creia*, agora que a terra fiel está separada das águas amargas de infidelidade; e *as línguas são um sinal, não para os que creem, mas para os que não creem*. Nem, portanto, aquela terra que fundastes sobre as águas tem necessidade daquela espécie voadora que, à Vossa palavra, as águas produziram. Enviai-lhe a Vossa palavra pelos Vossos mensageiros; pois falamos da obra deles, mas sois Vós que operais neles, para que eles produzam nela uma alma vivente. A terra a produz, porque a terra é a causa de que eles operem isto na alma, assim como o mar foi a causa de que

operassem sobre os répteis de alma viva e as aves que voam debaixo do firmamento do céu, de que a terra não tem necessidade — ainda que se alimente daquele Peixe que foi tirado do abismo, sobre aquela mesa que preparastes na presença dos que creem. Pois foi por isso que Ele foi tirado do abismo: para alimentar a terra seca. E a ave, ainda que criada no mar, multiplica-se todavia sobre a terra. Pois das primeiras pregações dos evangelistas foi causa a infidelidade dos homens; e todavia também os fiéis são por elas exortados e abençoados de muitos modos, dia após dia. Mas a alma vivente toma o seu princípio da terra: pois só aos que já estão entre os fiéis aproveita conter-se do amor deste mundo, para que a sua alma viva para Vós — ela que estava morta enquanto vivia nos prazeres; nos prazeres que trazem a morte, Senhor, pois Vós, Senhor, sois o deleite vivificador do coração puro.

Agora, pois, operem os Vossos ministros sobre a terra — não como sobre as águas da infidelidade, pregando e falando por milagres, sacramentos e palavras místicas, nos quais a ignorância, mãe da admiração, se pudesse deter, por reverência para com aqueles sinais secretos. Pois tal é a entrada na fé para os filhos de Adão que se esquecem de Vós, enquanto se escondem da Vossa face e se tornam abismo tenebroso. Mas operem agora os Vossos ministros como sobre a terra seca, separada dos redemoinhos do grande abismo; e sejam modelo para os fiéis, vivendo diante deles e incitando-os à imitação. Pois assim os homens ouvem, não só para ouvir, mas também para fazer. *Buscai o Senhor, e a vossa alma viverá*, para que a terra produza a alma vivente. *Não vos conformeis com o mundo*; contende-vos dele: a alma vive evitando aquilo pelo qual morre ao amá-lo. Contende-vos da selvagem desordem da soberba, da voluptuosidade indolente do

luxo e do falso nome da ciência; para que assim as feras se amansem, os animais se domem ao jugo e as serpentes se tornem inofensivas. Pois estes são, em alegoria, os movimentos da nossa alma: isto é, a altivez da soberba, o deleite da luxúria e o veneno da curiosidade são os movimentos de uma alma morta; pois a alma não morre de modo a perder todo movimento, porque morre abandonando a fonte da vida, e assim é arrebatada por este mundo transitório e a ele se conforma.

Mas a Vossa palavra, ó Deus, é *fonte de vida eterna* e não passa; e por isso este afastamento da alma é refreado pela Vossa palavra, quando se nos diz: *Não vos conformeis com este mundo*; para que assim a terra, na fonte da vida, produza uma alma vivente, isto é, uma alma feita continente na Vossa palavra, pelos Vossos evangelistas, seguindo os seguidores do Vosso Cristo. Pois isto é *segundo a sua espécie*, porque o homem costuma imitar o amigo. *Sede como eu sou*, diz ele, *porque também eu sou como vós*. Assim, nesta alma vivente haverá bons animais, na mansidão da ação — pois ordenastes: *Faze as tuas coisas com mansidão, e serás amado por todos os homens* —; e bons rebanhos, que *nem, se comerem, terão demais, nem, se não comerem, terão falta*; e boas serpentes, não perigosas para fazer mal, mas *prudentes* para se acautelarem, e investigando esta natureza temporal apenas quanto baste para que *a eternidade se veja com clareza, entendida pelas coisas que foram feitas*. Pois estas criaturas obedecem à razão quando, refreadas de nos dominarem mortalmente, vivem e são boas.

CAPÍTULO XXII

Pois eis, ó Senhor nosso Deus, nosso Criador, que, quando os nossos afetos foram refreados do amor do mundo, pelo qual morríamos vivendo mal, e começamos a ser uma alma vivente, vivendo bem; e quando se cumpriu em nós aquela Vossa palavra, que dissestes pelo Vosso apóstolo — *Não vos conformeis com este mundo* —, segue-se também aquilo que logo acrescentastes, dizendo: *Mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito*; e já não *segundo a vossa espécie*, como quem segue o próximo que o precedeu, nem vivendo segundo o exemplo de algum homem melhor. Pois não dissestes: "Faça-se o homem segundo a sua espécie", mas: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* — para que *experimentemos qual é a Vossa vontade*. Pois foi para isto que aquele Vosso dispensador, que *gerou filhos pelo Evangelho*, para não os ter para sempre como criancinhas que houvesse de alimentar com leite e acarinhar como uma ama, disse: *Transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que experimenteis qual seja a vontade de Deus, boa, agradável e perfeita.* Por isso não dizeis "Faça-se o homem", mas *Façamos o homem*; nem dissestes "segundo a sua espécie", mas *à nossa imagem e semelhança*. Pois o homem, renovado no seu espírito e contemplando e entendendo a Vossa verdade, não precisa de um homem como guia, para o seguir segundo a sua espécie; mas, sob a Vossa direção, *experimenta qual seja aquela Vossa vontade boa, agradável e perfeita*. Sim, ensinais-lhe, tornado já capaz, a discernir a Trindade da Unidade e a Unidade da Trindade. Por isso, àquilo que se diz no plural — *Façamos o homem* — se acrescenta no singular: *E fez Deus o homem*; e àquilo que se diz no plural — *à nossa semelhança* — se acrescenta no singular: *à imagem de Deus*.

Assim é o homem *renovado no conhecimento de Deus, segundo a imagem daquele que o criou*; e, tornado espiritual, *julga todas as coisas* (todas as coisas que devem ser julgadas), *e ele mesmo por ninguém é julgado*.

CAPÍTULO XXIII

Mas o julgar ele todas as coisas corresponde a ter ele *domínio sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todos os animais e feras, e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra*. Pois isto o faz pelo entendimento do seu espírito, com o qual *percebe as coisas do Espírito de Deus*; ao passo que de outro modo *o homem, posto em honra, não entendeu, e foi comparado aos animais sem razão, e tornou-se semelhante a eles*. Na Vossa Igreja, portanto, ó nosso Deus, segundo a graça que lhe destes — pois *somos obra Vossa, criados para as boas obras* —, não só aqueles que espiritualmente presidem, mas também os que espiritualmente estão sujeitos aos que presidem; pois deste modo *fizestes o homem varão e mulher* na Vossa graça espiritual, onde, quanto ao sexo do corpo, *não há varão nem mulher*, porque *não há judeu nem grego, nem escravo nem livre* —, as pessoas espirituais, quer as que presidem, quer as que obedecem, julgam espiritualmente: não daquele conhecimento espiritual que brilha no firmamento, pois não lhes cabe julgar de tão suprema autoridade; nem podem julgar o próprio livro Vosso, ainda que nele algo não brilhe com clareza, porque a ele submetemos o nosso entendimento e temos por certo que também aquilo que está fechado à nossa vista foi todavia dito com retidão e com verdade. Pois assim o homem, ainda que já espiritual e renovado no conhecimento de Deus segundo a imagem daquele que o criou,

deve ser *cumpridor da lei, e não juiz dela*. Nem julga ele daquela distinção entre homens espirituais e carnais, que é conhecida dos Vossos olhos, ó nosso Deus, e que ainda se não descobriu a nós pelas obras, para que *pelos seus frutos os conheçamos*; mas Vós, Senhor, já agora os conheceis, e os dividistes e chamastes em segredo, antes mesmo que fosse feito o firmamento. Nem ele, ainda que espiritual, julga os povos inquietos deste mundo; pois que tem ele que ver com *julgar os que estão de fora*, não sabendo quais deles hão de vir depois à doçura da Vossa graça, e quais hão de permanecer na perpétua amargura da impiedade?

O homem, portanto, que fizestes à Vossa imagem, não recebeu domínio sobre os luzeiros do céu, nem sobre aquele céu oculto, nem sobre o dia e a noite, que chamastes antes da fundação do céu, nem sobre a reunião das águas, que é o mar; mas recebeu domínio sobre os peixes do mar, e as aves do céu, e sobre todos os animais, e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra. Pois julga e aprova o que acha reto, e desaprova o que acha errado: quer na celebração daqueles sacramentos pelos quais são iniciados aqueles a quem a Vossa misericórdia busca em muitas águas; quer naquele em que é apresentado aquele Peixe que, tirado do abismo, a terra devota come; quer nas expressões e nos sinais das palavras, sujeitos à autoridade do Vosso livro — tais sinais como os que saem da boca e ressoam, voando como que debaixo do firmamento, ao interpretar, expor, discorrer, disputar, bendizer ou orar a Vós, de modo que o povo responda *Amém*. E a pronúncia vocal de todas estas palavras é ocasionada pelo abismo deste mundo e pela cegueira da carne, que não pode ver os pensamentos, de sorte que é preciso falar alto aos ouvidos; e assim, ainda que as aves que voam se multipliquem sobre a terra, é

todavia das águas que tiram a sua origem. O homem espiritual julga também aprovando o que é reto e desaprovando o que acha errado nas obras e na vida dos fiéis: nas suas esmolas, como que a terra a produzir fruto; e na alma vivente, que vive pelo domar dos afetos, na castidade, no jejum, nas santas meditações; e naquelas coisas que são percebidas pelos sentidos do corpo. Sobre todas estas coisas se diz que ele julga agora, e nelas tem também poder de correção.

CAPÍTULO XXIV

Mas que é isto, e que espécie de mistério? Eis que abençoais o gênero humano, Senhor, para que *cresçam e se multipliquem e encham a terra*: acaso não nos dais com isso a entender alguma coisa? Por que não abençoastes igualmente a luz, a que chamastes dia, nem o firmamento do céu, nem os luzeiros, nem as estrelas, nem a terra, nem o mar? Poderia eu dizer que Vós, ó Deus, que nos criastes à Vossa imagem, tivestes por bem conceder esta bênção particularmente ao homem, se não houvésseis igualmente abençoado os peixes e os cetáceos, para que crescessem e se multiplicassem e enchessem as águas do mar, e as aves se multiplicassem sobre a terra. Poderia igualmente dizer que esta bênção pertencia propriamente a tais criaturas que se geram da sua própria espécie, se a houvesse encontrado dada às árvores frutíferas, às plantas e aos animais da terra. Mas agora nem às ervas, nem às árvores, nem aos animais, nem às serpentes se diz *crescei e multiplicai-vos* — e, todavia, todas estas, tanto quanto os peixes, as aves ou os homens, crescem e continuam a sua espécie pela geração.

Que direi, então, ó Verdade, minha luz? Que isto foi dito em vão e sem sentido? Não é assim, ó Pai de piedade; longe esteja que um ministro da Vossa palavra assim fale. E, se eu não entendo o que quereis dizer com aquela expressão, usem-na melhor os que são melhores do que eu, isto é, os de maior entendimento, segundo o que Vós, meu Deus, destes a cada um entender. Mas seja também agradável aos Vossos olhos a minha confissão, na qual Vos confesso que creio, Senhor, que Vós não falastes assim em vão; nem hei de calar o que esta lição me sugere. Pois é verdadeiro, nem vejo o que me impeça de entender assim as expressões figuradas da Vossa Escritura. Pois sei que uma coisa, entendida de um só modo pela mente, é significada de muitos modos por expressões corpóreas; e que aquilo que é entendido de muitos modos na mente é significado de um só modo por expressão corpórea. Eis o simples amor de Deus e do próximo: por quantos sacramentos, e por quantas línguas inumeráveis, e em cada língua por quantos modos inumeráveis de falar é ele exprimido corporalmente! Assim crescem e se multiplicam os descendentes das águas. Observa de novo, quem quer que leias isto: eis que aquilo que a Escritura transmite e a voz pronuncia de um só modo — *no princípio criou Deus o céu e a terra* — não é entendido de muitos modos, não por engano de erro, mas por várias espécies de sentidos verdadeiros? Assim crescem e se multiplicam os descendentes dos homens.

Se, portanto, concebemos as naturezas das próprias coisas não alegoricamente, mas em sentido próprio, então a expressão *crescei e multiplicai-vos* convém a todas as coisas que nascem de semente. Mas, se tratamos as palavras como ditas figuradamente — o que antes suponho ser a intenção da Escritura, que decerto não atribui

supérfluamente esta bênção somente à descendência dos animais aquáticos e ao homem —, então achamos que a "multidão" pertence tanto às criaturas espirituais quanto às corpóreas, como no céu e na terra; e aos justos e aos injustos, como na luz e nas trevas; e aos santos autores que foram para nós ministros da Lei, como no firmamento estabelecido entre as águas e as águas; e à sociedade dos povos ainda na amargura da infidelidade, como no mar; e ao zelo das almas santas, como na terra seca; e às obras de misericórdia pertencentes a esta vida presente, como nas ervas que dão semente e nas árvores que dão fruto; e aos dons espirituais dispostos para a edificação, como nos luzeiros do céu; e aos afetos formados para a temperança, como na alma vivente. Em todos estes casos encontramos multidões, abundância e crescimento; mas o que assim cresça e se multiplique, de modo que uma só coisa se exprima de muitos modos e uma só expressão se entenda de muitos modos, não o achamos senão nos sinais corporalmente exprimidos e nas coisas mentalmente concebidas. Pelos sinais corporalmente pronunciados entendemos as gerações das águas, ocasionadas necessariamente pela profundidade da carne; pelas coisas mentalmente concebidas, as gerações humanas, em razão da fecundidade da razão. E para este fim cremos, Senhor, que dissestes a estas espécies: *Crescei e multiplicai-vos.* Pois nesta bênção concebo que nos concedestes um poder e uma faculdade: tanto exprimir de vários modos aquilo que entendemos de um só, quanto entender de vários modos aquilo que lemos transmitido obscuramente de um só. Assim se enchem as águas do mar, que não se movem senão por diversas significações; assim se enche também de crescimento humano a terra, cuja secura aparece no seu anseio, e sobre a qual a razão domina.

CAPÍTULO XXV

Quero dizer ainda, ó Senhor meu Deus, o que me sugere a Escritura seguinte; sim, hei de dizê-lo, e não temerei. Pois direi a verdade, inspirando-me Vós aquilo que quisestes que eu exprimisse a partir daquelas palavras. Mas por nenhuma outra inspiração senão a Vossa creio dizer a verdade, uma vez que Vós sois a Verdade *e todo homem é mentiroso*. Aquele, pois, *que fala a mentira, fala do que é seu*; para que eu diga a verdade, hei de falar do que é Vosso. Eis que nos destes por alimento *toda erva que dá semente sobre toda a terra, e toda árvore em que há fruto de árvore que dá semente*. E não só a nós, mas também *a todas as aves do céu, e aos animais da terra, e a todos os répteis*; mas aos peixes e aos grandes cetáceos não lhos destes. Ora, dissemos que por estes frutos da terra se significam e se figuram em alegoria as obras de misericórdia que se provêm para as necessidades desta vida, saídas da terra fértil. Tal terra era o piedoso Onesíforo, a cuja casa destes misericórdia, porque muitas vezes *aliviou o Vosso Paulo e não se envergonhou das suas cadeias*. Assim fizeram também os irmãos, e tal fruto deram os que da Macedônia *supriram o que lhe faltava*. Mas como se doeu ele de certas árvores que lhe não deram o fruto devido, quando diz: *Na minha primeira defesa ninguém esteve comigo, mas todos me abandonaram. Peço a Deus que lhes não seja imputado.* Pois estes frutos são devidos aos que nos ministram a doutrina espiritual a partir do seu entendimento dos mistérios divinos; e são-lhes devidos como homens; sim, e devidos também como alma vivente, que se dá a si mesma em exemplo, em toda continência; e devidos também como criaturas que voam, pelas suas bênçãos multiplicadas sobre a terra, porque *o seu som saiu por todas as terras*.

CAPÍTULO XXVI

Mas alimentam-se destes frutos aqueles que neles se deleitam; nem se deleitam neles aqueles *cujo deus é o ventre*. Pois nem naqueles que os oferecem é o fruto aquilo que oferecem, mas o espírito com que o oferecem. Aquele, portanto, que servia a Deus e não ao próprio ventre, vejo bem por que se alegrava; vejo-o, e alegro-me com ele. Pois recebera dos filipenses o que eles lhe haviam enviado por Epafrodito; e, todavia, percebo por que se alegrava. Pois daquilo com que se alegrava, disso se alimentava; porque, falando com verdade, diz ele: *Alegrei-me grandemente no Senhor por haver finalmente reflorescido o vosso cuidado por mim, no qual também vos ocupáveis, mas vos tornara penoso.* Estes filipenses, pois, haviam secado por um longo enfado e murchado, por assim dizer, quanto a dar este fruto de boa obra; e ele alegra-se por eles, porque refloresceram — não por si mesmo, porque supriram as suas necessidades. Por isso acrescenta: *Não é por falta que o digo, pois aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei viver na humilhação e sei viver na abundância; em toda parte e em todas as coisas estou instruído tanto a ficar farto quanto a ter fome, tanto a ter abundância quanto a sofrer penúria. Tudo posso naquele que me conforta.*

Com que te alegras, então, ó grande Paulo? Com que te alegras? De que te alimentas, ó homem renovado no conhecimento de Deus, segundo a imagem daquele que te criou; ó alma vivente de tanta continência; ó língua semelhante às aves que voam, que falas mistérios? — pois a tais criaturas é devido este alimento. Que é que te alimenta? A alegria. Ouçamos o que se segue: *Contudo, fizestes bem em tomar parte na minha tribulação.* Com isto se alegra, disto se alimenta: porque fizeram

bem, e não porque o seu aperto se aliviou — ele que Vos diz: *Alargastes-me quando estava na angústia*; pois sabia ter abundância e sofrer penúria em Vós, que o confortais. *Também vós, filipenses, sabeis*, diz ele, *que, no princípio do Evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma Igreja partilhou comigo, no dar e no receber, senão vós somente; pois também em Tessalônica me mandastes uma e outra vez com que acudir à minha necessidade.* Alegra-se agora de que eles hajam voltado a estas boas obras, e regozija-se por haverem reflorescido, como um campo fértil que retoma o seu verde.

Foi porventura pelas suas próprias necessidades, porque disse *mandastes com que acudir à minha necessidade*? Alegra-se por isso? Na verdade, não por isso. Mas como o sabemos? Porque ele mesmo diz logo depois: *Não é que eu deseje um dom, mas desejo o fruto.* Aprendi de Vós, meu Deus, a distinguir entre um dom e um fruto. O dom é a própria coisa que dá aquele que nos ministra estas necessidades: dinheiro, comida, bebida, vestido, abrigo, auxílio; mas o fruto é a vontade boa e reta de quem dá. Pois o bom Mestre não disse apenas *quem recebe um profeta*, mas acrescentou *em nome de profeta*; nem disse apenas *quem recebe um justo*, mas acrescentou *em nome de justo*. Assim, na verdade, um receberá *a recompensa do profeta* e o outro *a recompensa do justo*. Nem disse apenas *quem der de beber um copo de água fria a um destes pequeninos*, mas acrescentou *em nome de discípulo*; e assim concluiu: *Em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa.* O dom é receber um profeta, receber um justo, dar um copo de água fria a um discípulo; mas o fruto é fazê-lo em nome de profeta, em nome de justo, em nome de discípulo. Com fruto foi Elias alimentado pela viúva, que sabia estar a alimentar

um homem de Deus e por isso o alimentava; mas pelo corvo foi alimentado com um dom. Nem foi assim alimentado o homem interior de Elias, mas só o exterior, que também, por falta daquele alimento, poderia ter perecido.

CAPÍTULO XXVII

Direi, pois, o que é verdadeiro aos Vossos olhos, Senhor: que, quando homens carnais e infiéis — para cujo ganho e iniciação são necessários os sacramentos da iniciação e as grandes operações dos milagres, que supomos serem significados pelo nome de peixes e cetáceos — se encarregam do sustento corporal ou de outro modo socorrem o Vosso servo com algo útil a esta vida presente, e todavia ignoram por que isto se deve fazer e com que fim, nem eles alimentam a estes, nem estes são por eles alimentados: porque nem uns o fazem com intenção santa e reta, nem os outros se alegram com os seus dons, cujo fruto ainda não contemplam. Pois é daquilo com que se alegra que a mente se alimenta. E por isso os peixes e os cetáceos não se alimentam daqueles manjares que a terra só produz depois de separada e dividida da amargura das ondas do mar.

CAPÍTULO XXVIII

E Vós, ó Deus, *vistes tudo o que havíeis feito, e eis que era muito bom*. Sim, também nós vemos o mesmo; e eis que todas as coisas são muito boas. De cada gênero das Vossas obras, quando dissestes "façam-se" e se fizeram, vistes de cada uma que era boa. Sete vezes contei estar escrito que vistes ser bom aquilo que fizestes; e esta é a oitava: que *vistes tudo o que havíeis feito, e eis que não só era bom, mas muito bom*, por estar agora tudo junto. Pois,

separadamente, eram apenas boas; mas todas juntas, boas e muito boas. O mesmo exprimem todos os corpos belos: porque um corpo que consta de membros todos belos é muito mais belo do que esses mesmos membros tomados em separado, pela mistura bem ordenada dos quais o todo se aperfeiçoa — ainda que os membros sejam também belos cada um por si.

CAPÍTULO XXIX

E procurei atentamente descobrir se sete ou oito vezes vistes que as Vossas obras eram boas, quando Vos agradaram; mas no Vosso ver não achei tempos, pelos quais pudesse entender que vísseis tantas vezes aquilo que fazíeis. E disse: "Senhor, não é verdadeira esta Vossa Escritura, uma vez que Vós sois verdadeiro e, sendo a Verdade, a produzistes? Por que, então, me dizeis que no Vosso ver não há tempos, quando esta Vossa Escritura me diz que aquilo que fizestes em cada dia, vistes que era bom; e, ao contá-las, achei quantas vezes?" A isto me respondeis, pois sois o meu Deus, e com voz forte dizeis ao Vosso servo no seu ouvido interior, rompendo a minha surdez e clamando: "Ó homem, aquilo que a minha Escritura diz, eu o digo; e todavia ela fala no tempo, mas o tempo não tem relação alguma com o meu Verbo, porque o meu Verbo existe numa eternidade igual à minha. Assim, as coisas que vós vedes pelo meu Espírito, eu as vejo; como aquilo que vós dizeis pelo meu Espírito, eu o digo. E assim, quando vós vedes essas coisas no tempo, eu não as vejo no tempo; como, quando vós as dizeis no tempo, eu não as digo no tempo."

CAPÍTULO XXX

E ouvi, ó Senhor meu Deus, e bebi uma gota de doçura da Vossa verdade, e entendi que há certos homens a quem desagradam as Vossas obras, e que dizem que muitas delas as fizestes constrangido pela necessidade — como a fábrica dos céus e a harmonia dos astros —, e que as fizestes não daquilo que era Vosso, mas que foram criadas noutra parte e de outras fontes, para que Vós as reunísseis, ajustásseis e combinásseis, quando dos Vossos inimigos vencidos erguestes os muros do universo, a fim de que eles, presos por essa estrutura, não pudessem de novo revoltar-se contra Vós. E quanto a outras coisas, dizem que nem as fizestes nem sequer as ajustastes: como toda a carne e todos os seres minúsculos, e tudo o que tem raiz na terra; mas que uma mente inimiga de Vós e outra natureza não criada por Vós e contrária a Vós é que, nestas regiões inferiores do mundo, gerou e formou estas coisas. Deliram os que assim falam, porque não veem as Vossas obras pelo Vosso Espírito, nem Vos reconhecem nelas.

CAPÍTULO XXXI

Mas aqueles que pelo Vosso Espírito veem estas coisas, sois Vós que nelas vedes. Portanto, quando eles veem que estas coisas são boas, sois Vós que vedes que são boas; e tudo o que agrada por causa de Vós, sois Vós que nelas agradais; e o que pelo Vosso Espírito nos agrada, agrada-Vos a Vós em nós. Pois *que homem conhece as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.* Ora, *nós*, diz ele, *não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos as coisas que Deus nos deu*. E sou advertido: "Na

verdade, as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus; como, então, conhecemos também nós que coisas nos foram dadas por Deus?" Responde-se-me: "Porque as coisas que conhecemos pelo Seu Espírito, também essas ninguém as conhece senão o Espírito de Deus. Pois, assim como se disse com razão àqueles que haviam de falar pelo Espírito de Deus — *não sois vós que falais* —, assim se diz com razão aos que conhecem pelo Espírito de Deus: 'Não sois vós que conheceis.' E não menos justamente se diz aos que veem pelo Espírito de Deus: 'Não sois vós que vedes'; de sorte que tudo o que pelo Espírito de Deus veem ser bom, não são eles, mas Deus que vê que é bom." Uma coisa, pois, é o homem julgar mau o que é bom, como os já mencionados; outra é o homem ver que é bom aquilo que é bom — como as Vossas criaturas agradam a muitos porque são boas, aos quais todavia Vós não agradais nelas, quando preferem gozá-las a gozar-Vos; e outra ainda é que, quando um homem vê ser boa uma coisa, seja Deus que nele veja que é boa — de sorte, a saber, que Ele seja amado naquilo que fez, Ele que não pode ser amado senão pelo Espírito Santo que nos deu. Porque *a caridade de Deus foi derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado*; e é por Ele que vemos ser bom tudo o que de algum modo é. Pois vem d'Aquele que não é de algum modo, mas que é o que é.

CAPÍTULO XXXII

Graças Vos sejam dadas, Senhor! Contemplamos o céu e a terra, quer a parte corpórea superior e inferior, quer a criatura espiritual e a corpórea; e, no ornamento destas partes, de que consta toda a massa do mundo, ou antes, toda a criação, vemos a luz feita e

separada das trevas. Vemos o firmamento do céu — quer aquele corpo primário do mundo, entre as águas espirituais superiores e as águas corpóreas inferiores, quer, uma vez que também a este se chama céu, este espaço de ar por onde vagueiam as aves do céu, entre aquelas águas que em vapores são levadas acima delas e nas noites claras se destilam em orvalho, e aquelas águas mais pesadas que correm sobre a terra. Contemplamos a face das águas reunidas nas planícies do mar; e a terra seca, ora vazia, ora formada de modo a ser visível e harmoniosa, sim, e a matéria das ervas e das árvores. Contemplamos os luzeiros a brilhar do alto: o sol, que basta ao dia; a lua e as estrelas, que alegram a noite; e que por todos eles se assinalam e significam os tempos. Contemplamos por toda parte um elemento úmido, cheio de peixes, de animais e de aves, porque a espessura do ar, que sustenta o voo das aves, se adensa pela exalação das águas. Contemplamos a face da terra ornada de criaturas terrestres, e o homem, criado à Vossa imagem e semelhança, posto, por essa mesma Vossa imagem e semelhança — isto é, pelo poder da razão e do entendimento —, acima de todas as criaturas irracionais. E, assim como na sua alma há um poder que domina dirigindo e outro que lhe é submetido para obedecer, assim também foi feita para o homem, corporalmente, uma mulher, que, no espírito do seu entendimento racional, tivesse igualdade de natureza, mas, no sexo do seu corpo, estivesse do mesmo modo sujeita ao sexo do seu marido, como o apetite de agir deve conceber da razão da mente a arte de agir retamente. Estas coisas contemplamos, e cada uma delas é boa, e todas juntas são muito boas.

CAPÍTULO XXXIII

Louvem-Vos as Vossas obras, para que Vos amemos; e amemo-Vos, para que as Vossas obras Vos louvem — obras que do tempo têm princípio e fim, nascer e pôr-se, crescimento e decadência, forma e privação. Têm, portanto, a sua sucessão de manhã e de tarde, em parte oculta, em parte manifesta; pois foram feitas do nada, por Vós, e não de Vós; nem de matéria alguma que não fosse Vossa, ou que existisse antes, mas de matéria concriada, isto é, criada por Vós ao mesmo tempo, porque ao seu estado sem forma destes forma sem intervalo algum de tempo. Pois, sendo uma coisa a matéria do céu e da terra e outra a sua forma, fizestes a matéria do puro nada, e a forma do mundo da matéria sem forma; mas ambas ao mesmo tempo, de sorte que a forma seguisse a matéria sem intervalo algum de demora.

CAPÍTULO XXXIV

Examinamos também o que quisestes prefigurar, quer pela criação, quer pela narração das coisas em tal ordem. E vimos que as coisas são boas cada uma por si, e muito boas todas juntas, no Vosso Verbo, no Vosso Unigênito: tanto o céu quanto a terra, a Cabeça e o corpo da Igreja, na Vossa predestinação anterior a todos os tempos, sem manhã nem tarde. Mas, quando começastes a executar no tempo as coisas predestinadas, a fim de revelardes as coisas ocultas e de corrigirdes as nossas desordens — pois os nossos pecados pesavam sobre nós, e havíamos afundado no abismo tenebroso, e o Vosso bom Espírito era levado sobre nós, para nos socorrer a seu tempo —, justificastes os ímpios e os separastes dos perversos; e estabelecestes o firmamento da autoridade do Vosso livro entre aqueles colocados acima, que haviam de ser dóceis a

Vós, e os que estavam abaixo, que lhes haviam de estar sujeitos; e reunistes numa só conspiração a sociedade dos incrédulos, para que aparecesse o zelo dos fiéis e estes produzissem obras de misericórdia, distribuindo aos pobres as suas riquezas terrenas para obterem as celestes. E depois disto acendestes certos luzeiros no firmamento, os Vossos santos, *tendo a palavra da vida* e resplandecendo com eminente autoridade, postos no alto pelos dons espirituais; e depois ainda, para a iniciação dos gentios incrédulos, produzistes da matéria corpórea os sacramentos, e os milagres visíveis, e as fórmulas das palavras, segundo o firmamento do Vosso livro, pelas quais os fiéis fossem abençoados e multiplicados. Em seguida formastes a alma vivente dos fiéis, pelos afetos bem ordenados pelo vigor da continência; e depois disso renovastes à Vossa imagem e semelhança a mente sujeita só a Vós e que não precisa de imitar autoridade humana alguma; e submetestes as suas ações racionais à excelência do entendimento, como a mulher ao homem. E a todos os ofícios do Vosso ministério, necessários para o aperfeiçoamento dos fiéis nesta vida, quisestes que, para os seus usos temporais, os mesmos fiéis dessem bens frutuosos para eles no tempo futuro. Todas estas coisas vemos, e são muito boas, porque Vós as vedes em nós, Vós que nos destes o Vosso Espírito, pelo qual as pudéssemos ver e nelas Vos amar.

CAPÍTULO XXXV

Ó Senhor Deus, dai-nos a paz — pois tudo nos destes —: a paz do repouso, a paz do sábado, a paz que não tem tarde. Pois toda esta belíssima ordem das coisas muito boas, cumpridos os seus cursos, há de passar; pois nelas houve manhã e tarde.

CAPÍTULO XXXVI

Mas o sétimo dia não tem tarde, nem tem poente, porque o santificastes para uma duração eterna; para que aquilo que fizestes depois das Vossas obras, que eram muito boas, repousando no sétimo dia — ainda que as tenhais feito num repouso ininterrupto —, a voz do Vosso livro no-lo anuncie de antemão: que também nós, depois das nossas obras — muito boas justamente porque Vós no-las destes —, havemos de repousar em Vós, no sábado da vida eterna.

CAPÍTULO XXXVII

Pois então repousareis em nós, assim como agora operais em nós; e assim aquele será o Vosso repouso por meio de nós, como estas são as Vossas obras por meio de nós. Mas Vós, Senhor, sempre operais e sempre estais em repouso; nem vedes no tempo, nem Vos moveis no tempo, nem repousais num tempo — e todavia fazeis as coisas vistas no tempo, sim, os próprios tempos, e o repouso que do tempo resulta.

CAPÍTULO XXXVIII

Vemos, portanto, estas coisas que fizestes, porque elas existem; mas elas existem porque Vós as vedes. E nós vemos por fora que elas existem, e por dentro que são boas; mas Vós as vistes ali, já feitas, onde as vistes ainda por fazer. E nós, num tempo posterior, fomos movidos a fazer o bem, depois que o nosso coração concebeu do Vosso Espírito; mas no tempo anterior fomos movidos a fazer o mal, abandonando-Vos. Vós, porém, o único, o bom Deus, jamais cessastes de fazer o bem. E também nós temos algumas obras boas, por dom Vosso, mas não eternas; e depois

delas esperamos repousar na Vossa grande santificação. Mas Vós, sendo o Bem que de bem algum necessita, estais sempre em repouso, porque o Vosso repouso sois Vós mesmo. E que homem pode ensinar a outro homem a entender isto? Ou que anjo, a outro anjo? Ou que anjo, a um homem? *Peça-se a Vós, busque-se em Vós, bata-se à Vossa porta*: assim, assim se receberá, assim se achará, assim se abrirá. Amém.

GRATIAS TIBI, DOMINE.

Graças Vos sejam dadas, Senhor.

CONFISSÕES

Santo Agostinho

Tradução e introdução: Elder Franca
Texto-base: versão inglesa de E. B. Pusey (1838)

Composto em EB Garamond, corpo 12,5, em formato A5,
para leitura devota, gratuita e integral.

DOMÍNIO PÚBLICO

APD-2026-00019-6

archivepublicdomain.com/registry

Aponte a câmera do celular para conferir esta ficha.

BAIXE LIVROS · 2026

baixelivros.com.br

Há livros que se leem; há livros que nos leem. As *Confissões* de Santo Agostinho pertencem a esta segunda e rara espécie. Quem as abre pensando encontrar a autobiografia de um homem do século IV descobre, com espanto, a radiografia da própria alma — porque os pecados de Agostinho são os nossos, os seus desvios são os nossos, e a inquietação que o devorou nas ruas de Cartago é a mesma que devora, hoje, uma civilização inteira que buscou a felicidade em tudo, menos em Deus.

"Fecisti nos ad Te, Domine, et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te": "Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousar em Ti." Esta frase, que abre o Livro I, é a chave de toda a obra — e a sentença de morte de todas as filosofias que prometem ao homem o repouso fora do seu fim último.



BAIXE LIVROS .com.br